UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado
Área de Concentração: Psicologia Aplicada

ADRIANA FAYAD CAMPOS

O atleta de alto nível e o Escudo de Aquiles: analisando a ressonância da subjetividade contemporânea no herói dos campos e das quadras.

UBERLÂNDIA – MG
2007

ADRIANA FAYAD CAMPOS

O atleta de alto nível e o Escudo de Aquiles: analisando a ressonância da subjetividade contemporânea no herói dos campos e das quadras.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Aplicada
Eixo: Psicologia da Intersubjetividade

Orientador: Professor Dr. Cláudio Vital de Lima Ferreira

UBERLÂNDIA – MG
2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C198a Campos, Adriana Fayad, 1968-
O atleta de alto nível e o Escudo de Aquiles: analisando a ressonância da subjetividade contemporânea no herói dos campos e das quadras/ Adriana Fayad Campos. - 2007.
233 f.
Orientador: Cláudio Vital de Lima Ferreira
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui bibliografia.

1. Psicanálise. - Teses. I. Ferreira, Cláudio Vital de Lima. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.964.2

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de Catalogação e Classificação
Mg/ 11/07

ADRIANA FAYAD CAMPOS

O atleta de alto nível e o Escudo de Aquiles: analisando a ressonância da subjetividade contemporânea no herói dos campos e das quadras.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Aplicada da Universidade Federal de Uberlândia, para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Aplicada

Eixo: Psicologia da Intersubjetividade.

Banca Examinadora:

Uberlândia, 25 de Junho de 2007.

_____

Prof. Dr. Cláudio Vital de Lima Ferreira - UFU

_____

Prof.ª Dra. Kátia Rubio - USP

_____

Prof.ª Dra. Maria Lúcia Castilho Romera - UFU

_____

Prof. Dr. Fernando Antônio Leite de Oliveira - SOCEUB

Ao meu pai, Randolpho; tricolor convicto, com amor e saudade.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Márcia, que tanto ensinou e ensina a mim e a meus irmãos sobre o amor e a generosidade, nossa fortaleza desde sempre.

Ao meu marido, Sérgio, pelo carinho, entusiasmo e incentivo em todo o trajeto, sem o qual nada disso teria sido concretizado.

Às minhas filhas, Júlia e Laura, pela tão precoce compreensão de minhas ausências inevitáveis, e pela alegria que são na minha vida.

Aos colegas e amigos que fiz e revi nesse mestrado, foram todos muito importantes nessa jornada, especialmente Andréa, Tiago, Hélvia, Alessandra, Cíntia e Cristiane.

À Marineide, cuja paciência, dedicação e simpatia na secretaria do programa, nos encoraja e faz toda a diferença.

Ao Fábio Herrmann, por renovar a Psicanálise com sua coragem de pensar com criatividade e inteligência singulares, legando-nos uma teoria de valor inestimável.

À Leda Herrmann, pela colaboração direta com a sugestão de textos pertinentes ao tema e boa vontade em atender às demandas de uma completa desconhecida.

À Maria Lúcia, professora que ensina muito mais com seu jeito límpido, sensível e alegre de praticar e estudar psicanálise, do que muitos livros obscuros e sisudos o poderiam fazer - pela inspiração que é.

Ao João Luiz L. Paravidini, que nos proporcionou o espaço e o tempo para refletirmos sobre a constituição psíquica atual e tentarmos entender um pouco do que somos e nos tornamos a cada dia.

Aos professores Olavo Guimarães Feijó e Kátia Rubio que, através de seus textos e maneira sensível de entender o universo esportivo, fizeram renascer meu interesse por essa área tão rica do comportamento humano.

Ao Cláudio, pela confiança em mim depositada, principalmente em meio a tanta dúvida e hesitação de minha parte durante todo o processo.

Ao Tostão, pela gentil e importante colaboração.

Aos atletas, pela acolhida e disponibilidade em me falar de suas vidas.

É na falha da lógica que tomo consciência de mim. Ó meu mais caro e sorridente pensamento! Por que legitimar por mais tempo teu nascimento? Não li esta manhã em Plutarco, no limiar das vidas de Rômulo e Teseu, que esses dois grandes fundadores de cidades, por terem nascido "*secretamente e de uma união clandestina*", passaram por filhos de deuses?...

(GIDE)

RESUMO

Esta pesquisa busca elaborar algumas considerações sobre o enlaçamento da configuração da subjetividade contemporânea com a formação da identidade do atleta de alto nível. Foram realizadas sete entrevistas, seis com atletas no exercício da profissão, sendo 3 jogadores de futebol e 3 jogadores de basquete de clubes de primeira divisão. Uma entrevista foi realizada com um ex-atleta, um ex-jogador de futebol da Seleção Brasileira da década de 70. Empregou-se uma revisão crítica do método psicanalítico, chamada de Teoria dos Campos, tanto para a realização das entrevistas quanto a análise dos resultados. Conclui-se que a fragmentação das imagens do universo do desporto constituem a própria essência da identidade do atleta, que devido à sua falta de tempo hábil para estabelecer relações sólidas tanto familiares quanto sociais, tem no regime imagético, sua maior marca identitária, configurando assim uma quase perfeita conformidade das duas faces de seu escudo representacional. Também analisa-se que o doping evidencia a tendência do desporto de levar o atleta ao corpo-máquina, fazendo o atleta oscilar entre o papel de herói arquetípico e o de um homem de visão unidirecional.

Palavras-chave: subjetividade, atleta, psicanálise, identidade, esporte.

ABSTRACT

This research aims at discussing some considerations about contemporary´s subjectivity and it´s link with the identity building in the high performance athlete. Seven interviews were realized, six of them with athletes still on the peak of their careers: 3 soccer players, 3 baskett players; and 1 former soccer player, who played in the Brazilian Soccer Team at the 70´s. The analysis of these interviews helped to make an appreciation on the building of the athlete´s identity in our days, as well as their relationship with their family, the cheerers, sports midia and co-workers. The method applied was a critical review of the psychoanalytical method, called "The Multiple Field Theory". This method was applied in both the interviews and their analysis. We can conclude that the fragmentation of the images which figures in the sporting universe, becomes the very essence of the sportsman´s identity, which, due to their lack of time to establish grounded relationships wether are familiar or social ones, find in the imagetic structure its major recognizable seal. That way, it´s formed an almost perfectly conjunction of the two sides of their representational shield. Another point of discussion is the professional sports leading the athlete to a machine-body vision, sometimes making him oscillate between the archetypical role of heroe, and the one of a man with a single and limited vision.

Key-words: subjectivity, athlete, psychoanalysis, identity, sport.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I 21
1.INTRODUÇÃO 21
1.1. De qual esporte estamos falando 32
1.2. Psicologia do Esporte: o psicólogo entra em campo 36
1.2.1. Breve histórico da Psicologia do Esporte: apresentando nossas origens .. 40
1.2.1.1. A Psicologia do Esporte Americana 41
1.2.1.2. A Psicologia do Esporte do Leste Europeu 43
1.2.1.3. A Psicologia do Esporte no Brasil 45
1.2.2. Panorama atual da Psicologia do Esporte: desbravando preconceitos 48
1.3. O modelo científico e a subjetividade na contemporaneidade 55
1.3.1. A mudança do paradigma científico: mudando as regras do jogo 56
1.3.2. A questão do sentido na psicanálise de hoje: jogando no intervalo 64
1.3.3. O corpo da subjetividade contemporânea: manual do usuário 66
1.4. O Olimpismo e o esporte moderno: de Aquiles a Ronaldo 72
1.4.1. O amadorismo: "Não servirás a dois senhores" 80
1.4.2. O *fair-play*: acordo de cavalheiros 83
1.5. O atleta de alto nível: um herói de calcanhar frágil 85
1.5.1. O doping no esporte de alto nível: a criação de uma farsa 98
1.5.2. O atleta e o mito do herói 104
1.6. A Teoria dos Campos 112
1.6.1. Crença: abaixo de qualquer suspeita 119
1.6.2. O escudo de Aquiles 122
1.6.3. A melhor defesa ao ataque do contágio 127

CAPÍTULO II 133
2. OBJETIVOS 133
2.1.Objetivo geral 133
2.2. Objetivos específicos 133

CAPÍTULO III 134
3. METODOLOGIA 134
3.1. Procedimentos 135
3.2. Diário de Campo 136
3.2.1. Entrevista com Tostão 137
3.2.2. Os atletas de basquete 143
3.2.3. Os atletas de futebol 146

CAPÍTULO IV 150
4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS 150
4.1. Análise dos atletas: o sujeito entra em campo 150
4.2. Um Tostão por seu pensamento 208

CAPÍTULO V 221
5. DRIBLANDO REPRESENTAÇÕES 221

CAPÍTULO VI 234
6. SAINDO DE CAMPO 234

CAPÍTULO VII 237
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 237

CAPÍTULO I

1. INTRODUÇÃO

O esporte profissional do século XXI é um fenômeno e uma expressão da cultura pós-moderna que expressa bem seus conflitos e particularidades. É perceptível que o esporte possui uma propriedade de visibilidade que torna difícil ocultar o espetáculo dramático de superação de limites e conflitos, de exposição de inseguranças muito pessoais que proporciona.

Na verdade, é esse mesmo potencial dramático – de peça não escrita previamente, embora de funções e regras bem claras e condições quase sempre controladas, mas onde o imprevisto muitas vezes é a tônica e a trama – que o torna um espetáculo tão prazeroso e apaixonadamente acompanhado por milhões de pessoas no mundo todo.

Pode-se dizer que o desporto é um dos maiores fenômenos do mundo globalizado, sendo os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo espetáculos que movimentam uma enorme quantidade de investimento financeiro. Estes dois eventos esportivos atraem o interesse do público mundial, possuindo o poder de elevar ou arruinar carreiras ainda no início ou em plena maturidade profissional.

Esportistas profissionais aparecem na mídia impressa, televisiva e virtual, em toda sua glória ou decadência, suas conquistas ou derrotas muito bem documentadas e louvadas ou criticadas, e não apenas em tempos de grandes competições internacionais. Estes atletas povoam o imaginário da atualidade, principalmente dos jovens que com eles se identificam, com seus feitos incomuns e conquistas tão fantásticas quanto raras.

O imaginário esportivo, o percurso da psicologia do esporte e a contribuição do conceito de identidade de Fábio Herrmann, serão as bases sobre as quais tentarei chegar a

uma análise da identidade do atleta brasileiro, naquilo que ela teria de comum enquanto parte de um todo que se comunica e se reproduz em cada parte. Importante ressaltar que é a identidade e não a personalidade do atleta que será aqui discutida. Esta, dependeria de uma análise da estória particular e de fatores do entorno afetivo pessoal e intransferível do indivíduo. A identidade a que nos referimos, será a que Fábio Herrmann situa como o avesso (como no avesso do tapete persa) da realidade e que possui características encontráveis nos sujeitos da atualidade, enquanto atravessados pela mesma subjetividade. Tal conceito será discutido no capítulo 1.6, que trata da Teoria dos Campos.

No estudo do imaginário esportivo e suas articulações de sentidos, tal empreendimento foi levado a cabo de maneira bastante aprofundada por Kátia Rubio, e é dela a primeira de várias citações a que recorreremos, onde a autora fala da importância da discussão sobre a questão da identidade e suas configurações:

> Depois de se transformar em uma prática profissional ímpar e em um dos principais fenômenos socioculturais contemporâneos o esporte se revelou um cenário privilegiado para a discussão sobre a identidade e suas mutações em uma sociedade que viu o papel do trabalho e das instituições sofrer profundas alterações ao longo do último século.
> A compreensão da constituição, estrutura e transformação das identidades no contemporâneo, entendendo esse referencial temporal dentro do conceito de pós-modernidade, se faz necessária a partir da compreensão de que o fenômeno esportivo é dinâmico e acompanha proximamente os movimentos sociais. (RUBIO; 2006, p. 29).

Partiremos do esporte chamado de alto nível para analisar essa configuração identitária do desportista, enquanto homem inserido numa cultura com características próprias.

A definição de imaginário que usaremos neste estudo segue a noção de imaginário enquanto uma “poderosa interface entre indivíduo e sociedade”, interface que reveste de significado as experiências daquele grupo, como afirma Paula Carvalho (1985):

> [...] sua positividade funcional não se reduz, o que permite assegurar que entre o grupo e a realidade há sempre algo diferente das relações entre forças reais, há uma relação imaginária que unifica a existencialidade do grupo. Por isso é que não há grupo sem imaginário e, banido um imaginário é ele substituído por outro... assim não há grupo sem mitos. (PAULA CARVALHO, 1985 apud RUBIO, K., 2001, p. 58).

O atleta profissional ocupa hoje no imaginário de nossa cultura o lugar mais próximo do ocupado pelo herói na antiguidade, de acordo com a pesquisa de Rubio (2001). Mais adiante iremos analisar mais detidamente as expressões desse imaginário estudado por Rubio, mas por agora podemos adiantar que o herói a que a autora se refere, de quem o atleta seria a versão moderna mais próxima, não é o herói mítico, mas sim o arquetípico. Segundo a autora, o herói arquetípico não está necessariamente preso à antiguidade clássica, ele evolui de acordo com as necessidades que aquela cultura possui, adquirindo novas facetas e personalidades. Assim, segundo Rubio (*op. cit.*), poderíamos colocar nessa mesma categoria Hércules, Ulisses, Gilgamesh, Jonas e Luke Skywalker, por seus feitos audaciosos e suas características de destemidos guerreiros, conquistadores.

> E então foi possível constatar que o herói ao qual essas pessoas, e também os próprios atletas, se referiam não tinham nome, mas era o realizador de feitos incomuns. Essa despersonalização me fez acreditar na possibilidade do herói esportivo estar vinculado ao herói arquetípico e, a partir desse momento, eu chegava ao território do imaginário, do regime de imagens, e a todo um universo simbólico desejado, porém desconhecido. (RUBIO, 2001, p. 15).

Eventos traumáticos como a morte súbita de um atleta muito admirado pelo público, mostram mais agudamente a forma como essas personagens afetam a emotividade e a vida das pessoas. Na ocasião da morte de Ayrton Senna, por exemplo, a comoção pública ultrapassava os limites dos seguidores aficcionados de Fórmula 1, tocando até mesmo quem nunca havia visto uma corrida sequer, do início ao fim. E não se pode dizer que tal comoção

tenha se dado pela identificação ao fato de ser brasileiro, porque a consternação também não se ateve a barreiras nacionais.

Fábio Seixas, colunista do caderno de Esportes da Folha de S. Paulo, recebeu a incumbência de escrever, doze anos depois, sobre a morte de Senna, para isso fazendo uma viagem a Ímola, cidade onde ocorreu a morte do piloto, durante uma corrida. Ao chegar ao seu destino, viu que ninguém mais coloca flores na Tamburello (curva do percurso onde se deu o acidente) e a população local tampouco se importa com a estátua do tricampeão brasileiro num parque do outro lado da curva. Pensava que seria uma coluna clichê demais e cheia de saudosismo, não sabendo ainda ao certo o que escrever, quando lá chegou. Mas um pequeno acontecimento lhe deu a inspiração:

> Aeroporto de Bolonha, balcão da locadora de carros. A atendente, uma senhora italiana, digita meus dados freneticamente até que lê meu sobrenome completo e pára, emocionada. "Silva? De São Paulo? Ai, me fez bater o coração. Ele era seu parente?"
> Não, não era, respondi. E rumei para o autódromo, com a coluna pronta na cabeça.E certo de que lendas vencem quaisquer clichês. (SEIXAS, 2006).

A necessidade de se empreender uma leitura da identidade pós-moderna através do atleta profissional nasceu da minha convivência com âmbitos considerados opostos, como o acadêmico e o desportivo. Opostos porque à exceção das ciências do esporte (das quais falaremos mais adiante), o ambiente acadêmico ainda possui preconceitos e é influenciado pelo senso comum quanto à noção que se tem do universo desportivo.

Embora o senso comum e mesmo alguns profissionais que convivem com desportistas, entendam a prática desportiva individual e o fomento aos grandes espetáculos esportivos como uma fuga da vida intelectual e um desestímulo à reflexão crítica; se observarmos com atenção os dias atuais e o decurso da história, podemos perceber que não se pode generalizar e acreditar que o esporte sempre se preste a isso, a uma alienação das

massas, pois estaríamos alimentando um preconceito e cometendo uma injustiça para com uma expressão cultural humana, e que como tal, abarca o panorama histórico no qual se desenvolve.

A idéia do *pão e circo* ou do esporte como ópio para o povo, seriam as maiores expressões desse preconceito, pois insinuam que tanto a prática desportiva quanto o espetáculo esportivo alienariam as pessoas de sua condição sócio-política e econômica. Esta visão tem encontrado sérias críticas por parte dos estudiosos da área, principalmente sociólogos, como Giulianotti (2002). Ele afirma que a tese do pão e circo não é mais do que outra forma de um mal disfarçado e intelectualista desdém pelas massas e cita ainda várias ocasiões em que foi a organização de torcedores de determinados times de futebol europeus que mobilizaram manifestações políticas.

> Por exemplo, os torcedores do futebol escocês nos jogos internacionais expressaram sua oposição aos governos conservadores profundamente impopulares, escolhidos principalmente pelos eleitores ingleses. Na África do Sul, no auge do *apartheid*, o futebol forneceu um dos poucos caminhos legais pelos quais os africanos puderam se organizar para debater e contestar seu status marginal. Quando a Romênia classificou-se para a Copa do Mundo de 1990, vencendo a Dinamarca em Bucareste, os torcedores estenderam as comemorações, que rapidamente transformaram-se em protestos anti-governamentais e tumultos. Ceausescu não conseguiu reprimir esses sentimentos em uma manifestação pública, e foi deposto logo depois. Na América do Sul, o futebol foi um dos primeiros fóruns de protesto para os paraguaios durante o reinado de Stroessner. No norte da África, o estádio de futebol é uma "arena privilegiada" para a disseminação e expressão do protesto político ou da revolta, particularmente entre os jovens. (GIULIANOTTI, 2002, p. 33).

Seria interessante observar neste ponto, que mesmo quando o esporte poderia ter sido usado para realizar demonstrações de hegemonia e poder político, tais intenções tenham sido tão singularmente frustradas, como foi o caso da interferência de Adolf Hitler nos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, a XI Olimpíada da Era Moderna.

Animado com a perspectiva de preparar o palco para uma grandiosa propaganda da superioridade da raça ariana, o ditador alemão esforçou-se para tentar "provar" tal superioridade tentando interferir nas decisões do Comitê Olímpico Internacional (COI), como nos relata Rubio:

> Os atritos entre o chefe da nação alemã e o presidente do COI foram constantes. Começou com a tentativa de destituição do judeu Theodore Lewald da chefia do comitê organizador dos jogos, após a edição dos Decretos de Nuremberg, que declaravam serem os judeus sub-humanos. E continuou quando foram encontrados cartazes que ultrajavam as populações judias e negras. Hitler alegou que a Alemanha era ele quem governava. O conde Henri Bailler-Latour respondeu que no momento em que fosse hasteada a bandeira olímpica aquele território passaria a ser Olímpia e sob a égide do Olimpismo seria governada. Hitler concedeu, sabedor da importância e abrangência daquele evento. Nenhuma outra máquina de divulgação era capaz de tanta publicidade quanto os Jogos Olímpicos. (RUBIO, 2006, p. 111)

Apesar disto, ou talvez justamente por causa disto, Rubio (2006) explica que para López (1992) os Jogos de Berlim constituem um exemplo de organização para os demais jogos, do ponto de vista olímpico e esportivo. Segundo Tubino (2001), as vitórias obtidas pelo negro norte-americano Jesse Owens nestes jogos frustraram cabalmente as intenções do ditador alemão em usar o esporte para manipulações políticas. Por isso, López citado por Rubio (2006) teria toda razão em afirmar: "a Alemanha nazista podia ser execrável, mas os Jogos Olímpicos que realizaram em Berlim, não" (p. 110)

Não seria arriscado dizer que o desprezo contido nessa idéia de pão e circo que Giulianotti (2002) critica, esconde na verdade um desprezo pelo corpo, considerado ainda numa visão platônica de mero veículo para a alma e estorvo para as atividades ditas superiores do espírito.

Vivemos por séculos num paradigma dualista que cristalizou a dupla corpo-alma, tendo sido privilegiado o segundo em detrimento do primeiro lado desta oposição. Este

modelo foi predominante na cultura moderna e veio bem ao encontro dos processos históricos de industrialização e capitalismo, onde a alienação de si próprio serviu muito bem aos modos de produção, cada dia mais especializados. O corpo é o autômato, instrumento vazio de um espírito, este sim devendo se fortalecer apesar das limitações impostas pelo corpo e seus interesses vulgares e inferiores. Até mesmo a psicanálise afastou-se do corpo, predominando em sua literatura um corpo racionalizado.

Esta forma de perceber o corpo serviu também à perfeição aos objetivos de doutrinações religiosas, que buscavam a ética do pecado e da culpa. O simples fato de termos um corpo é o resultado de uma punição. Barrenechea (2002) explica que a corporalidade em si, nessa concepção dualista e platônica, tem o significado de uma queda, punição, purgação de erros cometidos pela alma.

> A terra, por sua vez, é entendida como o âmbito de expiação desse pecado ancestral. Daí, a teoria da transmigração das almas. Almas que devem transitar repetitivamente, de corpo em corpo, até conseguir, em algum momento, saldar as faltas cometidas. Se voltarmos permanentemente à terra, não há qualquer prazer nesse ciclo. O mundo, longe de ser um lugar de prazer, trata-se do teatro da expiação no qual somos jogados cada vez que encarnamos. (BARRENECHEA, 2002, p. 178).

A conseqüência é que tem-se como verdadeiro sábio portanto, aquele que tentar viver meditando, de maneira ascética...

> [...] afastando-se das exigências orgânicas, como se fosse um anjo, um ser puro e ideal. Nesta ótica, o homem é considerado uma espécie de `planta celeste´, cujas raízes o amarram à terra, porém, o seu pensamento tenta fugir, elevando-se para o além. (BARRENECHEA, 2002, p. 179)

Não foi senão a partir de Espinosa, no século XVII, e mais tarde Nietzsche – filósofo alemão que viveu no final do século XIX, que se passou a questionar a potencialidade do

corpo, a se inquirir não mais do corpo que se tem, mas do corpo do qual se sofre ou se goza. Espinosa rompe com a idéia da alma como piloto do corpo:

> A tradição e o século XVII definem a paixão e a ação como termos reversíveis e recíprocos: a ação está referida ao termo de onde algo parte; a paixão, ao termo aonde algo incide. Eis porque fala-se na paixão da alma como aço do corpo e na passividade corporal como ação da vontade e da razão. A um corpo ativo corresponde uma alma passiva. A uma alma ativa, um corpo passivo. Espinosa rompe radicalmente com essa concepção da vida passional. Sendo a alma idéia de seu corpo e idéia de si a partir da idéia de seu corpo, sendo ela desejo como expressão consciente do apetite, será passiva juntamente com seu corpo, e ativa juntamente com ele. Pela primeira vez, em toda a história da filosofia, corpo e alma são ativos ou passivos juntos e por inteiro, em igualdade de condições e sem relação hierárquica entre eles. Nem o corpo comanda a alma nem a alma comanda o corpo. A alma vale e pode o que vale e pode seu corpo. O corpo vale e pode o que vale e pode sua alma. (CHAUÍ, 1995, p. 120-121)

Nietzsche, mais tarde, reafirmaria o papel fundamental do corpo na existência humana, não mais como um receptáculo descartável.

> A proposta nietzschiana, que coloca o corpo como fio condutor interpretativo, como guia para a reflexão, tem diversas conseqüências teóricas e práticas. *Do ponto de vista teórico*, a precedência corporal vem minar a tradição idealista, baseada na suposta efetividade do mundo inteligível e de uma alma imaterial. *Do ponto de vista axiológico*, a valorização do corpo e da terra permite uma reversão, uma transmutação de todos os valores afirmados por essa tradição escatológica. O idealismo fincou todas suas expectativas no "mundo superior", em Deus e em outras supostas entidades ideais. Na ótica nietzschiana, ao contrário, os instintos, os sentidos, os afetos ganham um lugar de privilégio. Todos os valores têm um fundamento corporal e terrestre, eles afirmam o corpo e a terra. Por outra parte, o próprio homem, após milênios de escárnio e auto-desvalorização, de falsos pudores, compreende que o corpo, longe de ser algo alheio ou secundário, é fundamental, constitutivo da sua própria condição: é justamente aquilo que determina todas suas possibilidades de sentir, agir e pensar. Libertados, então, de estigmas milenares, cada parte, cada apêndice corporal torna-se uma maravilha. A vista, o tato, o estômago, o sexo, as pernas são milagres: fontes de alegria, de afirmação, de vida plena. (BARRENECHEA, 2002, p. 181, grifo do autor).

Barrenechea (2002) aponta para a possível conclusão a que se poderia chegar, na interpretação da visão nietzschiana, a de que então seria uma visão materialista, posto que afirma o primado do corpo, representando uma mera "inversão do primado platônico do além e da alma". Para se chegar a alguma resposta seria preciso ponderar que quando Nietzsche falava em corpo como fio condutor interpretativo e usava suas metáforas "gastro-enterológicas" para se referir aos processos psíquicos, era por uma necessidade de se fortemente contrapor ao idealismo e escarnecer da visão "celeste" de homem.

Entretanto, com isso não afirmava ele uma bestialidade humana, um vazio materialismo, ele apenas brincava com essas imagens escatológicas que eram persistentemente negadas pela metafísica. Segundo Barrenechea (2002), ele afirma que os processos psíquicos são corporais, no sentido de que seguem a mesma dinâmica das atividades orgânicas.

> O intelecto não tem um funcionamento autônomo ou diferenciado; como qualquer outro órgão corporal, o psiquismo realiza uma série de atividades, entre as que se destacam as de *assimilação, de seleção e de segregação*. Essas ponderações estão longe de sustentar a materialidade da consciência. Neste sentido, um parágrafo de *Genealogia da Moral* é esclarecedor: "Um homem digere os atos de sua vida (incluindo os pecados) como digere o almoço. E se alguma coisa lhe é indigesta, é uma indigestão tão fisiológica como a outra – e talvez conseqüência da primeira. Tais idéias, seja dito entre nós, não nos impedem de ser os adversários mais resolutos do materialismo."
> [...] Em outras palavras, ele não afirma que os fenômenos mentais sejam independentes dos processos orgânicos, ao contrário, são uma outra forma do devir corporal. Ao afirmar que a consciência é um estômago, ele não pretende dizer que a atividade consciente é um processo gástrico num sentido literal, mas *metafórico*. Não há hiato nos processos vitais: na natureza tudo depende da dinâmica da vontade de potência que impele a *incorporar e assimilar o alheio.* (BARRENECHEA, 2002, p. 183, grifo do autor).

Mais adiante o autor conclui que, para Nietzsche, nem o corpo seria uma substância rígida, pois que o corpo alude a processos, a um jogo de forças, está numa ininterrupta sucessão de estruturas momentâneas e pontuais. Qualquer tentativa de cristalizá-lo em

identidades ou estruturas imóveis, estaria negando a transitoriedade inexorável do devir humano. Assim, a identidade só pode ser entendida dentro de parâmetros vinculados à sua origem e permanência, mutável, posto que a identidade, sendo construída pela vivência da cultura, com ela se modifica.

Na hierarquia platônica do homem, aplicada numa sociedade fora do contexto da Grécia Antiga, o atleta seria não mais do que o epítome da alienação espiritual, pois sua prática é vista como aquém de sua identidade de homem superior.

Depois de Espinosa e Nietzsche, vislumbra-se um homem por inteiro, não mais bipartido, em quem sua subjetividade pode perpassar tanto corpo quanto alma, um homem que não tem como escapar às determinações mais profundas de seu ser e que transborda em todos os aspectos do existir sua angústia e seu gozo.

Nesta nova concepção, o atleta deixa de representar apenas uma parte dessa dualidade já tão posta em questão, e evolui para um ser de uma alteridade irredutível. Com a visão de homem que começa a se desenvolver em Espinosa e depois com Nietzsche, aproximamo-nos assim daquilo que Fábio Herrmann, autor da Teoria dos Campos, chama de *Homem Psicanalítico*, pois o homem que analisamos é "a crise de representação do sujeito que propicia a emergência de seu campo". (HERRMANN, 2001, p. 26, d) .

O Homem Psicanalítico fala de si mesmo quando pensa falar `apenas´ de seu corpo, ou mesmo quando não diz uma palavra sequer, constrói seus campos possíveis acreditando que está invariavelmente em outro. Embora vá falar sobre o desenvolvimento da Teoria dos Campos mais adiante no sub-capítulo 1.6, seria útil entendermos melhor agora quem vem a ser este Homem Psicanalítico. Hermann assim introduz o conceito:

> Nossa casa é o consultório e quem lá vive é o *Homem Psicanalítico*, "homem" que vem a ser qualquer recorte do mundo humano, encarado do ponto de vista da Psicanálise: antes de mais nada, e como paradigma, o paciente e seu analista. A situação analítica confunde-se com clínica particular, mas não necessita ser particular nem mesmo

> clínica, no sentido convencional – nosso *consultório,* quando o concebemos em sentido amplo como o lugar da Psicanálise, também pode receber uma parcela da sociedade, uma prática social, uma obra literária ou qualquer produção cultural psicanaliticamente interpretável. (HERRMANN, 2001, p. 29, a).

Herrmann fala de corpo como um amálgama inseparável do sujeito, quando em estados psíquicos extremos .

> Viverá o Homem Psicanalítico num domínio etéreo, sem corpo ou substância? Sim e não. Dá-se simplesmente que onde existe o corpo, onde ele é potente e ativo, a representação não se faz presente. O reino do corpo é o reino do contágio: ao correr, o atleta é plenamente sua corrida, as pernas que superam a dor, o alento que falta, levado ao limite da exaustão, e que se recupera sabiamente. Também no embate amoroso ou no corpo-a-corpo da guerra, no nascimento e na morte, nos estados de imersão ontológica, se cabe exprimi-lo assim, a representação não comparece: não se distinguem sujeito e objeto, o corpo é mundo e o mundo é extensão do corpo ativo. Entretanto, se o corpo se retira, ainda que parcialmente, a representação ocorre, mas sem garantias. É aí que opera a crença, soldando realidade e identidade, com isso dando corpo à representação. (HERRMANN, 2001, p. 207, d).

Mas também fala do corpo do quotidiano:

> E há meu corpo, este a que me refiro quotidianamente como a um companheiro querido ou odiado, esse modo de relacionar-me com o mundo físico, a que chamamos interação orgânica, o modo de ser em que me apreendo na qualidade material. Imagino-me e tenho um corpo imaginário; contemplo-me e surge um corpo visual. O corpo que dói, eu o concebo: há um corpo da dor. A este corpo que posso conceber ou imaginar, palpar e doer, ao dedo que chupo (ao chupar e ao chupado), a este revestimento de minha intuição de mim mesmo, chamamos veste. Esta sim difere dos produtos mentais, que por oposição dir-se-iam veste imaterial. Já o corpo, em sentido próprio, é o campo último e irredutível da **psicanaliticamente indissociável unidade corpo-espírito**. (HERRMANN, 2001, b, p. 275, grifo nosso).

Como este assunto será retomado mais aprofundadamente, por ora basta supor que fica então mais claro o entendimento do recorte feito nesta pesquisa, a saber: um recorte do campo (neste caso, no sentido de delimitação de uma atividade produzida pela cultura

humana) esportivo, na figura do atleta profissional, mais especificamente do futebol e do basquete brasileiro - esportes de maior expressão em nosso território - utilizando como interpretante uma revisão crítica do método psicanalítico, chamada Teoria dos Campos, desenvolvida por Fábio Herrmann, e seu conceito de identidade como avesso da realidade, simbolizados no Escudo de Aquiles.

1. 1. De qual esporte falamos

É fundamental que comecemos pela definição dos principais conceitos _ alguns já mencionados nesta introdução _ dos quais falaremos constantemente neste trabalho. Primeiro, é preciso que conheçamos as divisões mais gerais que o esporte apresenta.

Tubino (apud Teixeira, 2001 p.88) entende que o esporte contemporâneo possui três dimensões: "a) O esporte-educação, b) O esporte-participação, c) O esporte-performance ou de rendimento". Porém, o próprio autor comenta que são mais conhecidos e denominados como, respectivamente: "I) Esporte Educacional ou Escolar, II) Esporte Participação ou de Lazer, III) Esporte de Rendimento ou de Alto Nível." Estas dimensões não são necessariamente excludentes. No entanto, podemos acrescentar ainda o Esporte de Reabilitação e o Esporte de Projetos Sociais.

No Esporte Educacional ou Escolar, ainda de acordo com Teixeira (2001), seu objetivo seria o de promover uma integração social do saber do corpo, favorecendo uma espécie de co-participação nos diferentes níveis de planejamento, desenvolvimento e avaliação de suas ações, onde a motricidade ofereceria uma chance de aprendizagem motora contextualizada que estabeleça condições de uma análise crítico-reflexiva livre de preconceitos e discriminações.

O Esporte Educacional seria portanto, uma responsabilidade pública que deveria ser assegurada pelo Estado, dentro ou fora da escola, de acordo com a professora Vera Lúcia Menezes Costa e que teria como finalidade...

> [...] democratizar e gerar cultura através de modalidades motrizes de expressão de personalidade do indivíduo em ação, desenvolvendo este indivíduo numa estrutura de relações sociais recíprocas e com a natureza, a sua formação corporal e as próprias potencialidades, preparando-o para o lazer e o exercício crítico da cidadania, evitando a seletividade, segregação social e hiper-competitividade, com vistas a uma sociedade livremente organizada, cooperativa e solidária (TUBINO apud TEIXEIRA, 1992, p. 34).

Muito embora se possa questionar o quanto este modelo sugerido de prática desportiva na escola, tenha sido de fato aplicada nas escolas públicas brasileiras, esta seria apenas mais uma entre tantas discrepâncias entre o que se diz e o que se faz em termos de políticas públicas em nosso país. Discrepância essa, que cabe aos profissionais que lidam com o ensino e com o esporte tentar reduzir e buscar aproximar projeto, de realidade.

Rubio (2004, b) aponta para o fato de que esta vertente da Psicologia do Esporte, o Esporte Educacional, ser pouco desenvolvida no Brasil mas bastante desenvolvida nos Estados Unidos. Os campeonatos escolares brasileiros se configuram ao modo do modelo americano, no qual...

> [...] parte dos atletas que compete nessa categoria é contratada apenas para defender equipes colegiais sem ter vínculo acadêmico com a escola, gerando graves distorções entre os alunos. Por outro lado, as equipes formadas por alunos regulares padecem com o desnível gerado pela condição privilegiada dos `contratados´. Ou seja, há os alunos-atletas e os atletas-quase-alunos. No ambiente universitário a dinâmica é um pouco diferente. Existem disputas entre faculdades que se tornaram tradicionais e carregam anos de rivalidade construída por times e torcida. Há ainda os torneios nacionais de diversas faculdades do mesmo curso, como é o caso do Interpsi. Outro exemplo são os Jogos Universitários Brasileiros (JUB´s), que têm demonstrado excelente nível técnico, com atletas que tentam equacionar prática esportiva, atividade acadêmica e falta de apoio. (RUBIO, 2004, s/p, b).

Além dos campeonatos escolares, há ainda as aulas regulares de Educação Física, onde o psicólogo do esporte também terá vasto campo de atuação e pesquisa.

Mas, seja no caso do esporte praticado regularmente nas atividades da disciplina Educação Física (em todos os níveis de ensino), seja nos campeonatos escolares, a intervenção do psicólogo, para Rubio (2004, b) se dará de acordo com a faixa etária do aluno, o tipo de competição e de instituição à qual a equipe está ligada, sempre mantendo uma atuação variada e sobretudo demonstrando uma ausência de um modelo pré-determinado de conduta.

Quanto ao Esporte Participação, também chamado de Lazer ou Recreativo, Teixeira (2001) afirma que o objetivo é o bem-estar social do indivíduo através da relação entre tempo livre e lazer, visa promover um melhor inter-relacionamento dentro de grupos e o desenvolvimento pessoal, no esporte praticado com liberdade e participação voluntária; prima pelo princípio do lúdico.

Esporte-Performance, de Rendimento, ou ainda de Alto Nível, é o esporte profissional, disputado com regras distintas e regulado por normas instituídas e padronizadas internacionalmente, constituindo a principal fonte de renda de seu praticante. Segundo Tubino (2001), é nesta dimensão que reside a maior parte das mais ferozes críticas ao esporte, sendo a mais comum, a crítica de que o esporte profissional teria se tornado uma exacerbação do sistema capitalista.

> Ao exigir uma organização complexa e investimentos, o esporte-performance ou de rendimento, cada vez mais, passa a ser uma responsabilidade de iniciativa privada. Traz consigo os propósitos de novos êxitos esportivos, a vitória sobre adversários nos mesmos códigos, e é exercido sob regras preestabelecidas pelos organismos internacionais de cada modalidade. Há uma tendência natural para que seja praticado principalmente pelos chamados talentos esportivos, o que o impede de ser considerado uma manifestação comprometida com os preceitos democráticos. É também a dimensão social que propicia os espetáculos esportivos, onde uma série de possibilidades sociais positivas e negativas pode acontecer. (TUBINO, 2001, p. 40).

É também nesta dimensão social que se encontra a maior parte das pesquisas em Psicologia do Esporte.

Helal (apud TEIXEIRA, 2001) realizou um estudo semântico sobre os termos Jogo – Brincadeira – Esporte, analisando diferenças no uso desses termos entre a língua portuguesa e a inglesa, que seria interessante revermos aqui.

Brincadeira: "qualquer atividade espontânea, voluntária, sem regras fixas, que proporciona prazer e diversão e que não tem finalidade ou sentido além ou fora de si. [...] O prazer está no fazer, e não no que se fez. Em suma: brincadeira é a mais lúdica das atividades." (HELAL, apud TEIXEIRA, 2001, p. 93).

Jogo: possui as mesmas características da brincadeira, mas já inclui regras fixas, que não se encontram no universo da brincadeira pura e simples. "Sempre que uma brincadeira começa a estipular regras para sua prática, ela se transforma em jogo. [...] O jogo pode, então, ser dividido em jogos competitivos e não-competitivos". (*apud op.cit., ibid.*).

Esporte: "O esporte incorpora elementos do jogo, mas se situa além dele. Ou seja: esporte é jogo também, mas possui outras características que não encontramos no jogo. (*apud op.cit.*). A supremacia dos interesses burocráticos sobre os interesses individuais dos praticantes coloca o jogo na esfera do esporte", analisa Teixeira (2001, p.93).

Quanto à cambiante terminologia *esporte* ou *desporto*, Canfield (apud TEIXEIRA, 2001, p. 96) não considera os dois termos como sinônimos. Demarcando a diferença entre o jogo (lúdico) e a competição (agonística), ele analisa que o *esporte* pode abranger o lúdico e o agonístico, mas é essencialmente um meio de educação, não discriminatório, sendo seu envolvimento total e visando o ser.

Já o *desporto* seria essencialmente agonístico, sua estrutura prima pelos princípios da rivalidade, competição e rendimento. Distancia-se do objetivo educativo, e estimula seu praticante a buscar a superação. Utilizaremos daqui para diante os termos *atleta, esportista,*

desportista como sinônimos, designando sempre - exceto quando especificado de outro modo e oportunamente – o praticante do *desporto* (utilizando a nomenclatura proposta por CANFIELD, 1985) ou seja, o atleta de alto nível, ou profissional.

1. 2. Psicologia do Esporte: O psicólogo em campo

A Psicologia do Esporte constitui- se num dos sete primeiros campos de estudo do esporte. Segundo Tubino (2001), foi o alemão Herbert Haag quem melhor teria explicado a ciência do esporte. Havia sete campos, de início: Medicina, Biomecânica, Sociologia, Pedagogia, Filosofia, História e Psicologia do Esporte.

> Depois, pouco a pouco, outras áreas foram se incorporando tais como: a Economia Aplicada ao Esporte, a Antropologia do Esporte, o Direito Esportivo, a Nutrição Esportiva, a Fisioterapia Esportiva, a Ciência das Facilidades, Equipamentos e Instalações Esportivas, a Bioquímica Aplicada ao Esporte e muitas outras.
> Cada área que compõe a chamada Ciência do Esporte possui organismo internacional próprio, que por sua vez edita periódico e publicações científicas, além de promover congressos e eventos internacionais. (TUBINO, 2001, p. 88).

2

No entanto, apesar de existir há mais tempo como prática e campo de estudo, apenas em 1986 a Psicologia do Esporte foi reconhecida como uma especialidade da Psicologia pela American Psychological Association (APA), a de número 47 (RUBIO, 2000, p. 16).

As diferentes definições de Psicologia do Esporte estão inevitavelmente ligadas à forma que cada linha teórica pensa o fenômeno esportivo (mais especificamente à pessoa do atleta, no caso do Esporte de Rendimento). E de acordo com o paradigma da abordagem teórica do profissional (psicologia social, cognitivismo, comportamental etc.) estabelece-se *qual* é o objeto de estudo dessa psicologia do esporte e *onde* está a ênfase do estudo, baseado

naquilo que se acredita ser a origem do comportamento do atleta, pois tal definição está imbuída da concepção de homem que tais linhas teóricas desenvolvem.

Rubio (2000) nos dá a definição de psicologia do esporte de Williams e Straub (1991): "identificação e compreensão de teorias e técnicas psicológicas que podem ser aplicadas ao esporte com o objetivo de maximizar o rendimento e o desenvolvimento pessoal do atleta"; e a de Weinberg e Gould (1995):

> o estudo científico de pessoas no contexto do esporte ou exercício. Psicologia do esporte e do exercício identifica princípios e padrões que profissionais podem usar para ajudar adultos e crianças que participam dessas atividades e têm benefícios no esporte e nas atividades físicas. (RUBIO, 2000, p. 15)

Thomas (1983, p. 5 – 6) considera que ao longo da história, a psicologia tem se desenvolvido em áreas de concentração, mas nunca teria se ocupado de forma simultânea com todas as áreas psíquicas do comportamento humano. Segundo este autor, a área da ação e do movimento humano foi bastante negligenciada.

> A psicologia humana concebeu e pesquisou o homem como um ser pensante, perceptivo, sensitivo, motivado, social, raramente entendendo-o como indivíduo de ação e movimento. Assim, existem poucas pesquisas que se ocupam com os efeitos de fatores psíquicos sobre o movimento (psicomotricidade). Quando existem tais pesquisas, elas partem geralmente, não da psicologia, mas da neurofisiologia e da psiquiatria ou da ciência do trabalho. (THOMAS, 1983, p. 6)

Thomas (1983) e Cratty (1984) vinculam o nascimento da psicologia do esporte ao desenvolvimento das teorias da ação e do movimento humanos, Cratty a liga às pesquisas experimentais desenvolvidas desde o início do século XX.

Estes dois autores exploram a ligação da psicologia do esporte com a psicologia em geral e com as ciências do esporte, bem como enfatizam a importância da psicologia se

dedicar ao estudo do esporte. Thomas (1983, p. 2) ao falar da psicologia do esporte como uma disciplina científica, esboça a seguinte definição: "[...] examina as causas e efeitos dos fenômenos e das ocorrências psíquicas que se desenrolam no homem antes, durante e depois de atividades desportivas."

O professor Feijó (1992) fala sobre as áreas que o psicólogo do esporte deverá dominar: "1. a da Psicologia; 2. a do esporte; 3. a do equacionamento das duas áreas. Não basta conhecer apenas uma ou duas – é preciso ter competência nas três." (p. 113).

Claro que Feijó não está afirmando que o psicólogo do esporte precisa saber muito sobre nenhuma modalidade esportiva *a priori*, mas a partir do momento em que ele sabe que vai trabalhar com determinado atleta ou equipe, é imperativo que procure se informar sobre as regras básicas daquela prática, bem como dos aspectos informais daquele universo. Mesmo porque, por mais que se conheça determinado esporte, o psicólogo não sabe o que aquele esporte *significa para o atleta*, e é esta percepção que lhe interessa, não a de inúmeros manuais de regras e códigos de conduta.(p. 126). Por isto, a sugestão que ele faz é de se perguntar diretamente ao atleta. Além disso, "perguntando-se diretamente a um especialista, economiza-se em pesquisa. Uma hora de conversa atenta com um futebolista pode valer mais do que muitos dias de leitura de vários livros sobre futebol." (FEIJÓ, 1992, p. 126).

Feijó (1992) faz também uma interessante sugestão de como deveria ser o primeiro contato do psicólogo com o atleta:

> Esporte individual ou esporte coletivo, a recomendação é a de que o trabalho comece sempre em nível pessoal. Em uma equipe, por exemplo, antes de qualquer intervenção coletiva, o ideal é marcar um horário, segundo o qual todos os atletas, sem exceção tenham a oportunidade de um encontro pessoal com o psicólogo. [...]
> O fato de todos os atletas se avistarem com o psicólogo, cada um na sua vez, restringe muito a possibilidade de ficarem rotulados os jogadores que "precisam de ajuda". A idéia será que todos precisam da ajuda do preparo psicológico, assim como todos precisam da ajuda do preparo físico. Sem exceção. (FEIJÓ, 1992, p. 123-124).

O autor explica ainda as três vantagens desta forma de abordar o atleta, a primeira já citada acima:

1. elimina a impressão negativa de que quem precisa do psicólogo é o "elo fraco do time", aumentando a colaboração com o trabalho a ser feito;

2. desmistifica a figura do psicólogo, desfazendo possíveis estereótipos de "guru" que se possa ter a respeito do profissional de psicologia;

3. viabiliza o conhecimento da personalidade de cada atleta de maneira menos persecutória que a aplicação de uma infinidade de testes. Ele não é contra o uso de testes para a avaliação da personalidade do atleta, apenas não acha apropriado que esta seja a primeira forma de contato com o atleta. (*op. cit*., p. 124)

Nesta primeira entrevista individual, três perguntas são sugeridas para iniciar o trabalho com os atletas. Duas delas foram incorporadas ao roteiro de entrevista usado por nós nesta pesquisa, dada a sua capacidade de estimular nos atletas a reflexão sobre aspectos que nos interessavam analisar. (Vide Apêndices A e B).

Feijó norteia-se por aquilo que chama de "postura holística existencial". Segundo ele, essa postura encontra vertentes na filosofia, na teologia, na física quântica e na psicologia, é baseada na psicologia centrada na pessoa desenvolvida por Carl Rogers. "Eu a chamo de Teoria do Contínuo Bipolar. Nesta Teoria, nem corpo, nem alma são negados, diminuídos ou ignorados, uma vez que o corpo e mente são um dado fenomenológico de nossa percepção diária." (FEIJÓ, 1992, p. 7).

Rubio (2000, p. 17) indica que a Psicologia do Esporte poderia ser dividida historicamente em três áreas especializadas: "aprendizagem e controle motor, desenvolvimento motor e Psicologia do Esporte". Segundo a autora, a área de aprendizagem e controle motor, parecia adequada aos estudos que se realizavam em relação "à cognição,

percepção e psicologia experimental da aprendizagem e do comportamento." (RUBIO, 2000, p. 18)

O desenvolvimento motor parecia sob medida para a psicologia do desenvolvimento e de sua relação com a performance motora, realizando estudos "entre desenvolvimento de padrões motores e `performance´ habilidosa." (*ibid.*, p. 18). Já a Psicologia do Esporte tem como principal foco

> [...] a influência que a personalidade e os fatores sociais têm sobre o comportamento social em uma variedade de contextos esportivos. Isto não quer dizer que a Psicologia do Esporte se restrinja apenas à psicologia da personalidade e social. [...] Contudo, ênfase maior tem sido dada às questões relacionadas ao comportamento social no esporte e os fatores situacionais que afetam o comportamento esportivo. (RUBIO, 2000, p. 18)

Pode-se perceber que ao longo do tempo, o esporte tem se tornado objeto de interesse não mais apenas da psicologia experimental e cognitiva, mas de várias outras áreas e teorias da psicologia e demais ciências denominadas "do esporte", o que só contribui para aumentar a riqueza da compreensão do fenômeno esportivo enquanto significativo aspecto cultural da civilização ocidental.

1.2.1. Breve histórico da Psicologia do Esporte: apresentando nossas origens

Faremos uma realmente breve exposição da origem e evolução da Psicologia do Esporte, destacando apenas os eventos mais importantes e significativos para a compreensão dos pontos que serão discutidos mais adiante.

A história da Psicologia do Esporte no mundo pode ser dividida em duas grandes vertentes: a americana e a do leste europeu. Após estas duas, falaremos da Psicologia do Esporte no Brasil e do panorama atual.

1.2.1.1. A Psicologia do Esporte Americana

Nos Estados Unidos considera-se Coleman Griffith, como "o pai da Psicologia do Esporte". Ele teria iniciado, em 1918, algumas observações assistemáticas sobre os fatores psicológicos que afetavam os jogadores de futebol americano e basquete. (Kroll &Lewis, 1970 apud Cratty, 1984, p. 3). Desenvolveu estudos profícuos nas áreas de habilidade psicomotora, aprendizagem e testes de personalidade. Dentre outras realizações, escreveu mais de 40 artigos e dois livros, *Psicologia do Treinamento* (*Psychology of Coaching*) e *Psicologia do Atletismo* (*Psychology of Athletics*). (GRIFFITH, 1928, 1930, apud CRATTY, 1984, p. 3).

Antes dele, alguns estudiosos observam que houve um psicólogo da Universidade de Indiana, Norman Triplett, que entre o final do século XIX e início do século XX, investigou a razão pela qual os ciclistas que atuavam em duplas ou grupos obtinham resultados melhores do que os que corriam sozinhos. (RUBIO, 2000, p. 18). Rubio (2000) afirma que "apesar de o esporte ter sido objeto de estudo da psicologia da época, ele não se caracterizou como área específica de conhecimento." (p. 18). Foi apenas a partir de Griffith que tal área começou a se delinear de maneira mais consistente.

Enquanto isso, na Alemanha, em 1921, Schulte publicava o livro *Corpo e Mente nos Esportes: Introdução à Psicologia dos Exercícios Físicos* (*Body and Soul in Sports: An Introduction to the Psychology of Physical Exercises*) , que seria seguido, alguns anos depois

por dois outros livros onde refletia sobre possíveis idéias que interligavam atividade motora, esporte e exercício. (SCHULTE, 1921, 1925, apud CRATTY, 1984, p. 2).

A década de 60 foi importante, devido ao avanço das pesquisas e eventos acadêmicos onde se buscava desenvolver modos de investigação "confiáveis" e tecnologia que fossem compatíveis com o paradigma científico da psicologia da época. Rubio (2000) afirma que além desses fatores, outro fator que colaborou para o avanço da área foi a organização institucional.

> Outro fato importante foi a formação da Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte (ISSP) em 1965, tendo como primeiro presidente o italiano Ferruccio Antonelli [...] A criação da ISSP serviu para facilitar a organização da área também nos Estados Unidos. E assim, em 1968, foi criada a Sociedade Americana para a Psicologia do Esporte e Atividade Física (NASPSPA), tendo uma grande importância tanto acadêmica como profissional por congregar pessoas interessadas no desenvolvimento da aprendizagem motora e da Psicologia do Esporte. Foi nessa década também que surgiu a Sociedade Canadense de Aprendizagem Psicomotora e Psicologia do Esporte (CSPLSP) que tem desde então exercido grande influência no desenvolvimento de investigação e intervenção na Psicologia do Esporte. (RUBIO, 2000, p. 19)

Nos meados dos anos 70, foi a vez dos latino-americanos verem florescer a Psicologia do Esporte, através da criação da "Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte, da Atividade Física e da Recreação" (SOBRAPE) em 1979 e da "Sociedade Sul-Americana de Psicologia do Esporte, da Atividade Física e da Recreação" (SOSUPE), em 1986. (SAMULSKI, 1992, p.11).

Rubio (2000) destaca que nesse período foi marcante o reconhecimento da Psicologia do Esporte como uma disciplina em si mesma, com seu lugar definido dentre as ciências do esporte.

Segundo essa mesma autora, apesar do avanço nas pesquisas, houve uma certa falta de clareza sobre qual deveria ser o conhecimento considerado básico dessa nova disciplina e quanto ao modo de lidar com a influência das variáveis sócio-culturais do entorno esportivo.

Rubio (2000) indica que tal incerteza originou a diversidade de temas pesquisados a partir daí, normalmente oriundos de correntes da psicologia e que os estudos sobre personalidade foram os que produziram maior interesse, dando início à polarização entre pesquisas que defendiam a idéia de que mecanismos internos controlavam o comportamento versus as que defendiam as variáveis ambientais "dando força ao paradigma interacionista que considerava as variáveis sujeito e ambiente e a interação entre ambos como a base para a formação e estruturação da personalidade" (RUBIO, 2000, p. 19-20).

Na década de 80, pode-se perceber o grande crescimento da produção acadêmica de cunho cognitivista. Rubio (2000) afirma que o pensamento negativo traduzido nas frases "não posso" e "não consigo" pareciam estar ligados aos fracassos obtidos na execução dos movimentos, mais especificamente como uma predisposição ao erro.

> O trabalho realizado pela psicologia cognitiva do esporte fomentou um grande interesse pela representação mental de imagens, daí a chegar a conclusões como atletas que de forma natural se imaginam rendendo o máximo ou estão treinados em se imaginar triunfando aprendem, em ambos os casos, como responder melhor às demandas vividas em situações competitivas. A conseqüência desse desenvolvimento é que a sugestão e as técnicas cognitivas converteram-se em uma parte substancial da maioria dos programas de treinamento. (RUBIO; 2000, p. 20)

1.2.1.2. A Psicologia do Esporte do Leste Europeu

Na União Soviética, a Psicologia do Esporte nasceu no início do século XX, com os escritos de Peter Lesgaft e "logo após a revolução de 1917, estabeleceram-se, tanto em

Moscou como em Leningrado, laboratórios dedicados ao estudo da psicologia do esporte." (ROUDIK, 1936 apud CRATTY, 1984).

Por volta de 1930, Cratty (1984) afirma que Moscou foi a base de um instituto científico de pesquisa para o desenvolvimento de estudos sobre cultura física, onde se investigava os aspectos tanto psicológicos quanto fisiológicos do esporte. Foi no final da década de 30 que

> [...] o "pai da psicologia do esporte" da União Soviética, Peter Roudik, começou a formular orientações para o estudo psicológico do esporte. Nessa época, como acontece em nossos dias, o enfoque soviético era colocado em exercícios práticos, com vistas a testar o desempenho atlético em esportes específicos. De 1930 a 1960, seus esforços concentraram-se no controle de tensão antes do início de competições, em perfis de personalidade de atletas superiores e nos processos perceptivos importantes no esporte (como, por exemplo, sentido de tempo em corredores). (CRATTY, 1984, p. 3).

De acordo com Rubio (2000, p. 21), foi a partir dos anos 50 , com o advento do programa espacial soviético, que cientistas pesquisaram com êxito o uso da ioga no controle de processos psicofisiológicos. Segundo a autora, apesar desse programa ter sido desenvolvido para astronautas,

> ele acabou tendo grande validade para atletas, vindo a se tornar um importante conjunto de procedimentos da Psicologia do Esporte nas décadas de 80 e 90. Conhecidas como treinamento de auto-regulação psicológica, essas técnicas eram utilizadas no controle voluntário de funções corporais, como batimento cardíaco, temperatura e tensão muscular, assim como para reações emocionais diante de situações estressantes. Foram necessários quase 20 anos para que esses métodos fossem utilizados nos programas esportivos da então União Soviética. (RUBIO, p. 22)

Rubio (2000) observa que, de acordo com Kantor e Ryzonkim (1993), as linhas de investigação que mais têm despertado o interesse dos pesquisadores ultimamente são o estudo da motivação antes e durante a competição. (p. 22).

1.2.1.3. A Psicologia do Esporte do Brasil

Segundo Rubio (2002), o marco inicial da Psicologia do Esporte nacional se deu com a atuação do psicólogo João Carvalhaes no São Paulo Futebol Clube, profissional com muita experiência em psicometria. Permaneceu no clube por cerca de 20 anos e fez parte da comissão técnica da seleção brasileira que disputou e venceu a Copa do Mundo de Futebol de 1958, "além de conquistar o primeiro título mundial para o país na Suécia." (RUBIO, 2002, p. 2).

Depois de Carvalhaes, o próximo psicólogo a trabalhar com a Seleção Brasileira de Futebol – que disputou a Copa do Chile em 1962 - foi Athayde Ribeiro da Silva. Juntamente com Emílio Mira, escreveram o primeiro livro de Psicologia do Esporte que se pode considerar brasileiro, intitulado "Futebol e Psicologia". (RUBIO, 2000, p. 23).

"Em 1965 Athayde escreveu seu segundo livro, `Psicologia esportiva e a preparação do atleta´, no qual buscava ampliar a aplicação da psicologia a outras modalidades que não apenas o futebol." (*op. cit., ibid.*). De acordo com Becker Jr. (2006), Athaide foi membro do conselho-diretor da Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte (ISSP) de 1965 a 1973. Rubio (2000) afirma que na década de 70 a participação de psicólogos no esporte é ampliada...

> [...] em especial no futebol, com a entrada de João Serapião no Guarani Futebol Clube, em 1971, e de Paulo Gaudêncio no Sport Club Corinthians, em 1973, que em 1982 também receberia Flávio Gikovate. Porém, é com Mauro Lopes de Almeida, em 1976, que a Psicologia do Esporte alcança outras modalidades esportivas ao participar do trabalho desenvolvido no Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa, em São Paulo. (*op. cit*., p. 23)

Na década de 80, Rubio (2000) destaca dois eventos que não poderiam deixar de se mencionar: o primeiro, a criação do Centro de Preparação Psicológica no Esporte Clube

Pinheiros, coordenada pela psicóloga Eliane Abdo Philippi, onde vários psicólogos atuavam com as diversas modalidades que o clube abrangia. Desta experiência, vários trabalhos foram produzidos e apresentados em congressos brasileiros e internacionais da área. O outro evento foi

> o Projeto Play Tennis, coordenado pela ex-tenista Patrícia Medrado no final dos anos 80 e início dos 90, que contava com uma equipe composta por técnicos, preparadores físicos, nutricionista e com o psicólogo Luís de Andrade Martini, que atendia a atletas do tênis desde os principiantes até os semiprofissionais, construindo uma experiência pioneira no que se refere ao atendimento multiprofissional. (RUBIO, 2000, p. 24).

Além disso, Samulski (1992) destaca a criação da "Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte, da Atividade Física e da Recreação" (SOBRAPE) em 1979.

Na década de 90, Rubio (2000) destaca o trabalho de dois psicólogos: Regina Brandão, com a equipe masculina de Vôlei de 1992, medalhista de ouro nos Jogos Olímpicos de Barcelona "e o número considerável de mestres e doutores orientados pelo Dr. Olavo Feijó na Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro." (p.24 - 25).

Becker Jr.(2006) afirma ter sido o autor do projeto que fundou o primeiro curso de Pós-Graduação em Psicologia do Esporte e Exercício em toda a América do Sul, na PUC/RS, em 1995.

> Havia quarenta vagas, sendo vinte para Psicólogos e vinte para professores de Educação Física. A surpresa foi a de que somente cinco Psicólogos se inscreveram e 35 professores de Educação disputaram as restantes vagas. Em 1997 o curso passou a ser realizado na Escola de Educação Física da UFRGS. As trinta vagas existentes foram preenchidas por professores de Educação Física. Em 1998, foram selecionados trinta e cinco profissionais, sendo trinta professores de Educação Física e cinco Psicólogos. O quarto curso, em 1999, teve 35 professores de Educação Física e cinco Psicólogos. A FMU com a liderança de Regina Brandão, realizou cursos de especialização entre 1997 e 2001, em São Paulo, com um número significativo de alunos. (BECKER JR., 2006, p. 136).

Dentre estes alunos da FMU (hoje, UniFMU) citados por Becker, eu estive entre eles e posso afirmar que numa turma de cerca de vinte e dois alunos, esta estimativa de uma minoria de psicólogos se manteve. No entanto, como Rubio (2000, p. 16) aponta, essa indiferença da psicologia em relação ao esporte não é apenas brasileira, já que só em 1986 a Psicologia do Esporte foi aprovada pela APA como uma de suas divisões. Quanto à predominância dos profissionais de educação física nos cursos citados por Becker, talvez seja importante lembrar que tais cursos foram oferecidos e portanto, mais divulgados, no campus da faculdade de educação física, o que por si só já explica a tímida presença de psicólogos.

Entretanto, a autora desta pesquisa, juntamente com Rubio, discordam de Becker de que tenha sido ele o primeiro a desenvolver um curso de pós-graduação em psicologia do esporte, ao menos no Brasil. Na verdade, como ambas fomos alunas do curso a que o próprio Becker se refere, o curso que foi montado e liderado por Regina Brandão na FMU, podemos afirmar sem sombra de dúvida que nossa turma, iniciada em 1995 e precedida pela primeira turma, a de 1993, colocam portanto e justificadamente, Regina Brandão como a responsável por este pioneirismo no Brasil.

Dante de Rose (DE ROSE JR., 2000, p. 37) afirma ser necessário reconhecer como grande fator propulsor da psicologia esportiva no Brasil "o trabalho desenvolvido na Seleção Brasileira de Futebol, em que uma profissional (Suzy Fleury) desempenha um papel importante com a comissão técnica e os atletas."

Becker Jr. (2006) nos mostra a significativa participação brasileira na direção da ISSP. A participação do psicólogo Athaíde no conselho-diretor, citada anteriormente, não foi nossa única colaboração internacional:

> Na eleição da nova diretoria da ISSP, o brasileiro Benno Becker Júnior foi indicado para diretor para o período 1989-1993. [...] No VII Congresso Mundial de Psicologia do Esporte, realizado em Lisboa,

> 1993, o Dr. Benno Becker Jr. foi reeleito diretor da Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte para mais quatro anos.
> No ano de 2001, na Grécia, no IX Congresso Mundial de Psicologia do Esporte, o Dr. Dietmar Samulski, foi eleito para o conselho-diretor da ISSP e reeleito, em 2005, na Austrália, durante o X Congresso Mundial de Psicologia do Esporte. (BECKER JR., 2006, p. 135)

Na Copa do Mundo de 2002, Regina Brandão trabalhou com Felipe Scolari, então técnico da seleção brasileira prestando assistência à equipe. Na Copa de 2006, o então técnico Carlos Alberto Parreira, a convocou novamente para auxiliá-lo com orientações sobre o modo de agir com os jogadores, que estavam num clima de "já ganhou". (ROSEGUINI, 2006, Caderno D, p. 2).

Em 2003, tivemos a criação da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP), presidida pela profª Dra. Kátia Rubio, posição esta que foi renovada através de eleição direta pelos membros da ABRAPESP durante o I Congresso Brasileiro de Psicologia do Esporte, ocorrido em Outubro de 2007, em São Paulo.

1. 2. 2. Panorama atual da Psicologia do Esporte: desbravando preconceitos

Thomas (1983) afirma que, de acordo com Antonelli e Schilling, foi a exigência de constante elevação da performance do atleta de alto nível que impulsionou o desenvolvimento da psicologia do esporte (p. 8). Em seguida, Thomas faz uma pergunta primordial, pois a resposta pode significar a diferença entre se estar praticando uma psicologia do trabalho ou uma psicologia clínica no esporte:

> Então a psicologia do esporte é apenas um meio auxiliar para retirar maiores performances do atleta?
> É preciso eliminar perturbações da alma que possam influenciar os resultados de performances. O atleta tem que ser preparado para a carga psíquica de competição com tal perfeição, de modo a ser capaz

> de mobilizar todas as suas reservas de forças no momento decisivo. Além disto, deve ser motivado ao máximo. **O treinamento não se limita apenas à melhora das performances físicas, mas devem alcançar o homem em seu todo** e em todas as áreas relevantes à performance. (THOMAS, 1984, p. 8, grifo nosso).

Cratty (1984) acredita que há atualmente no mundo todo duas grandes tendências na Psicologia do Esporte: uma é a pesquisa que é subsidiada pelo governo e que por isso é chamada por ele de "sistema governamental".

> Este subsídio inclui psicólogos do esporte designados para assessorar permanentemente seleções nacionais, juntamente com pesquisas em instituições especializadas no estudo do desempenho atlético. A outra é uma abordagem do tipo *laissez-faire*, da qual os Estados Unidos são um exemplo típico; aí os psicólogos do esporte têm encontros rápidos com as equipes atléticas, sendo esses contatos, contudo, transitórios e assistemáticos. É deixado à discrição do atleta com problemas procurar e obter ajuda ou não fazê-lo. (CRATTY, 1984, p.15).

Esta segunda abordagem é bastante arriscada, porque na maioria das vezes o atleta prefere guardar para si seus problemas tanto por medo de ser visto como problemático pelo treinador e colegas, como por não compreender bem o papel do psicólogo do esporte, já que o trabalho carece de consistência.

É comum, baseada em observações de solicitações de trabalho que já me foram feitas e a colegas, nessa abordagem *laissez-faire*, o psicólogo desportivo ser convocado à última hora, dias antes de uma grande competição, na falsa expectativa de que seu trabalho vá fazer alguma espécie de mágica funcionar, fazendo com que um atleta inseguro ou muito tenso se desempenhe otimamente ou que um grupo de jogadores passe magicamente a se entrosar nesses poucos dias que antecedem a competição. Isto só vem a causar um grande mal-entendido quanto ao papel do psicólogo na equipe, que não é o de "salvador da pátria", mas sim o de um prestador de serviços especializados que necessita de tempo e oportunidades regulares e consistentes para trabalhar com a equipe regularmente ao longo do ano.

Assim como o nutricionista, o preparador físico, o fisioterapeuta e demais profissionais que assessoram algumas equipes esportivas, o psicólogo deve deixar claro que seu trabalho, embora necessário e importante, não garante vitórias. O profissional que cai no "canto da sereia" de ser chamado como última tábua de salvação para uma equipe emocionalmente comprometida, às vésperas de uma competição importante, corre o risco de provar o sabor amargo do descrédito profissional quando a realidade mostra que nenhuma mágica foi produzida.

Ferraro e Rush (2005), realizaram uma pesquisa para saber por que atletas resistem à psicologia do esporte (*Why Athletes Resist to Sport Psychology*). Utilizaram um questionário com onze perguntas que tinha o objetivo de avaliar a familiaridade deles com a psicologia do esporte, como por exemplo, se já tinham sido atendidos por um psicólogo do esporte, e se eles achavam que poderiam se beneficiar com esse serviço. Vinte atletas amadores e profissionais foram abordados aleatoriamente num local que eles costumam freqüentar e convidados a responder ao questionário. As conclusões a que chegaram com a análise desses questionários foram bastante interessantes. Entre outras coisas, percebeu-se que:

> Nenhum atleta falou sobre suas emoções. Eles mencionaram treinamento mental, atenção, concentração, visualização e melhoria da performance, mas ninguém mencionou uma palavra sequer que descrevesse seu estado emocional. É difícil entender como atletas que têm óbvias inibições de desempenho, admitem que um serviço é designado para ajudá-los e mesmo assim não se disponibilizam para este serviço.
> .....
> Mas o que nós concluímos aqui [...] é que estes atletas têm um enorme medo de ver, encarar, reconhecer ou experienciar emoções de qualquer tipo. Em retrospecto, isto não deveria ser uma surpresa. Afinal de contas esportes giram em torno de ação e descarga de emoção através do movimento mais do que de palavras. [...] Estes atletas são mestres de seus corpos mas não de suas emoções. [...] Eles podem ter mais medo de nós do que de 400 kg. de zagueiros vindo pra cima deles a todo vapor. Se nós pudermos ajudá-los a lidar com este medo poderemos um dia ter um campo de atuação que não só tem muito a oferecer ao atleta, mas que seja de fato usado por eles. (FERRARO & RUSH, 2005, p. 3, tradução nossa).

Talvez seja exagerado atribuir tal receio ao atleta brasileiro nas mesmas dimensões que acontece com os atletas americanos, mas guardadas as diferenças culturais, é um dado que não se pode desprezar.

Pelo contato que tive com os atletas no campo profissional e os desta pesquisa, não poderia confirmar que tal receio seja tão expressivo aqui. Em geral é fácil perceber o atleta que não deseja conversar com o psicólogo – normalmente ele se furta a participar das reuniões com o profissional, ou, quando não se pode esquivar, evita sequer olhar diretamente para o psicólogo, adotando uma postura indiferente. Mas também é significativa a parcela de jogadores ou desportistas que numa equipe recebem abertamente o psicólogo, sendo solícitos, procurando espontaneamente o profissional e contando com seu apoio.

No Brasil, poderíamos dizer que a resistência à psicologia do esporte por parte dos atletas e dos técnicos é mais que eventual, mas talvez não tão explícita assim. Por parte dos técnicos, percebe-se um receio de perder parte de seu comando da equipe, por parte dos atletas seria prematuro afirmar algo, é um tema que mereceria ser pesquisado na nossa realidade.

Acontecimentos que, com toda certeza interferem de maneira negativa na relação do psicólogo do esporte e a equipe com que trabalha, são eventos mal-interpretados e repetidos pela mídia *ad infinitum*, perpetuando por vezes, estórias que constroem a imagem equivocada de toda uma categoria profissional.

Apesar de estarmos falando sobre o panorama atual, conceda-nos o leitor um aparte para falar de um episódio significativo na cultura esportiva brasileira, envolvendo um psicólogo do esporte. Talvez, com a discussão desse episódio, fique mais fácil entender as restrições que muitos profissionais da área esportiva – principalmente do futebol - fazem ao psicólogo do esporte hoje. Logo em seguida retomaremos a atualidade de nossa prática.

Foi o que ocorreu com o psicólogo João Carvalhaes e a seleção brasileira da Copa do Mundo de 1958. O que passou para a história, foi que ele teria aplicado testes nos atletas e que por ele, Garrincha teria sido vetado da Copa, além de fazer críticas a Edson Arantes do Nascimento, Pelé. O sucesso da seleção na Copa pareceu enfatizar ainda mais o suposto "erro" que Carvalhaes teria cometido, não bastasse o afeto do público por esses jogadores, que já havia sido ultrajado com estas "críticas absurdas" do psicólogo.

Que a mídia tivesse processado o que ocorreu da forma que melhor vendesse os jornais da época, não seria de se estranhar, mas até mesmo Pelé, ajudou a reforçar esse mal-entendido, através do lançamento de seu livro "Pelé: a Autobiografia", lançado em 2006 pela editora Simon & Schuster na Inglaterra, e no Brasil pela Sextante. O jornalista Fábio Victor (2006) traduziu um trecho do livro que então ainda estava por ser lançado aqui no Brasil, e intitula esse trecho, em seu artigo, de *Psicólogo perturbado*:

> "Havia, porém, outro obstáculo [além da contusão]. Como parte de nossa preparação, o psicólogo do time, dr. João Carvalhães, conduziu testes com todos os jogadores. (...) `Pelé é evidentemente infantil. Falta-lhe o necessário espírito de luta´. Ele também deu conselho sobre Garrincha, que não era visto como responsável o bastante. Felizmente para mim e Garrincha, Feola sempre foi guiado por seus instintos, e ele apenas acenou ameaçadoramente para o psicólogo, dizendo: Você pode estar certo. A questão é que você não entende de futebol. Se o joelho do Pelé está bom, ele jogará." (VÍCTOR, 2006, p. 4D).

Depoimento de peso, atravessado por uma certa animosidade ressentida e escrito por ninguém menos que o "Rei" do futebol. No entanto, para contrapor ao que diz o "Rei", temos aqui o depoimento dado por um membro da "família real" do futebol daquela época, e que jogava ao seu lado, Eduardo Gonçalves, ou Tostão.

Tostão muito gentilmente concordou em colaborar com nossa pesquisa e abrir mão do resguardo de sua identidade como participante. Em uma entrevista de cerca de duas horas de duração, realizada por mim em sua casa em Belo Horizonte (MG), ele falou, entre outras

coisas, sobre esse caso, numa versão bem diferente da versão de Pelé. Esta questão será retomada, entretanto, na análise das entrevistas, no capítulo 4. 2. deste estudo.

O que não se pode deixar de dizer é que boa parte do modo como o psicólogo do esporte vai ser recebido pela equipe, depende de sua atitude desde o início, assumindo uma postura ética, livre de julgamentos pré-concebidos, permeando sua fala de clareza, objetividade e acessibilidade. Feijó (1992) adverte que ao interpelar o atleta sobre sua modalidade esportiva, deve ser sincero ao fazê-lo e não fingir um interesse que de fato não exista:

> O atleta com quem se trabalha é de carne e osso, não é geral e abstrato, mas particular e concreto. E a melhor pessoa para informar sobre seu mundo é ele mesmo. Quando o jogador percebe que seu psicólogo está realmente querendo aprender, a naturalidade é encorajada. De repente, ele é professor e o psicólogo, aluno. De repente, também, o ambiente se tranqüiliza e as coisas começam a fluir. (FEIJÓ, 1992, p. 126).

Cada dia mais, torna-se importante que o profissional que trabalha com o esporte tenha uma proximidade com o universo e com a linguagem esportivos, para evitar equívocos que apenas prejudicam a imagem de nossa profissão, perante os profissionais do esporte. Daí a importância de se discutir como se deve configurar a formação básica do psicólogo do esporte.

Rubio (2000) compreende que é preciso diferenciar a Psicologia *do* Esporte da Psicologia *no* Esporte. Segundo esta autora, a primeira seria um "campo específico formado pelos conhecimentos originários da educação física/esporte e da psicologia e a segunda uma aplicação da psicologia clínica, educacional e organizacional ao esporte." (p. 11).

Esta diferenciação é providencial e importante, pois muitas discussões vêm sendo feitas sobre a formação específica e as atribuições dos profissionais que lidam com o esporte. Como a autora citada comenta, o uso das preposições *do* e *no* constituem muito mais do que

um diferencial semântico, “vêm a servir como um divisor de águas no que se refere à aplicação da psicologia no contexto esportivo” (RUBIO, 2000, p. 11).

Devido ao crescente interesse pelos diversos profissionais, psicólogos ou não, na psicologia desportiva, um certo desconforto tem sido criado quanto a *quem* pode fazer *o quê* e quem detém o direito de se intitular psicólogo do esporte, vindo na esteira dessas definições *quais as atribuições de cada um*. Parte dessa confusão talvez se deva ao fato de que os cursos de graduação e pós-graduação de Educação Física já venham estudando os aspectos psicológicos do comportamento esportivo há muito mais tempo – cerca de duas décadas, segundo Rubio (2000, p. 26) - que os cursos de Psicologia. Rubio analisa que só há poucos anos a disciplina Psicologia do Esporte vem surgindo nas grades curriculares dos cursos de Psicologia, “mas mesmo assim na condição de disciplina optativa” (*idem, ibid*.). Em nosso curso de graduação, na Universidade Federal de Uberlândia, ela não é oferecida sequer como optativa (informação verbal), apesar de já encontrar alguma representatividade em algumas pesquisas do programa de pós-graduação.

Dante de Rose (2000) também alerta:

> As faculdades de psicologia parecem não reconhecer a importância do esporte como campo profissional para seus egressos e não proporcionam a seus alunos a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o assunto. [...] Não possuindo essa complementação em sua formação, o psicólogo não acostumado ao esporte encontra uma grande resistência por parte dos técnicos e atletas, por não falar e não entender a linguagem cotidiana das quadras, dos campos, das pistas e das piscinas. (DE ROSE JR., p. 34).

Como têm conhecimento sobre o mundo desportivo e suas necessidades psicológicas há mais tempo que a média dos psicólogos, os profissionais de educação física que cursam especializações lato sensu ou mestrado/doutorado em Psicologia do Esporte reivindicam o direito de atuar nessa área, assim como profissionais de áreas afins na mesma situação.

> Diante disso, o profissional qualificado com formação em psicologia (APA, 1999) recebe o título de psicólogo do esporte clínico, tendo o direito de fazer psicodiagnóstico esportivo e praticar intervenções clínicas tanto para o atleta individualmente quanto em contextos grupais. Os profissionais que não possuem formação em psicologia, mas que fizeram cursos de formação em Psicologia do Esporte, recebem o título de psicólogo educacional, podendo exercer atividades tanto relacionadas ao ensino como à pesquisa, em situações que envolvem o atleta e as equipes esportivas, o desenvolvimento de instrumentos de avaliação e a análise de dinâmicas psicossociais. (RUBIO, 2000, p. 26).

Rubio por fim, analisa que essas diferenças têm suscitado muitos debates entre os profissionais envolvidos com a área e representam um convite a que continuemos a estudar e atuar em conjunto, num diálogo que só tem a nos acrescentar. "É na diferença que reside a riqueza das nossas possibilidades" (RUBIO, 2000, p. 27).

1. 3. O modelo científico e a subjetividade na contemporaneidade

> a velocidade é a forma de êxtase que a revolução técnica deu de presente ao homem. Ao contrário do motociclista, quem corre a pé está sempre presente em seu corpo, forçado a pensar sempre em suas bolhas, em seu fôlego; quando corre, sente seu peso, sua idade, consciente mais do que nunca de si mesmo e do tempo de sua vida. Tudo muda quando o homem delega a uma máquina a faculdade de ser veloz: a partir de então, seu próprio corpo fica fora do jogo e ele se entrega a uma velocidade que é incorpórea, imaterial, velocidade pura, velocidade em si mesma, velocidade êxtase. (KUNDERA, 1995, apud TEIXEIRA, 2001, p. 73).

Este trecho do romance "A lentidão", do escritor tcheco Milan Kundera, destacado muito apropriadamente por Teixeira (2001), ilustra bem o sentido de espanto com que vemos a sociedade atual, cada dia mais virtual, retirar-se gradualmente de seu corpo. Diante disso

deveríamos nos perguntar: que parte de nossa identidade se perde com isso, ou que espécie de identidade se configura no homem da assim chamada, pós-modernidade?

Vamos iniciar um pequeno diálogo sobre a subjetividade da época em que vivemos, da maneira de sentir, pensar e viver a corporalidade, para depois passarmos ao imaginário esportivo propriamente dito.

1.3.1. A mudança do paradigma científico: mudando as regras do jogo

> No dia 31 de Março de 1596, uma nobre francesa doente com uma tosse seca, talvez indicando tuberculose, deu à luz seu terceiro filho. Era um bebê fraco, doentio. Alguns dias mais tarde, a mãe morreu. Os doutores predisseram que o bebê morreria em seguida. Deve ter sido uma ocasião horrível para o pai do bebê, mas ele não desistiu. Nos oito anos seguintes, ele manteve a criança em casa, a maior parte do tempo na cama, assistido por uma enfermeira, e sob o seu próprio cuidado amoroso. A criança viveria por 53 anos antes que a fraqueza de seus pulmões finalmente a derrotasse. Desse modo foi salvo para o mundo um dos seus maiores filósofos e o arquiteto da revolução seguinte em matemática, René Descartes. (MLODINOW, 2004, p. 85).

Mlodinow (2004) prossegue na narrativa da vida do famoso pensador, contando que quando Descartes tinha 8 anos de idade, o diretor da escola jesuíta em que estudava permitiu que ele ficasse na cama até mais tarde todas as manhãs, e só deveria se levantar quando ele se sentisse pronto para se juntar aos demais. Descartes seguiu esse conselho à risca, até os últimos meses de sua vida. (p. 85).

Por quê começar um capítulo sobre a subjetividade na pós-modernidade lembrando os longínquos dias de vida de Descartes? Porque tão certa quanto a imensa e decisiva influência que este homem exerceu sobre a cultura ocidental é a crise na qual vem mergulhando seu

modo de pensar o mundo, sua racionalidade que originou oposições, se não excludentes, estanques.

Seria prematuro dizer que a noção de corpo que herdamos da derivação de seu pensamento é resultante direta de seu modo de viver sua corporalidade? O que poderíamos esperar de um homem de inteligência brilhante na matemática e de inegável valor no desenvolvimento de uma metodologia domesticadora do real, que no entanto *sofria* de um corpo que não o acompanhava e tampouco se equiparava ao seu espírito inquieto?

Para sermos coerentes com o que afirmamos e questionamos, não poderíamos tratar da subjetividade contemporânea sem falarmos um pouco sobre o modelo de pensamento do qual viemos. Talvez num estudo onde este fosse o único objetivo: analisar a subjetividade atual; poder-se-ia arriscar não fazer um retorno à história daquele fenômeno porque várias facetas do moderno seriam analisadas em profundidade, mas dado que este não é o objetivo central desta pesquisa, e nem faremos uma exploração tão ampla do tema, mas apenas uma passagem necessária para o verdadeiro objetivo estabelecido neste estudo, temos que abandonar a largueza do tema e recortar nosso foco de interesse no tempo (estaríamos sendo um pouco cartesianos fazendo isso?).

O paradigma cartesiano dominou o pensamento ocidental por servir a uma ânsia de categorização e de tornar claro o que parecia obscuro, incompreensível e assustador ao homem da Idade Média. Havia a premente necessidade de dominar a natureza, de conhecer e controlar os fenômenos humanos. E serviu muito bem durante muito tempo a esse propósito, possibilitando o desenvolvimento de métodos de pesquisa, da ciência, da tecnologia.

Entretanto, as idéias lançadas por esse modelo, que vinham a calhar e caber perfeitamente à matemática e por um tempo também à física, foi a base onde toda a ciência moderna se sustentou, inclusive as ciências humanas e sociais, e foi aí que o paradigma mostrou sua fragilidade, pelo que deixava de fora. Nestas últimas ciências, de todo modo que

se buscasse evitar a “interferência” e o “ruído” do subjetivo para uma metodologia mais científica nos moldes cartesianos, mais absurdas se tornavam as pesquisas, pois era como jogar fora a criança junto com a água da bacia, se me permitirem um dito popular aqui.

No modelo cartesiano, a subjetividade é um estorvo, um viés a ser evitado:

> Em primeiro lugar, conhecer significa quantificar. O rigor científico afere-se pelo rigor das medições. As qualidades intrínsecas do objecto são, por assim dizer, desqualificadas e em seu lugar passam a imperar as quantidades em que eventualmente se podem traduzir. O que não é quantificável é cientificamente irrelevante. Em segundo lugar, o método científico assenta na redução da complexidade. O mundo é complicado e a mente humana não o pode compreender completamente. Conhecer significa dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou. (SANTOS, B.S., 2002, p. 15).

Isaac Newton, segundo Santos (2002), através de seus estudos da mecânica, muito contribuiu para a idéia do mundo como máquina, cujas operações podem ser determinadas por leis da física e da matemática, gerando um determinismo mecanicista que pretende mais dominar e transformar o mundo, do que compreendê-lo profundamente. (p. 17).

O que, para as ciências naturais seria uma força produtiva (ignorar a perspectiva pessoal e social, isolar a natureza), nas humanas e sociais é pouco convincente e não dá conta do objeto de estudo. Por outro lado, o modelo matemático gozou da vantagem de poder construir um conhecimento uniforme, reconhecível e cumulativo.

Nós, por outro lado, temos que nos haver com a incerteza e a relatividade de nosso saber, que não tem nada de uniforme, é da ordem do estranho e quando acrescenta algo, dificilmente é apenas complementando o saber anterior, geralmente remexe toda a estrutura conhecida, e acaba decantando de maneira diferente o que já se pensava saber.

Quando Santos (2002) fala do atraso das ciências sociais em relação às ciências naturais, podemos perceber a familiaridade deste efeito com o método psicanalítico:

> Enquanto, nas ciências naturais, o desenvolvimento do conhecimento tornou possível a formulação de um conjunto de princípios e de teorias sobre a estrutura da matéria que são aceites sem discussão por toda a comunidade científica, conjunto esse que designa por paradigma, nas ciências sociais não há consenso paradigmático, pelo que o debate tende a atravessar verticalmente toda a espessura do conhecimento adquirido. (SANTOS, B.S, 2002, p. 21).

Qualquer semelhança com a crítica que Herrrmann faz às nem sempre férteis dissenções na psicanálise, não parece mera coincidência. Há as diferenças que nos enriquecem e que burilam o pensamento psicanalítico, mas as atitudes doutrinárias somente prejudicam a utilização do método psicanalítico como um todo.

> Temos consciência de que se vive hoje uma crise do saber psicanalítico e de sua linguagem, profundamente fragmentados. A fragmentação nasce de idéias fortes: como paradigma, teremos em mente a divisão entre kleinianos - compreendendo aí também bionianos, winnicotianos e o neo-kleinismo em geral – e lacanianos, com tantos matizes e mestres, por serem estas as escolas que predominam em nosso meio. É bem sabido, no entanto, que a linguagem psicanalítica mais praticada não se filia exatamente a uma destas duas tendências nem às outras escolas contemporâneas, sendo antes uma fluida e confusa espécie de jargão freudiano, que a rigor exprime a média inexistente de dez ou vinte tendências principais. A Teoria dos Campos almeja substituir esse jargão, tomando cada sistema ou teoria como um campo teórico particular e oferecendo ao conjunto desses campos o procedimento operacional compatível, que consiste em levá-los ao ponto de ruptura, lugar de sua efetiva intercomunicação. Apenas no reverso das teorias em conflito pode ocorrer a fertilização recíproca; o confronto direto dos sistemas, pelo lado direito, mistura-os e desemboca numa espécie de pântano conceitual, ou deve contentar-se em ser um árido comentário comparativo. (HERRMANN, 2001, p. 14, d).

Voltando a Santos (2002), o autor afirma que, contrariamente aos fenômenos naturais, o comportamento humano "não pode ser descrito e muito menos explicado com base nas suas características exteriores e objectiváveis, uma vez que o mesmo acto externo pode corresponder a sentidos de acção muito diferentes". (p. 22).

De acordo com este autor, a distinção sujeito/objeto é muito mais complexa do que o paradigma dominante faz parecer, a dicotomia se dissolve assumindo a "forma de um

continuum". (p. 26) A natureza já não se opõe ao homem, mas faz parte deste. O real não é um todo que se possa dividir para observar e medir. (ibid.).

Quando um determinado modelo começa a mostrar sinais de que já não serve às interpretações do mundo, instaura-se uma crise. Santos (2002) aponta que dos quatro golpes dados ao paradigma mecanicista, o primeiro deles foi oriundo de uma ciência que até então seria o corolário do modelo cartesiano. Veio da Física, através de Einstein e sua idéia da relatividade da simultaneidade. Ele teria percebido que a simultaneidade de eventos distantes não é verificável, pode apenas ser definida, sendo portanto, arbitrária. Daí que não se pode encontrar contradições nos resultados "uma vez que estes nos devolverão a simultaneidade que nós introduzimos por definição no sistema de medição. Esta teoria veio revolucionar as nossas concepções de espaço e tempo." (SANTOS, B.S., 2002, p. 25).

Santos (2002) afirma ainda que, passada a euforia científica do século XIX e da aversão à reflexão filosófica resultante disso, muito bem representados no positivismo, vimo-nos num estado de quase desesperado desejo de "complementarmos o conhecimento das coisas com o conhecimento do conhecimento das coisas, isto é, com o conhecimento de nós próprios." (p. 30).

Ao falar sobre o paradigma emergente, Santos (2002) atesta que sendo a revolução científica que ocorre atualmente uma revolução que acontece numa sociedade já revolucionada pela ciência – diferentemente da revolução do século XVI – "o paradigma a emergir dela não pode ser apenas um paradigma científico [...], tem de ser também um paradigma social[...]." (p.37).

A partir daí, Santos (2002) apresenta o paradigma emergente através de quatro teses, das quais falaremos brevemente:

A primeira: "Todo o conhecimento científico-natural é científico-social" (p.37), ou seja, a oposição ciências naturais versus ciências sociais não tem mais sentido ou utilidade.

> [...] Bateson afirma que enquanto Freud ampliou o conceito de mente para dentro (permitindo-nos abranger o subconsciente e o inconsciente) é necessário agora ampliá-lo para fora (reconhecendo a existência de fenômenos mentais para além dos individuais e humanos). Semelhantemente, [...] concebe a consciência e a matéria como interdependentes sem, no entanto, estarem ligadas por nexo de causalidade. São antes duas projeções, mutuamente envolventes, de uma realidade mais alta que não é nem matéria nem consciência. (SANTOS, B. S., 2002, p. 39)

O conhecimento do paradigma emergente rompe com o dualismo, e segundo Santos (2002), fundamenta-se na superação de distinções que por muito tempo se pensou que fossem indispensáveis. Dualismos como "natureza/cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, mente/matéria, observador/observado, subjectivo/objectivo, colectivo/individual, animal/pessoa." (p. 40) perdem consistência. Santos analisa que a superação da dicotomia ciências naturais/ciências sociais foi fundamental, mas talvez o mais importante nessa superação seja o fato de que estas ciências sejam então profundamente alteradas. "O que há nelas de futuro é o terem resistido à separação sujeito/objeto e o terem preferido a compreensão do mundo à manipulação do mundo." (SANTOS, B. S., 2002, p. 44).

A segunda tese: "Todo o conhecimento é local e total" (*op. cit.*, p. 46). Santos (2002) argumenta que na proporção em que divide arbitrariamente o real, tanto mais aumenta seu rigor. O conhecimento é mais rigoroso quanto mais restrito for o objeto sobre o qual incide. "É hoje reconhecido que a excessiva parcelização e disciplinarização do saber científico faz do cientista um ignorante especializado e que isso acarreta efeitos negativos." (p. 46).

Privilegiando a parte em detrimento do todo, perde-se a dimensão intersubjetiva do humano. Santos (2002) afirma que na psicologia, a psicologia aplicada prestou-se muito bem a isto, privilegiando instrumentos práticos de se aplicar e avaliar o comportamento através dos testes, "que reduziram a riqueza da personalidade às exigências funcionais de instituições unidimensionais". (p. 47).

O autor chega a dizer que no paradigma emergente, o conhecimento é total, mas sendo formal, é também local. Entretanto esse "total" não é no sentido de ter-se eliminado completamente as fragmentações, não chegamos a estirpar a fragmentação no paradigma emergente, mas a transformamos de uma fragmentação disciplinar para temática. Ao contrário do modelo anterior, "o conhecimento avança à medida que o seu objeto se amplia, ampliação que, como a da árvore, procede pela diferenciação e pelo alastramento das raízes em busca de novas e mais variadas interfaces." (*op. cit*., p. 48).

Dessa forma, Santos (2002) esclarece que sendo local, o conhecimento humano pós-moderno é assumidamente tradutor, pois

> [...] incentiva os conceitos e as teorias desenvolvidos localmente a emigrarem para outros lugares cognitivos, de modo a poderem ser utilizados fora do seu contexto de origem. [...]
> O conhecimento pós-moderno, sendo total, não é determinístico, sendo local não é descritivista. É um conhecimento sobre as condições de possibilidade. [...] Um conhecimento deste tipo é relativamente imetódico, constitui-se a partir de uma pluralidade metodológica. Cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada. Só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste entre cada língua que pergunta. (SANTOS, B. S., 2002, p. 48).

A terceira tese que Santos (2002) apresenta sobre o paradigma emergente é: "Todo conhecimento é autoconhecimento" (p. 50). Ele explica que a distinção sujeito/objeto nunca foi tão pacífica nas ciências sociais quanto o foi nas ciências naturais, pois "os objetos de estudo eram homens e mulheres como aqueles que estudavam" (p. 50). Mas mesmo dentro das ciências físico-naturais, o regresso do sujeito já havia sido "anunciado pela mecânica quântica ao demonstrar que o acto de conhecimento e o produto do conhecimento eram inseparáveis." (p. 51).

> Hoje sabemos ou suspeitamos que as nossas trajetórias de vida pessoais e colectivas (enquanto comunidades científicas) e os valores,

> as crenças e os prejuízos que transportam são a prova íntima do nosso conhecimento, sem o qual as nossas investigações laboratoriais ou de arquivo, os nossos cálculos ou os nossos trabalhos de campo constituiriam um emaranhado de diligências absurdas sem fio nem pavio. No entanto, este saber, suspeitado ou insuspeitado, corre hoje subterraneamente, clandestinamente, nos não-ditos dos nossos trabalhos científicos. No paradigma emergente, o caráter autobiográfico e auto-referenciável da ciência é plenamente assumido. (SANTOS, B. S., 2002, p. 53).

A quarta e última tese apresentada por Boaventura: "Todo o conhecimento científico visa constituir-se em senso comum". Nada mais anti-cartesiano do que o saber desorganizado e assistemático do senso comum. Santos é categórico ao afirmar: "A ciência moderna produz conhecimentos e desconhecimentos. Se faz do cientista um ignorante especializado faz do cidadão comum um ignorante generalizado." (p. 55).

> É certo que o conhecimento do senso comum tende a ser um conhecimento mistificado e mistificador mas, apesar disso e apesar de ser conservador, tem uma dimensão utópica e libertadora que pode ser ampliada através do diálogo com o conhecimento científico. [...]
> O senso comum faz coincidir causa e intenção. [...] O senso comum é prático e pragmático [...] O senso comum é transparente e evidente; desconfia da opacidade dos objectivos tecnológicos e do esoterismo do conhecimento [...] O senso comum é superficial porque desdenha das estruturas que estão para além da consciência, mas, por isso mesmo, é exímio em captar a profundidade horizontal das relações conscientes entre pessoas e entre pessoas e coisas. O senso comum é indisciplinar e imetódico; [...] O senso comum aceita o que existe tal como existe; privilegia a acção que não produza rupturas significativas no real. Por último, o senso comum é retórico e metafórico; não ensina, persuade. (SANTOS, B. S., 2002, p. 56).

O que o autor argumenta é que sozinho, o senso comum é limitador por ser conservador, e pode "legitimar prepotências", mas quando dialoga com o conhecimento científico "[...] pode estar na origem de uma nova racionalidade. [...] Na ciência pós-moderna o conhecimento científico só se realiza enquanto tal na medida em que se converte em senso comum". (SANTOS, 2002, p. 57).

Por estarmos numa fase de transição e de revolução dos padrões científicos, a incerteza se instala, melhor então é exercê-la em vez de a sofrer, como analisa Boaventura. Ele encerra sua exposição com uma conclusão que mais parece uma instigação à curiosidade humana, nesse novo horizonte: "A condição epistemológica da ciência repercute-se na condição existencial dos cientistas. Afinal, se todo o conhecimento é autoconhecimento, também todo o desconhecimento é autodesconhecimento". (p. 58).

1.3.2. A questão do sentido na psicanálise de hoje: jogando no intervalo

Faremos apenas uma breve análise segundo a ótica de Figueiredo (2007), que encontra ecos na visão da busca que esta pesquisa empreende.

Detenhamo-nos um pouco na questão do sentido na contemporaneidade, segundo Figueiredo. Superada a hegemonia do método cartesiano, a modernidade caracteriza-se grandemente pela ambivalência, segundo Figueiredo (2007). Este autor faz uma interessante articulação da questão do sentido hoje, no novo modelo científico que acompanhou o nascimento do século XXI.

Figueiredo (2007) comenta o livro "Jamais fomos modernos", de Bruno Latour. Nesse livro, percebe-se com facilidade que a tarefa da modernidade era a ordem, como vimos com Boaventura no capítulo anterior. A tese de Latour seria a de que "jamais fomos os modernos que pretendíamos ser: procurando os `puros´ produzimos os `híbridos´ inclassificáveis; [...]" (FIGUEIREDO, 2007, p. 2).

Contudo, a julgar pela crítica à dissociação e fragmentação no método cartesiano, e sempre que se fala em cisão, fica subentendida a idéia de que no início, houve uma

unidade.(p. 6). Para Figueiredo (2007), chama a atenção a questão do sentido nos modelos cartesiano, romântico e iluminista:

> Para os romantismos o sentido dá-se no plano metafísico e absoluto da Unidade, da coincidência, da harmonia e "fazer sentido" é restaurar os vínculos das partes com o Todo. Para os iluminismos, o sentido é dado e garantido pelo exercício de alguma soberania, em particular pela soberania da [sic] espírito (se possível transcendente) e da linguagem (se possível matemática). "Fazer sentido" seria reduzir o mundo ao mental e ao lingüístico. Quando, porém, tenta-se inverter as hierarquias e coloca-se um sentido inscrito no corpo, dando a esse, uma primazia de origem, ainda não se saiu em absoluto do mesmo campo cultural, apenas criaram-se novos problemas conceituais, talvez insolúveis. [...] Quanto às disciplinas, o sentido se identificaria com a funcionalidade e a complementaridade das partes, todas submetidas a um projeto pragmático indiscutível. "Fazer sentido" seria estabelecer relações funcionais e complementares entre as partes. (FIGUEIREDO, 2007, p. 10).

De que forma a psicanálise lida com a questão da permanência, superação ou transcendência da dicotomização?

Figueiredo acredita que é preciso superar não só o platonismo, mas também o "platonismo invertido" da primazia dos afetos, e a crença de que algo como "sentido" exista formado e definitivo. "Pensemos o `fazer sentido´ apenas como consistindo nas atividades de discriminar e articular que são próprias a todos os seres vivos. Sentido é o que se faz quando se discrimina e se articula e só nessas atividades ele `existe´". (p. 10). Pois é certo que o sentido "não reside em parte alguma, nem no espírito, nem na linguagem, nem no corpo, nem nos afetos." (*ibid.*)

O autor então traz de volta à clínica psicanalítica esse pressuposto , propondo a idéia de fazer sentido como um processo de "dar passagem" e afirma que caberia a seguinte palavra de ordem: "que os afetos passem às linguagens, que as linguagens passem aos corpos, que os corpos passem aos afetos, que cada um dê passagem aos demais, e assim por diante." (FIGUEIREDO, 2007, p. 11).

Logo, para ele a clínica seria vista como a possibilidade de uma saúde transitiva, e do "*standing in the spaces between*", de Bromberg. Figueiredo cita um expressivo trecho do último livro deste autor, que vale a pena repeti-lo aqui:

> Saúde é a habilidade de permanecer nos espaços (intervalos) entre realidades sem perder nenhuma delas – a capacidade de sentir como um inteiro sendo muitos. "Permanecer nos espaços" é um jeito de dizer sobre a relativa capacidade de uma pessoa de abrir espaço a qualquer momento para uma realidade subjetiva que não está prontamente contida no que ele experiencia como "eu" nesse dado momento. (BROMBERG, apud FIGUEIREDO, 2007, p. 11, tradução nossa).

Figueiredo (2007) finaliza sua exposição ponderando que esse "permanecer nos espaços" (tradução nossa) implica em "renunciar aos significados definitivos, às identidades inequívocas, à alergia diante das alteridades próprias e alheias." (p. 12).

> Para além da clínica psicanalítica e sua ética, descortina-se uma nova militância cultural dedicada a criar territórios existenciais mais ricos, mais diversificados e menos desautorizadores, mais aptos ao acolhimento dos corpos, dos afetos e das linguagens em toda a sua multiplicidade indisciplinada. (FIGUEIREDO, 2007, p. 12).

1. 3. 3. O corpo da subjetividade contemporânea: o manual do usuário

O mal-estar de nossa época desenha-se de maneira bastante ruidosa, fazendo bastante estardalhaço, segundo Birman (2003). Para este autor, as modalidades de sofrimento psíquico onde o imperativo dos impulsos entravam em conflito com as interdições, deram lugar a um mal-estar que se evidencia agora "nos registros do corpo e da ação". (p. 1).

Desse modo, Birman (2003, p. 1) analisa que as pessoas têm cada vez mais apresentado queixas difusas que se localizam no corpo, dores variadas e inespecíficas,

sensações de esgotamento traduzidas na atualmente popular palavra “stress”. Disso decorre que preconiza-se no imaginário social os cuidados com o corpo para uma existência mais saudável.

> Das andadas cotidianas às massagens orientais, passando pelos exercícios regulares, as academias de ginástica se transformaram num dos templos da atualidade. Sem esquecer do Spa, é claro, que se inscreve também na cartografia naturista de nosso imaginário, como lugar obrigatório que é agora para a invenção saudável da corporeidade. Tudo isso temperado com dietas e suplementos vitamínicos, para a reposição de substâncias essenciais ao organismo e dos anti-oxidantes que nos garantirão a juventude eterna. (BIRMAN, 2003, p. 1-2)

A essa nova organização, chamada de “cultura do somático” por Birman, vem somar-se um dos braços mais polêmicos dessa tendência: um intenso processo de medicalização. Das cirurgias plásticas, aos intermináveis exames preventivos, “nunca se consumiu tanto medicina e medicamentos como hoje”.(p. 2).

A compulsão ao consumo, os distúrbios alimentares, as síndromes de pânico, são importantes vetores da atualidade para a compreensão dessa corporalidade que se configura, gerando por isso, muitas pesquisas que indagam sobre essas questões.

Entretanto, é na medicalização e na busca por um corpo perfeito que nos demoraremos ainda um pouco mais aqui.

> Acuado e paralisado, invadido que é pela fragmentação corporal, pela incerteza e pela suspensão de si, o sujeito age de maneira atabalhoada para encontrar alguma forma de tônus que funcione como um centramento e vertebração de si mesmo. Não estou discutindo aqui a eficácia real disso, já que as compulsões se inscrevem no registro do imaginário e seus efeitos são sempre de curta duração. Por isso mesmo, têm que ser repetidas infinitamente, constituindo aquilo que Freud denominou de compulsão à repetição, já que sua eficiência como ato é quase nula.
> .....
> A violência gratuita caracteriza a subjetividade atual, se evidenciando freqüentemente como passagem ao ato, isto é, como uma descarga

> psicossomática com nulo potencial de simbolização. (BIRMAN, 2003, p. 3-4).

Birman (2003, p. 5) afirma que "o mal-estar contemporâneo se caracteriza como dor e não como sofrimento. [...] a subjetividade atual não consegue mais transformar dor em sofrimento". Para entender a diferença que Birman vê entre os dois é preciso entender que a dor se fecha sobre si mesma, não abarcando lugar para o outro.

> Assim, a dor é uma experiência marcadamente solipsista, restringindo-se o indivíduo a si mesmo, não revelando este então qualquer dimensão alteritária. Daí a passividade que domina sempre o indivíduo quando algo em si dói, esperando que alguém tome uma atitude por si na sua dor. Se isso não ocorre esta pode mortificar o corpo do indivíduo, minando o somático e forjando sempre o vazio da auto-estima. [...] Imersa que fica na dor, portanto a subjetividade contemporânea se evidencia como essencialmente narcísica, não se abrindo para o outro, de forma a poder dirigir para este um apelo. (BIRMAN, 2003, p. 5)

Já o sofrimento "é uma experiência essencialmente alteritária." (p. 5). Na subjetividade que sofre, o outro está sempre presente e é a esse outro que lhe dirige uma demanda. Sua dimensão é de atividade, "no qual se inscreve sempre a interlocução na experiência do sofrimento". (*ibid.*) A subjetividade aqui admite sua incompletude, não é auto-suficiente.

> Depreende-se então que se corpo e ação são os registros por excelência do mal-estar hoje, isto se deve à condição solipsista da subjetividade na atualidade, coartada que esta é de qualquer interlocução com o sujeito. Este se restringe cada vez mais aos registros pragmático e funcional, perdendo então sua dimensão simbólica. [...] A instrumentalização do corpo pela medicalização e pelo naturismo encontra aqui o seu canteiro de obras, enfim, na medida que se inscreve aqui a matéria-prima para a produção e a disseminação destes discursos sobre a saúde.
> Em decorrência disso, alguns autores enunciam decididamente que assistimos hoje ao retorno da **barbárie**, no contexto do apogeu da civilização técnico-científica e da sociedade pós-industrial. (BIRMAN, 2003, p. 5-6).

Birman (2003) conclui que devido a esses impasses, ficamos amesquinhados como sujeitos, “nos exercitando nas ginásticas e massagens exóticas, atribuindo valores mágicos para as dietas, quando não francamente intoxicados por tranqüilizantes e antidepressivos, incapazes que somos de criar mediações no mundo.” (p. 6).

Sobre o consumo cada dia mais indiscriminado de medicamentos que percebemos nitidamente nos nossos dias, pode-se dizer que é um dos frutos do imediatismo que essa não-mediação com o outro acaba produzindo. Se não se pode remeter ao outro, tampouco se pode entrar em contato com o vazio, com a falta ou frustração de qualquer espécie.

Pelegrini (2003) empreende uma reflexão sobre o abuso de psicotrópicos, e afirma que a droga deixou de ser usada apenas para o tratamento da loucura, passando a ser receitada para os “pequenos `mal-estares´ cotidianos e da `dor-de-existir´, com um conseqüente aumento da medicalização das dificuldades psíquicas e emocionais. Para cada mal, a Psiquiatria passou a ter um remédio.” (p. 39) Isto também assujeita o indivíduo, pois o aliena da sua participação na doença e gera os chamados “paraísos artificiais” (p. 40).

> A temporalidade já não é a mesma. Predomina agora, sob a ordem do *imediato*, a exigência de se alcançar, ontem, o modelo ideal. Com essa urgência, o processo, antes de constituir-se em trajetória para uma meta, é vivido como obstáculo a ser superado. Experimenta-se, como da ordem do insuportável, o adiamento da satisfação que seria alcançada ao serem atingidos os ideais. Assim, todos os meios para alcançar resultados favoráveis – e imediatos – tornam-se válidos.
> Impera, hoje, o apelo emblemático ao prazer. Um prazer que não se resume apenas à ausência de sofrimento, mas que há de ser intenso, imediato, não-negociável. O imperativo é: “quero agora, quero muito, quero tudo, e sempre.” O discurso social idolatra a posição de plenitude alcançada sem muito esforço. [...] Já não se valoriza a satisfação “pequena”, “ordinária”, “comum”; o máximo de prazer – e que seja imediato – é o que se quer. (PELEGRINI, 2003, p. 39).

A autora analisa ainda que é a modernidade que vê na melancolia um problema, possivelmente por ameaçar a capacidade produtiva do indivíduo e o ideal de eu glorificado

que a cultura de espetáculo e da performance propagandeia. O comum dos homens, ao não se ver encaixado nesse perfil, busca essa realização nem que o seja à custa de se drogar. (PELEGRINI, p. 39-40).

Mais adiante, Pelegrini (2003) conclui: "O problema é o homem contemporâneo não aceitar mais os chamados `altos e baixos da vida´, o que faz com que muitas pessoas se considerem `anormais´ por não compartilharem desse entusiasmo esfuziante." (p. 42).

Deixando a questão dos fármacos, é preciso ainda que compreendamos que corpo é esse que habitamos hoje, numa época em que a vivência pessoal é sistematicamente substituída pela vivência virtual. Hoje não se tem mais que ir ao banco ou à loja, pode-se resolver tudo pela Internet, jogos virtuais dão a emoção outrora buscada nos esportes, com a comodidade de não gastar com transporte, não se arriscar a não encontrar vaga em estacionamento, torcida barulhenta, e com a comodidade do lar. Até mesmo cultos e ritos religiosos podem ser encontradas em DVD, dispensando o fiel da presença física. Comunidades e amigos são feitos sem que nunca se tenham visto em carne e osso. Então que corpo é esse, desse tempo da "presença virtual" e onde a informação busca alcançar a velocidade do pensamento?

Vejamos antes o que o dicionário Aurélio define como "virtual":

> **1.** *Adj.* Que existe como faculdade, porém sem exercício ou efeito atual. **2.** Suscetível de se realizar, potencial. **3.** *Filos.* Diz-se do que está predeterminado e contém todas as condições essenciais à sua realização [Opõe-se a *potencial* e *atual*]. (FERREIRA, A. B. H., 1984, p. 1465).

Herrmann (2004), discutindo o fenômeno da obesidade que se alastra atualmente, afirma que o homem sempre esteve em desconformidade com o corpo, desconformidade expressa através da estética, ideais ascéticos, militarismo, e o anseio por superação da natureza, o "anseio de sublimidade".

> No entanto, é difícil reconhecer outro período histórico em que fosse tão problemática e tão declaradamente artificial a relação com o corpo próprio. O homem, hoje, está literalmente posto diante de seu corpo, e não dentro dele ou num estado imanente, e condicionado à autocontemplação. Ademais, mesmo dentro desse condicionamento, o corpo passou de objeto estético a massa de modelagem. Escultura corporal, academias, dietas de todo o gênero, mais imaginativas ou, quem sabe as piores, mais efetivas, recursos de cirurgia plástica utilizados como cuidado cosmético do dia a dia, toda a parafernália das intervenções estéticas, isso tudo não deixa margem à ilusão de estarmos ainda habitando o corpo costumeiro. (HERRMANN, 2004, p. 3).

Herrmann e Minerbo (2004) analisam essa questão do corpo oco, desprovido de imanência, como um reflexo do consumismo e da negação da morte, pois quando acusamos a medicina de estar atrasada, "estamos afirmando que nosso corpo, este composto de órgãos e de todas as suas próteses físico-químicas atuais [...], nada mais é que um elo intermediário na cadeia do progresso corporal." (p. 7).

> Não é inocente a mudança terminológica que nos leva a trocar a palavra banha por colesterol, ou massa por glicídio. Ao fazê-lo, nosso corpo deixa de ser o veículo da alma, da consciência, do prazer e da posteridade, para fechar-se sobre si mesmo, numa transcendência ao contrário. É mais que um corpo provisório, que serve para agir, gozar e morrer, mas também é menos que isso. Primeiro, o corpo encerra-se em si mesmo, é uma entidade autônoma. Depois, expulsa seu sujeito psíquico para uma posição de certa exterioridade com respeito a seu corpo, como a de qualquer pessoa que lida com um instrumento complicado e embaraçoso. De fora, dirigimo-nos hoje a nosso corpo como a um instrumento que deve ser tratado responsavelmente, ou seja, receber os cuidados de manutenção apropriados. Revisão, manutenção, abastecimento adequado – quem pode ignorar que esta linguagem nova é apenas o reflexo do livro maior de nosso século: o *Manual do Usuário*? (HERRMANN & MINERBO, 2004, p. 7).

Nosso corpo está então de novo ou ainda desprovido de alma, à maneira da filosofia platônica, mas parece haver aí uma diferença. No ideal platônico, o corpo é o veículo da alma, instrumento e escravo do espírito; hoje, nossa alma é que parece escrava desse corpo do qual tentamos cuidar tão bem e que nos é dado por fora.

Arriscando aqui um resumo, estamos todos numa subjetividade que não faz mediação, que dói mas não sofre, cujo corpo é "desnaturado" já que carece de simbolização, assujeitados por instrumentos artificiais que nos tiram a capacidade de sentirmo-nos partícipes de nossa mazelas, reeditamos uma barbárie, e acreditamos ter um paraíso que perdemos e que *temos* que recuperar, ainda que à custa de químicos e que só o êxtase compensa, numa cultura do somático e da busca da perfeição, com um corpo possuído por fora.

Se nesse processo de biologização da vida e do tamponamento da angústia com medicamentos, ficamos todos assujeitados; não seria inapropriado indagar a este ponto de nosso estudo: e o atleta, onde fica nisso? O que é veiculado através dele, o que ele sofre, que influência tem, nessa ordem das coisas? Ou ainda, como é influenciado por elas?

1. 4. O Olimpismo e o esporte moderno: de Aquiles a Ronaldo

O esporte vem acompanhando as mudanças sociais e políticas, praticamente desde que o homem aprendeu a contar o tempo. Hoje o esporte espetáculo atrai multidões e é veículo tanto para construção de carreiras, quanto para a realização de negócios.

> Entendo que a construção de valores culturais no mundo contemporâneo se dá em diversos contextos sociais, inclusive na prática esportiva. Tendo os meios de comunicação de massa sido o principal veículo de divulgação desses feitos nas últimas quatro décadas do século passado, assistimos a um processo de deslocamento de sentido da vitória e da derrota esportiva para o campo da política, da economia e das questões sociais como um todo. (BOURDIEU; BROHM apud RUBIO, 2006).

Como Rubio aponta no trecho acima, esse deslocamento se deu à custa do abandono de alguns valores instituídos pelos Jogos Olímpicos, como o amadorismo e o *fair-play*. Por

questão de estabelecimento de prioridades – ainda nem chegamos ao suporte teórico desta pesquisa, há muito ainda que caminhar - não faremos aqui uma história detalhada da evolução dos Jogos Olímpicos desde a Grécia Antiga até os jogos da era moderna. Rubio já o fez, extensa e profundamente, não só o estudo da evolução dos jogos, mas também a análise do significado e da importância do fenômeno esportivo no imaginário atual. Portanto, aos que desejarem uma leitura mais aprofundada sobre esse tópico tão importante, mas tão extenso, remeto à leitura das obras citadas aqui, de autoria de Rubio, principalmente as obras "Heróis Olímpicos Brasileiros", "O Atleta e o Mito do Herói" e "Medalhistas Olímpicos Brasileiros", arrolados na referência bibliográfica.

Vamos, no entanto, nos deter em alguns fatos e reflexões fundamentais para o entendimento da situação atual do esporte profissional.

Existem versões diferentes para o surgimento dos Jogos Olímpicos, mas sabe-se que os jogos da antiguidade eram realizados para celebração dos deuses:

> Os jogos Pan-Helênicos, denominação de quatro grande competições – Jogos Olímpicos, Píticos, Ístmicos, e Nemeus – eram realizados para celebrar homenagens a deuses como Zeus, em Olímpia, Jogos Olímpicos; Apolo, em Delfos, com o nome de Jogos Píticos; em Corintio, festejavam-se os Jogos Ístmicos a Poseidon; em Nêmea, os Jogos Nemeus, dedicados a Héracles; os Jogos Heranos, dedicados à deusa Hera, esposa de Zeus, com a participação exclusiva de mulheres; e os jogos Fúnebres, considerados os mais antigos e talvez precursor dos Jogos Olímpicos, eram dedicados aos mortos, como descreve Homero, na Ilíada, sobre a homenagem a Pátroclo; as Panatéias, evento realizado em honra a Athena, [...]. (RUBIO; 2001, p. 112).

Rubio (2001), explica que na Antiguidade, os Jogos Olímpicos tiveram sua origem atribuída a Héracles (ou Hércules), que em honra do rei Augias, morto num combate "durante a conquista da cidade de Elis, instituiu em sua memória competições atléticas que vieram a se chamar Jogos Herácleos." (p. 113). Héracles , nascido na ilha de Creta, teria ainda proposto aos irmãos "um concurso pedestre para se exercitarem na corrida, dando origem ao primeiro

gênero de competição: o atletismo" (*ibid.*). Há também outra versão envolvendo Pélope, avô de Héracles.

De acordo com Rubio (2001), independente de qual seja a versão mais próxima da verdadeira, o importante é que entendamos que os Jogos Olímpicos eram tão importantes para o povo grego que durante sua realização eram proibidos conflitos ou batalhas de qualquer espécie, "os soldados eram proibidos de pegar em armas ou participar de conflitos armados, mesmo contra povos invasores, para que atletas e espectadores pudessem chegar a Olímpia sem sofrer qualquer tipo de ataque." (p. 114).

A autora conta em seguida um episódio narrado por Heródoto que ilustra bem a dedicação aos Jogos como uma expressão de uma educação física nobre e "praticada *por amor a si* e em honra aos deuses". (p. 114):

> Ele conta que em 480 a.C., o rei Xerxes conduziu os exércitos do Oriente através do Helesponto, conquistou a Tesalia, abriu por traição o paço marítimo das Termópilas e entrou na Grécia, que estava, ao que parecia, desprevenida e indefesa. Ao interrogar uns desertores famintos da Arcádia, perguntou-lhes sobre o que faziam os gregos naqueles momentos cruciais. A inesperada resposta foi: "Estão celebrando as Olimpíadas" (75ª Olimpíada). O rei Xerxes continuou indagando: "Qual é o prêmio das competições?", "Uma coroa de louros" foi a reposta. Então, um dos comandantes persas disse pensativamente ao general Mardonios: "Temo por nós, se nos levam a combater contra homens que não lutam por ouro e prata, mas por virtudes viris!" (op. cit., p. 114).

O esporte, para os gregos, era tão importante na formação do homem, que era considerado "um dos três pilares da educação da criança e do jovem, juntamente com as letras e a música. [...] O valor da ginástica era apreciado pela capacidade intelectual que poderia comunicar. Segundo Platão, em *Timeo: O mais parecido com a agilidade mental é a agilidade corporal*". (RUBIO, 2001, p. 115). Ou seja, nessa época, a idéia que predominava era do corpo como instrumento da alma, o ideal platônico, mas a cultura grega acreditava no desenvolvimento de ambos, e não de um em detrimento do outro.

> Enfim, a ginástica persegue objetivos físicos, espirituais e morais. [...] Como considerava o homem um conjunto que congregava corpo e alma, a ginástica era inseparável da cultura mental. Segundo essa doutrina, o efeito formativo dos exercícios era visto pelos gregos na resistência à dor, no desenvolvimento da sensatez assim como na formação de um grande sentido de honra, sobretudo, a generosidade considerada a coroa das demais virtudes. Apenas o homem fisicamente completo era considerado portador da força e superioridade necessárias para enfrentar os revezes da vida. (RUBIO, 2001, p. 115).

No entanto, os exercícios físicos não eram para todos, mas apenas para os cidadãos, o que então significava os homens livres, nascidos de pai e mãe atenienses e estrangeiros que obtinham permissão para se fixar na Atica, os metecos, mas que praticavam seus exercícios em outro ginásio. Os únicos que eram integralmente excluídos da prática física eram os escravos e as mulheres. (*op. cit.*, p.115 – 116).

A juventude sempre foi associada à rapidez, representando até mesmo sua própria essência, de acordo com Rubio (2006) portanto nos Jogos, a corrida de velocidade era a "apoteose". O nome do vencedor dava nome à festa olímpica e a ele era dada "a honra de acender o fogo sagrado" (p. 148):

> Era lei em Olímpia que o nome do vencedor da prova da volta do estádio, algo por volta de 100 metros rasos, tivesse seu nome impresso na porta do estádio olímpico, garantindo ao atleta a imortalidade , se não física, moral. Os nomes desses atletas encontram-se em Olímpia até os dias atuais, no estádio e no museu olímpico. (RUBIO, 2006, p. 148).

O episódio narrado anteriormente por Heródoto e trazido a nós por Rubio (2001), é emblemático de uma pedra de toque do olimpismo, que é o amadorismo. Após vermos um pouco do contexto do nascimento do ideal olímpico, fica mais fácil entendermos esse conceito e a razão de ter sido tão difícil o seu lento e agonizante abandono. Outra diferenciação que é importante que façamos aqui é entre os termos *Olimpíadas* e *Jogos Olímpicos*, que não são sinônimos. Segundo Rubio (informação verbal), Jogos Olímpicos

referem-se aos jogos propriamente ditos, e Olimpíadas, ao período de tempo que se conta, de quatro anos, entre cada edição dos Jogos. Ou seja, mesmo no caso de suspensão dos Jogos, (como aconteceu por ocasião da primeira guerra mundial, quando o que viria a ser os VI Jogos, em 1916, não terem acontecido; em 1920 realizou-se os VII Jogos), conta-se as Olimpíadas da mesma forma, sem interrupção.

Antes de falarmos do amadorismo, porém, Rubio (2006) alerta que é importante lembrar que "o termo Olimpismo refere-se ao conjunto de valores pedagógicos e filosóficos do Movimento Olímpico, e não aos aspectos formais e/ou burocráticos que sustentam a instituição e o fenômeno olímpico". (RUBIO, 2006, p. 58).

Alguns autores (TUBINO, 2001; TEIXEIRA, 2001) são mesmo enfáticos em criticar o distanciamento do ideal olímpico para o que a prática desportiva tem se tornado através da história, sendo utilizado para criação de mercado e manipulação político-econômica, consonante com o capitalismo ocidental. Por isto é tão importante essa diferenciação que Rubio faz entre valores, princípios, e instituição.

Em sua obra "Os Senhores dos Anéis" (*The lords of rings*), Simons e Jennings (1992) foram contundentes quanto a isso, criticando duramente o poder econômico por destruir os ideais olímpicos "tão duramente defendidos por Pierre de Coubertin ao longo de sua vida". (RUBIO, 2006, p. 75).

A intenção do Barão de Coubertin ao trazer os Jogos Olímpicos para a época moderna era fazer do esporte um meio de vida educativo, moral e social, produzindo mudanças no plano "dos indivíduos, das sociedades e das nações" (RUBIO, 2006, p. 57).

> A idéia inicial e, que posteriormente foi perpetuada, era da celebração de uma competição de caráter internacional, com realização quadrienal, cujos participantes estariam vinculados a representações nacionais.
> .....

> A proposta de criação da instituição nessas bases guardava preocupações com a isenção, autonomia e independência de um movimento que se propunha internacional, apolítico e apartidário.
> .....
> A prática de indicação pelo próprio Comitê persiste até os dias atuais e seus membros são considerados *embaixadores dos ideais olímpicos* em seus respectivos países e não delegados de suas nações junto ao Comitê, numa tentativa de destituir aqueles que lidam com o esporte de qualquer relação com manobras políticas. Isso vem representar um paradoxo uma vez que embora não haja representação nacional dentro da estrutura burocrática do COI, a um atleta só é permitido participar de uma edição dos Jogos Olímpicos desde que tenha os índices necessários, obtidos em situações em que ele tenha representado seu país em eventos internacionais. Ou seja, é vetada a participação independente de qualquer pessoa, mesmo habilidosa, sem que ela defenda as cores de uma bandeira nacional. (RUBIO, 2006, p. 56 – 57).

Para tristeza do Barão, a tentativa de manter as Olimpíadas como um evento mundial pacífico e imune aos conflitos políticos tem sido sutilmente ou violentamente frustrada ao longo das já várias edições dos Jogos. Sutilmente, porque as conquistas alcançadas pelos atletas nos Jogos têm sido, por vezes, usadas como propaganda dos sistemas políticos seguidos por seus países de origem, numa clara tentativa de usar a vitória olímpica como mais um emblema de sua supremacia sobre os outros povos.

Para isso, tentativas nem tão sutis assim já foram feitas tentando conseguir esse objetivo, como o episódio narrado anteriormente, ocorrido nos Jogos de Berlim, em 1936, quando Hitler tentou manipular o comitê para facilitar o sucesso de seus anseios políticos. Para desgosto dos alemães, a outra edição dos Jogos que ficaria marcada na história pela – desta vez, violenta - interferência dos conflitos políticos, aconteceu também em seu país, embora dessa vez tenham sido vítimas dessa violência: os Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, apelidados de “Jogos do Terror”. Rubio (2004, a) nos conta como foi:

> No dia 5 de setembro, a Vila olímpica de Munique foi invadida por membros do grupo palestino Setembro Negro, um do braços armados da Organização para Libertação da Palestina, que matou durante a invasão dois membros da delegação israelense e seqüestrou outros

> nove. Apesar das muitas autoridades envolvidas nas negociações, no momento da retirada, no aeroporto da cidade, uma ação policial provocou a morte dos nove atletas, de cinco terroristas e de um policial alemão. Apesar da tragédia nunca antes vista na história do Movimento Olímpico, o presidente do COI, Avery Brundage, daria continuidade às competições, lamentando o ocorrido e afirmando uma condição apolítica do Movimento Olímpico, que há muito já não existia. (p. 103).

Nestes mesmos Jogos, de acordo com Rubio (2004, a), o nadador Mark Spitz, que conquistara sete medalhas de ouro, subiu ao pódio bastante preocupado em mostrar a marca do tênis que usava, "dando início a um período de associação da imagem do atleta vencedor com artigos esportivos e outros, abrindo caminho para a tão temida profissionalização." (p. 103).

Atualmente, os Jogos Olímpicos se dividem em Jogos de Inverno e de Verão (alternados a cada dois anos) e ocorrem de quatro em quatro anos, como na Antiguidade. Segundo Rubio (2006), a importância do evento, no entanto, aumentou muito desde a primeira edição dos Jogos na Grécia, em 1896, até os Jogos de Sidney em 2000:

> As modalidades saltaram de 9 para 26. Os países participantes passaram de 13 para 197. De 250 atletas homens na Grécia o total entre mulheres e homens em Sidney ficou em torno de 10 mil. A evolução dos números é um bom indicativo de que na atualidade os Jogos Olímpicos adquiriram a importância e o prestígio de que desfrutavam na Grécia Helênica, embora as razões para isso sejam bastante distintas.
> Para os gregos, os Jogos representavam um momento de trégua nas guerras e conflitos de qualquer ordem para que competidores e espectadores pudessem chegar a Olímpia. Ao longo desses cento e quatro anos de competições, os Jogos Olímpicos da Era Moderna já sofreram interrupção por causa das duas Grandes Guerras e boicotes promovidos por Estados Unidos e União Soviética na década de 1980, indicando que o Movimento Olímpico não está alheio às questões sociais e políticas do mundo contemporâneo, como desejava Pierre de Coubertin. (RUBIO, 2006, p. 59 - 60).

Apesar dos problemas apontados, os Jogos Olímpicos continuam sendo o sonho de todo atleta, a ponto de possuir um significado diferente das demais competições regionais e

mesmo nacionais, devido entre outras coisas, à periodicidade com que acontece. Quatro anos é muito tempo na carreira de um atleta, e se ele não consegue um bom desempenho nos Jogos Olímpicos, isto pode ter efeitos bem diferentes em atletas que estão começando na carreira, de atletas que já não são tão jovens. Tanto que "perder uma medalha de ouro olímpica não é uma derrota qualquer. A periodicidade dos Jogos Olímpicos coloca ainda mais emoção na vida do atleta. A pergunta inevitável [...] é se ainda haverá tempo e chance para uma nova disputa depois de quatro anos." (RUBIO, 2006, p. 244).

Em se tratando de Jogos Olímpicos, onde supostamente se vai enfrentar os mais fortes, os mais rápidos, os mais velozes, os mais resistentes, o que importa não é *apenas* vencer, mas quebrar recordes. Diferenças de milésimos de segundo separam o vencedor do perdedor, ou o "simples vencedor" da prova de um novo recordista olímpico. Ou seja, o ideal não é ser o melhor daquela prova naquela edição dos Jogos, mas ser o melhor de todos até agora naquela modalidade, ser o maior do mundo, o mais forte, o mais rápido, o mais veloz de todos os tempos.

> Uma das grandes motivações de qualquer atleta que participa hoje de importantes competições nacionais e internacionais está não somente na vitória, mas justamente na luta pela conquista do recorde. Segundo Calderon (1999) a luta do atleta não é tanto contra o adversário, "mas contra o cronômetro". E continua: o pior é que os cronômetros estão melhorando (...) Há relativamente pouco tempo, os cronômetros mediam somente os décimos de segundo. Com a aparição dos cronômetros eletrônicos, se tem incorporado os centésimos e milésimos (...) e as marcas atuais são mais efêmeras que as de antes. (RUBIO, 2006, p. 162).

Rubio (2006) nos traz um episódio, ocorrido com Nelson Prudêncio, medalhista de prata e recordista mundial no salto triplo (por alguns minutos) nos Jogos realizados no México, em 1968, que ilustra bem a importância do recorde para o atleta:

> "*Quando eu saltei 17 metros e 27 a única coisa que eu lembro é que o estádio fez HUH, aquela ovação, aí o cara anunciou: Novo recorde mundial e olímpico.*"
> Apesar das recomendações anteriores do técnico, o impacto da notícia e da reação do público pegou Prudêncio desprevenido.
> "*O circuito desligou quase totalmente. Eu não esperava uma coisa dessas, recorde mundial e olímpico... Naquele instante eu comecei a chorar... Ainda faltava mais dois saltos... Pra mim já tava bonito, já não queria mais nada... Você fica assim, extasiado*."
> A emoção de viver a superação materializada no recorde fez Nelson desacreditar nos próximos saltos e na potência de recuperação dos adversários para roubar sua marca. Viktor Saneyev fez 17 metros e 39, tirando de Nelson a medalha de ouro, mas não o prazer de subir ao pódio na segunda colocação. (RUBIO, 2006, p. 87, grifo do autor).

1. 4. 1. O amadorismo: "Não servirás a dois senhores"

Pierre de Freddy, mais conhecido por seu título nobiliárquico de Barão de Coubertin, foi o idealizador e fomentador do projeto de trazer os Jogos Olímpicos da antiga Grécia para os tempos modernos, com o objetivo de universalizar a instituição esportiva. (RUBIO, 2001, p. 129).

> Inspirado nos jogos da Grécia Helênica e no modelo educativo das escolas públicas britânicas, esse aristocrata francês via o esporte como um fator indireto para o equilíbrio entre as qualidades físicas e intelectuais – *mens sana in corpore sano* (mente sã em corpo são) – e assegurar a paz universal.
> .....
> Foi então criado um comitê com representantes de várias nacionalidades, indicados pelos participantes do encontro para organizar aquela edição dos Jogos, dando origem ao COI – Comitê Olímpico Internacional – em 1894.
> .....
> Regidos desde então por princípios fundamentais contidos na Carta Olímpica, os Jogos Olímpicos pautaram-se por um conjunto de valores que são a referência fundamental do Movimento Olímpico até os dias atuais, que refletiam a formação do Barão de Coubertin. (RUBIO; 2001, p. 129 – 130).

Como o esporte teve sua origem numa prática aristocrática – os pobres não tinham tempo livre para a prática desportiva – e sendo visto como uma forma de combater o ócio de

forma educativa para os filhos da classe burguesa, o amadorismo consistia numa preocupação em manter os valores morais e espirituais do esporte. Segundo Rubio (2006), como o esporte era apregoado como um privilégio de poucos, não é de se estranhar que o amadorismo tenha sido um dos pilares do movimento olímpico.

> Preocupados com a perda do controle da prática esportiva originária em seus domínios, aristocratas e burgueses lançaram-se em defesa dessa atividade alegando que a permissão para o seu exercício seria dada apenas àqueles que pudessem tê-la para uso no tempo ocioso, distanciando o trabalhador da participação em esportes institucionalizados e dos Jogos Olímpicos. (p. 66).

A autora continua, ponderando que para o mundo capitalista era fácil fazer a distinção entre atletas amadores e profissionais:

> Amador era todo aquele atleta que não recebia qualquer bem ou valor em troca de sua atuação esportiva. Profissional, por sua vez, tinha a sua força de trabalho, a performance, paga pelos clubes que negociavam passes e salários, gerando a razão de ser do capitalismo: o lucro. Já para os participantes do chamado bloco do leste, o argumento da socialização dos meios de produção era utilizado para negar a existência de profissionais do esporte, afirmando a condição amadora de todos os seus atletas-cidadãos. (RUBIO; 2006, p. 66).

A polêmica ideológica é grande, sendo muitos os argumentos tanto contra como a favor do amadorismo. O atleta que não seguisse à risca esse preceito não podia participar dos Jogos, e caso se descobrisse mais tarde que o desportista havia burlado essa norma, tinha suas medalhas confiscadas. Algumas das estórias mais amargas na história do esporte decorreram de apreensões de medalhas, uma vergonha e descrédito moral para o atleta que enfrentava tal acusação, nem sempre justa. Rubio (2001) analisa que o amadorismo já foi um tabu tão grande quanto o doping, pois era considerado uma virtude humana básica e fator *sine qua non* para o atleta olímpico (p. 132). A autora relata um caso brasileiro envolvendo esse tema:

> Vale lembrar que o bi-campeão olímpico brasileiro Adhemar Ferreira da Silva, depois de conquistar a medalha de ouro no salto triplo em Helsinque, recusou a oferta de doação de uma casa, feita por um jornal de São Paulo como prêmio por seus feitos, porque ainda pretendia competir e temia que aquele gesto pudesse ser interpretado como atividade remunerada, pondo em risco sua condição de amador. Vale ressaltar que esse atleta só conseguiu sua casa própria depois de encerrar sua carreira de esportista. (RUBIO, 2001, p. 132).

Rubio (2006), identifica o amadorismo como uma preocupação para o COI tão grande quanto os próprios Jogos:

> Se para os dirigentes a questão era basilar para os atletas tinha quase a mesma representação e poder que a Santa Inquisição na Idade Média. Ser acusado de profissional, principalmente em caso de vitória, significava ter os títulos cassados e o banimento do mundo olímpico. (p. 128).

Para Donnely (apud RUBIO, 2001), o amadorismo é a base do Olimpismo, mas por ter surgido dentro de uma moral vitoriana e não combinar com os objetivos capitalistas, é "uma atitude em extinção no mundo olímpico." (p. 133).

Carlos Arthur Nuzman, atual presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) defende a queda do amadorismo, num texto que, segundo Rubio (2001), se pretende defensor do Olimpismo: *A idéia do Olimpismo se adaptou a um novo mundo, onde não há lugar para o amadorismo, onde a competitividade é feroz e o doping uma ameaça. Mais que nunca é preciso preservar o ideal olímpico.* (apud RUBIO, 2001, p. 133). Parece o princípio de uma nova ética.

Rubio (2006) conclui: "E como uma *hola* o profissionalismo invadiu de forma inexorável os Jogos Olímpicos, sendo hoje impensável outra condição que não essa para o desenvolvimento de um atleta que deseja estar entre os primeiros colocados do mundo." (p. 129). Os desdobramentos desse movimento são notáveis, segundo a autora: "As denúncias de

corrupção e de doping nunca estiveram tão presentes no Movimento Olímpico como na atualidade." (*op. cit*., *ibid*.).

1. 4. 2. O *fair-play*: acordo de cavalheiros

De acordo com Rubio (2006), William Shakespeare foi o primeiro a utilizar esse termo, numa situação em que nada tinha a ver com o esporte, e que "a partir de 1880 foi incorporado ao esporte para designar um tipo de conduta". (p. 60).

O *fair-play* é um dos elementos fundamentais do movimento olímpico, segundo Rubio (2006):

> O *fair-play*, ou "espírito esportivo", ou "jogo limpo", ou "ética esportiva" pode ser definido como um conjunto de princípios éticos que orienta a prática esportiva, principalmente do atleta e também dos demais envolvidos com o espetáculo esportivo.
> O *fair-play* presume uma formação ética e moral daquele que pratica e se relaciona com os demais atletas na competição, e que este atleta não fará uso de outros meios que não a própria capacidade para superar os oponentes. Nessas condições não há espaço para formas ilícitas que objetivem a vitória, suborno ou uso de substâncias que aumentem o desempenho. (p. 60).

A origem do *fair-play* pode ser reconhecida na concepção de cavalheiro, ou *gentleman*, que sintetizava o ideal de homem na sociedade inglesa do século XIX. O cavalheirismo, segundo Rubio (2006), era um código de comportamento social que contemplava "a nobreza de caráter, os valores cristãos e humanistas relacionados ao Renascimento":

> A transposição para o âmbito esportivo dessa atitude social foi idealizada e empregada desde o surgimento do Movimento Olímpico contemporâneo, afirmando a relação de projeção que há entre sociedade-cultura e movimento olímpico-esporte. Entretanto, embora

> a Inglaterra representasse a principal potência no cenário geopolítico de então, exercendo uma forte hegemonia sobre países europeus e americanos, seus padrões culturais não eram universais. Sendo assim, é de se esperar que o *fair-play* também não representasse uma unanimidade. (p. 61).

Rubio (2006) observa que, assim como o amadorismo, o *fair-play* foi desenvolvido tendo como base os valores de uma cultura dominante e articulados de acordo com determinações de um pequeno grupo de pessoas que tinham a si próprios como referência. Isso por si só já dificultaria a universalização desses preceitos. A autora cita como exemplo disso, as regras para que uma nova modalidade esportiva seja aceita como esporte olímpico:

> Conforme a Carta Olímpica (2001: 78) para que uma modalidade esportiva venha a fazer parte dos Jogos Olímpicos é preciso que ela seja praticada em um mínimo de setenta e cinco países e quatro continentes para homens e em, no mínimo, de quarenta países de três continentes para mulheres. Estas modalidades terão, em um primeiro momento, apenas caráter de exibição, e em sendo reconhecidas e aprovadas passam a fazer parte do programa oficial. (RUBIO, 2006, p. 62 – 63).

Lenk (apud RUBIO, 2006) apresenta duas formas possíveis de se entender e aplicar o *fair-play*:

> - **o fair-play formal:** que está relacionado diretamente ao cumprimento de regras e regulamentos escritos e formalizados que o participante da competição deve cumprir, em princípio, sendo considerado uma "norma obrigação" (*must norm*). É o comportamento normatizado, caracterizado como um comportamento objetivo.
> - **o fair-play não formal:** relaciona-se ao comportamento pessoal e aos valores morais do atleta e daqueles envolvidos com o mundo esportivo. Não está limitado por regras escritas e é legitimado culturalmente. A ausência de uma regulamentação oficial confere a ele um caráter subjetivo. É o comportamento efetivo influenciado pelos estados emocionais e motivacionais. (p. 63 – 64).

Por fim, Rubio (2006) analisa que apesar de ser caracterizado como "uma abordagem normativa e conservadora" da conduta esportiva, o *fair-play* foi de fato usado como referência e orientação de conduta pelos atletas, mesmo que não o fosse todo o tempo. A autora conclui que os Jogos Olímpicos já não possuem o purismo sonhado pelo Barão de Coubertin, "que idealizava o esporte como um momento de celebração quase religiosa entre os povos" e que na atualidade os Jogos tornaram-se significativos não só do ponto de vista esportivo, mas do econômico e político. (p. 65). Teixeira (2001) é mais ácido em sua crítica à configuração atual do esporte no mundo:

> O esporte reflete as categorias do sistema capitalista e corrobora uma dinâmica permeada pela competição, rendimento, avaliação e recorde; racionalização, fragmentação e especialização; produção do homem-máquina e do atleta-robô; e pela vivência abstrata e alienada. Promove o praticante a um verdadeiro operário do esporte, submetendo-o aos mecanismos de um processo que ele não controla, bem como da ideologia do mercado (mercadoria), que é reflexo da ideologia dominante.
> Essa ideologização do esporte, através do *fair play*, do "importante é competir", da "defesa da pátria", da "promoção social", do "embrutecimento intelectual" e "doutrinamento moral", constituiu-se num engodo por mais de um século. Atualmente o esporte é norteado, principalmente, pela mercantilização do espetáculo esportivo, característica que levou ao surgimento de uma verdadeira indústria do esporte.
> Resultado ou não disso, o esporte é para a sociedade contemporânea um fato social, não importando o quanto se está envolvido com ele. (TEIXEIRA, 2001, p. 84).

1.5. O atleta de alto nível: um herói de calcanhar frágil

Vários são os motivos que fazem com que alguém inicie uma prática desportiva. Alguns desses motivos podem ser: recomendação médica, lazer, compensação estética de algum ponto considerado fraco do corpo, diminuição da agressividade (no caso de crianças

muito agitadas e nervosas), aumento da agressividade (no caso de crianças apáticas e de constituição física frágil), redução do stress e a tão decantada qualidade de vida.

Eventualmente, de uma prática esportiva casual e descomprometida, o indivíduo pode se ver atraído por um exercício mais intenso e profissional daquela prática podendo, por incentivo do professor de Educação Física, da escola e da família, tornar-se um desportista por profissão. Outras vezes, é já com vistas ao profissionalismo que o jovem inicia-se num esporte, sendo recrutado numa categoria de base de alguma modalidade, e então treinado para ascender para o nível profissional à medida que se desenvolve e caso demonstre uma performance à altura do exigido. Esta progressão não se dá tão facilmente para a maioria, muitos jovens são rejeitados logo no início, justificadamente ou não e voltam para suas cidades bastante desiludidos, pois o esporte em geral representa uma esperança de independência financeira mais rápida para uma grande maioria. Os pais muitas vezes contribuem para incutir nas crianças a marca dessa relação imaginária.

Há ainda as situações em que a prática desportiva brota de uma particularidade na vida de uma criança, ou jovem. Neste caminho, vários poderiam ser os exemplos, mas vamos nos deter um momento no caso de um atleta olímpico brasileiro, o cavaleiro Álvaro Affonso de Miranda Neto, ou Doda. A motivação que teve para a prática do hipismo começou na infância, devido a um grande temor que tinha e que lhe vinha em sonhos, um cavalo negro. O papel dos pais foi muito importante no seu processo de tornar-se um atleta do hipismo, pois sua compreensão de que a superação desse medo era muito importante para o filho (e não o contrário), fez com que se dedicassem a ajudá-lo nesse intento. Segundo Rubio (2004), sua família vivia em São Paulo e ia nos finais de semana para a casa do avô em Caxambu, sul de Minas, onde cavalgavam. Ele tinha 9 anos quando o pai, inspirado pela vontade de superação do filho, o levou para a Hípica de Santo Amaro, em São Paulo, onde então o cavalgar passou

a ser uma atividade cotidiana. Mas os cavalos da hípica fizeram renascer o medo do cavalo dos sonhos.

Rubio (2004) nos traz seu relato sobre esse medo, que também era uma grande atração:

> Desde muito pequenininho eu sempre tive uns sonhos estranhos, com um cavalo preto que me seguia nas ruas, que me seguia pra eu ir pro colégio, que ficava sempre atrás de mim. Eu tinha alguma coisa de diferente com cavalo, mas não tinha medo de bicho nenhum, mas do cavalo eu tinha um pouco mais de respeito porque aquilo muitas vezes me assustava à noite.
> .....
> Ao invés de descansar e acordar tarde, [em Caxambu] eu tinha um prazer muito grande em acordar cedinho com meu pai, tomava café e passava a manhã inteira montando a cavalo... Eu comecei a me identificar mais com os cavalos.
> .....
> [...] Só que quando eu vi aqueles cavalos da Hípica, [...], eu levei um susto muito grande... O cavalo de Caxambu devia ter uns 350 quilos, de repente eu tava me vendo em cima de um cavalo de 600 quilos, quase o dobro, e aí voltou o medo. (citado em RUBIO, 2004, 261 – 262).

De acordo com Rubio (2004), durante a semana, sua mãe o ajudava, montando na primeira metade da aula, para ajudá-lo a perder o medo e assim, mais confiante, ele montava o restante da aula. Nos finais de semana o pai também o acompanhava, mas usava de um outro recurso de persuasão: jogava-se de cima do cavalo, para mostrar que não doía. Tive a oportunidade de ouvir o relato de Doda sobre esses acontecimentos numa entrevista que deu na madrugada de 26 para 27 de Abril deste ano, no Programa do Jô, no canal Globo, onde repetiu essa narrativa exatamente da forma que Rubio nos relata, mas acrescentando um pequeno detalhe, quando chegou nessa parte da queda do pai, do cavalo. Ele completara: "Mas eu via que ali [apontando o cotovelo] tinha um arranhão..." Detalhe que poderia não significar muito em outras abordagens teóricas, mas para a psicanálise, não só esse detalhe, mas todo o seu relato é extremamente interessante, e lembra muito o famoso caso do pequeno

Hans e sua fobia de cavalos, tratado por Freud. É quase irresistível a tentação de interpretar aqui (ou na análise dos resultados), mas isso seria mais adequado se estivéssemos fazendo um estudo de caso, e não é esse nosso propósito.

Apenas trouxemos esse relato para mostrar como são profundas e arraigadas as razões que levam alguém à prática desportiva, muito mais humanas e fascinantes do que uma mera preocupação estética, ocupacional ou sanitarista.

Já vimos que a Psicologia do Esporte não estuda apenas o esporte de rendimento, mas de agora em diante é somente a ele que estaremos fazendo referência. Rothig (1983) assim o define:

"Esporte de alto nível é o esporte competitivo praticado a nível regional, nacional e internacional, com o objetivo do desempenho máximo absoluto. Os principais critérios são recordes e sucesso internacional." (citado em WEINECK, 1991, p. 14).

Feijó (1992) toca em questões bastante interessantes da psicologia do atleta; ele começa falando da espera. O atleta que se apresenta primeiro "economiza em ansiedade de espera" (p. 82).

> Em compensação, joga no escuro, sem nenhum referencial, a não ser a própria expectativa. [...] Do segundo atleta em diante, a competição fica diferente. Agora, já se estabeleceu uma marca, como ponto de referência – se ela quebrou ou não o recorde da modalidade, o importante no momento é que ela deve ser ultrapassada, custe o que custar. Nesta ocasião, [...] o atleta deixa de exibir-se em função de tudo aquilo que adquiriu, para exibir-se em função dos atletas que ele precisa derrubar. (FEIJÓ, 1992, p. 82)

O autor explica que "músculos não reagem assim, sob medida e sob encomenda", e se a marca alcançada pelo adversário for próxima da marca que nosso atleta consegue atingir, os nervos do atleta se tranqüilizam, gerando mais concentração e força motora. Mas se a marca for muito acima do que o atleta consegue quando dá seu máximo; o que poderá ocorrer, em termos de estimulação endócrina e da dinâmica motora, segundo o autor, dependerá muito

dos recursos aprendidos de enfrentamento em situações de crise, da auto-aceitação do atleta, de suas defesas emocionais, de sua história de vida, enfim.

> É por isso que, em momentos assim, críticos, alguns atletas se agigantam, enquanto que outros se aniquilam – é este dado psicológico que vai determinar se a marca do outro será ou não ultrapassada. Este ambiente emocional ficará tanto mais complicado, quanto maior for o tempo de espera. (FEIJÓ, 1992, p. 82).

Quando a tarefa é atribuída a uma equipe de atletas, a vantagem é que se pode dividir os problemas, o suporte físico e moral assume grande relevância. Mas a desvantagem, segundo Feijó (1992), é que o espírito competitivo incentivado nas equipes pode gerar competições internas.

> A mais óbvia de todas é aquela luta pra conseguir a posição de titular. A despeito das educadas declarações prestadas à Imprensa, afirmando os melhores votos pela carreira do seu titular, intimamente o jogador reserva se alegra com a contusão que o titular sofreu ontem: afinal de contas, o ferimento do colega é que vai lhe proporcionar sua "grande chance", na sua luta ardente para "lutar pela posição no time". (*op. cit*., p. 83).

Tal competição não se dá apenas por impulsos internos agressivos do atleta, mas também por pressões bem concretas, como a financeira. O time que perde não sofre prejuízos financeiros apenas a médio e longo prazos, como aponta Feijó (1992), "eles são imediatos, por causa dos prêmios extras que os jogadores deixam de receber." (p. 84).

Esta luta interna travada pelo atleta reserva, em que é levado a torcer pela queda do colega de equipe - do qual muitas vezes é amigo - pode gerar um conflito que, às vezes, transforma-se em genuína culpa, quando seu desejo supostamente secreto é satisfeito. O atleta apresenta então comportamentos estranhos e autodestrutivos para sua carreira, como provocar uma briga ou transgredir regras que o levam a ser expulso ou penalizado, causando estranheza nos colegas de time.

Em seu texto “Arruinados pelo êxito”, Freud (1987) expõe essa dinâmica interna:

> Nos casos excepcionais em que as pessoas adoecem por causa do êxito, a frustração interna atua por si mesma; na realidade, só surge depois que uma frustração externa foi substituída pela realização de um desejo. À primeira vista, há algo de estranho nisso, mas, por ocasião de um exame mais detido, refletiremos que não é absolutamente incomum para o ego tolerar um desejo tão inofensivo na medida em que ele só existe na fantasia e cuja realização parece distante; pelo contrário porém, o ego se defenderá ardentemente contra esse desejo tão logo este se aproxime da realização e ameace tornar-se uma realidade. A distinção entre isso e as situações comuns na formação da neurose consiste meramente em que, via de regra, são as intensificações internas da catexia libidinal que transformam a fantasia, até então merecedora de pouca consideração e tolerada, num oponente temido, ao passo que nesses casos o sinal para a irrupção do conflito é dado por uma mudança externa real. (FREUD, 1987, p. 359).

Para Feijó, o esporte coletivo que “suplanta todos os outros, em matéria de tensão psicológica” (p. 84) é o Vôlei, porque as equipes não têm autorização para tocar fisicamente o adversário. A proibição, representada na rede que rigorosamente demarca e divide o território amigo do inimigo, é tão rigorosa que “uma simples invasão do território é imediatamente marcada e punida pelo juiz.” (p. 84).

> Por isso, equipes de Vôlei sem preparo psicológico tendem à auto-agressão, gerando problemas sérios de cooperação tática entre os participantes. Como, por exemplo, nos casos em que levantadores não se dão bem com certos cortadores, por isso chegando a prejudicar a performance final dos colegas e, naturalmente, a do time. O Vôlei, portanto, constitui um dos interessantes casos em Psicologia Desportiva, nos quais o conceito de competição teve de ser praticamente reformulado, para incluir a dinâmica emocional da cooperação. (FEIJÓ, 1992, p. 84).

Nas competições em que o esporte acontece em raias ou pistas, Feijó comenta que não podemos esquecer que são provas com tempo reduzido de duração e isto, somado à necessidade de o atleta ter que se manter na respectiva faixa, obriga-o a se manter

concentrado em sua própria performance. “Olhar para os lados, ou para trás, pode até custar preciosas frações de segundo e a própria colocação, no final. Em outras palavras, parece que o tipo de competição, nestes casos, indicam mais um tipo de competição interna do que competição externa”. (p. 85).

Já os esportes praticados individualmente, têm problemas e exigências diferentes de um esporte de equipe. Os jogos individuais em que os adversários estão em quadras opostas, por exemplo, exigem bastante dos atletas porque, em primeiro lugar, não têm duração determinada, dependem da quantidade de pontos de cada game. Isto faz aumentar a responsabilidade sobre os atletas, segundo Feijó (1992): “Adversários com rendimentos semelhantes produzem jogos mais longos, mais ricos em ousadia, mais intensos em jogadas emocionantes e, também, produzem jogadores mais cansados, mais tensos, mais exigidos psicologicamente.” (p. 85).

E quanto à agressividade nos esportes de luta, o autor acredita que a difusão das artes marciais aqui no ocidente bem poderia constituir um convite para que o esporte de alto nível reavaliasse sua noção de competição:

> É interessante notar que os jogos individuais com contato físico entre os atletas, constituído principalmente das lutas de origem oriental, são exatamente aqueles nos quais as regras oficiais refletem mais uma filosofia de cooperação, do que competição. As competições de Jiu-Jitsu, Judô e Karatê são caracterizadas pela ausência de agressividade hostil. As lutas devem sempre demonstrar nobreza, respeito mútuo, obediência às regras e aos mestres. (FEIJÓ, 1992, p. 84 – 85).

Sem discordar de Feijó, poderíamos dizer que quanto mais perto do abismo, mais forte nos agarramos à beirada. Nos esporte de luta, o corpo do adversário está tão próximo que tais normas de contenção e respeito tornam-se imperativas, sob o risco de perder-se o limite entre competição e violência. Estas regras, além de estabelecer metas formativas do

caráter para a cidadania, estabelecem a distância para que não se propague o uso dos princípios da luta fora da situação competitiva controlada.

O controle do corpo do atleta de alto nível é um fator que preocupa alguns profissionais dedicados ao esporte. Giulianotti (2002), critica a relação entre clube e jogador de futebol, atestando que há muita semelhança com as exposições de Foucault e Bordieu sobre a subjugação e disciplina do corpo, e que, a despeito de serem bem pagos pelo trabalho, alguns líderes profissionais sentem os clubes como organizações carcerárias:

> Nesses cenários, o indivíduo é removido das relações sociais rotineiras e deslocado para um espaço confinado. O corpo é sujeitado a novas e rígidas disciplinas, e examinado por "especialistas" [...]. A dieta e o preparo físico dos jogadores são constantemente monitorados. Relações sexuais são proibidas nas vésperas das partidas; alguns clubes tiram os jogadores de suas casas, onde moram com a família, e colocam-nos em campos especiais de treino. Durante o treino os jogadores são obrigados a um regime completo de exercícios repetitivos diariamente; não chegar na hora ou sair antes de terminar os exercícios resulta em perda de prestígio. O controle do *manager* sobre o corpo na instituição de futebol é semelhante ao do diretor do presídio, da escola ou do sargento das casernas. (GIULANOTTI, 2002, p. 144).

É importante que tenhamos em mente que o status de glamour que por vezes recobre a atmosfera dos grandes espetáculos esportivos escamoteiam as origens duras de uma categoria profissional que só adquiriu o devido respeito à custa de muita resiliência, não apenas física, mas moral e emocional.

Rubio (2004) nos lembra que, já na época moderna, o esporte era tido como algo "mais que supérfluo", e seu praticante, aos olhos de muitas pessoas – entre elas, políticos e governantes – visto como vagabundo. (p. 46). A autora conta o triste episódio ocorrido numa época em que o amadorismo ainda era uma exigência para o atleta olímpico, envolvendo o homem que os jornais, no dia de sua morte, proclamaram como herói brasileiro, Adhemar Ferreira da Silva, até hoje nosso único bi-campeão olímpico:

> Vivendo da condição de atleta amador, a rotina era feita de muito trabalho, estudo e treino. O trabalho lhe tomava todo o dia e os estudos as noites. Treinos? Conseguia fazê-los na hora do almoço e os minutos que excediam o horário eram compensados no final do expediente. Apesar dessa conduta exemplar, Adhemar não recebia qualquer reconhecimento por suas realizações. Já campeão olímpico, foi a um Campeonato Sul-americano no Chile e no seu retorno, quando recebeu o contra-cheque do mês, observou que havia sido descontado pelo dias de ausência. Questionado sobre o ocorrido, o então prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, declarou que a prefeitura era lugar para funcionários e não de esportistas vagabundos. Era mais um entre tantos obstáculos a serem superados, nada que pudesse surpreender, apenas magoar. (RUBIO, 2004, p. 47).

Cratty (1984) faz uma pergunta interessante quanto aos torcedores: "Será que os atletas gostam dos torcedores?" Segundo o autor, a resposta pode não ser o que se espera: "O que estamos acostumados a ver são atletas sempre sorridentes a assinar autógrafos após os jogos, [...] e, ao que parece, mantendo relações sociais com seus fãs. Estes, por sua vez, acham que, do momento em que apóiam seus atletas, estes devem apreciar o fato e, portanto, retribuir a amizade." (p. 202).

O autor explica que assim como em outros aspectos da conduta humana, esta expectativa às vezes de fato se cumpre, mas afirma que a verdade não é bem essa:

> Muitos psicólogos nos EUA e em outros países verificaram, após contatos com os atletas, sondando seus sentimentos, valores, motivos etc., que eles freqüentemente *não* gostam dos torcedores. Não quer isto dizer que o desempenho do atleta não seja melhor num estádio cheio, com uma torcida favorável, ou que o atleta não saiba das recompensas financeiras que podem advir da sua popularidade. Significa simplesmente que os atletas, nos níveis mais altos, não gostam dos torcedores muito ardorosos. (CRATTY, 1984, p. 202).

E uma possível razão para explicar isso é a volubilidade da torcida, que o ovaciona e carrega em triunfo num dia para vaiá-lo ou sumir quando mais o atleta precisaria de seu apoio (geralmente nas derrotas). (*op. cit.*, p. 202).

Cratty observa ainda que os atletas em geral têm consciência de que "a torcida adquire sua coragem e sucesso de maneira substitutiva, a partir do suor do atleta. O fã raramente

pratica o esporte e não corre nas partidas de futebol ou pista." (1984, p. 202). Os atletas acreditam que os torcedores só aparecem nos jogos para "fazer algazarra e aplaudir, discutindo após a vitória de `seu´ time" (*op. cit*., p. 203). Este "prazer substituto", se passar dos limites, pode fazer com que até o treinador deixe de ser bem-quisto pelos atletas: "De acordo com observações [...], o atleta fracassará, em vez de progredir, se lhe for dito que deverá ganhar por causa dos fãs, pessoas que, às vezes, eles podem menosprezar." (*op. cit*., p. 203).

Pode causar estranhamento essa mal-disfarçada hostilidade do atleta para com a torcida mais ardorosa, mas o autor analisa que seria devido à percepção do atleta de que "o prazer da torcida não é resultado de um esforço físico violento a exemplo do que acontece com o atleta." (p. 204). Cratty conclui, afirmando que "indivíduos com grande necessidade de êxito e baixo nível de ansiedade tendem a lucrar com a presença de torcedores." (*ibid.*).

Feijó (1992), observa que o atleta vocacionado para o esporte assemelha-se ao artista, na necessidade de reconhecimento imediato: "O gesto desportivo bem desempenhado traz-lhe bem-estar interior: além desta satisfação, o atleta precisa também da gratificação que vem do exterior. Torcidas apáticas, indiferentes, fazem mal ao atleta profissional por vocação." (p. 101).

Uma figura, com certeza importante para o atleta é o técnico, ou treinador. Vivendo longe da família na maior parte do tempo, muitas vezes ele é a única pessoa com quem o atleta mantém algum contato mais próximo. Nem sempre isso é o que acontece, no entanto. Devido à clara distinção na hierarquia de poder, o atleta dificilmente conta seus problemas para o técnico, seja porque não quer expor suas fraquezas e ser discriminado, ou simplesmente porque essa liberdade não lhe é dada, criando-se um vínculo apenas profissional entre eles.

Outros técnicos já são vistos como figuras paternas, que orientam além da prática esportiva. De acordo com Rubio (2004), João Carlos de Oliveira, ou "João do Pulo", recordista mundial do salto triplo nas Olimpíadas de Montreal, em 1976, e reconhecido mundialmente, tinha um relacionamento bem mais próximo com seu técnico, Pedro Henrique de Toledo. Pedrão, como era chamado, envolvia-se emocionalmente com o esforço e empenho de seu atleta, acreditando profundamente na capacidade de João, sendo seu grande entusiasta. Quando João do Pulo sofreu um acidente automobilístico nas vésperas do Natal de 1982, que lhe causara traumatismo craniano e muitas fraturas na perna direita, somente o técnico estava lá naquele momento decisivo de sua vida:

> Após vários dias internado e muitas cirurgias, a equipe médica se viu obrigada a amputar sua perna, interrompendo, aos 27 anos, a carreira de um dos grandes atletas brasileiros.
> E novamente a relação entre Pedrão e João se mostrou mais do que profissional ou passageira. Diante da ausência de parentes e amigos, era o técnico que estava no hospital para tomar essa difícil decisão.
> "*Fui eu quem tive que assinar o termo de compromisso para amputar a perna do João. Não tinha ninguém por perto... O João perdeu a perna, perdeu a alegria, perdeu os sonhos*."
> .....
> O ostracismo após o acidente e o insucesso em outros empreendimentos o aproximou de hábitos de vida que o distanciavam ainda mais daquele campeão que havia sido, querido e respeitado. Só e desencantado com a vida que levava, tornou-se alcoólatra e desenvolveu uma cirrose hepática que o levou à morte em 1999. (RUBIO, 2004, p. 115, a).

Quanto ao futebol, Piza (2002) afirma que a alegação de que seria o esporte mais democrático do mundo por não definir de antemão seus atletas baseado em características físicas e por requerer onze pessoas com um objetivo comum, de fato procede, pois

> Altos e baixos, esguios e robustos, rápidos e não tão rápidos, todos os fenótipos podem se adequar ao jogo. É difícil, por exemplo, pensar em outro esporte em que Romário, um dos maiores artilheiros da história, se daria tão bem: ele não poderia ser profissional em basquete, vôlei, natação, atletismo, em quase nada. O próprio destaque do Brasil viria desse fator: por não exigir muita estatura nem

> muito dinheiro para ser praticado, ele rapidamente se tornou o esporte mais popular do país. E como envolve um número grande de participantes e é jogado com os pés, que não possuem o controle e o autocontrole das mãos, cria uma combinação de variáveis que o torna um espelho social importante, com seus reflexos psíquicos. (PIZA, 2002, p. 4).

Praticar como profissão, um esporte que muitas vezes representa um dos poucos motivos de destaque internacional de um país que luta para deixar a condição de terceiro mundo perante os países europeus e norte-americanos, tem uma grande dose de expectativa, traduzida em pressão para uma boa performance. Giulianotti (2002) comenta que o futebol já se tornou uma potência financeira e política tão grande, a ponto da Federação Internacional de Futebol (Fédération Internationale de Football Association, ou FIFA) mostrar sua onipotência

> [...] na prioridade dada ao seu torneio de futebol, a Copa do Mundo, sobre todos os outros eventos, inclusive os Jogos Olímpicos. As partidas classificatórias para a Copa do Mundo têm prioridade sobre qualquer outro jogo. (GIULIANOTTI, 2002, p. 60).

Essa hegemonia tem reflexos em todas as camadas do futebol, desde as categorias de base, juvenil até o profissional. A pressão por resultados é constante. Feijó (1992) relata o caso de um jogador de futebol que ilustra muito bem a pressão a que eles se sentem submetidos freqüentemente:

> Um dos jogadores mais bem pagos, de uma equipe carioca de Futebol, desistiu de continuar competindo, mesmo antes do término do seu contrato. Uma das alegações foi a de que ele já não agüentava as pressões vindas de todo lado. Declarando seu amor pelo Futebol, o atleta disse ter de parar como profissional para preservar seu gosto de jogar. No mesmo contexto perguntado sobre o que sentia, quando marcava seus muitos gols, respondeu melancolicamente: 'Alívio'. Pelo menos na semana seguinte, a pressão não seria tão brutal. (p.92-93).

Já Cratty (1984) descreve esse mesmo receio por parte de um técnico de futebol:

> Ouvi recentemente um técnico de futebol dizer que ele gostaria de que seu time ficasse numa boa classificação, mas não no primeiro lugar. Segundo ele, desse modo a administração e os fãs não iriam querer substituí-lo por causa de um eventual fracasso e não o pressionariam para que o time fosse bicampeão em caso de sucesso. (p. 95).

Ramirez (2003) nos fala do assujeitamento do jogador numa perspectiva lacaniana. De fato, o jogador é tratado como um objeto a ser negociado pelos clubes. No caso do jogador de futebol, seu contrato de trabalho pode ser negociado entre clubes à sua revelia, é comum dizer-se que determinado jogador teve seu passe vendido, para evitar o constrangimento de se dizer simplesmente que o jogador foi vendido. Em qual outra situação de trabalho o indivíduo chega para trabalhar e "é informado" de que vai trabalhar para outra empresa, sem que tenha participado do processo?

À medida que o jogador cresce em importância para o clube, ele adquire o poder de opinar sobre seu passe, e de aceitar ou não uma negociação e para qual clube ir, ou conforme o empresário que detém seu passe, *permite ou não* que o atleta escolha seu destino. Mas isto não é ainda para a maioria, apenas poucos privilegiados. Na maioria das vezes, o que ocorre nesse processo, é que coisifica-se o atleta, tornam-no alienado de si, impossibilitado de se constituir como sujeito desejante. Ramirez (2003) sintetiza que "Em conseqüência, o que se joga fora é o próprio sujeito".

É exatamente o fato de ser um campo de tensões extremas o que torna o esporte de alto nível um campo tão atraente para o espectador. Para o desportista, no entanto, há uma superexposição de suas maiores inseguranças. "O esporte oferece possibilidades ou até obriga cada um a se expor no campo da ação social de uma forma impossível ou desnecessária em outras áreas da vida". (THOMAS, 1983, p. 194).

1. 5. 1. O doping no esporte de alto nível: a criação de uma farsa

Em 1992, Feijó acreditava que a cultura do vencer a qualquer preço ainda ia durar muitos anos, principalmente porque os danos que ela causa são percebidos somente por uns poucos, e também porque "a maioria dos envolvidos com o desporto de alto nível são indivíduos que dão importância à ação, não se interessando muito pela reflexão" (FEIJÓ, 1992, p. 95).

Como esse autor bem o aponta, a ideologia de "o importante é competir" vale apenas no esporte praticado como lazer ou no esporte escolar e voltado para projetos sociais. É conhecida a dificuldade de um atleta ou equipe encontrar patrocínio para continuar mantendo um nível realmente competitivo em nível internacional de sua prática. E quando essa ajuda vem, isso tem seu preço. Os investidores esperam resultados e assim o atleta passa pela situação de sofrer até ameaças de desemprego quando algum campeonato se aproxima, caso não mostre a que veio.

No esporte moderno, a pressão por resultados é tão grande que até a forma de perceber as medalhas sofreu com isso. Feijó (1992) demonstra como isso acontece:

> Equipes e atletas que recebem medalha de prata nunca se orgulham do feito, dentre outras razões por que [sic] seus fãs não os parabenizam por ela. Ser vice-campeão é ser perdedor. Na cabeça tortuosamente competidora do mundo desportivo, ser perdedor e ser nada é a mesma coisa. Por causa deste mesmo raciocínio, a medalha de bronze vale mais do que a de prata: o bronze só é conferido ao que ganha do que ficou em quarto lugar. O medalhista de bronze é tão vencedor quanto o ganhador do ouro.
> O fato de que somente uma equipe muito boa chega a disputar o jogo final de um campeonato, repentinamente é obscurecido se a equipe "muito boa" é vencida na partida. Vice-campeões não se abraçam, não pulam, não gritam, não saúdam a torcida. Apenas ficam lá, apalermados, olhos sem brilho, sentados no chão, não entendendo nada, acuados pela raivosa torcida. (FEIJÓ, 1992, p. 92).

Tantas pressões para se desempenhar bem, sem falar na expectativa da família, fazem com que muitas vezes o desportista busque um caminho mais rápido para atingir sua meta de performance, utilizando o doping.

De acordo com Weineck (1991), a raiz da palavra "doping" teve origem num dialeto cafre, falado no sudeste da África, mas o esforço do homem para melhorar seu desempenho motor esportivo através da ingestão de determinadas substâncias teve início com os guerreiros escandinavos da mitologia nórdica, que ingeriam Bufoteína, extraída de um cogumelo, para aumentar 12 vezes sua força na luta.

A definição atualmente válida da Confederação Alemã de Desportos (1977) é:

> 1. Doping é a tentativa de um aumento não fisiológico da capacidade de desempenho do esportista, através da utilização (ingestão, injeção ou aplicação) de drogas pelo esportista ou por um auxiliar (por exemplo, líder da equipe, treinador, acompanhante, médico ou massagista) antes ou durante uma competição e, no caso de hormônios anabólicos, também no treinamento.
> 2. Drogas, no sentido destas diretrizes, são principalmente os derivados de feniletilamina (aminas estimulantes, efedrina, derivados da adrenalina), narcóticos, analépticas (cânfora, ou derivados ou estricnina) e hormônios anabólicos. Especificamente para cada uma das modalidades esportivas, outras substâncias, como exemplo, álcool, sedativos, psicofármacos, são consideradas também substâncias para doping. (WEINECK, 1991, p. 516).

Weineck (1991) conta que o primeiro caso documentado de doping foi em 1865 em nadadores num canal de Amsterdã. No ano seguinte, houve o primeiro caso de morte de um ciclista, causada por uma overdose de trimetil. (p. 515). A primeira vez que houve controle oficial de doping foi nas Olimpíadas em Grenoble (Jogos de Inverno) e México em 1968.

É interessante notar que o autor mencionado considera importante, ao observar os efeitos do doping, levar em conta o efeito placebo, que ele define como "aumento do desempenho devido a uma motivação psicológica inconsciente, através de preparados vazios." (p. 517). Ele cita que muitas pesquisas mostram "que os comprimidos sem

substâncias ativas provocavam aumentos de desempenho, tanto no que se refere à força quanto à resistência.” (ibid.).

Geralmente, só 80% da capacidade máxima de desempenho é acessível espontaneamente, de acordo com Weineck (1991). Os 20% restantes estão fora do alcance espontâneo e “podem ser mobilizados apenas em situações extremas (raiva, medo, perigo de vida) ou através de algumas substâncias de doping. [...] Desta forma, o limiar de proteção e segurança do corpo é aumentado e a barreira para as reservas autonomamente protegidas é quebrada.” (p. 521).

Weineck (1991) nos esclarece sobre o perigo representado por esse desrespeito aos limites do corpo:

> Quando a dose diária de 15 mg de anfetamina é ultrapassada, o dopado trabalha até o esgotamento absoluto.
> .....
> Se durante o estado de doping surgirem condições climáticas desfavoráveis, como calor muito forte, alta umidade do ar (70% da umidade relativa do ar e mais) e baixa pressão de oxigênio (altitude!), ou ainda quando ocorre uma ingestão deficiente de líquidos, então o dopado não dispõe mais do mecanismo de auto-proteção, vindo a morrer. (p. 523).

Teixeira (2001) nos traz também outro ângulo dessa questão, comentando sobre uma pesquisa que considera importante sobre o esporte, realizada por John Naisbitt e Patrícia Alburdene em 1990:

> E quando ela [a pesquisa] nos mostra que “as ligações de atletas com drogas, má conduta sexual e disputas contratuais fizeram com que eles se tornassem menos desejáveis aos anunciantes”, ou seja, que o sistema da frenética e total comercialização está refletindo em relação à utilização ou não de tão destacado parceiro em razão de que “seus problemas são uma réplica fiel demais da vida real”, é que se reitera o interesse e a motivação por uma abordagem mais específica do tema. (TEIXEIRA, 2001, p. 77).

Para Tubino (2001), “o doping é considerado , no mundo esportivo de hoje, a forma mais grave de violência existente. Ele inverte o resultado esportivo eminente [...], e atinge biologicamente o pseudovencedor, isto é, o seu usuário direto.” (p. 47 – 48).

De fato, o doping é uma violência grave porque afeta não somente e tão terrivelmente seu usuário direto, mas também porque prejudica o atleta que agindo honestamente, em geral perde a competição; além de manchar o espírito de *fair play* e os preceitos do ideal olímpico. Com o doping, não há vencedores.

> As discussões sobre o atleta dopado continuarão acadêmicas e infrutuosas, enquanto não tiverem a coragem de denunciar uma de suas causas mais perversas: a filosofia por detrás da competição externa e a convicção de que, no desporto, a única coisa que interessa é vencer, não importa o preço que seja pago. (FEIJÓ, 1992, p. 92).

Rubio (2006) afirma que há no esporte uma idéia acerca do perfil do atleta que se dopa: “envolvido com o objetivo, o primeiro compromisso desse tipo de atleta é consigo mesmo, depois com os demais e por último, com o regulamento, inviabilizando qualquer aplicação do princípio de *fair-play*.” (p. 78).

Gonçalves (1997), nome do ex-jogador Tostão, em seu livro de memórias e reflexões sobre o futebol, observa que a legislação sobre o assunto deveria ser mais “sábia” e orientar o atleta. Nem sempre, mesmo quando comprovadamente houve uso de alguma substância proibida, esse uso foi consciente. Ele lembra que “São diferentes os casos em que são encontradas pequenas doses de substâncias usadas contra resfriados.” .(p. 29). E há ainda os casos em que o jogador toma algum medicamento sem que isso lhe seja comunicado, quando a substância é misturada à bebida no vestiário, por exemplo, por um membro da equipe técnica.

Para Gonçalves (1997), o jogador comprovadamente dopado, usuário constante de drogas, precisa de tratamento médico, e não de severa punição, representada na retirada do

atleta de sua profissão, pois ele não é um criminoso, mas sim uma pessoa doente. Mais adiante, ele conta de sua experiência com o assunto:

> Na minha época, não havia exames antidoping após as partidas, e certamente existia o uso de estimulantes químicos. Socialmente era menos freqüente o uso de drogas, mas a melhor prevenção é o exame de rotina. Ouvi muitas histórias, e desconfiei várias vezes, principalmente em um Cruzeiro x Atlético. O time do Galo estava descontrolado desde o início; agressivo, violento, brigou com o juiz, e toda a equipe acabou sendo expulsa, terminando a partida.
> Um dia, entrei no vestiário do Cruzeiro, vi duas garrafas de café e desconfiei. Vários jogadores, inclusive o médico, sabiam. Chutei o balde, ou melhor, a garrafa, protestei duramente, não sei se acabou e não sei até hoje se tomei sem saber. (GONÇALVES, 1997, p. 30).

Fábio Herrmann (2001), em Psicanálise do Quotidiano, faz uma análise do modo de pensamento da racionalidade contemporânea, levando em consideração o momento histórico e sócio-político. Segundo o autor, viemos de um processo autoritário, onde idéia e ato precisavam necessariamente se equivaler, a idéia autoritária só funcionava na medida em que havia uma resistência a ela, pois na necessidade de se provar verdadeira, a idéia autoritária lançava suas bases constitutivas e adquiria *status* de *ato*.

> Teoricamente falando, a desdiferenciação entre idéia e fato, característica do processo autoritário, só consegue funcionar adequadamente na medida em que enfrenta uma resistência externa. Este gênero de pensamento está condenado a lutar infinitamente contra seu inimigo, a verdade empírica, deve constranger ao máximo a liberdade da vítima, como o faz o sádico, quase aniquilá-los; mas como o sádico que matou a vítima, sua posição torna-se insustentável quando lhe falta oposição. Se os fatos podem ser transformados a seu bel-prazer e as idéias controladas totalmente, já não existe matéria sobre que mentir e a idéia conveniente perde função, por ser universalmente aceita pelo que é: mentira que virou verdade. A liberdade de pensar, que se inaugurara com uma mentira, deu a volta completa, foi mentida pela segunda e definitiva vez na idéia conveniente; mas se a roda gira um pouquinho mais, e tal idéia-coisa impõe-se por toda parte, sentença alguma fará sentido, pois sua relação tornou-se coextensiva a seu campo. Em termos mais simples, é como se cada frase fosse seu assunto inteiro, faltando-lhe contexto, limite e conexão. (HERRMANN, 2001, p. 182, c).

De acordo com Fábio, a grande ironia é que a moralidade autoritária está sendo vítima de seu próprio projeto: querendo impor sua verdade, através da negação das contradições e seus matizes, da eliminação das diferenças, seu êxito acaba por criar uma homogeneidade impensável, que acaba por impedir seu funcionamento. Disto, desta crise do pensamento autoritário, resulta o regime da farsa: "Farsa, ou regime da *mentira mentirosa*, é um estado das relações humanas em que a honesta mentira é impossível. Pois uma proposição mentirosa não deve mentir quanto a ser uma proposição." (op. cit., p. 183).

> À medida que o mundo em que vivemos passa a ser completamente dominado por um discurso prático que o unifica, mas que lhe nega substância, as relações entre os grupos humanos vão perdendo o caráter de antagonismo entre conjuntos equiparáveis, ainda que só em tese, como o são os países e coligações nacionais. Politicamente, as guerras tendem mais e mais ao aniquilamento completo do oponente ou à sua desorganização enquanto grupo. (HERRMANN, 2001, p. 184, c).

Para Fábio, a conseqüência desse processo é a dessubstancialização e a impotência para pensar, enquanto que no regime autoritário a impotência era para reagir. Isto não elimina a dominação, mas destrói a "coesão identitária dos grupos em confronto". (op. cit. p. 185).

No esporte moderno, o adversário a vencer já não é mais o atleta concorrente, mas seus próprios limites, ou o próprio atleta. No universo das altas performances, onde os maiores atletas, representantes de suas nações, disputam não apenas quem vence, mas também quem erra menos, a farsa do doping vem oferecer uma proposta sedutora de nivelamento e superação. Seguindo bem o princípio do absurdo, o desporto estimula até o limite a constituição de um corpo-máquina, induz à turbinação do corpo, e depois pune.

As diferenças, que tornavam a competição interessante, são achatadas por essa farsa, tirando da competição sua essência: se todos a usarem e nivelarem sua potência, quem ganhará? O atleta, a nação que ele representa ou o regime da farsa? No antigo desenho animado "Corrida Maluca", a personagem Dick Vigarista sabotava os carros de Penélope

Charmosa e dos outros concorrentes para garantir a vitória. O atleta não tem poder algum sobre seus concorrentes, não podendo sabotá-los sem cometer um crime incompatível com as normas do esporte e da cidadania, já que a realidade é bem diferente dos desenhos animados; mas pode sabotar sua própria *máquina* com a mesmíssima intenção de garantir a vitória. Porque quando o atleta se dopa, está fazendo de seu corpo uma máquina que precisa ser aprimorada, seguindo a ética da subjetividade contemporânea, que busca resultados máximos em um mínimo de tempo, através dos medicamentos, num corpo que lhe pertence, mas que não habita.

1. 5. 2. O atleta e o mito do herói

Este assunto foi extensamente estudado por Kátia Rubio, no livro do qual este tópico empresta o nome. Devido à alta pertinência de sua pesquisa para o nosso assunto, ainda que dele possamos tratar apenas muito resumidamente, julgamos necessário abrir um espaço dedicado apenas a este tema. Exceto quando indicado de outra forma, todas as citações feitas neste espaço serão, necessariamente, de Rubio (2001), sendo fornecido apenas a página onde se encontra o trecho citado.

O objetivo do estudo realizado por Rubio foi basicamente, compreender o imaginário esportivo, para através dele, compreender o universo do atleta na atualidade em diferentes momentos da carreira. (p. 16). Compreendendo esse microcosmo, podemos apreender algo das relações coletivas na atualidade.

Conta a autora, que na Antiguidade os atletas que participavam dos Jogos Olímpicos distinguiam-se do restante da população já pela mera inclusão, visto que era proibida a

participação de escravos e mulheres, que não podiam sequer assistir aos Jogos. Além disso, havia "um processo iniciático para conquistar o direito ao exercício dos Jogos". (p.12).

> Em caso de vitória, além da coroa de louros recebida, o atleta vencedor gozava da glória concedida aos mais poderosos como honras políticas, isenção de impostos, pensões vitalícias, escravos, entre outras regalias. Fora isso, os feitos atléticos colocavam seu protagonista na galeria dos heróis mitológicos, indicando a impressão de seu nome em documentos e praças públicas onde esses feitos eram contados e celebrados.
> Na atualidade, a coroa foi trocada por medalhas – ouro, prata e bronze -, as honras e isenções foram transformadas em contratos publicitários milionários e o prestígio conquistado por alguns atletas que praticam modalidades organizadas, reconhecidas e prestigiadas pelo grande público, leva-os a uma posição de destaque social que beira a realeza. (p. 12).

É interessante acompanhar a narrativa que Rubio (2001) faz de dois eventos da atualidade, como um exemplo da "falta de cerimônia do locutor ou do jornalista esportivo ao se referir àquele atleta consagrado", que devido às suas façanhas, destaca-se, e referindo-se a ele como herói no campo. A primeira é sobre uma locução comovida de Galvão Bueno numa partida da final da Copa FIFA, onde "Corinthians e Vasco se enfrentaram no Maracanã lotado":

> A uma certa altura do jogo, Romário, do Vasco, sente uma dor, que se caracteriza como uma contusão, e é substituído, tirado de campo com seu time em desvantagem no placar. A câmara colocada no túnel que sai do campo capta a imagem de todo o trajeto feito pelo atleta até chegar ao vestiário, acompanhada de uma locução emocionada, que dizia com a voz embargada: "E aí vai o herói que lutou bravamente para levar o seu time à vitória. Vencido pela contusão e pela dor é obrigado a abandonar a batalha. Vai guerreiro, que a tua batalha já acabou". (p. 12).

A outra situação usada para ilustrar essa associação da imagem do atleta com o herói mítico, é o caso de Adhemar Ferreira da Silva:

> Reverenciado por seu feito raro durante sua carreira atlética, tratado com esquecimento durante a vida fora das pistas, foi ovacionado como herói por todos os meios de comunicação no dia de sua morte, tendo inclusive estampado em primeira página a manchete "Morre Adhemar Ferreira da Silva. Nosso herói olímpico voa para a eternidade". (p. 13).

Rubio esclarece que o mito do herói a que se dedica o estudo, é o herói ao qual as pessoas se referem como realizador de feitos incomuns, que tanto pode ser Hércules, Ulisses, como pode ser Luke Skywalker e que não é chamado por apenas um nome, mas vários. Ela pôde perceber que o herói esportivo estava vinculado ao herói arquetípico, o que a colocava no "território do imaginário, do regime de imagens". (p. 13).

> É na esteira da confusão entre mito e realidade que Eliade vai afirmar que o mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos "começos". Noutros tempos, o mito conta como, graças aos feitos do Seres Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, quer seja a realidade total, o Cosmos, quer apenas um fragmento: um comportamento humano,uma espécie vegetal, um acidente geográfico, uma instituição. (p. 82 – 83).

Para Brandão (apud RUBIO, 2001), "enquanto um sistema de comunicação, uma mensagem, o mito é como uma metalinguagem, já que é uma segunda língua na qual se fala da primeira, é um modo de significação." Rubio afirma que "nenhum outro mito foi tão cultuado e se mantém por tanto tempo como o mito do herói." (p. 87).

Nessa cosmogonia, o nascimento dos heróis é anunciado por oráculos, que traz bons presságios ou premonições agourentas que sinalizam por vezes um destino que se cumprirá na rejeição e no abandono. Assim, nem todos os membros da raça heróica conseguem destacar-se, a maioria deles, depois da morte, tem como destino o Hades.

> O Hades é [...] denominado "etimologicamente" Inferno, o lugar para onde se dirigem e permanecem todas as almas, após a morte. Depois

> de passar por julgamento, de acordo com as faltas e méritos, todos, exceto os deuses, recebiam a sentença que ordenaria como destino o Tártaro, cárcere dos que haviam cometido grandes crimes, especialmente contra os deuses; os Campos Elíseos, para onde iam as almas dos justos; e a Ilha dos Bem-aventurados, reservada aos heróis, lugar de desfrute da felicidade eterna. (p. 89).

Para Rubio, apesar da distância entre heróis e deuses não ser muito grande, o homem se coloca mais próximo do herói, "talvez por sua genealogia semi-humana, do que dos deuses, esses sim ilustres e inatingíveis. Isso porque esses personagens são representações simbólicas da psique total, entidade que supre o ego da força que lhe falta." (p. 88).

Quanto à mediação com a sociedade e a família, essa associação do atleta com o herói também cobra seu preço:

> Se por um lado sua condição de atleta diferenciou-o de uma grande parcela da população, permitindo que goze de privilégios reservados a poucos, por outro essa mesma condição o faz amargar isolamento e distanciamento de situações vividas por semelhantes. E essa é uma das condições vividas pelo herói arquetípico.
> .....
> Como observado em estudo anterior, submetido a uma rotina desgastante de treinos e jogos, o atleta se vê envolvido por questões como a ausência de contato com a família, super-exposição na mídia e a impossibilidade de admitir – para si e para o público – suas fragilidades, angústias e incertezas, posto que ainda que uma figura mítica, nosso herói contemporâneo não habita o Olimpo nem bebe da ambrosia com os deuses, mas estabelece relações afetivas e sofre com os transtornos que cercam a vida de um atleta que também é cidadão. (RUBIO, 2001, p. 97 – 98).

Em nossos dias, vemos no atleta de alto nível uma espécie de herói onde quadras, campos, piscinas e pistas assemelham-se a campos de batalhas em dias de grandes competições. Mas Rubio afirma que não é apenas a disputa que identifica o atleta ao herói.

> O caminho para o desenvolvimento dessa identidade envolve etapas comuns ao mito: há uma chamada para a prática esportiva, que em muitos casos significa deixar a casa dos pais e enfrentar um mundo desconhecido e, por vezes, cheio de perigos. Sua chegada ao clube representa a iniciação, propriamente dita, um caminho de provas que

> envolve persistência, determinação, paciência e um pouco de sorte. A coroação dessa etapa é a participação na Seleção Nacional, seja qual for a modalidade, lugar reservado aos verdadeiros heróis, onde há o desfrute dessa condição. E, finalmente, há o retorno, muitas vezes negado, pois devolve o herói à sua condição mortal, e na tentativa de refutar essa condição são tentadas fugas mágicas (como a desmotivação em retornar ao seu time de origem), porém, por paradoxal que seja, é apenas nesse momento que ele encontra a liberdade para viver. (RUBIO, 2001, p. 99 – 100).

Seria interessante notarmos que nesse mundo patriarcal dos heróis, não havia lugar para as mulheres. Se elas tampouco podiam assistir aos Jogos Olímpicos - que dirá participar – também não teriam um lugar privilegiado nessa cosmogonia fantástica. Segundo a autora, "excetuando apenas algumas deusas que vão à guerra, à caça e outras atividades essencialmente masculinas como Athena e Ártemis, o heroísmo é uma função masculina" (p. 91).

Morin (apud ibid., p. 102) afirma que, na atualidade, esses personagens criados e sustentados pela mídia, seriam olimpianos modernos, modalidade nova de olimpismo que nasce do imaginário.

> Os novos olimpianos são, simultaneamente, magnetizados no imaginário e no real, simultaneamente, ideais inimitáveis e modelos imitáveis; sua dupla natureza é análoga à dupla natureza teológica do herói-deus da religião cristã: olimpianas e olimpianos são sobre-humanos no papel que eles encarnam, humanos na existência privada que eles levam. A imprensa de massa, ao mesmo tempo que investe os olimpianos de papel mitológico, mergulha em suas vidas privadas a fim de extrair delas a substância humana que permite a identificação. (RUBIO, 2001, p. 102).

Rubio considera que a conseqüência da exploração do esporte como produto de consumo é a racionalização daquilo que ele possui de mítico. No mito, o esforço do herói é para benefício de outros, tem causas externas como a salvação da humanidade. Já no mito sustentado pelo sistema capitalista moderno, o benefício é para ele próprio "e se apresenta

por meio de signos rapidamente compreendidos e copiados como os carros importados ou a ostentação de uma vida de pseudo-fartura." (ibid., p. 104).

Apesar da dimensão econômica adquirida pelo esporte moderno, Costa (apud RUBIO, ibid.) afirma que "o homem no esporte vive dos mesmos mitos e símbolos do homem religioso arcaico". O comportamento esportivo teria como suporte uma reprodução dessacralizada do imaginário religioso arcaico:

> Pelos temas que celebra – morte simbólica, combate sagrado, procura do paraíso perdido, conquista da imortalidade – pelos rituais que o envolvem – cerimônias, festivais, desfiles de bandeiras, chama olímpica, entrega de prêmios – e pelos atores que nele intervêm – heróis, ídolos, representantes da comunidade com o estatuto de super-homens -, o desporto moderno é, no seio da nossa sociedade, uma verdadeira arqueologia dos mitos arcaicos. Os mitos mais representados são sobretudo os de ordem cosmológica e de natureza heróica. (apud RUBIO, 2001, p. 105).

Passando agora à aventura do herói, a autora nos revela os passos dessa trajetória que muitas vezes ela encontrou em sua pesquisa, com os atletas entrevistados. Faremos aqui apenas uma breve referência a elas, aconselhamos a buscar o livro para quem deseja mergulhar na riqueza desse tema.

A autora (RUBIO, 2001), referenciada em Campbell ("O herói de mil faces") relaciona as etapas da aventura do herói mitológico com a trajetória que em geral o atleta perfaz, desde que sai de casa ainda criança ou pré-adolescente (para se dedicar à carreira desportiva) até o momento em que retorna à sua comunidade de origem.

1 - *Partida e Iniciação*:

Este é o primeiro passo na trajetória padrão da aventura do herói mitológico. Na fórmula de Campbell (apud RUBIO) é o início dos rituais de passagem com o ciclo separação-iniciação-retorno. Representa o momento em que o atleta, geralmente ainda muito

jovem, é retirado do convívio com a família para se dedicar ao clube que o recrutou, sediado em outra cidade, ou através de viagens constantes.

> Essa trajetória envolve a ida de um herói vindo do mundo cotidiano para uma aventura numa região de prodígios sobrenaturais. Ali ele encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva, para depois retornar de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes.
> A primeira das etapas é representada pela alteração de uma rotina de vida e uma organização familiar já estabelecidas e não programada. É o chamado da aventura, primeiro estágio da jornada mitológica. (p. 172).

2 - *A busca do caminho*:

Nesse ponto, o atleta muitas vezes passa por ritos iniciáticos, ou seja, é apresentado a todo o tipo de rotina a que terá que se habituar, as habilidades que deverá desenvolver ou fortalecer e será avaliado quanto à sua resistência emocional às provações.

> Se o início da jornada é marcado por um chamado, em que se descerram as cortinas de um mistério de transfiguração, o momento seguinte do périplo do herói se constitui na passagem por um limiar. As surpresas de um novo parâmetro de vida estão sendo conhecidas e a única certeza que se tem, diante do inesperado, é que o devir comporta muitos perigos.

3 – *O retorno*:

Esse momento coincidiria com a fase em que o atleta retira-se do exercício da profissão, devido a limitações impostas pela idade – diminuição considerável da flexibilidade, resistência, força, velocidade - ou por uma lesão da qual ele não se recupera inteiramente; e é chegado o momento de voltar, trazendo consigo os espólios de sua luta.

> O retorno, ou a última etapa para que o círculo completo se forme, caracterizando o monomito, pode estar marcado por diversos

> elementos, como a recusa, a fuga mágica, o resgate com auxílio externo ou a liberdade para viver.
> A recusa do retorno é marcada pela necessidade do herói iniciar o trabalho de conduzir de volta suas conquistas ao reino humano, trazendo consigo os símbolos que motivaram sua aventura.
> .....
> Na jornada heróica, essa atitude pode servir à renovação da comunidade, da nação, do planeta ou de dez mil mundos, porém, poderes mágicos, sobrenaturais ou mais fortes que a vontade de voltar impedem que essa tarefa se complete. (p. 178).

A autora chama atenção para o fato de que em geral, a vida do atleta é vista pelo senso comum como uma infinda sucessão de "regalias, fama e sucesso financeiro". Como ele é visto só no momento do espetáculo esportivo – e cuja duração dificilmente ultrapassa duas horas – "o atleta é invejado na sua condição vitoriosa, mesmo que venha a ser derrotado em alguns momentos de sua carreira." No entanto, o caminho que percorre até chegar à posição de titular de um time ou seleção nacional é repleto de "provas de resistência e de persistência". (p. 175).

> Não bastasse as dificuldades inerentes à prática, a rotina de treinamentos, concentrações e competições leva o atleta a um distanciamento da família e da rotina de vida que o transforma em um sujeito excêntrico e cheio de manias. Essa excentricidade, longe de ser patológica, é uma condição vivida pela falta de tempo para as pequenas coisas, para o cotidiano que remete as pessoas à sua condição humana.
> .....
> Esse esforço todo acaba por ser justificado pela necessidade de perfeição. *Tudo pelo melhor desempenho, tudo pelo profissional*. Essa máxima coloca a escanteio relações pessoais e familiares em detrimento do melhor desempenho. Não basta apenas ser bom, há que ser o melhor. Mas vale não esquecer que a perfeição, mais que uma característica heróica, é uma condição divina. (p. 175).

Por fim, a autora considera que é preciso superar o pragmatismo do senso comum, que acredita ser o lucro a única motivação para o atleta permanecer na sua carreira, visto todo o périplo de provações por que passa a maioria dos atletas que chegou a um nível altamente competitivo.

"O encerramento da carreira em geral marca o início de uma nova etapa de vida", que geralmente é vista como a oportunidade para se dedicar a atividades que podiam apenas ser planejadas durante a carreira esportiva, e que, com "a perda da identidade profissional de atleta, precisam ser resgatados". (p. 214). Terminamos nossa exploração do território imaginário esportivo analisado por Rubio, com uma pergunta:

Será que após tantos anos de dedicação exclusiva ao esporte, afastado da família e de qualquer possibilidade de construção de relacionamentos sólidos, tendo seu corpo revirado, remexido, controlado e domesticado pelo condicionamento imposto por sua profissão, tendo até mesmo sua alimentação, sua vida sexual e horários de sono subjugados a uma prévia autorização e controle; será que após conviver tanto tempo com signos de dominação de seu corpo – que, se por um lado o coartavam, por outro, também o definiam e ofereciam um simulacro de segurança - o atleta que se aposenta, vê esse momento como uma libertação, ou como um período de uma angustiante insegurança? No último caso, Gide (1982) o teria dito bem mais apropriadamente: "Toda escolha é assustadora quando nela se pensa: assustadora uma liberdade que um dever não guia mais".

1. 6. A Teoria dos Campos

> Onde começa o destino? Onde acaba a natureza? Que diferença há entre um acontecimento e uma estação, entre um pesar e uma chuva, entre uma virtude e uma estrela? Uma hora não é uma onda? Continua o movimento da roda, sem responder ao homem, em sua revolução impassível. O céu estrelado é uma visão de rodas, de pêndulas e de contrapesos. É a contemplação suprema forrada da suprema meditação. É toda a realidade e mais a abstração. Nada além daí. O homem sente-se preso. Fica à discrição da sombra. Não há evasão possível. Vê-se ele naquele composto de rodas, é parte integrante de um Todo ignorado, sente o desconhecido que está fora dele. Isto é o anúncio sublime da morte. Que angústia e, ao mesmo tempo, que fascinação! Aderir ao infinito e por essa aderência atribuir-se uma imortalidade necessária, quem sabe? Uma eternidade possível sentir

> na prodigiosa vaga desse silêncio universal a obstinação insubmersível do eu! Contemplar os astros e dizer: "Sou uma alma como vós!" Contemplar a obscuridade e dizer: "Sou um abismo como tu". (Victor Hugo)

Não seria coerente com o que discutimos até agora sobre o método cartesiano de pensamento e pesquisa, se principiássemos este capítulo com o esperado histórico do nascimento da teoria. Seria muito interessante sem dúvida, mas reporto os leitores à importante obra de Leda Herrmann (2004, vide referência bibliográfica), em sua tese de doutorado, que fez a historicização das teorizações e do pensamento de Fábio Herrmann muito melhor do que poderíamos fazê-lo aqui. Não nos parece que seja fácil a tarefa de falar de uma nova teorização sem falar de sua história, pois uma coisa está entrelaçada na outra, inevitavelmente. Portanto, ao sacrificar o lado evolutivo da idéia para abraçá-la na sua composição atual, não pretendemos ignorar essa história, mas tão somente manter a concisão de um trabalho. Além disso, temos a preocupação bastante prosaica com espaço e tempo – nosso, de escrever, e do leitor, para ler.

Acreditamos, no entanto, que será suficiente – claro que não sem contar com um mínimo de boa vontade por parte do leitor - para uma compreensão do assunto discutido, as noções que desenvolveremos adiante. O fato de não seguirmos uma ordem lógica rígida tampouco quer dizer que o caos será a tônica. Como quero crer que não sejamos dualistas, sabemos que há opções. Ou, como bem o disse Fábio (2001, b, p. 79): "A utopia da formalização serve apenas para mostrar como não se dá o nosso pensamento".

A Teoria dos Campos, apesar de recente em relação a outras teorias psicanalíticas surgidas há mais tempo, já possui uma grande amplidão de conceitos estudados em profundidade. Portanto, vamos nos dedicar a compreender apenas os conceitos indispensáveis para a análise que pretendemos fazer neste estudo. Aos que desejarem conhecer os outros e importantes conceitos e formulações de Fábio Herrmann, principalmente para a prática

clínica, mas também para o estudo do Método Psicanalítico em si, recomendamos a leitura dos livros aqui citados, que já constituem um bom começo para se conhecer o pensamento de Herrmann quanto à psicanálise de nossa época.

À guisa de referência histórica, vamos apenas dizer que a Teoria dos Campos nasceu de uma inquietação de Fábio Herrmann (1944 – 2006), psicanalista paulistano de formação médica, acerca do descompasso entre método e clínica, da variedade escolástica do saber psicanalítico que não estabelecia diálogo entre si. Em seu início - final da década de 60 - a Teoria dos Campos foi um projeto pessoal de Herrmann, fruto da sua inquietação de analista em formação. Fábio (2001, d) descreve sua preocupação em relação às cisões que caracterizavam a psicanálise praticada à época:

> Parecia-me estranho o panorama da disciplina em que me estava a introduzir, não conseguia compreender por que razão ela devia dividir-se em escolas que não conseguiam somar ou compor suas contribuições particulares, mas que, ao contrário, pregavam uma prática clínica tão sectária que esta só podia subsumir a crença de que suas próprias teorias equivalessem à verdade fatual do psiquismo humano.[...] Além do mais, era também difícil para mim aceitar que a Psicanálise devesse sempre tratar dos mesmos temas e, em particular, que se tivesse convertido numa ciência exclusiva da psicoterapia, enquanto a psique humana oferece tantas outras condições dignas da atenção do psicanalista. Parecia-me que os analistas tendiam a confundir psique com pessoa, achando que a gente tem seu *inconsciente*, do jeito que se tem um nariz ou um fígado, ignorando que a psique é a própria forma do real humano e que transcende a constituição do indivíduo. (HERRMANN, 2001, p. 16, d).

Assim, queremos apresentar um fragmento do panorama da constituição da psique humana representada na função que o atleta ocupa no imaginário contemporâneo e sobretudo, através de sua própria constituição identitária. Para tanto, é preciso primeiro analisarmos algumas premissas básicas para o entendimento da identidade a que Fábio se refere. A começar pelo que é denominado o “real”, que é bem diverso do que se convenciona chamar “realidade”.

> Do real, nascem o mundo e seu homem. O real, do ponto de vista da Psicanálise, não vem a ser o mesmo que a materialidade das coisas. Não a negamos decerto, não a impugnamos teoricamente, pois só quebraríamos o nariz tentando atravessar uma porta, mas também não nos ocupamos dela. Nosso, é o real humano, isto é, o estrato de produção de sentidos – em princípio, perfeitamente desconhecido. Todavia, com cada homem concreto, com cada ato cultural, é como se o real se dobrasse sobre si mesmo – como uma folha de papel que se dobrasse em um canto, pequena dobra que é você, eu ou Aquiles -, pondo-se em posição de contemplar-se: o real defronta-se consigo próprio por intermédio da consciência humana. À ponta dobrada, costumamos chamar de interioridade [...]. (HERRMANN, 2001, p. 195 – 196, d).

No entanto, Fábio alerta para que não nos confundamos num ponto: "a realidade não é um dado exterior oposto à interioridade e objetivamente apreendido, mas uma laboriosa construção da subjetividade" (p. 196). A parte dobrada, não deixando de ser parte do real, tem como principal característica "produzir segundo regras muito particulares, que distinguem um sujeito do outro, que distinguem singularidades" (HERRMANN, 2001, p. 196, d).

> A ponta dobrada confronta o resto do papel, mas é também parte dele, há uma continuidade entre real e desejo: o desejo pode dirigir-se ao real, representando-o, ou perder-se no real, por contágio. Para que o segundo tipo de conexão não destrua o primeiro, o desejo exprime-se, pois, em representação, com o que ele se defende da fusão e da desdiferenciação, do contágio com o real. À representação do real chamamos *realidade*, nome perfeitamente comum, mas que não se deve confundir com as coisas em si nem com o estrato produtor das mesmas; realidade é apenas o que existe para nós, diante de nós. A representação do desejo, já que tem por característica maior sua pretensão a igualar-se a si mesma, a manter-se constante e identificar o sujeito, cabe o nome *identidade*. (HERRMANN, 2001, p.196, d).

Contágio, segundo Herrmann (2001, d), "é simplesmente a porta dos fundos do desejo, onde este é solidário com o real de origem". Ele refere-se ao que acontece quando o contato humano é muito próximo "nos estados afetivos mais quentes, algo se transmite, que não é de um nem do outro; [...] a proximidade humana, sexual, belicosa, laboriosa, cria uma

nova entidade subjetiva, um desejo comum irrepresentável pelos parceiros em separado, que os contagia de real". (p.198).

Apesar da definição de contágio nos parecer bastante clara e inequívoca, julgamos interessante fazer um aparte aqui para um pequeno, mas notável, exemplo de contágio relatado por Charles Dickens, em seu livro "Um Conto de Duas Cidades", em que ele narra um romance que começa e se desenvolve sob o clima tenso da revolução francesa. Embora seja uma versão romanceada da história, muitos dos eventos narrados de fato ocorreram – dentro de nossa concepção de realidade como representação consensual. É impressionante a força do contágio descrito nessa cena, na qual o autor narra a noite em que o povo iniciou sua revolta sangrenta, saídos do bairro de Santo Antônio, invadindo a Bastilha e rumando para as ruas do centro de Paris, iniciando o que viria a ser chamado mais tarde de "Reinado do Terror":

> Santo Antônio havia sido, naquela manhã, uma grande e escurecida vastidão de espantalhos ondulando de um lado para o outro, com freqüentes clarões relampejando sobre as cabeças encapeladas, onde lâminas de aço e baionetas reluziam ao sol. Um formidável rugido brotou da garganta de Santo Antônio, e uma floresta de braços nus ergueu-se no ar como galhos de árvores crestados pelo vento do inverno: todos os dedos convulsivamente apertados em torno de cada arma ou improvisação de arma lançada das profundezas, não importando a distância.
> Quem lhas havia dado, de onde vieram, onde foram fabricadas, através de que ação elas tortuosamente estremeciam e sacudiam, às vintenas de cada vez, sobre as cabeças da multidão, como uma espécie de relâmpago, isso ninguém da multidão saberia dizer; contudo, mosquetes eram distribuídos, bem como cartuchos, pólvora e balas, barras de aço e de ferro, facas, machados, picaretas e cada arma que a perturbada engenhosidade pudesse descobrir ou imaginar. As pessoas que não pudessem munir-se de nenhuma outra coisa feriam as mãos até sangrarem arrancando pedras e tijolos dos muros. Cada pulso e coração em Santo Antônio batia tenso e febril. Cada criatura viva ali não dava nenhum valor à própria vida, enlouquecida com uma apaixonada disposição de sacrificá-la. (DICKENS, 2003, p. 252 – 253).

Não se pode dizer, contudo, que todo contágio tenha conotação negativa, poderíamos dizer que a *hola,* que os torcedores fazem nos estádios, seria uma forma mais simpática de contágio e sem maiores conseqüências. “Pode ser o encontro apaixonado entre os homens, o mergulho do psicótico no real, o caos da guerra, a inspiração. O contágio não é necessariamente mal, mas dissolve o sujeito”. (HERRMANN, 2001, p. 150, a).

Não podemos seguir adiante sem primeiro vermos qual é a concepção de “campos” na Teoria dos Campos.

> A Teoria dos Campos começou assim, e assim você pode começar a compreendê-la. Havia, no entanto, um problema. Que nome dar ao caminho que vai da representação à profundidade inconsciente, ocupado em grande medida pela análise da zona intermediária, zona que corresponde, digamos, à profundidade da superfície da consciência? [...] Cogitei por certo tempo na expressão *inconsciente relativo*, que ainda uso, às vezes. Mas, mesmo assim qualificado, não estava completamente satisfeito com a solução, pois muitos desses “inconscientes” não são pessoais, mas sociais – em vez de uma história pessoal de mito neurótico, está na sua origem a cultura. [...] Por isso escolhi uma palavra mais neutra, *campo*, [...]
> Um campo é o lugar das regras que determinam as relações que concretamente vivemos [...], é o lado oculto, produtor. [...] Uma pessoa está num campo ou não está, ao contrário do inconsciente freudiano, em que sempre se está. Não estando num, está noutro. Quando se está num campo, todas as relações – as idéias, os sentimentos etc. – são produzidas e determinadas por ele; quando mudamos de campo, é como se o anterior nunca houvesse existido, tornamo-nos diferentes, mas não percebemos. (HERRMANN, 2001, p. 26, a).

Portanto, os campos só se dão a conhecer quando são rompidos, quando ocorre a translação para outro campo. “O campo não é anterior, interior ou exterior com respeito ao ato psíquico, é o próprio ato, enquanto determinação intrínseca de sentido”. (HERRMANN, 2001, p. 27, d). Para que se aperceba de um campo, é preciso necessariamente que se saia dele.

> Isto é, o campo não tem existência concreta. Como surge por ruptura, e posto que dê sentido comum a várias relações aparentemente

> desligadas – uma boa maneira de perguntar-se pelo campo é pensar: "se meu paciente mudou de assunto, de que assunto continua a falar, que não mudou" -, a nomeação de um campo quase sempre o reduz, pois nomeamos uma relação paradigmática que comporta, não sua estrutura de produção psíquica. Além disso, a determinação de distintos campos, quando pode ser apreendida, é ainda um campo: nada mais há a descobrir, os campos não têm fundo. (HERRMANN, 2001, p. 28, d).

Na clínica, o paciente fala pensando estar num determinado campo, mas o analista o escuta em outro. "Na análise, os pressupostos é que são o assunto, o analista foge de qualquer assunto e está sempre perguntando sobre o que se está a conversar." (id., 2001, p. 40, b). O analisando pensa falar do calor do mercado, das contas que não param de chegar, da viagem que não fez quando poderia, mas na verdade a escuta do analista se dá no registro do simbólico desse discurso. "*A ruptura de campo é, portanto, o método da Psicanálise*, segundo a Teoria dos Campos". (id., 2001, p. 60, a).

Uma das preocupações que o pensamento ocidental sempre tem, é o de procurar garantir uma clara relação de distinção entre idéia e coisa. Segundo Herrmann (2001, c), isto não faz sentido para a Psicanálise, este problema de antepor conteúdos físicos a conteúdos psíquicos nem sequer pode ser colocado, pois não há nenhuma distância ou proximidade maior ou menor entre realidade psíquica e realidade externa, elas são uma só:

> Pode-se argüir com sensatez a esta altura que a cadeira em que me sento é feita de matéria, ao contrário de minha representação da cadeira, que é, por assim dizer, feita de psique. Identificar os dois níveis poderia ser um viés psicanalítico. Pois justamente! A Psicanálise limita-se a esclarecer o Homem Psicanalítico, como a Física, o objeto físico, e para aquele o sentar-se como a cadeira só valem como ato psíquico; a materialidade nunca é negada, claro está, mas não é assunto psicanalítico, não está a nosso alcance metodológico. No entanto, a cadeira está, pois tudo o que dela se pode dizer ou pensar é representação, menos sua constituição real, sobre que, é bom repetir, nada podemos dizer ou pensar de forma direta. Em suma, o que temos de negar, por dever de ofício, é a dicotomia entre realidade e representação de realidade, já que pura e simplesmente não faz sentido psicanalítico falar numa realidade distinta de sua representação. (HERRMANN, 2001, p. 35, c).

Disso decorre que estudamos o real "por meio da realidade, ou seja, da representação" (ibid.). Se toda realidade é representação do real, e é tão "real" quanto qualquer fantasia, para o psiquismo que a sustenta, torna-se importante entender como o sujeito diferencia uma da outra e como se constitui essa realidade a que Fábio se refere, que se encontra na face externa do escudo de Aquiles, oposta à identidade, mas entremeada por uma interface chamada crença. A crença exerce uma função primordial nessa intermediação, como veremos no próximo tópico.

Antes disso porém, parece oportuno perguntar: qual seria a forma do real humano expressa na identidade do atleta? Ou o que se dobra na interioridade do atleta? E como isso afeta (ou resulta da...) a forma como estamos constituindo nossas subjetividades atualmente?

1. 6. 1. Crença: abaixo de qualquer suspeita

De início, a palavra *crença* nos remete à sua acepção comumente usada, que seria simplesmente as coisas nas quais alguém acredita; mas pode possuir uma conotação social e interpessoal importante, pois geralmente nos referimos às crenças de um determinado grupo humano, ou de uma fase da vida humana, como por exemplo as "crenças dos índios e as crenças das crianças" (p. 24). Tanto numa forma como na outra, Fábio (1998) afirma que

> [...] uma sentença construída com o termo *crença* tende a colocar-nos numa posição de superioridade com respeito àquele que a alimenta. Isto também é útil, precisamente porque constituirá o primeiro objeto de nossa crítica. Com efeito, estamos à procura da função que sustenta toda e qualquer representação, não apenas as representações exóticas, infantis, improváveis ou estranhas. Por que então escolher, entre tantas, uma palavra que possui a conotação contrária? O motivo é simples: a única forma de compreender o problema do asseguramento das representações é nos convencermos profundamente de que as coisas que pensamos saber, perceber, intuir, lembrar, etc., são tão estranhas ou improváveis para um juízo

> imparcial quanto o são para o nosso as crenças infantis ou a dos assim chamados primitivos. (HERRMANN, 1998, p. 24).

Para que comecemos a abandonar o conceito usual de crença, é preciso que entendamos que para o objetivo psicanalítico, "a função da crença é muito mais importante que seu objeto, que a representação específica que sustenta: [...] Este inconveniente, o de estarmos acostumados a pensar nas crenças e não na função de crer, possui uma contrapartida valiosa." (ibid., p. 25).

O autor admite que é difícil, mas que é preciso que se aceite que os objetos de crença são justamente "as suas idéias mais caras e mais comuns" (ibid) e que as mesmas pareceriam muito estranhas se não tivessem passado por um "processo de familiarização" (ibid.) e que, "[...] longe de ser a crença uma reunião de alguns conjuntos de fantasias estapafúrdias, é ela uma função psíquica onipresente [...]". (ibid, p. 25).

Nesse caso, a crença deixa de ser um atributo direcionado do sujeito para um objeto, e passa a ser constitutivo dele, como Fábio exemplifica:

> A crença mais perfeita numa cadeira, digamos, não é a declaração formal de que a cadeira existe, mas o simples ato de nela sentar-se. Enquanto função, por conseguinte, a crença é um modo da psique, uma das formas de todo ato mental: existe crença ao perceber, ao lembrar, ao aspirar por um estado futuro ou distante, ao raciocinar, existe crença ao respirar, ao andar, ao sorrir, existe crença ao brincar, ao torcer, ao participar de uma assembléia. A crença não é uma função destacada, [...] mas um estrato do psiquismo em ação, um de seus modos de ser, imbricado inelutavelmente em todo rendimento psíquico que lide com representações. (HERRMANN, 1998, p. 25 – 26).

Avançando para uma definição diferencial, Fábio (ibid.) afirma que uma vez entendido que "crença é o modo da psique que assegura as representações [...] Dessa forma, pode-se dizer que a crença é indiferente às representações que assegura, aproximadamente como o verniz que protege um quadro, que em nada altera a figura pintada". (p. 25). Não se

confunde a crença com o campo, que é quem produz as representações enquanto sentido. Portanto, a crença não é representável, apenas o é a representação que ela afeta.

> Pois, na superfície aparencial da psique, a crença consiste num certo tipo de inter-relação, ou de interação das aparências. Sustenta-as por meio da ação recíproca que cada um exerce sobre as demais, disso resultando ser a crença em geral uma espécie de tensão superficial dos produtos mentais, tal e qual se daria com um nível líquido. (HERRMANN, 1998, p. 34).

Sua principal característica, então poderíamos afirmar, é o agir silenciosamente, exercendo sua função de maneira imperceptível. Fábio (1998, p. 35) explica que

> A crença perfeita é discretíssima, nunca a ela nos referimos como crença, pois ela se perde no ato psíquico [...]: ao dizer meu nome, por exemplo, é raro que precise acrescentar um reforço do tipo: "Estou certo de que me chamo assim", pois nenhuma outra representação o nega. Na discórdia entre as representações, a imperfeição da crença faz com que esta se faça notar: são os *estados de crença*, as condições nas quais poderia pensar explicitamente que acredito em algo. [...] Da crendice à fé, da certeza científica à opinião violentamente sustentada, sempre há uma espécie de diminuição, ou em última análise de patologia da crença, que se mostra claudicante. (ibid., p. 35).

Portanto, *convicção* é a emoção equivalente ao estado de crença, que "tem na convicção sua emoção distintiva". (ibid.). A *fé*, seria "o estado de formulação aberta da crença. Da crença modal [a que sustenta as representações] ao estado de crença há uma claudicação, que a faz notória". (HERRMANN, 1998, p. 36). Caso essa notoriedade fraqueje novamente, ela se permite representar, emerge como questão respondida.

> O ato a mais que formula tal resposta é a fé. Por conseqüência, a fé compreende a questão desafiadora, de que é enfática resposta negativa: Duvido? Jamais! Fé é o pronunciamento aberto de uma crença duas vezes diminuída. Digamos que só tem fé quem quase a perdeu...
> Entre a crença e o estado de crença não existem diferenças específicas. Apenas notoriedade neste último e, naquela, introversão inaparente. À minha crença nunca me refiro; manifesto-a implicitamente ou faço então uma profissão de fé. (ibid.).

Crença é portanto, um dos modos da psique, e não é individual nem social, como a própria psique, segundo Herrmann (1998). Ela desmistifica a dualidade indivíduo-sociedade, pois viceja na inter-relação da sociedade humana. “Em que crê então a crença?”, pergunta o autor.

> Sumariamente respondendo, crê na realidade e crê na identidade. O homem está no mundo de duas maneiras radicalmente diversas. Há uma integração produtiva, profunda, vertical digamos, que cria mundo e homem solidariamente; mas esta integração concerne ao campo. Chamo-lhe real ou desejo, conforme pareça operar a partir do exterior ou do interior da subjetividade. Com efeito, real e desejo só se distinguem segundo a posição do observador.
> .....
> A crença assegura esta superfície que molda o sujeito como complemento espacial da forma de seu objeto: frente à convexidade do mundo, o sujeito é uma concavidade solidária. Assegurando a face externa, a crença crê na realidade, assegurando a face interna, crê na identidade do sujeito. E já que a representação é só uma membrana bifácie, na plena ação da crença, identidade e realidade estão conformes, selando a estabilidade da aparência. (ibid., p. 37).

Herrmann prossegue analisando as derivações desse conceito, mas encerramos por aqui essa exploração, passando à sua metáfora, ou seja, falaremos de outra coisa, mas sem mudar de assunto, estamos ainda no mesmo campo – o campo da representação na identidade do atleta; a ser delineado pela análise das entrevistas.

1. 6. 2. O Escudo de Aquiles

Em seu livro Psicanálise da Crença, para falar sobre a função defensiva da representação, Herrmann (1998) recorre à Odisséia de Homero, fazendo uma análise da característica não só emblemática, mas fundante, que o Escudo de Aquiles tem para nossa civilização atual.

> Conta Homero que, ao ter notícia da morte de Pátroclo, o mais querido de seus companheiros, Aquiles deixou escapar tal brado de dor que sua mãe, Thétis, escutou-o no fundo do oceano. Vindo em consolo do filho, a deusa de argênteos pés obteve de Hefesto (Vulcano), em reposição das armas que Aquiles perdera com o amigo, outras ainda mais suntuosas, como nenhum mortal jamais envergou. No escudo de cinco camadas, o deus ferreiro gravou primeiramente a Terra, o Céu, o Mar, o Sol e todas as constelações. Ornou-o em seguida com o desenho de duas cidades, uma em paz, exibindo várias cenas urbanas – casamento, juízo, etc., e a outra sitiada, onde se desdobravam os lances de violenta luta, cuja perfeita figuração reproduzia em pormenor as vestes mesmas dos inúmeros soldados. Acrescentou então "um campo a receber sua terceira arada", "um reino e seu rei", "uma vinha carregada durante a colheita", "um rebanho bovino atacado por leões", "outro de carneiros", "uma espaçosa pista de dança, animada por dançarinos em meio à multidão, dois acrobatas e um menestrel cantando divinamente à lira". Por fim, cercou a orla do escudo com as poderosas correntes do Oceano. (HERRMANN, 1998, p. 10).

Fábio observa que, num ponto crucial da Ilíada, Homero faz essa interpolação, justamente quando Aquiles decide voltar à luta. Essa interrupção na ação, para o leitor moderno causa estranheza e quebra a tensão da narrativa. Sem refutar esse argumento, Fábio lembra que no entanto, essa quebra pode ter uma função mais importante do que se imagina, maior do que apenas um recurso literário.

> Lançando-se ao calor da batalha, os heróis são tomados de fúria ensandecida, como "*a mosca que, provando o sangue humano, retorna ao ataque tantas vezes quantas seja afugentada*". É assim que Menelau combate, enfurecido pela coragem da mosca, que lhe infundira Atenas. Eles deitam mãos aos cadáveres, disputam-nos com as mãos nuas: Heitor agarra a cabeça de Cebriones, enquanto Pátroclo puxa-o pelos pés. Eles mordem, chutam, esbravejam selvagemente. Arriscam a vida na contenda, é certo; porém, talvez se arrisquem a perder um bem mais precioso do que a vida. A proximidade dos lutadores, seu empenho comum e a ferocidade ameaça confundi-los num contágio final, indiferenciado. Há que distinguir gregos de troianos: ainda mais séria para o grego, todavia, é a necessidade de distinguir homens de feras, civilizados de selvagens,que lutam sem ordem nem motivo racional. Por causa disso, talvez, os lutadores encontram tempo para proclamar suas linhagens [...]. (HERRMANN, 1998, p. 10, grifo do autor).

São interpolações que Fábio considera imprescindíveis, porque cumprem a tarefa de "sustentar a identidade da personagem, fazendo-a declarar explicitamente que representa, que ancestrais, que terra, que obras anteriores, que títulos e que poder estão em jogo. Em suma, o herói representa." (ibid.). Investido da representação, o herói diferencia-se do contágio furioso.

Munido com as armas divinas e reconciliado com Agamenon, Aquiles quer voltar à luta imediatamente, mas é de novo interrompido, novamente uma pausa. Desta vez é Ulisses quem interrompe a ação, e pede a Aquiles que refreie sua sede de sangue, a fim de que seus soldados possam almoçar e dar tempo para que se firme a recém-conquistada reconciliação.

> Bem contado e bem pesado, chega a parecer que os intervalos são tão vitais quanto a ação. Quem sabe até mais; mais difíceis de obter. Tudo se passa como se o calor das paixões fosse incontrolável, ou se, ainda melhor, a conduta oscilasse entre dois extremos: imobilidade ou fúria. Assistimos maravilhados, por conseguinte, à invenção da *pausa para a representação*; este novo estado do homem, onde os símbolos conquistam seu lugar, a ação sopesa seus motivos, a cidade constitui-se em torno da meditação acerca de seus fins e é defendida pela ação organizada dos cidadãos. (HERRMANN, 1998, p. 11, grifo do autor).

O autor observa então que a difícil "[...] diferenciação entre o reino profundo do contágio e o plano superficial da representação [...]" (ibid), constituem a base da vida dita civilizada, civilização que com Homero estava em seus primórdios. Na época atual talvez esses intervalos sejam dispensáveis, analisa Fábio, mas a função da representação continua tão fundamental quanto antes.

> Com intervalo temporal ou sem ele, no entanto, a superfície representacional desempenha sempre papel defensivo. Em primeiro lugar, reveste a subjetividade com uma película demarcadora dos limites internos, a identidade; em segundo lugar, é o representante da desmedida inter-relação entre os homens, em que os grandes motivos humanos – paixão, guerra, morte, etc. – estão perpetuamente ativos, estrato a que podemos chamar *reino do contágio*, e que fazem parte

> da ação construtora do real. (HERRMANN, 1998, p. 11, grifo do autor).

Para Fábio (1998) a representação procura manter o real à distância e ao mesmo tempo, representa-o na forma de realidade. Por outro lado, por ser uma superfície identitária, a representação oferece ao sujeito "os contornos definidos de um objeto altamente valorizado: o eu". (p. 12). Entretanto, essa função não é mantida sem esforço. Assim como na epopéia é requerido certo esforço para diferenciar um lado da guerra do outro, "assim também os componentes do sujeito têm a mesma origem do real que aqueles do mundo objetivo". (ibid.).

> A identidade expande-se até tocar a camada que representa o real, pela tensão interna dos componentes subjetivos e pela atração dos complexos reais que os geraram; a superfície identitária cola-se à superfície da realidade, representação do mundo. O resultado é uma camada representativa, cuja duplicidade, perfeitamente ajustada no melhor dos casos, permite que o sujeito se reconheça numa das faces, estando a outra destinada a representar todo o resto do mundo humano. Só nos estados de conflito entre desejo e real, porém, é que se evidencia a separação entre as duas faces virtuais: na vida comum, a identidade nada é senão a realidade subjetiva de alguém. (HERRMANN, 1998, p. 12).

Fábio observa que o desenho do escudo visa lembrar o homem "que a guerra serve para garantir a paz, a criação de animais e a vida social" (p. 12 – 13). No entanto, o oráculo já havia se pronunciado quanto à vida curta e gloriosa que Aquiles teria, se este partisse para lutar em Tróia, tendo sido lembrado por sua mãe de que tão logo matasse Heitor, iria segui-lo ao Hades em breve. "Paradoxalmente, ele empunha como defesa os símbolos da realidade de que logo se há de separar". (ibid., p. 13). O autor pondera que logicamente que o escudo de Aquiles ainda seria invulnerável, mesmo que não tivesse os enfeites, e que seu corpo, na verdade, já era invulnerável desde que nascera, de acordo com os escritos. O que nos leva a

crer que o escudo não fosse assim tão útil para o herói. No entanto, Fábio aponta para algo que não pode passar sem que notemos:

> De resto, a crer numa das lendas de sua morte, a flechada no calcanhar desferida por Paris (ou talvez por Apolo), somos forçados a reconhecer que o escudo foi de pequena valia – melhor lhe houvera servido uma bota reforçada. E se havia de morrer em data certa e se havia voluntariamente optado pela vida breve e gloriosa, para que as armas divinas? Não seria igual lutar nu? Não, por certo. Aparatosamente armado, sustentando seu rico escudo, Aquiles pôde perecer como representante da civilização – ele que, com suas fúrias e birras, parece-nos muito mais um menininho mimado, um pequeno selvagem. Tiram-lhe Criseida, ele se amua, recusa a luta e suplica a Zeus que prejudique seus companheiros gregos para vingar a desfeita. Herói da civilização? (HERRMANN, 1998, p. 13).

Fábio (1998) prossegue analisando que a nossa vida civilizada, tal como a de Aquiles está fadada ao mesmo encontro com a morte e que as paixões e ressentimentos de que ele padeceu (perda da mulher amada, morte de um amigo, a fúria impotente) também padecemos nós. Armamo-nos como ele, com o escudo da representação, "ainda conhecendo que não terá valia quando a fusão final com a morte vier cobrar sua dívida. No meio tempo, seu valor é considerável.". (p. 13).

> A convexidade externa figura o mundo real em forma plana e selecionada, é aquilo que denominamos realidade; por conseqüência, a face côncava, interna, limita um espaço solidário ao anterior, convergente na mesma figuração, porém invertido, cujo nome é identidade. Não nos chega a proteger o calcanhar da alma contra a fervente pulsação do real em que esta se atola, não evita a paixão nem a desilusão, escapam-lhe nascimento e morte, inúmeras condições de contágio afetivo simplesmente o circundam; mas, ao fim e ao cabo, o escudo da representação é um ornamento bonito de carregar. (HERRMANN, 1998, p. 13).

1. 6. 3. A melhor defesa ao ataque do contágio

Herrmann (1998) coloca então a "representação em geral" entre os mecanismos de defesa estudados pela Psicanálise. Disso decorre que três perguntas são apontadas por ele como importantes de serem respondidas: "Contra que é defesa? Onde reside a falsidade sintomática que a Psicanálise atribui a todo produto defensivo? Por fim, qual mecanismo assegura essa função?" (p. 14). A última pergunta já foi respondida no item 1.6.1 deste estudo, é a crença. Mas e as outras duas?

A primeira pergunta também não parece difícil, a representação protege o homem do contágio; mas quais são os riscos que ele oferece, a ponto de exigir processo defensivo tão extensivo?, pergunta Fábio.

> De imediato, há que reconhecer que o mergulho nos grandes temas da vida e da morte, sobretudo a convivência íntima e desprotegida com a lógica de concepção do real humano – ou seja, as regras produtoras de sentido, imersas e ocultas no estofo da cultura, ativas na sociedade e no indivíduo, como campos organizadores da vida quotidiana - , desfaz a diferenciação cuidadosa entre eu e o mundo, ao mesmo tempo em que impossibilita nossa razão comum de funcionar satisfatoriamente. Pulando a cerca da representação, o homem vai ao encontro da loucura. Loucura é o estado de fusão e confusão entre identidade e realidade; ou, com mais rigor, a condição de contágio, na qual o sujeito se desfaz no real e retorna às origens. (HERRAMNN, 1998, p. 14).

"O estado puro de loucura nos é desconhecido", de acordo com o autor, não porque não seja experimentado, mas porque "inviabilizando a superfície representacional (identidade e realidade), esquiva-se de toda e qualquer comunicabilidade". Fábio comenta que a Ilíada é pródiga em exemplos de descomedimento e do quanto as paixões enlouquecem, a exemplo disso veja-se, entre outras, a paixão de Páris por Helena e sua incapacidade de "dar ouvidos às profecias, aos conselhos e aos sinais; isto é, o desregramento passional e sua conseqüente surdez ou cegueira que são arrolados na categoria de loucura." (ibid., p. 15).

> E Heitor, fugindo a correr de Aquiles três vezes à volta da cidadela troiana – "*como a caça, num pesadelo, onde nenhum, perseguidor e perseguido, pode mover os membros*" sem poder livrar-se nem ser alcançado, não é miseravelmente enganado por Atenas, na forma de Deífobo, para que se volte e lute e morra? A penetração do regime onírico na vida de vigília, em forma de alucinação, poucas vezes terá sido tão concisamente enunciada, ilustrando o dito clássico de que "*os deuses primeiro enlouquecem aqueles a quem desejam destruir*". (HERRMANN, 1998, p. 15, grifo do autor).

Do acordo cavalheiresco entre identidade e realidade depende a opacificação das regras constitutivas do mundo e de seu homem, processo a que Fábio chama de *rotina*. (2001, d).

Passando à segunda pergunta, sobre o caráter equívoco dos produtos defensivos, Fábio já de saída afirma que "seríamos ingratos ao acusar de falsidade a superfície representacional." (ibid., p. 15). Só poderíamos dizer que ela é falsa "em dois sentidos, nenhum deles por culpa própria". (ibid.). Primeiramente, porque a realidade é parcial.

> De tudo o que há para ser representado, apenas o coerente e o não-contraditório figuram em nosso escudo psíquico. Nas beiras da representação, admitem-se ainda alguns sinais borrados dos componentes do real e do desejo [...] – a isso se chama comum, mas impropriamente, de *fantasias*. O mais está *desrepresentado*, ou seja, figura negativamente. A periferia representacional, composta de exceções à ordem da razão [...], deve ser mantida sob estrita vigilância. Que uma só de tais figuras, espíritos ou paixões negadas, de produtos híbridos de sujeito e mundo, que uma só delas avance para o centro de consideração da consciência e o conjunto harmônico bascula em seus alicerces. Logo, mal cabe dizer falsa a representação, porém parcial e ativamente controlada. (HERRMANN, 1998, p, 16, grifo do autor).

Em defesa da segunda alegada falsidade da representação, Fábio tem a dizer que é ainda mais inocente que a primeira: a montagem de todo o sistema está proibida de figurar em sua superfície; mas tem uma boa razão para isso. Para que tanto realidade quanto identidade sirvam-nos de defesa adequada, ambas precisam parecer "naturais: uma vinda do mundo; a outra do interior do sujeito". (ibid., p. 16).

> Não convém, absolutamente, que desconfiemos de nossa autoria da realidade nem do complexo sistema cultural que a determina. A lógica de concepção que cria as imagens de mim e de meu mundo deve operar em surdina; do contrário, tais imagens não seriam críveis, se fosse eu exposto simultaneamente à consciência de que as estou a inventar, ao mesmo tempo que sou inventado. Entretanto, a lógica de concepção é vagamente anunciada por sinais contraditórios na rotina de nossas vidas. Ela quase se manifesta quando, por exemplo, ao substituirmos auto-referências fundamentais – tais como amores, ideologia, concepções de vida - , esquecemos tão rapidamente as anteriores, obscurecemos seu resto e seus ecos, renegamos nossa imagem superada, enfim. (HERRMANN, 1998, p. 16).

O embate de auto-representações identitárias sendo substituídas, "ameaçaria denunciar a montagem toda do sistema" (ibid.). Caso assim não o fosse, e nos lembrássemos do que antes tínhamos como verdade inquestionável, poderíamos aprender, segundo Fábio, lições de vida excelentes. No entanto, temos que fazer a opção;

> Ou retemos nosso escudo, pensamos saber quem somos e vivemos na realidade, ou temos notícia da fabricação da realidade a partir do real, da identidade a partir do desejo e não nos podemos furtar à contemplação do processo pelo qual a lógica de concepção, o inconsciente, cria a preciosa superfície onde a razão comum pode reger as representações – com o que perder-se-ia inteiramente a solidez quotidiana. [...] Melhor crer que se sabe, e ser enganado pela vida e pela morte, do que ter a presciência do engano, mas perder a fé na paisagem do momento. A eliminação da lógica de concepção da superfície representacional é, portanto, o segundo aspecto da falsidade sintomática da representação, quando encarada como fruto de um processo defensivo. (HERRMANN, 1998, p. 17).

A terceira pergunta, sobre quem assegura a manutenção da superfície representacional, como dissemos no início, já foi respondida, é a crença. Apenas para resumir o que já foi dito sobre ela, podemos dizer que é "uma função pré-consciente que sustenta a superfície da representação, operando na intimidade dessa mesma superfície. Sua ação é discretíssima. A crença robusta e perfeita é aquela à qual não sonharíamos em aplicar tal nome." (HERRMANN, 2001, p. 210, d).

A realidade homérica prima pelo desvelamento da identidade, tendo como ponto de apoio um traço da realidade, exibindo uma particular atração pelo disfarce.

> Do mesmo modo que proclamam suas representações, valem-se também de nomes falsos e de falsas aparências. Diz-se que Aquiles – o colérico, o bravíssimo, o único a conseguir erguer a lança de bronze [...] – fora escondido entre meninas, disfarçado de mulher, [...] onde, só por um truque, Ulisses o descobriu. [...] Ulisses volta a casa feito um mendigo. Só o toque familiar da velha ama, Euricléia, reconhece-o na cicatriz deixada em sua coxa pelo ataque de um javali. [...] Quando Odisseu engana o Ciclope, parte fundamental do embuste é oferecer-lhe um nome contraditório: *Ninguém*. Mas, como mendigo, voltaria a ser Ninguém, de certo modo, ao desembarcar em Ítaca. A brutalidade sub-humana do gigante e a pretensiosa tolice dos pretendentes à mão de Penélope ficam patenteadas pelo engodo: o civilizado prudente deve saber que lida com representações potencialmente perigosas. (HERRMANN, 2001, p. 207 – 208, d, grifo do autor).

Assim, Fábio (2001, d) afirma que no universo homérico, um sinal de realidade já é o suficiente para construir nova identidade (o autor menciona ainda o episódio em que Pátroclo empunha as armas de Aquiles, para se fazer passar por ele). "O embuste, portanto, só pode ser um engano declarado, assim como o da criança que esconde o rosto com as mãos e pretende estar invisível ou que se mete em sapatos de salto alto e quer que a tomem pela mãe." Ou ainda, segundo nosso entendimento, nas histórias modernas, quando o Super-homem põe os óculos e se "disfarça" de Clark Kent. A esse respeito, Fábio conclui que "O embuste é, por conseguinte, a figuração explícita e plenamente representada do equívoco criador de nossa civilização, pelo qual se reduz a interioridade a uma fração representativa (identidade) e o exterior, àquilo que se pode conhecer (realidade)." (ibid.).

Estudando as interpolações homéricas, Fábio descobre a pausa para a representação como fator fundante da nossa civilização. Segundo Edson Claro, quando um gesto que está para ser realizado, é reprimido; todo o corpo pára, para que esse gesto seja impedido de se realizar (informação verbal, Janeiro/95). Para Fábio (op. cit.), nas interrupções da ação, a

representação nasce. Ou seja, a supressão parcial do corpo é condição *sine qua non* para que haja civilização.

Algo se ganha com isso, mas também outra coisa se perde, como em toda mediação entre forças. Segundo Fábio, não é apenas uma limitação ao prazer sexual, mas uma necessidade de que o corpo regrida um pouco e se descole de sua ação plena. Onde esse retraimento ficaria claro, seria na representação falsa, na mentira do herói sobre sua identidade, que funcionaria "como um lembrete de que, para sermos mais do que um simples corpo em ação, de alguma maneira, devemos ser menos do que um corpo" (2001, d, p. 209). Isto torna os disfarces, "experimentos de crença" (ibid.).

> O reino do contágio é o corpo comum dos homens. Nele, não se distinguem brutos e civilizados. Nascida da boa mentira fundamental, quando o corpo retrocede e as representações proliferam, a civilização deve apoiar-se na crença. Aquiles é o que pensa ser, sua representação: seu escudo, suas armas divinas, nesse novo reino que então se inaugurava; [...], na dor da perda de seu primo e *therapon* querido, Pátroclo, encontra realidade e identidade tão fortes que atravessarão séculos. Isso o escudo defende, não seu corpo quase invulnerável. O calcanhar, por onde o segurara Thétis ao imergi-lo nas águas estígias, para o imortalizar – o ponto de contato interpessoal – é precisamente sua fraqueza. O corpo, como tal, é invulnerável à mentira, à dúvida, dispensa representação. O calcanhar de Aquiles parece ser a pequena retração do corpo com relação a sua corporeidade bruta, dimensão que os deuses compartem com os animais, mas que define o homem. A partir do ponto de contato humano, quando o sujeito se cria como ser social, já é preciso um sistema defensivo da cultura que se instala no lugar da retração do corpo, um escudo representacional: figuração de identidade e realidade, tendo de permeio a crença, para garantir a solidariedade e permanência da superfície de representação. (HERRMANN, 2001, d, p. 209 – 210, grifo do autor).

A razão de termos selecionado apenas esta pequena, mas importante parte da Teoria dos Campos para retratarmos aqui foi que, como o próprio Fábio afirma, precisamos praticar também, além da psicanálise clínica, a aplicação do método psicanalítico no estudo da cultura em que vivemos. Freud escreveu sobre o mal-estar na cultura vitoriana. Hoje em dia, muitos psicanalistas têm se dedicado a entender o mal-estar contemporâneo e é preciso que o

façamos, pois já não temos a crença que, então na época de Freud ainda se tinha, de que à doença, à neurose e patologias do homem se contrapunha a sociedade organizada e funcional. Sabemos (ou cremos) hoje que as patologias do homem são a manifestação psíquica das patologias sociais, ou talvez o contrário. Não se sabe ao certo quem veio primeiro, nesse processo de retro-alimentação entre homem e sociedade, mas o que sabemos é que o conflito que antes se dava entre homem e cultura, hoje se dá dentro do homem, uma vez admitido que não há como traçar uma linha divisória demarcando onde começa um e termina o outro.

A identidade do Homem Psicanalítico é então uma crise de representações possíveis. "No fundo da materialidade do homem, do mundo concreto da cultura, como a espinha dorsal de sua postura identitária, está a ordem temporal do Homem Psicanalítico". (ibid., p. 219). Acreditamos ser apropriado encerrarmos nossa exposição com as palavras de Fábio que, de uma forma ou de outra, permeiam todo o trabalho:

> Fixando-se para sempre em sua própria obra, Homero deixa uma herança, à qual não somos infiéis. O esforço por criar a superfície representacional globalizante, que contém o mundo inteiro e mais o seu sujeito, gera o homem ocidental. A identidade está totalmente na construção da realidade, como o aedo no escudo de Aquiles. Para nós, a obra cria o autor, produzindo nos fazemos, [...]. Filhos de Homero, de quem não se sabe ao certo se existiu, somos, como ele, criaturas de nossa própria obra, mercê de sua representação e assim existimos todos. Nossa literatura, nossa cultura, nossas vidas criam-se nessa tradição do paradoxo, pelo qual a superfície da realidade contém a identidade do seu sujeito, engendrando ela mesma as operações concretas que criarão a profundidade geradora de si própria. Tal a posição da superfície representacional no mundo pós-homérico. (HERRMANN, 2001, d, p. 220).

CAPÍTULO II

---

2. OBJETIVOS

2. 1. Objetivo geral

Pesquisar a construção da identidade do atleta de alto nível na subjetividade contemporânea.

2. 2. Objetivos específicos:

2.2.1. Identificar e analisar como se configura a identidade do atleta profissional na subjetividade contemporânea e que papel o atleta exerce nesse imaginário.

CAPÍTULO III

3. METODOLOGIA

Este trabalho pauta-se pelo método psicanalítico, por uma visão crítica do método, encarnada na Teoria dos Campos. Segundo Fábio Herrmann, o criador dessa teoria, a psicanálise precisa sair do consultório para que faça jus a seu nascimento, quando era também uma forma de apreensão da cultura humana nas suas diversas manifestações. O objeto de estudo da psicanálise é o Homem Psicanalítico, ou a crise de representação que o entrecruzamento dos campos propicia.

Como a finalidade da pesquisa é investigar e analisar a construção da identidade do atleta enquanto partícipe de uma constelação social, e não analisar a personalidade individual de cada atleta; não será feita uma análise de caso a caso, separadamente, mas sim uma discussão sobre os tópicos apontados nos objetivos, onde então as declarações dadas por eles nas entrevistas podem vir a colaborar, confirmando ou divergindo do rumo das teorizações feitas, ou ainda criando outros tópicos de discussão. Nessas elaborações, também serão utilizadas anotações do diário de campo, produzido ao longo de toda a pesquisa.

É inerente ao método psicanalítico que sua busca não termine com uma resposta, pois a psicanálise trabalha justamente com o jogo dos possíveis. Pode-se, entretanto, mudar as perguntas, enriquecer o conhecimento que se tem, para que se faça um perguntar mais pertinente, pois o conhecimento é algo construído na relação do fenômeno estudado com o olhar que o contempla. E por nosso estudo debruçar-se sobre as representações do real, que são realidade e identidade, não poderíamos então afirmar categoricamente um saber que se constrói no devir da subjetividade humana, sob pena de cometermos arbitrariedades. Cabe lembrar aqui a fórmula de Jules Lequier: “Quando alguém crê com a fé mais inabalável que

possui a verdade, deve saber que crê, e não crer que sabe." (COMTE-SPONVILLE, 2002, p. 60).

3. 1. Procedimentos

Neste projeto, nossa proposta foi utilizar as entrevistas semidirigidas com atletas profissionais para que, ouvindo-os, soubéssemos mais sobre como eles se vêem, como percebem e sentem sua realidade no mundo contemporâneo, assim como também exercitar uma escuta daquilo que não era expresso verbalmente, mas que permeava a fala dos entrevistados.

Para isso, foram realizadas entrevistas semidirigidas (Apêndice A), onde as perguntas serviam apenas de estímulo ao seu discurso, razão pela qual algumas perguntas, apesar de terem sido feitas, não tiveram suas respostas discutidas. Tais perguntas eram apenas uma forma de "aquecer" o assunto e deixar o participante mais à vontade. A duração de cada entrevista era de cerca de 50 minutos. Foram entrevistados três jogadores de futebol e três de basquetebol. As seis entrevistas foram gravadas (áudio) e transcritas. Foi também realizada uma entrevista com um ex-jogador de futebol da Seleção Brasileira de futebol da década de 1970, para efeito de uma possível comparação entre aquela época e a atual. Esta entrevista foi gravada em áudio e vídeo, e foi realizada na casa do ex-jogador.

As entrevistas com os jogadores de basquete foram realizadas no apart-hotel em que moram, numa sala de conferências, à exceção de apenas uma, que se realizou no terraço, por sugestão do participante. As entrevistas com os jogadores de futebol foram realizadas em outra cidade, no salão do restaurante vazio, também do hotel onde moram. Tanto com a equipe de basquete quanto com a equipe de futebol, tivemos o cuidado de contactar o técnico

primeiro, e depois de sua autorização, falamos com a equipe de jogadores sobre o objetivo da pesquisa, para que eles se apresentassem como voluntários.

Foram utilizadas também reportagens de jornais e revistas especializadas em esportes, para um melhor delineamento do problema estudado. Outra fonte de análise foi o diário de campo, onde pude registrar eventos e impressões transferenciais e contra-transferenciais ocorridos no contato com os participantes da pesquisa. Tais observações (do Diário de Campo) encontram-se no item 3.2 dos Procedimentos.

Além disso, foi realizada uma leitura ampla, profunda e criteriosa da literatura psicanalítica e da psicologia do esporte pertinentes ao tema.

3. 2. Diário de Campo

Em consonância com a terceira tese de Santos (2002) sobre o paradigma científico que vem surgindo, mencionada na página 54 deste trabalho, a tese que diz: "Todo conhecimento é autoconhecimento", referindo-se à inadequação da distinção sujeito/objeto, de modo que o autor fala que o caráter auto-referenciável e autobiográfico da ciência deve ser plenamente assumido e não varrido para debaixo do tapete, vamos agora expor algumas anotações do Diário de Campo.

Tais lembranças e impressões, acreditamos ser não só essenciais à compreensão do fenômeno estudado, mas também construtoras do saber produzido. E a oferta desse material ao leitor oferece a este a possibilidade de, numa leitura vicária da situação, produzir ainda um outro saber, tão válido quanto e enriquecido por uma outra visão do ocorrido, talvez uma hipótese ou interpretação que as defesas da pesquisadora não lhe permitiram enxergar. Esperamos que assim o leitor sinta-se participante da pesquisa e mais do que apenas leitor.

3. 2. 1. Entrevista com Tostão

A primeira entrevista realizada foi com Tostão. Naquele ponto, a pesquisa ainda estava no início e sofreria alterações em seu objetivos e recorte teórico. Uma colega de São Paulo, que é educadora física e sabia da pesquisa que eu realizava, sugeriu-me que tentasse conseguir uma entrevista com ele, pois ela já o encontrara em um congresso de ciências do esporte e ele fora muito receptivo, além do fato de ter sido médico e psicanalista por algum tempo. Ela achava que o depoimento dele poderia ser útil, com o que concordei, pois além de ter sido um atleta de alto nível, foi um atleta da Seleção Brasileira numa época em que o futebol do Brasil se firmava como o melhor do mundo; e como se isto já não fosse suficiente, era médico e estudara e praticara por um tempo a psicanálise, ou seja, compreenderia o tipo de enfoque em que se dava a pesquisa, bem como sua linguagem. Além disso, escrevera um livro sobre suas lembranças e reflexões no futebol, sendo que pouquíssimos ex-jogadores o fizeram. Parecia o participante ideal para esta pesquisa.

Meu primeiro contato com ele foi por e-mail. Escrevi-lhe explicando sobre a pesquisa e - que seria uma espécie de estudo sobre a subjetividade do atleta de alto nível e dizendo que a abordagem utilizada seria psicanalítica – e perguntei-lhe se concordaria em conceder uma entrevista. Ele respondeu pouco depois, dizendo que daria a entrevista sim, e passou-me seu telefone para que ligasse para ele e combinássemos os detalhes diretamente.

Liguei num domingo à tardinha. Ele atendeu de imediato, o telefone mal chegando a tocar. Parecia muito formal e seco no início da conversa, principalmente quando, respondendo a uma pergunta dele, falei que para mim seria melhor se a entrevista fosse num final de semana, devido a compromissos do trabalho, mas que eu me ajustaria ao que fosse melhor para ele. Ele disse que para ele, seria melhor no meio da semana. Eu disse que podia ser, sem problemas. Em seguida, ele comentou que não se encontrava quase nada sobre

esporte na abordagem psicanalítica e disse que fora por isso que ele concordara em participar. Fez então perguntas sobre a pesquisa e se eu era formada. Expliquei que me formei em 92, que me especializei em Psicologia do Esporte em São Paulo e que esta pesquisa era minha dissertação de mestrado.

Comentei que de fato, era muito difícil encontrar material que fizesse essa interface entre Psicanálise e Esporte, mas que depois de muito procurar, eu havia encontrado algumas pesquisas assim, e que destas, as que foram feitas por brasileiros quase todas citavam o livro dele (*"Tostão: lembranças, opiniões, reflexões sobre futebol"*). Então, ele propôs que marcássemos num sábado de manhã, que não haveria problema. Marcamos então para o dia 06 de Agosto às 10:00 horas, na casa dele em Belo Horizonte (MG) e pediu que eu ligasse uns dias antes pra ele, "só pra confirmar". No entanto, poucos dias antes, tive de ligar para pedir um adiamento de uma semana, pois uma de minhas filhas estava doente. Ele concordou sem problemas. Na véspera da viagem, liguei pra confirmar se estava tudo certo (já tinha comprado a passagem aérea), e aí foi ele quem remarcou para o próximo sábado. Na terça-feira seguinte, ele telefonou para minha casa, como eu não estava, deixou um recado com minha funcionária. Ela me disse que ele pedira desculpas, mas que marcou comigo para o dia 20/08, esquecendo que nesse fim-de-semana era o aniversário da filha dele e pediu que marcássemos para o dia 27/08, que desta vez não ia ter problema.

Nesse meio tempo, uma prima minha ficou sabendo que eu ia entrevistá-lo, perguntou-me se eu concordaria em levar uma bola oficial da seleção para ele autografar, essa bola seria levada para a campanha "One: let´s make poverty history", que é liderada pelo cantor Bono e tem como objetivo combater a fome no mundo. Por se tratar de uma causa justa, concordei, mas não sem ficar um pouco na dúvida sobre se feria ou não a ética em pesquisa ou se interferiria negativamente, estabelecendo um momento estranho à neutralidade pretendida em entrevistas. Decidi então que só apresentaria a bola a ele depois da entrevista,

quando então já não interferiria tanto. Uma outra tia minha disse que já fora namorada do irmão dele, já falecido, e que o conhecia. Disse-me que o chamasse de Eduardo, que ele não gostava de ser chamado de Tostão.

Achei esquisito chamá-lo assim, mas de fato ele assinava os e-mails e se apresentava ao telefone como Eduardo, então procurei me acostumar, mas cometi o lapso de chamá-lo de Tostão a uma certa altura da entrevista.

Além disto, cuidava dos preparativos para a entrevista. Tanto meu orientador quanto outros professores do programa achavam que seria bom gravar a entrevista em vídeo, além do áudio, em vista de se tratar de uma pessoa de significativa importância no cenário que estudava e devido à riqueza que a interpretação das imagens poderia trazer. Também eu concordava com isto, mas apesar de treinar antes a montagem da câmera no tripé e como operá-la, eu sentia que essa preocupação desviaria minha atenção do entrevistado, enquanto eu queria poder me concentrar exclusivamente nele. Por outro lado, também achava importante registrar as imagens.

No dia da entrevista, o casal que nos (minha mãe, que aproveitou pra passear, e eu) hospedava na casa deles fez questão de me levar até a casa dele, já que eu não conhecia a cidade e planejava pegar um táxi. Eles iam apenas me deixar lá (foi o que pensei), mas tão logo o viram aparecer na porta, desceram do carro encantados, e foram cumprimentá-lo, bastante reverentes. Ele, por sua vez, foi cortês, mas reservado. Eles se retiraram, depois de eu prometer que ligava pra eles assim que acabasse a entrevista. Tostão disse que não era preciso, que podia me levar depois, já que teria mesmo que sair mais tarde. Entramos na casa.

Perguntei onde poderíamos ficar para a entrevista, ele disse que ali mesmo, estávamos numa sala de estar com uma lareira de pedras. Havia um jogo de sofá em torno de uma mesa baixa de centro, e da sala via-se a cozinha que era separada da sala por uma bancada baixa. De outro lado, havia uma porta de vidro que dava para uma área ao ar livre com piscina, onde

um cachorro brincava. Coloquei minhas coisas (pasta, bolsa com gravador, filmadora e uma bolsa com a bola de futebol) numa namoradeira abaixo de uma janela.

Falei para ele sobre seus direitos como participante da pesquisa, expliquei o termo de consentimento livre e esclarecido que ele teria que assinar, e perguntei se ele abriria mão do sigilo de sua identidade como participante, pois sua biografia, que não poderia ser omitida na análise dos dados, não deixaria mesmo dúvidas quanto à sua identidade, visto que era uma figura pública. Ele consentiu sem hesitação, pedi a ele que lesse o termo de consentimento livre e esclarecido e a autorização para identificação como participante da pesquisa, ele o fez e disse que estava tudo muito claro. Quando eu expliquei que mesmo com sua permissão, o uso das imagens e do som só seriam apresentados em eventos acadêmicos relativos ao tema e que o conteúdo mais pessoal da entrevista seria preservado, ele disse timidamente, que tinha entendido que falaria só sobre futebol. Fez uma breve pausa e emendou que "tudo bem", que não tinha mesmo "como separar". Desculpou-se em seguida, dizendo que não gostava muito de falar sobre si mesmo, e nem de televisão. Pegou a caneta em cima da mesa e assinou os papéis.

Dei a ele um livro sobre futebol de presente, que ele disse que já ouvira falar, mas que ainda não o tinha. Contrariamente ao que tinha planejado, acabei falando da bola da campanha One (na verdade já tinha lhe perguntado por e-mail se podia levar a bola pra ele autografar e ele concordara) e ele já a autografou pra mim. Tive que fotografá-lo fazendo isso, para provar a autenticidade do autógrafo. Para quebrar o gelo, disse que já que estávamos no "momento do autógrafo", perguntei se podia autografar o livro de sua autoria que eu havia levado comigo. Ele o fez, cometendo um ato falho no meu nome – escreveu Andriana, ao invés de Adriana (talvez fosse escrever Andréa, nome que é muito confundido com o meu. Ou não...). Ele disse que tem um pouco de vergonha desse livro, que o escreveu

há muito tempo (1998) e acha seu estilo “muito seco, que hoje escreveria diferente”. Devolveu-me o livro, e pedi licença um minuto para preparar a filmadora.

Ele assentiu com a cabeça, sentou-se no sofá e ficou me observando o tempo todo, enquanto eu travava uma luta com o tripé, que eu não sabia se estava travado ou não. Se não estivesse travado, a câmera podia baixar durante a filmagem, ou mesmo cair. Ele chegou a oferecer polidamente uma ajuda, mas dispensei, na esperança de arrumar logo aquilo e começar a entrevista. Hoje, acho que deveria ter aceitado. Apesar disso, consegui logo arrumar a filmadora, posicionei o pequeno gravador de áudio (não quis confiar inteiramente nas minhas habilidades com a câmera) numa mesinha entre nós dois e sentei-me na poltrona ao lado da ponta do sofá em que ele estava. O ângulo em que deixei a câmera focalizava apenas ele, não me incluí na cena. Não queria ter que me preocupar com mais isso.

Começamos a entrevista propriamente dita, por volta de onze horas da manhã. Ele falou mais sobre futebol, pouca coisa foi dita sobre sua “vida pessoal” (não que ele não estivesse falando dela o tempo todo, segundo nossa crença na constituição do sujeito psíquico). Nas duas vezes em que ele começou a falar sobre a família houve interrupções (na primeira, o telefone dele tocou e ele pediu uma pausa, convidando-me para tomar um café; na segunda foi a fita da filmadora que acabou e tive que trocar, ele não retomou o assunto).

Nesta primeira vez, ele tinha se retirado da sala enquanto eu trocava a fita, percebi que falava ao telefone, e voltou me convidando para aproveitar a pausa e tomarmos um cafezinho. Foi nesse momento que o chamei de Tostão, ao invés de Eduardo. Fiquei numa esperança de que ele não tivesse ouvido, pois ele se dirigia já para a cozinha, mas não creio que tenha deixado de ouvir. Na cozinha, ele mesmo fez o café, num bule que ia ao fogo. Sentamo-nos na mesa da cozinha e ele me disse que gostava muito da casa, mas que era muito grande para ele, que andava pensando em vender, agora que seus filhos estavam casando e ele ia ficar sozinho ali. De fato, a casa ficava bem afastada, numa parte serrana da cidade, e era a última

casa do condomínio, encravada na montanha, à maneira de um esconderijo. Ele queixou-se que as pessoas achavam-no muito solitário e recluso, mas que ele não se achava tão recluso assim.

Voltamos para a sala e continuamos a entrevista, até cerca de 13:45 horas. Agradeci muito a entrevista e comecei a guardar minhas coisas. Ele insistiu que me levaria sem problemas, e perguntou se eu tinha conhecido a cachorra dele. Eu disse que tinha visto e ouvido um cachorro perto da piscina.

Então ele me levou a uma sala ao lado, onde havia daquelas portas que só abre a parte de cima, e chamou a Lambreca. Ela veio saltitante e eufórica, ele começou a fazer carinho nela e disse que eu podia fazer o mesmo, após eu lhe perguntar exatamente isso, com o olhar. Perguntei qual era a raça dela. Era uma Weimaraner, muito bonita a cor do pelo e do focinho, ambos castanho claro, olhos verde-água.

Peguei minhas coisas na sala ao lado, e fomos para a garagem, acompanhados de perto pela saltitante Lambreca. No caminho, já no carro, ele me mostrou dois pontos turísticos da cidade e perguntei se ele conhecia Uberlândia. Ele disse que esteve em Uberlândia há uns 30 anos, para um jogo da seleção. Houve momentos de silêncio durante a conversa, mas não desconfortável. Ele me explicou que ao chegarmos ao shopping onde o pessoal estaria me esperando, que ele não ia descer do carro, porque "àquela hora era muito agitado por ali". Eu disse que tudo bem. Contou-me que seu filho também havia feito mestrado recentemente e que havia assistido à defesa dele e achado emocionante. Disse que quando fosse fazer minha defesa para avisá-lo, que se desse, ele viria. Ao contrário do que avisara, ele acabou descendo do carro assim que chegamos ao shopping , e abriu a porta do carro para mim. Ajudou a pegar minhas coisas no carro, abraçou-me, agradeci novamente e despedimo-nos. Ele ainda disse que quando viesse a Belo Horizonte o procurasse, entrou no carro, acenou um tchau pra mim e pro pessoal que me aguardava e foi embora.

3. 2. 2. Os atletas de basquete

De acordo com minha compreensão do que Egberto Turato (2003), em seu "Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa" explica, aclimatação ou ambientação é quando o pesquisador procura freqüentar o ambiente onde o participante da pesquisa normalmente está ou exerce a atividade estudada, para observar e se inteirar dos aspectos informais do fenômeno estudado, dos fatores do entorno daquele fenômeno, sem interferir em nada, apenas observando, com ou sem registro de imagem ou som.

No nosso caso, optei por não levar nada, nem sequer o diário de campo, apenas fui a dois treinos do time de basquete, depois de obter a autorização do supervisor técnico do time para isso. Havia nas duas ocasiões, outras pessoas na arquibancada além de mim, cerca de vinte pessoas, acompanhando os treinos, de modo que minha presença ali não chamou a atenção. Eles treinam todos os dias de segunda a sexta-feira, em dois horários, de manhã (uma hora e meia de treino) e à tarde a mesma coisa. Houve duas vezes em que fui lá e eles tinham viajado para jogos, uma vez na China e outra na Argentina. Como é uma equipe que tem conquistado muitos títulos, têm viajado bastante.

Pude perceber que o treino é dirigido tanto pelo técnico quanto pelo preparador físico, todos têm suas funções claramente definidas, o técnico ou o preparador pouco interferiam, a não ser por ocasionais ordens de tática, os atletas treinavam por si mesmos, mas sob o olhar atento do técnico, que enquanto os observava, conversava com o preparador físico. Após o treino, faziam um relaxamento, onde estes se alongavam e conversavam informalmente, alheios à presença das pessoas na arquibancada, aparentemente já acostumados a ter público. O mordomo do time levava água para os atletas, toalhas para enxugarem o suor e guardava o material usado em bolsas grandes. Aos poucos, um e outro atleta iam se dirigindo ao vestiário.

Na terceira vez que fui ao treino, cheguei no final, eles já estavam no relaxamento. Falei com o técnico sobre a pesquisa e sobre a necessidade de entrevistar alguns atletas, então pedi para falar com o time, com o que ele concordou prontamente. Ele os convocou no meio da quadra; fizeram um círculo (era a formação habitual deles para as preleções do técnico) à nossa volta, de pé. O técnico me apresentou como uma psicóloga do esporte que estava fazendo uma pesquisa e que precisava da colaboração deles, passou então a palavra para mim, para que explicasse melhor.

Falei que ainda havia pouca pesquisa sobre a realidade do atleta brasileiro, ao contrário de outros países que eram pródigos em pesquisa sobre seus atletas, e menos ainda sobre a forma como o seu trabalho afetava sua vida pessoal, ou vice-versa. Expliquei que era uma pesquisa da universidade e que precisava de atletas para entrevistar, não só de basquete, mas que esperava poder contar com a ajuda deles para incluir esta modalidade esportiva na pesquisa. Disse que seria uma participação voluntária, que as entrevistas seriam gravadas e transcritas, e que aqueles que se apresentassem como voluntários, teriam mais detalhes sobre seus direitos como participantes. Disse ainda que deixaria meu cartão com o técnico e que aqueles que se interessassem dessem o nome para ele que eu passaria lá alguns dias depois e os procuraria para marcar a entrevista. Ouviram todos em silêncio, baixaram a cabeça e foram desmanchando o círculo, conversando entre si. Peguei minha bolsa na arquibancada e antes que eu saísse, o técnico me chamou, disse que três jogadores haviam se oferecido e me passou seus nomes. Fui até eles e já marcamos as datas e os horários. Todos três moravam no mesmo prédio, um apart-hotel, pago pelo time. Marcaram na data e no horário que lhes foi mais conveniente. Preferiram marcar para as 14:00 horas da tarde, numa segunda-feira, apesar de terem essa manhã de folga, porque iriam em seguida para o treino da tarde. Foram entrevistados então com uma semana de intervalo, cada um. Serão chamados por B1, B2 e B3.

O primeiro a ser entrevistado foi B1. Cheguei pontualmente ao saguão do hotel, pedi que o chamassem, ele veio em seguida, de bermuda e camiseta, aparentemente descansado. Perguntei se havia algum lugar reservado onde pudéssemos conversar e ele achou melhor irmos ao terraço, pois gostava de ir pra lá "quando queria sossego". Chegando lá, como o prédio é alto, a vista da cidade é muito bonita, com 360 graus de um vasto horizonte. Havia apenas uma cadeira lá, ele foi buscar outra. Ventava um pouco, de modo que fiquei um pouco preocupada com a qualidade da gravação do som, mas como ele parecia gostar muito dali, não fiz objeção. Sentamo-nos de frente um para o outro, com o gravador numa parte baixa da amurada, entre nós. O sol foi ficando mais forte, mas isso não parecia preocupá-lo, adotou a mesma postura do início ao fim da entrevista. Ouvindo a entrevista depois, o vento não foi problema, o som foi captado perfeitamente, mas o gravador é que deu problema e parou de gravar pouco depois do meio da entrevista. Por isto, comprei outro gravador, desta vez digital, para as próximas entrevistas.

O segundo a ser entrevistado foi B2. Ele também foi chamado pela recepcionista do hotel assim que cheguei, pontualmente às 14:00 horas. Também estava com aparência descansada, e ao perguntar-lhe sobre o lugar onde deveríamos ficar, ele sugeriu uma sala de conferências que havia no segundo andar. Acompanhou-me até lá e ao ver que estava trancada, foi buscar a chave. Na sala ao lado estava tendo uma convenção de uma empresa de cosméticos e chegavam pessoas o tempo todo. Ele voltou acompanhado da recepcionista, que abriu a porta, disse que ficássemos à vontade e perguntou se precisávamos de mais alguma coisa. Ela saiu, ele fechou a porta por causa do barulho lá fora e ligou o ar condicionado. Sentamo-nos em duas cadeiras colocadas à mesa do conferencista, diagonalmente, com a mesa ao lado, onde pus o gravador. Ele oscilava muito entre recostar-se na cadeira ou debruçar-se sobre os joelhos, inquieto. Desta vez o gravador funcionou sem problema algum.

O terceiro entrevistado foi B3. Na verdade, a entrevista dele foi bem depois. Eles tiveram um jogo na Europa, no dia que havíamos marcado e precisamos remarcar para daí a um mês, que foi quando deu certo, tanto os horários dele quanto os meus. Finalmente, chegado o dia, da mesma forma cheguei e da mesma forma ele se apresentou, fomos para a mesma sala de conferências, só que ele tomou a iniciativa de sentar-se numa das cadeiras do auditório, ao invés da cadeira do conferencista. Puxei então outra cadeira de lado e sentei-me diagonalmente em relação a ele, e coloquei o gravador noutra cadeira ao lado. Parecia bem mais sossegado que B2, mais quieto, mas enquanto falava, balançava sua cadeira para trás, num embalo suave e, ao longo da entrevista, amassou o termo de consentimento livre e esclarecido até virar uma bolinha.

3. 2. 3. Os atletas de futebol

Neste caso não houve possibilidade de fazer a aclimatação. Foi difícil conseguir contato com clubes de futebol. Vários contatos foram iniciados por telefone, e-mail ou site oficial dos clubes, mas eram sempre redirecionados para outro departamento e não se obtinha resposta alguma. O time de futebol da cidade é de segunda divisão, razão pela qual não foi incluído nas possibilidades.

Queríamos clubes que tivessem uma situação não necessariamente de sucesso, mas que já tivessem uma trajetória onde seus atletas pudessem sentir a responsabilidade de uma expectativa à altura dos grandes campeonatos, que teriam então experienciado todo o périplo por que passa uma atleta, inclusive a pressão da mídia, que não é a mesma no caso dos times de segunda divisão. Visto a dificuldade de se conseguir tal contato, o clube que acabamos conseguindo contato foi um clube de primeira divisão, mas pequeno, de uma cidade vizinha,

minha cidade natal. Como o secretário de esportes é conhecido de minha família, expliquei-lhe sobre a pesquisa e perguntei se poderia falar com o técnico do time. Ele me levou até o centro de treinamento deles, pediu-me que aguardasse ali no campo mesmo. Era de manhã, eles estavam acabando o treino, tinha umas dez ou quinze pessoas assistindo também, eles teriam um jogo no dia seguinte, no domingo. As pessoas riam de um homem que funcionava como gandula, pegando as bolas que saíam do campo e devolvendo-as quase sempre fazendo uma graça. Um rapaz ao meu lado explicou que era um "doido" que adorava o time e que ficava sempre por ali nos treinos, então acabaram dando algo útil pra ele fazer, e que ele adorava.

Vi o secretário de esportes falando com o técnico no meio do campo, gesticulando na minha direção. Como eles conversaram ainda um tempo, e a expressão do técnico não era das mais amigáveis, presumi que ele precisou ser persuadido a concordar. O secretário me chamou até lá e me apresentou ao técnico. Muito secamente, ele apertou minha mão, eu expliquei que estava fazendo uma pesquisa e que só precisava de dois minutos para falar com os jogadores, que depois que alguns deles se oferecessem como voluntários, marcaríamos um horário que não atrapalhasse sua programação, que poderia ser no dia seguinte, depois do jogo. Ele perguntou de quantos jogadores eu precisava e quando eu disse que quantos pudessem, mas que dois ou três já estaria bom, que o importante era que fossem jogadores experientes, ele mal esperou que eu acabasse.

Apitou com toda a força, olhou em volta e chamou pelo nome três jogadores. Eles vieram na mesma hora e ficaram com as mãos na cintura, ofegantes, esperando ordens. O técnico disse-lhes que eu era sobrinha do X (prefeito da cidade e patrono do time) e que eu precisava falar com eles. Depois dessa desastrosa introdução, nem quis comentar o parentesco desnecessário e equivocado (era sua prima, não sobrinha), apenas falei que estava fazendo uma pesquisa sobre a vida do atleta e que gostaria de poder contar com sua

colaboração, se eles pudessem me conceder uma entrevista. Eles concordaram imediatamente, e o técnico foi cuidar de outros afazeres. Combinei com eles que seria no hotel onde eles moram, um logo após o outro, naquela tarde mesmo. Chamarei-os de F1, F2 e F3.

Naquela tarde, ao chegar ao hotel, apesar de chegar pontualmente, o primeiro deles já me aguardava no saguão, F1. Muito simpaticamente, ele veio até mim e disse que poderíamos ficar no restaurante do hotel, que a essas horas ficava vazio e silencioso. Fomos para lá e assim que nos sentamos, disse a ele que o X não tinha nada a ver com aquilo, que ele sequer sabia de minha presença na cidade e menos ainda no clube, completei dizendo que se ele não quisesse participar não era preciso se sentir forçado a isso. Ele disse que tudo bem, não tinha problema nenhum, que ele sempre gostou de conversar com psicólogo, que no time dele em São Paulo – ele "pertence" a um time paulistano e estava "emprestado" a esse time pequeno - tem uma psicóloga e perguntou se eu a conhecia, Suzy Fleuri. Após os esclarecimentos de praxe, sobre seus direitos como participante e a assinatura dos papéis, começamos a entrevista. Ele falava bem calma e pausadamente, com um tom de voz baixo e elaborava muito bem suas respostas.

O próximo entrevistado foi F2, que já havia chegado antes de acabar a entrevista anterior e aguardava no outro extremo do restaurante. Ele sentou-se e expliquei-lhe a mesma coisa que explicara ao F1, sobre sua colaboração com a pesquisa não ter nada a ver com o patrono do time e que teria toda liberdade de se recusar a participar, se quisesse. Tanto ele quanto F3, o último entrevistado, disseram praticamente a mesma coisa: que não fazia diferença e que participavam porque achavam importante serem ouvidos sem ser pela mídia esportiva, para variar. F2 parecia também bastante calmo, e suas respostas foram mais concisas.

O terceiro entrevistado, F3, chegou ao salão pouco depois que F2 subira. Durante a entrevista, disse que a mulher e a criança que podíamos ver no saguão depois da porta de vidro eram sua esposa e filha. Eles mudaram-se para a cidade quando ele fechou contrato com o clube, mesmo que por apenas seis meses, pois sua esposa está esperando o terceiro filho e ele não queria se separar deles.

CAPÍTULO IV

4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

4. 1. Análise dos atletas: o sujeito entra em campo

Vimos que o atleta de alto nível pode ser considerado uma versão moderna do herói arquetípico, e que tal qual o herói, tem um caminho de provações, onde deve provar seu mérito e sua superioridade, para que se eternize através da glória de seus feitos incomuns. Mas que espécie de heróis são esses que produzimos hoje?

Nossos atletas saem da casa de seus pais muito cedo, por volta dos 13 anos, geralmente atendendo a um desejo de encontrarem um meio de vida que acreditam ser mais "fácil" e rentável, e invariavelmente praticando um esporte de que gostam muito, ou seja, a junção ideal de ascensão social com o idílio profissional. Muitas vezes percebe-se a crença, até mesmo nos círculos acadêmicos, de que o esporte teria o poder de regenerar socialmente jovens à beira da criminalidade, ou mesmo já iniciados nela, devido ao desenvolvimento de características desejáveis socialmente como disciplina, cooperação, liderança, perseverança, respeito, trabalho de equipe, auto-superação etc. Tais crenças alimentam aqueles sonhos de uma vida relativamente fácil e de ganhos vultosos.

É preciso cuidado com a idéia de que o esporte teria todo esse poder. Como vimos neste estudo, apenas o esporte praticado com fins educacionais ou de lazer pode ser considerado *potencialmente* construtor de tais características, justamente porque, em condições ideais, tal ramificação esportiva não visa a competição e sim o desenvolvimento e a expressão do ser humano. Considerando que o esporte educacional não acontece no Brasil em condições ideais, aí mesmo é que torna-se necessário cautela com o que se espera dele.

Talvez o esporte educacional e o esporte ensinado e praticado nos projetos sociais sejam os últimos lugares onde ainda se tenta projetar os ideais olímpicos defendidos pelo Barão de Coubertin.

Há uma razão pela qual utiliza-se dois verbos muito comuns quando as pessoas se referem à prática esportiva: jogar e praticar.

> Joga-se basquete ou pratica-se basquete. No primeiro caso, a ação relaciona-se mais ao lúdico, e no segundo, ao treinamento, o que nos remete a um caráter duplo do esporte. [...] Nesse enfoque, fica a conclusão sobre o jogo exigir um parceiro e o esporte um adversário. (BRUHNS, 1993, p. 48).

Enquanto o adolescente dedica-se à prática esportiva nesses termos, pode-se esperar que as habilidades e características de personalidade exigidas pelo esporte tenham uma chance de se generalizar para atitudes sociais fora do esporte. Mas estimular à prática desportiva profissional, acreditando que é apenas uma extensão do esporte de lazer ou educacional, constitui-se em perigosa simplificação.

Antes de iniciarmos a discussão sobre os aspectos levantados com os atletas, vamos a um breve resumo biográfico de cada um deles. Todos os jogadores de futebol serão designados pela sigla F seguida de um número, para cada um. Todos os jogadores de basquete da mesma forma serão designados pela sigla B, seguida do numeral que o distingue dos demais. Apesar de não gostarmos muito do uso de números, não encontramos outros codinomes mais apropriados. Neste ponto de nosso estudo, a entrevista com Tostão será entrelaçada com a dos demais atletas naquilo que sua narrativa têm em comum, as questões concernentes à vivência como esportista. Na seção 4.2., falaremos apenas de assuntos tratados exclusivamente com Tostão.

F1 tem 21 anos, é solteiro, joga num clube paulistano de razoável expressão nacional, veio de uma pequena cidade do interior paulista e está “emprestado” a este clube de pequeno porte, onde o conheci. Seu pai já foi jogador de futebol e disputou as Olimpíadas com a

seleção brasileira. Chegou a ser aprovado num vestibular para Administração, mas não iniciou o curso. Já jogou em países como Equador, Panamá, Alemanha, Áustria, e Suíça. Sua posição é meio-campo. Seu modo de falar é bastante pausado e tranqüilo, voz baixa, olha nos olhos o tempo todo, tem modos bem joviais.

F2 tem 31 anos, é divorciado, tem um filho, já jogou em clubes de porte médio em estados do centro-oeste e do sul do Brasil, e fora do país, na Alemanha. Nasceu numa cidade de médio porte do interior paulista. Estudou até o primeiro ano do ensino médio. Sua posição é meio-campo também. Parece mais velho, semblante cansado, discreto, poucos gestos, olha muito para o chão, mas sorri com muita expressividade. Lembra uma descrição que Vitor Hugo fez de um pescador (parafraseando): "figura que o cansaço embrutece e um sorriso transfigura."

F3 tem 32 anos, é casado, tem dois filhos e sua esposa está grávida do terceiro filho. Nasceu em uma pequena cidade paulista. Também jogou em vários países da Europa, tendo morado no México por um tempo. Formou-se no curso Técnico Agropecuário. Sua posição é zagueiro. Tem uma postura séria, mantém a cabeça alta boa parte do tempo, o que lhe confere um ar de quem examina atentamente seu interlocutor. À medida que falava da família seus ombros baixaram e a cabeça já vinha mais para perto do tórax.

B1 tem 26 anos, é solteiro, paulistano, tem experiência internacional e joga na posição de pivô. Estudou até o segundo ano do ensino médio. Segundo ele, foi seu pai quem projetou o teclado de computador com acentos para a língua portuguesa, que usamos hoje. Tem um modo intenso de falar, mas maneiras calmas, ajeita-se na cadeira e fica praticamente da mesma forma o tempo todo.

B2 tem 26 anos, é solteiro, carioca, tem experiência em vários clubes europeus e joga na posição de armador. Completou o ensino médio. Nunca conheceu o pai, foi criado apenas pela mãe, tem um irmão "de criação", que sua mãe adotou quando ele iniciava a carreira. O

rapaz é da idade dele e era muito pobre, morava numa favela, e já que ele ficava sempre em sua casa durante os jogos, sua mãe o adotou. Tem um jeito espontâneo de falar, inquieto, ficava se recostando na cadeira ou apoiando os cotovelos nos joelhos durante a entrevista.

B3 tem 26 anos, é solteiro, mineiro, também tem experiência internacional e joga na posição de lateral. Está cursando faculdade de Administração à noite. Calmo, tranqüilo ao falar, ficava se balançando suavemente na cadeira enquanto conversava, mas amassou completamente uma folha de papel que tinha nas mãos, até fazer uma bolinha.

E por fim, Eduardo Gonçalves Andrade, o Tostão. Sua biografia pode ser encontrada em qualquer obra que trate da história do futebol brasileiro, vamos aqui apenas nos ater a um breve resumo dos fatos ocorridos após sua saída do futebol. Sua carreira foi interrompida por uma bolada que levou no olho esquerdo, durante uma partida corriqueira entre Corinthians e Cruzeiro, no estádio do Pacaembu. A princípio pensou-se que a bola tinha acertado o supercílio de Tostão, mas quando viram o que de fato ocorrera, que a bola tinha deslocado a retina do olho, ele foi levado imediatamente para um hospital em Houston, nos Estados Unidos, onde foi operado. Foi após esse episódio que ele viveu o auge de sua carreira, a Copa de 70, e teve seu nome inscrito entre os maiores de todos os tempos do futebol brasileiro. Em 1972, transferiu-se para o Vasco da Gama, numa transação considerada por muitos jornalistas como uma das maiores do futebol até então. No mesmo mês de seu afastamento do futebol, ingressou na faculdade de medicina e exerceu a profissão de médico e professor universitário por quase duas décadas. Interessou-se por Psicanálise e chegou a estudar por dois anos, e praticar por alguns meses. Retornou ao mundo do futebol como cronista e deixou a medicina. Em 1997 escreveu um livro “Tostão: Lembranças, Opiniões, Reflexões sobre Futebol”, com prefácio de Armando Nogueira. Casou-se e teve um casal de filhos: André e Mariana.

É interessante notar como, na história de vida desses atletas, alguns deles envolveram-se com aquela prática desportiva devido à influência de algum familiar com esse mesmo

esporte. O pai, ou um irmão que era tido como modelo a seguir e com quem o atleta partilhava um grande afeto, foi quem o introduziu naquele universo. Alguns até mesmo porque o pai exercia aquela mesma profissão. À pergunta (baseada em sugestão de FEIJÓ, 1992): "*Por quê futebol [basquete]? Por quê não vôlei, ou basquete [futebol]?*"

> F1: A princípio foi o meu pai também ser jogador de futebol. Jogou no [clube paulistano], já disputou Olimpíadas, pela Seleção Brasileira... Então a princípio foi por causa disso.

> B1: A princípio... aproveitar a altura que eu tenho né, primeira coisa que eu pensei, a altura; aí vai jogar um pouquinho já por causa do meu irmão, que ele que me levou pro basquete, que eu gostei do jogo com uma certa facilidade pra poder ajudar ele, então eu segui em frente. Pra aproveitar as habilidades que tenho, né?

No caso de B2, que disse na entrevista não conhecer seu pai, nunca vira sequer uma foto dele e só dele saber o nome, o interesse pelo basquete nasceu de uma intimidade com práticas esportivas em geral, mas o professor de educação física, nesse caso, pode ter funcionado como a figura parental masculina substituta e que ajudou a dar um rumo para suas habilidades ainda insipientes e indefinidas:

> B2: Porque eu acho que é o que eu levava mais jeito né, eu sempre levei jeito pra esporte, sempre joguei futebol, joguei vôlei. Sempre fui muito coordenado, sempre... qualquer esporte assim que eu começava a jogar, peteca, teve uma vez que fui jogar peteca, falei: Pô, sei lá, não sou nenhum profissional, mas não sou nenhum... duro", como a gente fala. Mas aí foi basquete que eu vi que eu tinha mais talento mesmo, meu preparador físico, meu... meu professor de educação física me viu jogando e me levou pra fazer um teste lá, onde tudo começou mesmo.

Ou seja, nesses casos, aliado a uma habilidade recém-descoberta naquele desporto, a busca do esporte era também uma forma de aproximação com uma figura parental mais próxima, através de uma identificação com o técnico.

Outros já falam de sua escolha por essa profissão como uma espécie de chamado, corroborando a noção do périplo do herói de que Rubio fala, aquele que não escolhe, mas é escolhido para um destino de façanhas incomuns:

> B3: Ah, eu acho que não é a gente mesmo que escolhe o basquete, eu acho que o basquete que acaba escolhendo a gente, como em qualquer outra profissão, eu acredito bastante nisso. E... eu achei que eu tivesse essa tendência, sempre gostei desde criança, eu via as pessoas jogando na escola e me identifiquei.

O futebol é considerado "o esporte nacional", e existe a crença de que as características deste jogo combinam à perfeição com as características da identidade do povo brasileiro: dinamismo, alegria, jogo de cintura etc. No entanto, isso fala bem mais da crença mesmo, ou seja, daquilo que queremos enfatizar como traços de nosso povo, pois Daniel Piza (2002), nos lembra, em sua apresentação ao livro de Giulianotti, que apesar de nossa privilegiada posição nesse universo, seria presunçoso nos auto-declararmos "o país do futebol", visto que este é o primeiro esporte em vários países:

> Em palavras atuais, é o mais globalizado dos esportes. Mesmo em países ricos, como a Inglaterra e a Alemanha, ocupa papel fundamental na identidade local. É cultuado em sociedades com as mais diferentes religiões e as mais diferentes formações históricas. É mania no Japão ou na Espanha, na Nigéria ou na Arábia Saudita. Um país com a população menor e mais homogênea que a brasileira, como a Argentina, tem resultados proporcionalmente ótimos nos torneios mundiais. Logo, é obviamente reducionista dizer que há certos requisitos prévios para que o futebol seja uma paixão nacional, ou para que esse país se diga o mais naturalmente apto para se realizar nele. Mas que ele seja visto assim é que é significativo. (PIZA, 2002, p. 5).

Ainda assim, mesmo reconhecendo que o futebol é o preferido em vários outros países, autores como Rubio (informação verbal) e Da Matta (antropólogo brasileiro) acreditam que em nenhum país o futebol marca tanto o calendário cotidiano quanto no Brasil, constituindo-se quase que num feriado, onde se alguma coisa ainda funciona em dia de jogo

do Brasil na Copa, os horários são flexibilizados para não bater com o horário do jogo. Desta forma, mesmo as pessoas que não se interessam por futebol são forçosamente levadas a ajustarem suas vidas ao calendário futebolístico em tempos de Copa.

Mas talvez justamente devido a esse vasto interesse, que foge às fronteiras nacionais, ser assim tão diverso, possamos entender quando os jogadores referem-se à sua predileção por este esporte como um escolha "natural" e característica da infância de qualquer menino. Um esporte apreciado em tantos lugares diferentes do mundo, deve possuir algo que possibilite às crianças essa forte identificação. Ainda com referência à pergunta mencionada sobre por qual razão escolheram o futebol e não qualquer outro esporte, estes dois jogadores expressam desta maneira sua escolha:

> F2: Acho que todo sonho de uma criança, e acho que o presente de toda criança, quando ela tem seus três, quatro, cinco anos, é uma bola, e isso me surtiu um interesse muito grande conforme foi passando os anos e sempre tive bola de futebol, mas sempre joguei também outros esportes. Mas quando eu fui lá pelos 10, 15 anos, foi uma atração tão forte que passei a praticar mais e foi onde tive uma chance de virar jogador.

> F3: Eu acho que além de ser o esporte mais fácil e mais popular, além de ser popular, melhor dizendo, ele é o mais fácil de você ter acesso. Porque você pode jogar futebol na rua, se você faz dois golzinhos ali com chinelo, você já está se divertindo, já virou um campinho. Então eu também, desde bem pequeno, cinco, seis anos, já tinha na minha cabeça que eu queria jogar futebol.

O jogador F3 menciona também a facilidade de acesso. O futebol é considerado o esporte mais democrático do mundo, porque não exige um tipo físico - não é necessário ser alto, ou forte, ou possuir qualquer outra configuração corporal específica. Tampouco exige materiais caros ou equipamentos complicados, muitas vezes bastando, como o disse F3, "um par de chinelos" e muita imaginação, para que se o pratique.

A segunda pergunta que Feijó (1992) sugere e que também foi utilizada na íntegra nas entrevistas com todos os atletas, inclusive Tostão, foi: "*Meu conhecimento de futebol [ou basquete] é o de um espectador. Aquilo que eu vejo sinto, sentado numa arquibancada ou diante da televisão , deve ser muito diferente daquilo que você sente, no meio do campo [quadra]. Você pode me dizer o que é jogar futebol [basquete], do ponto de vista do atleta profissional?*"

Feijó acredita que é melhor admitir o desconhecimento da realidade do esportista ao invés de tentar fabricar uma postura de quem entende muito do assunto – porque, mesmo quando isto for verdade, ou seja, o psicólogo de fato conhece bem aquele esporte, o que se quer saber com esta pergunta é como aquele atleta em particular vê seu esporte, que significado tem para ele, e isto não se encontra em nenhuma publicação. Esta atitude vem bem ao encontro da postura do analista na Teoria dos Campos, que é essencialmente a teoria de um desconhecimento admitido:

> Em meio ao entrecruzar de destinos humanos, a Teoria dos Campos é, antes de tudo, uma teoria do desconhecimento; admite que 70% da terra psíquica ainda está coberta pelo oceano de nossa ignorância, e não quer que ela cresça ainda mais com o olvido daquilo que já se lucrou em discernimento. Mas tampouco aceita repetir, o bom gosto exige que explore novas constituições psíquicas. (HERRMANN, 2001, p. 58, d).

Voltemos então à pergunta feita aos atletas, sobre o que representa aquele esporte para eles, como profissionais naquele ramo. Dois jogadores falaram com entusiasmo, parecia que as palavras não eram suficientes para expressar o que seu esporte significa para eles, sendo um universo indivisível da vida deles:

> F2: Ah, futebol pra mim é tudo, é a profissão que eu escolhi, desde os doze anos de idade, saí de casa com treze anos pra jogar futebol. É

> uma área difícil no começo, e hoje eu desfruto algumas coisas dela, e... é tudo pra mim, é tudo que eu sei fazer hoje.

> B1: É uma coisa maravilhosa, não é... um prazer muito grande, não tem muito o que falar, não tenho muitas palavras para expressar isso aí, sabe... Mas ele... é... uma coisa que... pode ser verdade né, às vezes você está mais motivado, está mais estressado, tem momentos que você está menos, mas sempre estava gostando. Então é uma coisa que você faz por prazer e ainda acaba ganhando pra isso.

Não escapa à fala de B1 a contrapartida de angústia que esse prazer traz embutido, pois o esporte de alto nível deixa pouco espaço para a prática lúdica, impondo-se a velocidade de um meio onde a produção de resultados é imperativa.

Um jogador de futebol, F1, expressa bem esta passagem da atividade como puramente prazerosa, e fonte de muita alegria para ele, a uma atividade que lhe exige uma preocupação consciente e vigilância constante. No universo do desporto de alto nível, a excelência é importante e ele tem que estar à altura, não é mais apenas uma brincadeira de menino.

> F1: Primeiramente, futebol é assim, eu acho que de todo... homem, principalmente, acho que é o sonho de quando você é criança, né. Acho que poucos conseguem isso né. Particularmente pra mim jogar futebol primeiro é alegria, é a coisa que eu mais gosto de fazer na minha vida é jogar futebol, a princípio é isso. Depois, conseqüentemente com o tempo, com os compromissos, vai se tornando uma profissão e uma das coisas que você tem que fazer também.

Para o jogador de basquete B3, esta dimensão prazerosa de sua atividade parece já ter ficado apenas nas lembranças da adolescência, entretanto, ele parece se esforçar para ainda vislumbrar o prazer que retirava dessa atividade, como uma forma de ainda dar sentido à sua permanência nesse esporte:

> B3: Jogar basquete pra mim é um... é um prazer, mas também eu considero uma profissão, não é uma coisa que eu vou chegar nas

> minhas férias e vou querer fazer, ter vontade de fazer, entendeu, é um... enquanto eu tô fazendo isso eu sinto bastante prazer.

Para B2, é curioso observar que o que ele destacou nesse momento foi o fato de servir de referência para as crianças, o que faz lembrar a falta da presença paterna de que se queixa ao longo da entrevista, pai que nunca conheceu, referência que nunca teve.

> B2: Eu me sinto privilegiado... por... poder servir de exemplo pra algumas pessoas, principalmente pra criança. Eu acho que isso... você olhar e uma criança te pedir um autógrafo... *[Sorrindo]* Te pedir uma camisa e você não pode dar a camisa, porque você tem que devolver, no dia seguinte tem que mandar pra lavar.

Ter que devolver, ter que retornar ao ponto de referência que escapa, não poder possuir aquela imagem pra si. A imagem de pai é uma imagem que "precisa ser lavada" para ele, pois em outro ponto ele, falando desse pai, encerra o assunto dizendo: "Eu não tenho mágoa dele, não tenho mágoa nenhuma não. Tenho curiosidade física assim de saber como é que ele é, ver se eu pareço com ele, mas assim... a vida vai botar a gente pra conversar ainda." A camisa é uma identidade que ainda precisa ser "passada a limpo" para ele.

Para esse atleta, o basquete representa literalmente um meio de vida, no sentido de que é o meio que sua vida encontra de reescrever sua estória. Nesse sentido, o esporte poderia representar o mesmo para nossos atletas, no entanto a variedade da história pessoal modela obras diferentes com o mesmo barro, já que a profissão não foge às determinações mais pessoais de cada indivíduo. Falando da zona intermediária, que é onde residem as representações que interessam à análise, visto que os conceitos metapsicológicos mais profundos trabalham com formações psíquicas muito primitivas na história do indivíduo e praticamente impossíveis de se apreciar, Fábio comenta o lembrete que sempre dá a seus alunos: "No fundo, no fundo, todos os homens são iguais; por isso o que nos interessa é a superfície..." (HERRMANN, 2001, p. 27, a).

No fundo, sabemos que a escolha da profissão é determinada por causas bem entranhadas na vivência daquele indivíduo, mas é o motivo daquele indivíduo que nos interessa, não para fazer uma análise individual, mas para entender o pedaço de todos nós contido naquele fragmento do real que é aquele indivíduo.

Para F3, sua entrada no futebol foi pontuada pela descoberta dos sacrifícios ocultos por trás do ideal glamourizado do esporte-espetáculo. Os sacrifícios também fazem parte da jornada do herói arquetípico, as dificuldades devem ser vencidas para que o herói prove seu valor. Só que nesse caso, o sacrifício não é público, apenas a competição o é:

> F3: Ah, o futebol, além de ser uma maneira da gente se sustentar né, eu comecei no futebol como ilusão, vendo no futebol geralmente aquilo que o espectador vê. Via só aquela coisa de campo, aquela euforia da torcida ali. Então às vezes, pra muitas pessoas, quando está iniciando carreira, o futebol chega a ser uma coisa de ilusão mesmo, você acha que vai ser um jogador de time grande sempre. E isso não acontece sempre. Às vezes, tem coisas que acontecem nos bastidores, que chegam até a te frustrar em algum momento, porque acha que futebol é só aquilo que todo mundo vê, né, a euforia... E é mais que isso, a gente vive sob pressão. É a pressão por resultado, pressão por ter que mudar e se adaptar a outro ambiente, esse tipo de coisa.

Queríamos saber até que ponto os atletas sentiam-se realmente donos de sua história e sujeitos de suas trajetórias, visto que já vimos que em geral o que se percebe é o assujeitamento do jogador, que é tido como um produto, a ponto de se dizer que "foi vendido", ou "emprestado" para algum clube, à sua revelia. Nos treinos, compreende-se que o técnico tenha ascendência, devido à necessidade de organizar as atividades em que a própria liderança implica, embora isso não justifique algumas atitudes de desconsideração à particularidade de cada atleta. Mas fizemos a seguinte pergunta, no intuito de investigar esse assunto: "*Explique como se dá a contratação do jogador de futebol [basquete], pela sua experiência.*"

> F1: Então, primeiro as contratações se dão muito pelo rendimento, né, pelo rendimento do atleta. Mas hoje em dia, o extra-campo eu acho que conta muito. Você tem um empresário, você tem alguém que indique é... isso hoje em dia conta muito. Conta... ah, você ter o dom, você ter... estar jogando bem, estar desenvolvendo bem seu futebol, conta. Mas eu acho que hoje o que mais conta é... são... não digo amizade, mas digo assim... contatos, contatos que você tem... e amizades, amizades entre aspas e muitas vezes interesse. Eu acho que hoje no esporte o que mais tem é... antes, antigamente era mais paixão, hoje... hoje é milhões, hoje envolve dinheiro e mais dinheiro e mais dinheiro. Então a maioria das pessoas que estão envolvidas no futebol estão preocupadas com dinheiro.

Perguntei-lhe se ele tinha algum empresário, ou um agente que fazia as intermediações do contrato por ele.

> F1: Então, eu tenho. Tanto é que aqui no [clube do interior] eu tô emprestado, né, meu passe pertence ao [clube paulista] e eu tenho uma pessoa que cuida, cuida das minhas coisas. Ele é de [cidade do clube paulista] também... [...] Confiar eu confio, mas eu tenho que saber. Eu preciso saber das coisas, saber como tá... porque é minha vida, tem pessoas que dependem de mim, pessoas que estão envolvidas comigo, então eu preciso estar acompanhando todas as coisas, né, de contratações, de contratos, tudo. A palavra final é minha. Se eu quero ir pra tal lugar ou não, se eu quero de uma tal maneira ou não, se eu aceito esse valor ou não, isso a última palavra é minha, porque se acontecer alguma coisa, quem vai sofrer sou eu também.

O agente é visto como alguém que protege seus interesses, mas ao mesmo tempo ele sente a necessidade de participar ativamente das decisões, o que por si só já é uma melhora em relação à dependência dos jogadores de décadas passadas, que tinham seu passe vendido pelo clube.

De todos os atletas, apenas F2 não tem nem nunca teve um agente que fizesse as negociações de contrato de trabalho, mas ele também acredita ser importante, para que a contratação aconteça, o que o jogador demonstra ser “fora de campo”:

> F2: Ah, eu acho que pra contratar um jogador acima de tudo tem que... lógico, ser um bom jogador, mas também ter um bom caráter

> né, não ter atos de indisciplina fora de campo. Então hoje um clube vai contratar um jogador, se olha muito isso né, o que ele é fora de campo. E a respeito de conduzir o contrato, sempre fui eu. Eu tenho 30 anos e nunca ninguém conduziu um contrato pra mim, não. Sempre fui eu que fiz tudo, negociei. Tem muitos empresários que a gente vê os jogadores falando, que só vêem o lado deles, entendeu? Esses jogadores de primeiro nível, top, um Ronaldo, é bem assessorado, mas o jogador que não joga em grandes clubes não tem uma assessoria assim.

Os "atos de indisciplina fora de campo" fazem pensar que a suposta liberdade que ele tem de negociar os termos de seu contrato acaba por aí mesmo, no contrato. Insinua que qualquer ato volitivo e discordante do recomendado, possa sofrer sanções por parte do clube.

Já F3, refere-se a uma nova forma, bem afeita à época da informação e da imagem, de agenciar o atleta e afirma que já teve agente, com quem se sente em débito pelo apoio que este lhe deu no início da carreira:

> F3: Eu, no começo da minha carreira, tive agente. Ele apareceu e hoje é uma pessoa a quem eu devo muito, porque foi a pessoa que me abriu as portas do futebol, praticamente. Hoje eu não tenho, quem acerta minhas contratações sou eu, pessoalmente. [...] Existem aquelas pessoas que têm um agente fixo, eu não tenho. Quando eles se interessam por mim, me ligam e eu mesmo decido tudo do meu contrato, o que é difícil, por um lado, porque te tira um pouquinho do foco... às vezes é mais fácil você recusar alguma proposta através de alguém, do que diretamente, né. Se você tem família, tem filhos, então vem aquele mundo de coisas na sua cabeça, entendeu? E se você tem um agente, ele simplesmente fala "não dá, essa proposta não dá", e se ele for um agente que também é seu amigo ele vai te aconselhar. Se você tem um agente de contrato assinado, ele vai correr atrás pra você. Hoje existe muito aquele agente de... de DVD. Chega pra você, pede um DVD, fala que vai levar pra um clube, pra tentar te empregar de alguma maneira. E é assim, eu tenho meu DVD, "melhores momentos", às vezes mando pra um, mando pra outro. Porque na verdade é a grande minoria dos jogadores é que têm agente, entendeu? E nem são os mais famosos, pelo contrário, geralmente são os que estão nas categorias de base, 16, 17 anos... e ou às vezes esses jogadores que têm determinados empresários já fixos, e já têm uma carreira definida praticamente, em todos os sentidos, e ele passa a ser um agente entre aspas, porque ele indica alguém que ele conhece e já recebe uma comissãozinha.

O agente procura por trabalho e ao mesmo tempo, funciona como uma camada protetora entre o atleta e o clube, protegendo aquele das demandas indesejáveis deste, devidamente chancelado pela confiança do jogador. O "agente de DVD" seleciona os melhores momentos para exibir aos interessados, como um produto a ser burilado pela imagem, a fim de ser mais facilmente vendido e consumido. Os "piores ou nem tão melhores momentos" são varridos para debaixo do tapete, não interessam numa relação de trabalho onde só o que o jogador possui de produtivo é relevante para o clube. Tostão, em sua entrevista, ao falar sobre aspectos positivos e negativos do futebol, menciona que o que interessa ao clube são apenas os resultados que o atleta possa produzir.

> O atleta é uma mercadoria. Vendido pra lá, pra cá. Até hoje essa relação [clube e jogador] é muito distante. Quer dizer, o jogador é tratado ali como uma máquina né, que corre, produz, se ele não joga mal, ninguém pensa se ele está com alguma dificuldade na vida, nem lembram. Todo mundo só pensa no... "Ah, ele engordou um quilo", detalhes físicos,"ele não está treinando assim, não está fazendo isso, não está fazendo aquilo..."
> - *Só quando afeta o desempenho...*
> É, isso sempre houve uma distância, um tabu muito grande aí. E primeiro que as pessoas que trabalham em clubes, técnicos, dirigentes, preparadores físicos, hoje tem especialistas, fisioterapeutas, toda uma tecnologia científica, mas toda essa tecnologia é a serviço da produção técnica do jogador. Isso começa a mudar no futebol e em outros esportes, começa a mudar isso. A psicologia está começando a ter uma atuação mais presente no futebol, mas ainda tem um preconceito, uma resistência muito grande.

Portanto, atualmente F3 prefere ele mesmo negociar seu contrato, pois acredita ser muito difícil confiar nas pessoas e porque ninguém conhece melhor suas dificuldades do que ele próprio [sic]. Nesse contexto delineado por Tostão, onde mostrar sua fragilidade é motivo de rejeição na certa, não é de admirar que o jogador fique na defensiva, para usar um jargão esportivo.

No basquete, todos os participantes da pesquisa têm agente. Cada um dá seus motivos para isso:

> B1: Tá dividido hoje, tá em crescimento esse tipo de negócio no Brasil, com o agente, mas... ainda não pegou como na Espanha, que todos os atletas ali têm agente. [...] Já no meu caso eu já tenho um agente. Mas no contexto geral, aí tem outro atleta ainda que tem que ser direto com ele.

> B2: Eu tenho, eu tenho um agente. Eu tenho uma empresa que trabalha pra mim. E tem alguns jogadores. [...]É, a gente conversa: "Quero tanto, negocia em cima disso" e a gente vai conversando. Só que eu acho isso bom porque a gente não se expõe tanto, né. Porque se... se alguém tiver que brigar, não vai brigar com o jogador. Porque bem ou mal, vão pagar ele, então o agente é um representante meu, então a gente não... se expõe tanto porque... bem ou mal nem todo mundo pensa igual à gente. [...] Então eu não vou me expor, quem vai se expor é ele. Eu acho que é mais ou menos por aí. Mas tem gente que trata só ele também, tem gente que não tem agente não, prefere ficar sozinho, prefere não pagar, negociar direto. Eu particularmente acho mais tranqüilo, vou pras minhas férias tranqüilo, posso curtir tranqüilo porque tem gente trabalhando por mim.

> B3: Olha, aqui no Brasil é um pouco complicado porque.... o basquete, como é muito restrito e assim, existem muitos jogadores de qualidade que não conseguem bons contratos, eu acho que no meu caso, um agente é... é.... benéfico, mas há quem diga também que... que prefere que não, porque como o salário é um pouco mais baixo que no resto do mundo, às vezes muito mais baixo que no resto do mundo, então esse... essa comissão que a gente dá pro agente, às vezes pode ser usado pra outras coisas, então depende da cabeça de cada um. Na minha opinião o agente é bem importante, desde que eu participe também das decisões, que é o tipo, a forma de contrato que eu tenho com os meus agentes, né. [...] um consultor que vai me passando as informações, e quem toma as decisões definitivas sou sempre eu.

Todos parecem concordar com a comodidade de ter quem os represente, a desconfiança quanto a que interesses o agente vai mesmo defender não é tão grande quanto a dos jogadores de futebol. Também é mencionado a função de escudo que os protege de uma exposição indesejável, e é curioso observar que a própria palavra "agente" parece um trocadilho bastante óbvio para "a gente" (nós), fazendo suspeitar de que realmente o agente é uma interface entre o clube e o atleta, mais próxima talvez do atleta que do clube, visto que sua função é vista como tranquilizadora, "tem alguém cuidando de mim". Mas, fugindo a

uma posição demasiado infantil que esse pensamento poderia suscitar, “a palavra final” é sempre dele, atleta.

Não podemos deixar de notar que é interessante o fato de no futebol, que é um esporte onde normalmente espera-se que os seus praticantes venham de meios sociais mais desfavorecidos e com menos acesso à educação convencional, seja onde haja um maior número de atletas que dirijam seus próprios negócios do que no basquete, supostamente um esporte praticado por pessoas mais favorecidas economicamente. Mas talvez isto não venha a ser uma contradição, e sim uma conseqüência, do atleta que vem do meio social mais pobre ter que desenvolver mais cedo recursos para sua independência do que o atleta de classe média.

A propósito, ao perguntar a Tostão “*Qual a diferença que você percebe entre o jogador de futebol e os outros atletas?*”, sua resposta foi bastante eloqüente:

> Os atletas das outras modalidades têm muito mais conhecimento. Muito mais cultos, têm mais informações, são de famílias mais estruturadas e de níveis sociais melhores, tiveram mais estudo, mais do que os jogadores de futebol. Os jogadores de futebol, a maior parte vem de família pobre, desestruturada, com grandes problema sociais, então são mais suscetíveis a serem... eles têm menos noção das coisas, são mais mal-informados, o próprio clube, hoje a parte social do clube – social que eu falo - de apoio social aos atletas, ainda é fraca. E tem uma coisa, às vezes, o psicólogo do clube funciona mais como assistente social do que como psicólogo. Eu imagino que a maior parte dos psicólogos que estão trabalhando nos clubes de futebol estão fazendo mais trabalho de assistente social do que de psicólogo. Eu imagino, quer dizer não tenho certeza não, mas eu tenho quase certeza, que é mais de orientação, de informação, “você não pode usar droga, tal”, informações sociais e dando instruções de comportamento e de social do que de psicologia de verdade, do que terapêutico.

Nesta pesquisa, no entanto, não encontramos dados que confirmem uma tão clara divisão das diferenças sociais de acordo com a modalidade desportiva. O nível de escolaridade foi equivalente nos dois grupos de atletas.

Entretanto, não acreditamos que nossa busca pela capacidade de se sustentar como sujeito em seu meio e não como mero objeto, seja apenas vislumbrada através da questão da resolução do contrato. O contrato representa apenas a porta de entrada nesse relacionamento do atleta com sua prática esportiva, ou com o clube que o contratou. Esta avaliação se dá ao longo de todas as perguntas, perpassa todas as elaborações dos jogadores.

A próxima pergunta, a cujas respostas acompanharemos com atenção, é a seguinte: *"Quais são os aspectos positivos e negativos de ser um atleta profissional, na sua opinião?"*.

A resposta quase unânime, tanto no futebol quanto no basquete, quanto a aspectos positivos, foi a oportunidade de conhecer lugares, "conhecer o mundo":

> F1: se não fosse, eu não conheceria a Alemanha, não conheceria a Suíça, não conheceria a Áustria, o Equador, Panamá, não conheceria vários lugares, países, lugares, o Brasil inteiro praticamente eu conheço. Por mais que "ah, é o hotel e o campo", mas já é um ponto positivo.

> F3: A gente até brinca na concentração, né, a gente conhece vários lugares, você fica em hotéis relativamente bons, é bem melhor do que se você fosse trabalhar em qualquer outro setor...

> B1: Eu acho que ficar viajando, conhecendo o mundo também é bom, gostoso.

> B2: [...] por mais que seja uma viagem de trabalho, bem ou mal, conhece os lugares, que eu nunca imaginei na minha vida que eu ia conhecer. Nunca imaginei que eu fosse pra China [...].

> B3: [...] e tem a oportunidade de conhecer muitos lugares, a gente conhece bastante gente.

Na fala de F1 percebe-se que eles têm consciência de que o contato que têm com esse mundo é superficial, restringido quase sempre ao hotel, além do campo de treinamento e estádio.

A despeito da diferença de tamanho e luxo, os estádios são essencialmente a mesma coisa, um lugar feito para um único fim, o campo é padronizado por regras rígidas instituídas por organizações esportivas internacionais. Os hotéis são um contraponto do turismo, pois o turista está viajando supostamente para viver algo diferente, mas o hotel deve fornecer-lhe nada menos do que o conforto a que está habituado. E esse "viver algo diferente" é algo bastante duvidoso, pois nesse mundo informatizado e globalizado em que vivemos, onde as diferenças são aniquiladas, Fábio Herrmann (2001) nos pergunta "Para onde fugir?". China, Áustria, Panamá, são nomes que damos aos lugares onde esperamos diferir de quem somos, onde poderíamos ser aquilo que seríamos, se não já tivéssemos feito a escolha que fizemos.

> Tudo o que não sou nem possuo – cultura requintada, prazeres exóticos, panoramas fantásticos, amores surpreendentes – aguarda-me lá. Na verdade, *lá* é feito exatamente disso, dos restos culturalmente instrumentados daquilo a que chama a Psicanálise de *eu-ideal*. Faço as malas e, ao fazê-las, cometo meu primeiro equívoco, pois coloco nelas aquilo de que, a rigor, pretendia escapar. É que o temor à perda da identidade suplanta em força meu projeto de transformação. Não é fato que hesitamos todos ao fechar as malas? Que teremos esquecido? A resposta não é difícil, esquecemos de guardar o propósito de esquecer-nos, e cuidadosamente revisamos tudo para assegurarmo-nos uma vez mais de estar levando os símbolos identitários do quotidiano, mais necessários lá do que aqui – pois não é lá o lugar do esquecimento do quotidiano? [...]
> Que é pois o turismo? [...] é um *dar as costas ao real*, epitomizado pela clássica fotografia em que o sujeito aparece sorrindo à frente de algum monumento da civilização, para convencer-se depois de que o contemplou. (HERRMANN, 2001, p. 44, d, grifo do autor).

É curioso que eles precisem viajar tanto para *conhecer o mundo*. Que mundo é esse que precisam estar sempre a beirar, sem no entanto nunca fazer dele parte? Que familiaridade

buscam com um mundo que dizem que de outro modo não conheceriam? Entretanto, as viagens não são o único aspecto positivo apontado por eles.

> B1: Porque faz o que a gente gosta e ainda ganha pra isso, né?
> B2: Acho que dos positivos é fazer o que você gosta. E ser remunerado pra isso. [...] Acho que poder servir de exemplo pra algumas pessoas, é uma responsabilidade muito grande... não tão grande como assim com o médico, mas é uma responsabilidade, bem ou mal, servir de referência... eu acho que isso é um dos pontos positivos mesmo, acho que é o que me faz jogar, por causa da família também, ir bem nos jogos pra poder receber um elogio, acho que isso é muito bom.

> B3: A gente tem a capacidade, capacidade não, a gente tem a oportunidade de fazer o que gosta. [...] Pra quem gosta, tem pessoas que não gostam, mas pra quem gosta disso, tem o contato, o calor humano das pessoas na cidade, não só [XX], mas em qualquer cidade em que você estiver, o reconhecimento do público, da mídia, e de tudo... de todas as pessoas envolvidas, as pessoas que acompanham, e isso é muito bom, isso é um ponto muito importante. E tem também a parte financeira, que aqui no Brasil a gente sabe que... muitas pessoas trabalham por salário mínimo das oito da manhã até as cinco da tarde. E a gente... apesar de todos os problemas que tem de salário, de atraso, de problemas de times que fecham por causa de falta de estrutura, a gente... a gente ainda tá num patamar bem acima do que é o padrão da sociedade comum.

> F1: Outro ponto é quando você entra em campo vamos supor lá, ou outro lugar assim que você vê 30 mil pessoas, estádio cheio... sabe, dentro de você é muito bom. Quando, vamos supor, você faz um gol, você vê seu gol na televisão ou no jornal... é bom, quem fala que é ruim, não é. É bom e é gostoso, mas você tem que saber lidar. Tem também o outro ponto que dá independência financeira, onde você conquista suas coisas mais rápido.

> F2: [...] você ganhar superbem, mesmo aqui no [XX] que é um time pequeno, você ganha muito bem, comparado com outras profissões em geral né.

> F3: É... por exemplo, eu tive oportunidade de estudar... sou formado, sou técnico em agropecuária. Então eu tive condição de estudar, o futebol me deu condições de ajudar meus pais, meus familiares, minha família é humilde...

Além da relativa facilidade de se independer financeiramente e poder ajudar os pais e a família, falam do prazer que sentem ao marcar gols e da admiração pública por seus atos. Num país com tantos contrastes sócio-econômicos como o Brasil, uma ascensão financeira rápida é o sonho de muitos jovens. E o olhar carinhoso e admirado do público parece legitimar todo o esforço que fazem, uma vez descoberto que o caminho do atleta de alto nível não vem sem uma boa parcela de sacrifícios pessoais. Em geral sentem-se sozinhos, porque estão longe da família, mas ao mesmo tempo estão com 30 mil pessoas, sob o olhar dessas pessoas que os acompanham, no entanto nem sempre tão benevolentes ou respeitosas.

Surpreendentemente ou não, o único atleta que mencionou como aspecto positivo o cuidado com o corpo, foi F2: "porque você cuida do seu corpo". Foi o único fator que mencionou além do fator financeiro, e foi também o único que não mencionou as viagens como uma vantagem. Interessante que os demais jogadores não vejam o condicionamento físico como um benefício. Talvez porque para eles o condicionamento seja uma obrigatoriedade, não seja percebido como um ganho paralelo. Ou será que esses atletas sentem-se tão habitantes de seus corpos que não consigam vê-lo por fora, como um objeto a ser cuidado?

Nos aspectos negativos, de novo, quase houve unanimidade num ponto: a separação da família.

> F1: Eu saí de casa com quatorze anos. Fui pra [estado da região sul], joguei no [XX], com 14 anos, então eu via a mãe uma vez... uma vez por... uma vez por ano. Então não é fácil assim, como eu já falei, vai fazer praticamente dez anos que eu moro fora, então quando eu tinha quinze, dezesseis às vezes eu ia pra casa de férias, mas minha mãe não participou da minha vida. Se eu não tivesse uma cabeça, se eu não tivesse algumas pessoas, eu tive o clube lá que foi muito bom pra mim, e alguns amigos, verdadeiros amigos, entendeu, que queira ou não queira me formaram. Eu era adolescente, eu tava em formação, eu tinha 14 anos. Então meu pai e minha mãe praticamente não participaram da minha formação. [...] E você, querendo ou não querendo, você se priva de amigos, de aniversários, de coisas

> particulares, coisas em família que você tá longe então você... você esquece, você tem que esquecer isso.
> F2: Eu saí de casa aos treze anos e hoje tenho trinta, fazem 16 anos, então assim, eu nunca passei um aniversário com a minha família, nunca...

> F3: Tenho minha esposa, tenho meus dois filhos, minha esposa está grávida do terceiro; e aí é justamente difícil esses contratos de período curto, de cinco meses, meu contrato em Maio, [estávamos em Abril] termina. Então vem a dificuldade de transferir de escola. Então não tem como dar seqüência, eu posso ficar aqui o ano todo, como posso ir embora daqui a dois meses, quando terminar meu contrato. Pra mim essa é a parte mais complicada, de transferência de escola.

> B2: é passar muito tempo longe de casa. Não tenho dúvida de que, muitas pessoas que praticam esporte de alto nível vão responder isso e é complicado mesmo... pessoas com filho pequeno, às vezes com o filho recém-nascido... "coisam" fotos, gravam coisas, levam na viagem pra ficar assistindo e uma lembrancinha pra ganhar. E daqui a um tempo, quem vai estar nisso aí sou eu.

> B3: Um outro ponto negativo é que a gente fica longe da família. Inevitavelmente, muitas pessoas que são casadas não podem estar com a esposa e com os filhos, porque a gente tá se mudando, às vezes de ano em ano, às vezes de seis em seis meses, às vezes até menos. E... longe dos pais também, que a gente pode visitar pouco... tem esses fatores, pra mim não são tão determinantes, mas tem muita gente que... acha que isso pesa bastante.

O jogador B1 foi o único que não mencionou a distância da família em momento algum da entrevista. Os jogadores F1, B2 e B3 são solteiros, mas fizeram referência à falta que sentem do apoio da família, no caso deles, a família de origem (pai, mãe, irmãos). B3 também disse em outro ponto da entrevista, que vê seus pais uma vez por ano, mas isso lhe pareceu suficiente.

No caso dos jogadores casados, percebe-se a falta sentida tanto da família de origem ao longo de seu processo de crescimento, já que saíram ainda pré-adolescentes da casa dos pais, quanto da família que estão a constituir com suas noivas, esposas e filhos. O contato

com eles é tão breve e tão escasso, que quase sempre têm que "coisar fotos", como o disse B2, para levá-los consigo. A captura da imagem fica até difícil de precisar para ele, pois a representação da pessoa parece coisa demais para substituir o calor do contato humano.

F1 fala que seus pais não participaram de sua formação e nessa hora parece particularmente emocionado, mas por outro lado não vê a hora de que seu casamento chegue e possa iniciar uma família com sua noiva, mesmo sabendo que provavelmente terá a mesma possibilidade de convivência com esta nova família. É freqüente na fala de F1 e não raro na fala dos demais atletas a expressão "querendo ou não", "queira ou não queira", "bem ou mal", como a comunicar a irrelevância de seu desejo, que sendo um ou outro, há normas e condições a serem cumpridas que destoam dele, que deve a elas se conformar. Nesse contexto, onde o desejo deles não importa, e o mundo que conhecem tem que ser sempre o mundo dos outros, onde serão sempre estrangeiros, a parte que lhes cabe é "coisar" as lembranças, tornar aquilo que se evola e evanesce em algo que se possa carregar junto de si, num simulacro de relacionamento familiar.

Para F3, a distância da família e a conseqüente dificuldade de seus filhos construírem laços sociais significativos foi a única, mas pungente, queixa. Ele falou sobre sua decisão de mudar de atitude em relação à sua família o acompanhar nas viagens, explicando o que conversou com sua esposa a esse respeito.

> F3: "*A partir do ano que vem você não vai me acompanhar mais. Você vai fazer um esforço, quando eu estiver perto da cidade, vai me ver, pra [menina] e o [menino] criar um elo de amizade*". Você vê gente falando "Minha amiguinha, que estudou comigo desde a segunda série e coisa e tal" entendeu; ela não tem como ter esse tipo de vínculo com ninguém, ainda. A hora que ela começa a ter esse vínculo, tem que mudar, e ela já está com oito anos de idade, então faz falta uma amiguinha.

A percepção de que não apenas se isola afetivamente, mas também prejudica a construção de relações de amizade fundamentais na infância, para seus filhos, o incomoda

sobremaneira, a ponto de não mencionar mais nada além desse aspecto negativo, nesse momento.

B2 pondera a esse respeito:

> Mas também, quando chega num certo nível, chega num ponto que consegue status, levam a família junto. Quando podem, né? Compensa, é o sacrifício que a gente faz. O preço que a gente paga, bem ou mal, a gente é bem remunerado, faz o que gosta, mas acho que... cada profissão tem um preço a pagar e na nossa é essa.

Além deste aspecto, apontado por quase todos os atletas, outros aspectos foram mencionados. F2 fala da dificuldade decorrente de um começo bem diferente do sonhado, onde a falta de recursos financeiros não lhes possibilita o conforto material, e nem mesmo a remuneração prometida.

> F2: E quando você tá começando também, você passa por algumas coisas: morar mal, se alimentar mal. Hoje, quando você começa a jogar futebol, se você não está num grande clube há esse sofrimento de morar mal, se alimentar mal, às vezes você não recebe. Então, o futebol ele te dá uma alegria muito grande, mas o começo é muito sofredor.

Ainda no futebol, F1 aponta como tanto um aspecto negativo quanto positivo da profissão, a paciência que é preciso ter para lidar com vários elementos desse universo. As habilidades que o jogador precisa ter para lidar com todos esses elementos exige um exercício de versatilidade, para dizer o mínimo.

> F1: É, outro negativo que eu vejo é... é que tem hora que é positivo, tem hora que é negativo, é... que nessa profissão você tem que ter uma paciência... com tudo! Pra fechar um contrato, você tem que ter jogo de cintura com seu próprio empresário, com seu próprio limite, com seu próprio treinador, com seu próprio colega, companheiro de profissão. Porque hoje tá muito competitivo, de alto nível né, então tá muito competitivo, e essas coisas influenciam muito. Porque pra quem tá no eixo Rio-São Paulo – é a primeira vez que venho pra

> [estado do centro-oeste] – é o eixo Rio-São Paulo, que como todo mundo diz, no esporte é o melhor eixo, é onde tem emprego, onde tem patrocínio, onde envolve milhões e milhões e milhões e pessoas, clubes de fora, empresários de outros países que vão ver os jogadores... então no eixo lá é ainda muito mais difícil.

No basquete, B1 lembra o caráter imprevisível e fortuito que ronda a carreira de atletas de qualquer modalidade. Em sua própria família ele tem um exemplo do efeito, muitas vezes irreversível, desse perigo. Um espécie de *deus ex machina* – recurso dramático nascido nas tragédias gregas, onde um fator externo e alheio à estória que está sendo contada, (um furacão, a morte súbita etc.) surge e muda todo o destino do protagonista - que assombra a vida do desportista.

> B1: O chato é que você não sabe até quando vai durar. De repente pinta uma lesão, alguma coisa, você para imediatamente. Isso pode acontecer, meu irmão aí com 16 anos teve que parar de jogar. Ele teve problema de hérnia, sabe, se dependesse dele ele voltava pro basquete, era a coisa que ele mais queria.

Devido ao caráter imprevisto desse tipo de acontecimento, não há como se preparar para ele. Equivalendo à morte profissional em muitas das vezes, tal qual a morte em si, esse não é um fator para o qual os atletas sequer desejem se preparar. Ao mesmo tempo, essa possibilidade os acompanha constantemente, e o simples fato de não ter ainda lhe acontecido isso, faz com que sinta-se felizardo, pois não foi "agraciado" com o toque de recolher que isso representaria. Por outro lado, quando o jogador já pensa em parar de jogar profissionalmente e dedicar-se a outra profissão ou simplesmente se aposentar, a lesão pode ser uma "saída honrosa", porque é vista justamente como algo imprevisto e que não dependia de sua vontade, impedir que acontecesse. Nesse caso, o atleta é aplaudido pela torcida, que o trata como a um herói combalido.

O jogador B3 trata de outro aspecto negativo do desporto, o corporativismo.

> B3: Pelo menos aqui no Brasil, um dos pontos negativos principais é a falta de organização que a gente vê, tanto na Confederação, quanto em muitos clubes. Eu acho que isso atrapalha bastante [...]. Os clubes estão tentando sempre se proteger, [...] por isso é que eu participo da escolha dos clubes em que eu jogo. [...] E é uma espécie de cada um protegendo o seu, cada um se isolando cada vez mais e isso atrapalha o esporte, atrapalha o basquete e isso a gente vê no resultado dentro das quadras, como a gente pode ver, a seleção brasileira não vai bem nos campeonatos; a qualidade do basquete brasileiro cai bastante, os salários caem bastante. Tem muitos amigos meus que estão há mais de um ano sem conseguir time, estão desempregados, alguns jogando de graça, esse é um ponto de... no que diz respeito à organização, que faz muita pressão em cima do atleta, que tá sempre sendo prejudicado por causa de interesses que não são do esporte, são interesses alheios ao esporte e que entram como sanguessuga, entram pra sugar o máximo possível, depois sair e deixar todo mundo na mão, deixar muitos profissionais, não só os atletas, mas a comissão técnica e os diretores que participam também, todos que estão diretamente envolvidos e isso é muito ruim.

A partir do momento em que o esporte foi descoberto como um espetáculo rentável, muitos têm sido os interesses envolvidos no esporte de alto nível, como o jogador mesmo disse "interesses alheios ao esporte" e que "sugam" o que querem à revelia dos envolvidos. Tratado como uma espécie de operário do esporte, o atleta vê-se obrigado a se curvar a medidas com as quais não concorda e a submeter-se a julgamentos cujo veredito percebe-se nas escalações ou medidas disciplinares.

Quanto à vida social, a resposta mais frequente foi ficar em casa, no caso dos solteiros, porque quando saem à noite, as pessoas da cidade tendem a espalhar boatos que aumentam o que vêem de seu comportamento. B1 é o que melhor explica isso:

> Torcedor adora criticar. Você sai pela noite uma vez, fala que saiu dez. Você bebe alguma vez, já fala que já bebeu dez vezes. Teve um cara que... teve um jogador de [cidade do interior paulista], três jogadores de [XX]... teve um dia, porque bebeu no dia, já falaram que era pinguço já da cidade, os três. Então, não pode sair aqui. Se for fazer alguma coisa, tem que fazer em outra cidade, onde ninguém te conhece.

Certamente, o comportamento que o torcedor observa e critica não se refere apenas a bebida, mas também ao comportamento sexual dos atletas. Interessante notar que nenhum deles mencionou esse aspecto nas entrevistas, podemos apenas supor que possa ser devido ao fato da entrevistadora ser uma mulher, porque em algumas partes das entrevistas eles pareciam preocupados em escolher palavras polidas, preocupação que talvez não tivessem, se o entrevistador fosse do sexo masculino.

Como por exemplo, B1, quando perguntado o que costuma fazer quando "fica em casa" em suas folgas, respondeu, hesitante: "Ah, ver filme, entrar na Internet. Nada especial. De vez em quando chamo algumas... algumas... amigas pra ir lá, só isso." E B2, falando de quando conheceu a noiva, disse que falou para um amigo que ia "dar problema". Como eu repetira a palavra problema em tom interrogativo, pedindo que explicasse melhor, ele respondeu: "Problema que eu falo... que ia virar coisa séria. E eu tenho provas pra isso. Porque eu tava com um amigo meu, eu já falei pra ele: *`Ó, vai dar problema isso aí´*. [Risos] Falei com outras palavras, falei com vocabulário masculino. `Vê lá, hein´, ele falou pra mim..."

De minha parte, quando elaboramos o roteiro de entrevistas, pensava que esse assunto seria abordado por eles espontaneamente, quando falassem dos aspectos negativos da vida deles, ou das dificuldades do treinamento e da concentração, ou mesmo quando falassem de algum aspecto positivo. Como isso não aconteceu, ficou faltando investigar esse importante aspecto de sua rotina, já que não foi feita nenhuma pergunta especificamente sobre isso. De resto, fica nas entrelinhas a idéia de que mulher é "problema"?

Os atletas casados ou com filhos também gostam de ficar em casa, porque é uma rara oportunidade de estarem com seus familiares, a quem se referem como algo sólido em que podem confiar, ao contrário do ambiente de trabalho, onde freqüentemente tem alguém querendo sua vaga ou pronto a criticar e não se pode falar abertamente de suas angústias. Isto

pareceu mais forte no futebol do que no basquete. F2, único atleta divorciado do grupo, assim explica seu lazer:

> Ah, a gente sempre procura se divertir né, porque normalmente no domingo, quando as pessoas normais estão numa festa, numa coisa assim, a gente está na concentração. Então a gente procura se divertir na segunda-feira, que é nossa folga, que todo mundo tá trabalhando, se divertir de qualquer maneira, né. Porque a gente, jogador, a gente é assim muito visado. Você não pode ir numa boate num dia de quinta-feira, de quarta-feira porque pega mal pra você, as pessoas vão falar assim: "Ó, jogador de tal time e de tal time..." Então isso a gente não tem, mas a gente se diverte da maneira que pode.

F2 refere-se às "pessoas normais" como aquelas que podem se divertir nos finais-de-semana. Embora haja outras profissões em que o trabalho no fim-de-semana e feriado seja comum, é um fator distanciador para ele. Muito visados, os jogadores sentem o peso de ter que ostentar uma imagem exemplar, já que o esporte tem sido usado por algumas campanhas como o apanágio da cidadania. Uma perfeição que sirva de modelo para o público que os observa, não lhes permite que cometam atos comuns de tolice que o comum dos mortais pode cometer sem maiores conseqüências. Quando são flagrados em alguma aventura noturna ou sob o efeito de bebidas e drogas, cometendo infrações de trânsito ou qualquer evento desse gênero, a mídia esportiva é impiedosa em detalhar o infame passo em falso. Assim, mesmo quando atingem um nível alto de remuneração e *status* em sua modalidade, quando em geral vão festejar estas conquistas, devem primar pela moderação em público ou desenvolver estratégias de disfarce e escamotear seus excessos. Se nem os pequenos deslizes são bem tolerados, muito menos o serão os erros mais graves de conduta social.

Tostão afirma que uma vez que o atleta atinge certo grau de respeitabilidade profissional, ele tem que ser perfeito. Tem que ser um modelo de cidadão, seu comportamento devendo ser exemplar em todas as demais áreas. Ele perde o direito de estar mal-humorado, ter pressa diante de seus fãs, de ter uma vida social que não seja escrutinada

nos jornais. A imagem do herói não é agregada ao atleta sem que este pague o devido preço. Devido à imagem do atleta ser uma versão moderna do herói, e dado que ele é em geral visto pelo grande público quando está na competição e sob os holofotes de uma apresentação-espetáculo - o que lhe confere uma aura de glamour - mais aumenta o interesse dos meios de comunicação em devassar sua intimidade, para conseguir extrair daí a substância com a qual o público poderá se identificar. Precisamos vê-los como realizadores de feitos incomuns, como de fato o são a maioria dos atletas consagrados pela história, mas são também humanos, igualmente falíveis.

Quando falavam de sua vida social, a resposta mais peculiar foi a de B3:

> Meu lazer é diferente do lazer das outras pessoas, apesar de eu ter... 25 anos, eu gosto bastante de ficar em casa lendo, gosto de usar a Internet, eu gosto de ficar com a minha noiva que... ela tá vindo sempre nos fins de semana... [...] Eu sou meio parado, assim eu costumo falar pro pessoal que eu sou meio morto. [Risos] Eu sou diferente do geral, porque gosto de ficar mais parado... Mas... não... é uma opção minha, não que seja uma coisa necessária, a gente ficar dentro de casa. É uma opção minha, é uma coisa que eu gosto, eu gosto bastante de ler.

O gostar de ler e de ficar quieto é interpretado por ele como estar morto. Por mais que pensemos que para os atletas em geral, seus pensamentos e sentimentos sejam canalizados no movimento e na ação, mesmo assim o termo *morto* soa forte aqui, o que pode não lhe ter passado despercebido, pois riu logo após dizê-lo, como a tentar diluir o efeito da palavra. A diferença a que ele se atribui, uma vida interior e uma quietude incompreendida, é a mesma diferença a que Tostão se refere, quando fala de sua maneira de ser em comparação com seus colegas de equipe, na década de 70. Acompanhemos o que Tostão afirma a esse respeito:

> Bom, eu não sou modelo pra jogador de futebol, muito pelo contrário uma vez o [XX] me fez uma entrevista dizendo que eu sou esquisito... que eu sou esquisito... [sorrindo].

> O esquisito pra ele é que eu gostava de ler, enquanto o pessoal gostava de Roberto Carlos, eu gostava de Chico Buarque, que eu lia livros de literatura, eu gostava de conversar sobre outras coisas, sobre política, coisas básicas né, que todo mundo com um mínimo de escolaridade gosta de fazer, mas eu nunca fui intelectual e nada...
> Então, em casa eu discutia com meus irmãos sobre política, sobre essas coisas básicas de relações humanas né, eu já gostava, tinha já uma abordagem psicológica das coisas, meio assim de leigo, mas gostava assim dessas coisas, então eu falava sobre isso com os jogadores, então eu nunca fui modelo.

Mais adiante, ele fala que hoje já não seria tão diferente...

> Eu noto que, agora que eu escrevo sobre eles, eu convivo de novo muito com eles, então eu noto que melhorou muito o nível...
> Não só o cultural, mas também o nível de relacionamento. Na minha época, pessoas como eu, eram muito raras, eu era o esquisito. Hoje não seria esquisito mais, hoje tem muitos jogadores com essa visão, gosta de conversar sobre outras coisas.
> Mas a maioria continua... só sabe jogar futebol, não tem uma visão... é uma visão primária de tudo. Fora do futebol, do jogo, e até no futebol, nas coisas que envolvem o futebol, só sabe treinar fisicamente, treina habilidade técnica para jogar e acabou. Então esse tipo de jogador funciona com um técnico que manda e eles obedecem, né.

Tostão fala que não serve de modelo, mas esse é o papel que ocupa no imaginário brasileiro, devido à sua importante contribuição para o futebol nacional, e principalmente seu papel na conquista da Copa do Mundo de 1970. Esse papel, ao mesmo tempo que é lembrado com satisfação íntima por saber de seu valor, parece lhe pesar, como ele mesmo o disse anteriormente, porque lhe tira a liberdade de errar, como qualquer outra pessoa. Fala também da visão, que normalmente é míope no meio do futebol. Seria essa distorção a de um olhar que só vê o corpo enquanto máquina que deve funcionar perfeitamente?

Outra pergunta que lhes foi feita, foi a respeito de seu relacionamento com os técnicos. Tostão é enfático ao falar do perfil padrão do técnico de futebol no Brasil: “Funciona na base do pai agressivo, fez isso, taí o castigo. A maioria funciona assim.” Embora reconheça que há técnicos mais bem preparados para lidar com os jogadores como

pessoas, Tostão afirma que até mesmo a resistência que a maioria dos técnicos têm à presença de um psicólogo do esporte, deve-se ao receio de perderem terreno na sua, via de regra, onipotente maneira de dirigir o time.

> A maioria dos técnicos acha que o psicólogo vai invadir o seu espaço. Quer dizer, ele faz questão absoluta de ser técnico, o pai, orientador, o... ele controla a vida do jogador. Então ele tem medo do psicólogo falar alguma coisa que ele não gosta e que isso atrapalhe o relacionamento dele com os jogadores e que isso vai bater de frente com a orientação que ele deu. Então o que acontece nos clubes de futebol é que o técnico ele quer... ele é onipotente, ele quer controlar tudo. Tem uns que controlam até o médico, o preparador físico, controla o fisiologista...
> O que acontece hoje no futebol é que ele ainda está tão preso a certas coisas... pouco profissionais, que os técnicos centralizadores, mas que são competentes, são os que dão mais, os que têm mais sucesso no futebol, infelizmente.

Diante de minha colocação de que talvez esse relativo sucesso desse estilo de liderança se deva à falta de iniciativa dos jogadores, que ele mesmo comentara antes, pois ele era dos poucos que ficavam para treinar sozinho, sem o técnico precisar pedir - em suas palavras: "Eu mesmo me treinava" - enquanto que os outros precisavam ser obrigados a isso, Tostão respondeu:

> Exatamente, exatamente. O [ex-técnico da seleção brasileira] é... clássico, ele controla tudo, toma conta de tudo. Agora, ele é inteligente, ele percebe a necessidade, sabe? Porque se ele ficar só na parte dele, ele vai ver que um punhado de coisa não vai funcionar. Ele sabe que não vai funcionar. Porque no futebol teoricamente deveria ter o funcionamento que deveria ter, um movimento muito grande de dinheiro e que tenha profissionais competentes. Não é assim.
> Então, tem o vôlei, eu vejo o Bernardinho, a estrutura que o vôlei tem. Um monte de gente trabalhando junto com o Bernardinho, assim todo mundo, muito bem orquestrado. No futebol não tem isso não. No futebol é o técnico sozinho fazendo tudo.

Para ele, o técnico era "apenas uma figura decorativa", pois ele mesmo percebia quando tinha algum ponto fraco que precisava ser trabalhado e ficava após o treino, praticando até melhorar, e não só os elementos técnicos do futebol, mas os táticos também.

> Técnico pra mim era figura decorativa, todos os técnicos que eu tive foram figura decorativa, com exceção da copa de 70, eu levei até um susto, o Zagalo, porque o Zagalo, na época, não pelo fato de ter sido um grande jogador, mas pelo jeito dele, eu fiquei assustado, porque pela primeira vez eu vi um técnico ser técnico mesmo. Detalhava tudo, os detalhes científicos, tático, posicionamento, controlava, olhava tudo.
> Quer dizer, [...] naquele momento eu vi que o Zagalo era um técnico de verdade.

Sobre seu relacionamento com os técnicos, F1 afirma que com alguns tem amizade, com outros, não. Como os contratos são geralmente curtos, o tempo de que dispõem para estabelecer uma amizade e criar vínculos mais fortes é insuficiente. No time em que está agora, está apenas "emprestado" por três meses, então seu contato com o técnico é apenas profissional. Quando perguntado sobre se costuma conversar com o técnico quando tem algum problema, ele responde: "Normalmente, eu fico quieto. Prefiro não falar com o técnico, ele pode achar... Já tive experiência de ir conversar e foi pior".

F2 acredita que nunca teve problema com seus treinadores. "Tinha respeito, era muito profissional, nunca tive problema com treinador, não, e com alguns tive até amizade." Parece que Tostão está certo, não há muito espaço para diálogo, o medo de represálias e penalidades sobrepõe-se à vontade de se aproximar da figura com quem convivem e trabalham diariamente. O "tive *até* amizade" expressa bem a raridade do evento.

Numa espécie de denegação, todos começam falando que se dão bem com seus técnicos, mas é só deixá-los elaborar um pouquinho mais seu pensamento, que logo surgem as dificuldades. F3 segue essa dinâmica:

> Eu tenho sempre bom relacionamento com meus treinadores, mas eu procuro separar muito, assim, me dar bem com eles principalmente na parte profissional. Na parte social assim, eu procuro não estar muito próximo porque, até numa situação de cobrança, se você fica muito amigo, a cobrança é até pior. Até porque, como eu hoje não tenho agente, eu procuro ter um bom relacionamento, nunca tive problema com treinador.

Sem que nenhuma intervenção minha tenha sido feita, ele lembra-se de um acontecimento desagradável com um técnico que o colocou pra jogar fora da posição a que estava acostumado e ele achou muito ruim, mas aceitou. Depois do jogo, o técnico o colocou "para fora do time" e pôs outro em sua posição original. Eu perguntei se ele fora demitido, ao que ele respondeu que não, mas que fora colocado na reserva.

> F3: Não, me botou na reserva, me mandou pra reserva. Aí eu falei pra ele que eu queria disputar partida na minha posição, em outra posição eu não ia querer ali. Aí ele achou que eu tinha desrespeitado ele, e eu disse que se for num jogo, por necessidade, até posso fazer isso, mas no dia-a-dia, no treino eu quero jogar na minha posição, que é onde eu posso mostrar do que eu sou capaz. No treino seguinte, parece que por pirraça, ele me botou de novo fora da minha posição, aí eu fui mal mesmo, ele quis me afastar do time... chegamos naquele ponto de "ou ele ou eu", ficou bem ruim. Mas depois ele veio conversar comigo e hoje está tudo certo, depois disso, ele já me chamou duas vezes pra trabalhar com ele, normalmente. Existe uma hierarquia, mas eu acredito que quando você tem algum problema com alguma pessoa, você tem que chegar e conversar, alguma resposta você vai ouvir, então eu sigo esse princípio.

O técnico sentiu-se desrespeitado com a discordância de sua disposição do jogador em campo, o jogador sentiu-se desrespeitado por jogar fora de sua posição habitual. O futebol é um esporte que trabalha todo o corpo de um modo geral e não apenas uma parte dele, como alguns esportes onde o essencial é a precisão de um único movimento, como tiro ao alvo, ou arremesso, por isso espera-se que o atleta tenha uma gama variada de movimentos disponíveis em seu repertório. Só que isso seria perfeito se apenas o trabalho muscular estivesse envolvido. Como o atleta sente-se mais à vontade em determinada posição em que

crê que joga melhor, é natural que deseje isso, pois já são muitas as inseguranças com as quais tem que lidar, mesmo dentro de sua rotina estabelecida. O simples bom senso sugere que não se vá contra isso, não sem pelo menos a anuência anterior do jogador, quando então o técnico achasse que um desafio como esse viria bem.

No basquete, a relação com o técnico não é menos controvertida. B1 demonstrou carinho por alguns técnicos que teve, com quem chegou a travar verdadeira amizade e chegar a considerar como padrinho: "[...] Na maioria das vezes tive uma boa relação com os meus técnicos. De chegar em alguns deles e poder me abrir." No entanto, quando falava das diferentes exigências que diferentes técnicos fazem, cometeu um ato falho interessante (em itálico):

> B1: Por exemplo, tem o técnico que... *gosta que o jogador passa a bola pro centro*. Aí você vai no outro, fala que gosta do... *gosta do meio*. Pô, mas se um fala uma coisa, outro fala outra, como é que é isso, meu? Entendeu?

Ele quis dizer que os estilos são muitas vezes opostos e que isso não lhe permite encontrar um estilo próprio, mas acabou dizendo que os técnicos pedem que fique no *centro* ou no *meio*, que, ao que parece, é onde gostaria de estar. Esse assunto tocou num ponto nevrálgico para ele, pois quando então perguntei se ele achava que o estilo dele era mais agressivo ou defensivo, sua resposta foi bastante expressiva:

> B1: Essa é uma pergunta... que me mata. Cada lugar que eu vou, tenho que fazer uma coisa diferente. Porque... por exemplo, no [clube paulistano]; vou dar um retrospecto, curto. Por exemplo, no [clube paulistano] eu era, eu era polivalente eu jogava de armador, ala e pivô. Aí fui pra [clube espanhol] ser o matador do time, ... ah, sem contar que no [clube paulistano] queriam me treinar pra ser o melhor jogador de um clube pra um, o único do Brasil, *queriam*, mas frustraram... (Risos)
> *- Ficou só na vontade?*
> Fiquei. Problema de arremesso. Lá no [clube espanhol] queriam que eu fosse um jogador matador, mas com o time trivial e fui primeiro

> pra ajudar. Outros times já me pediram já só pra pegar rebote e defender... e por aí vai. Cada lugar que eu vou, me pedem coisas diferentes, fica difícil, né? Eu não tenho... eu não tenho identidade, não sei que jogador que eu sou. Não sei.

É visível a angústia que sente ao dizer isso. Quando lhe pergunto como se sente com isso, ele fica em silêncio, faz um desalentado meneio de cabeça, um resignado levantar de ombros e abaixa o olhar. Para ele, o pior é que quando era mais jovem tinha muito mais capacidade de rendimento e de recuperação, agora acha que "erra muito". Disse que está numa fase ruim e que "O jogador que o técnico me pediu pra tá aqui, não é o que hoje jogou, como tava jogando quatro anos atrás". Perguntei-lhe o que mudou, desde que ele era mais jovem, para os dias atuais:

> B1: Ah, velocidade, físico, tudo. Antigamente é outra coisa, tocava bem mais, corria bem mais. Bem melhor, sabe? A complicação era maior, eu não errava. O sistema tático não falhava, é... tecnicamente, cinqüenta vezes melhor do que agora. Conforme eu fui passando na Europa foram me podando muita... teve... foram dois times que me podaram muito. Então assim... só defende, pega rebote e pega bola na sobra, acabou. Pelo menos em Portugal tinha um jogo fixo ainda que aportava a coisa, mas como eu fiquei cinco meses parado... então voltar você volta, salta menos um centímetro, você corre e cansa bem mais.

A pausa de cinco meses aconteceu porque ele quebrou o braço. O medo de que ele falara anteriormente, de uma lesão incapacitante, já o rondara; não numa lesão com conseqüências irreversíveis – como a de seu irmão - mas numa lesão que certamente representou uma quebra também em sua fase invencível como atleta, pois depois dela não fora mais o mesmo.

> B1: Voltar de lesões é duro, ainda mais num time... ainda mais com gente que não te conhece porque o [preparador], não me conhece, o [supervisor técnico] também não me conhece, então o conceito que ele tem é o que eu tô tendo agora. Por isso tá uma frustração dele sobre a minha pessoa, porque o [técnico] falava muito bem de mim e quando viu, não era aquilo que pensava. E o [técnico] também, já tá

> perdendo a paciência já, porque não tá vendo o jogador que ele pediu. Então é duro, é duro porque você dorme... mal às vezes, por causa disso.

Essa fala de B1 lembra quando Fábio Herrmann fala do corpo como instrumento visto de fora e do manual do usuário de nossa época, que prega os cuidados com um corpo desprovido de sentido de imanência, pois o jogador parece sentir-se como uma mercadoria com defeito e que está prestes a ser devolvida. É curioso notar que ele fala de dormir mal no final. Sono e sonho, de acordo com Scliar (2007), sempre tiveram conotações opostas: sonhar é almejar, aspirar, desejar com força, ter esperanças, persistir; e dormir, até mesmo na literatura infantil tem o sentido de apagar, desfalecer, morrer, perder a oportunidade (*dormir no ponto*), sem vida (*pão dormido*).

Já o sonho tem conotações positivas e elevadas, enquanto que o dormir é quase sempre negativo – principalmente se a todos os sentidos já existentes e conhecidos, juntarmos a perda de tempo que o dormir representa na sociedade da informação, que nunca dorme.

B1 lembra com nostalgia no olhar, os dias em que tinha seus dezesseis, dezessete anos e treinava incansavelmente. Ele afirma que nunca se sentiu um jogador talentoso, um talento natural, não. Mas que compensava isso praticando muito.

> B1: Mesmo que meu arremesso não era bonito de se ver, acabou de tanto treinar, acabou sendo preciso. Chega lá vinte jogadores de NBA, sei lá... eu pensava: essa jogada é legal, eu vou imitar ela. E aí eu via outro jogador, essa jogada também é legal, então eu vou fazer a mesma coisa que o cara fez. Aí pegava até em câmera lenta, bem lento pra ver exatamente como é que é o movimento que ele fazia, pra fazer igual.

Nessa época, o imitar outros jogadores não era visto por ele como uma possível falta de identidade própria como atleta, talvez porque ainda estivesse desenvolvendo seu caminho, era um atleta ainda em formação e tinha como ideal a alcançar, seus ídolos na profissão. Ou

poderíamos evocar o caráter substitutivo da crença, que sem cerimônia, troca as representações que antes definiam o sujeito, por outras novas e por vezes opostas às anteriores, sem ver nisto problema algum.

Voltando ao tema do técnico, B2 fala do papel restritor do técnico sem mágoas aparentes e parece até sentir-se bem com isso. Ao falar de quando tem algum problema com o técnico, assim se coloca:

> B2: [...] Por mais que eu tenha razão, assim eu acho que quem manda é ele, ele é o técnico e depois até falo com ele que "Pô [*técnico*], achei isso e isso, mas olha não falei nada porque tava na hora do jogo e... por bem do time, eu não ia falar nada, mas pô, acho que, aconteceu, foi errado. Tem que falar, fala também". E quando me chamam a atenção, quando me criticam alguma coisa, eu acho bacana também, porque eu vejo que, que... que isso é uma melhora. Se ele tá me criticando, me cobrando, exigindo de mim é porque ele quer, ele sabe que eu posso melhorar, senão ele não estaria falando isso pra mim, eu sempre passo por esse lado. [...] Eu procuro aceitar, se eu não concordar, eu vou tirar da cabeça e vou... não vou ficar com rancor, ficar de cara feia por causa disso, não. Tá bom, tá na função dele de falar o que ele acha. Eu tenho a opção de aceitar ou não. Sem brigar, sem discussão. É assim que eu procuro agir com meus treinadores.

A presença da ausência, parece nos dizer esse trecho. B2 não se ressente das cobranças e críticas do técnico, pois isso faz parte da função paterna a que não teve acesso quando por ocasião de sua infância e adolescência. Ele acha que está na função dele (técnico), falar o que acha e que cabe a ele aceitar ou não; mediante o vazio da ausência paterna e a impotência decorrente desse vazio, estruturou para si uma escolha, aceitar ou não.

Já B3 foi mais conciso quanto a esse assunto:

> A gente tem um relacionamento muito bom, a maioria é muito boa. Os técnicos, quando eles se colocam como parceiros, como alguém que está ali te ajudando, e dá o sangue dele também, junto com o seu, quando você vê que ele tá junto com você, você se identifica muito melhor com o técnico do que aquele que se coloca de fora, alguém que... que tá te cobrando, mas não tá se colocando no seu lugar pra receber a pressão junto com você; esse tipo de técnico eu não gostaria

> de trabalhar. Esse técnico que a gente trabalha hoje, eu conheço ele há muito tempo, a gente já trabalhou junto antes e vem se conhecendo desde essa época, então vai construindo uma amizade... Não vou dizer que a gente é amigo como um colega de quadra, um outro jogador, mas a gente tem um respeito muito grande.

Quanto ao relacionamento com os colegas de time, F1 não chegou a falar sobre esse assunto. F2 acha que seu relacionamento é bom, porque fala com todo mundo, "[...] sou eu quem puxa as brincadeiras. Sou um cara que assim, chega hoje no clube, e amanhã tá falando com todo mundo". Mas quando tem alguma coisa que o está incomodando no trabalho, não confia em ninguém para conversar a respeito.

> F2: Eu me retraio. Fico num canto, penso em desabafar com alguém... mas na minha profissão, na nossa profissão, de jogador de futebol, ela é muito... como dizer... tem muita gente querendo a vaga do outro, entendeu? Surgem novos jogadores, a competição é muito grande, entendeu? Num time pequeno eu até falo pra você que nem tanto. Mas clube assim de grande porte e de médio porte é muita gente querendo te derrubar, te ultrapassar de alguma forma, entendeu? Não só jogador, mas também agente, empresário.

As brincadeiras são o seu modo de tornar esse contato diário mais tolerável, diante da competição interna que acontece na equipe. O parceiro é ao mesmo tempo, adversário, dependendo das circunstâncias. A agressividade deve ser disfarçada sob a aparência de brincadeiras, que também pode servir ao propósito de amortecer, por dar vazão, a um pouco da hostilidade latente no grupo.

O jogador F3 refere-se também à competição interna e ao pouco tempo que têm para estabelecer amizades sólidas.

> F3: Olha, amigo, no futebol é muito poucos [sic]. No futebol em si é dessa maneira. Você passa a conviver com a pessoa às vezes três, quatro meses. Eu acho que isso não é tempo suficiente pra você conhecer aquela pessoa. Porque às vezes você dá certo com a pessoa, ela vai na tua casa e tudo, mas às vezes ela, por causa de jogo, acaba o campeonato ele nem olha na tua cara mais. Eu tenho amigos, por exemplo, no [clube] de [interior de São Paulo], quando eu joguei lá,

> joguei lá cinco anos, então fiz amizade de freqüentar casa, até hoje. Existe uma competição entre os jogadores, mas não é desleal. Acontece às vezes de você, por exemplo, estar irritado com o treinador e acaba descontando no colega, que não tem nada a ver, porque você não tá jogando, então acontece muito isso.

O mal de nossa época, a falta de tempo, os afeta também, não têm tempo para desenvolver uma proximidade verdadeira com um colega de time, devido à tendência atual de fechar contratos de curtos períodos. As relações estabelecidas são fugazes e vistas com cautela. Esta superficialidade nas relações, mais a competição interna apontada por eles, pode ser a causa desse comportamento de "descontar no colega" as frustrações que sentem. Além disso, F3 também fala do envolvimento da família nesses relacionamentos que carecem da consistência do convívio.

> F3: Eu, particularmente, sempre me dou bem com todo mundo, gosto de brincar, me dou bem, não tenho problema não. Às vezes, o pessoal casado que tem família , porque às vezes as esposas ficam muito tempo sozinhas né, então se você puder fazer uma amizade, mesmo que por pouco tempo, pra ela não ficar sozinha, conversar com a esposa de outro jogador também né, é bom. Mas aí fica até chato, porque você acaba se aproximando, aí tem os filhos também, as crianças acabam se apegando e daí vai embora daí a três ou quatro meses, então como é que você vai explicar isso, pra cabeça de criança, né?

F3 fala das pessoas casadas como as "que têm família", numa espécie de resignação pela perda da família de origem, da qual sente-se excluído desde a pré-adolescência. Como explicar a uma criança que ela não deve esperar uma continuidade nas relações que inicia, que as pessoas tornem-se tão inconstantes e variáveis em sua vida quanto a escola em que estudam? Como se já não bastasse à criança ter que apreender a variedade e inconstância que regem cada indivíduo em si mesmo, tem que lidar com a variação de indivíduos, concretamente. Particularmente, acredito que enquanto as crianças estranharem esse desapego, é sinal de que nossa época ainda não perverteu de todo o sentido do contato humano.

No basquete, para B3, sua relação com os colegas parece tranqüila:

> Quando a gente viaja, por exemplo, a gente tá sempre junto. Apesar de eu ser caseiro, sair pouco, eu me relaciono bem com as pessoas, do meu jeito, claro. E com os jogadores, melhor ainda, porque são pessoas que estão vivenciando a mesma coisa que a gente, a gente briga, xinga dentro da quadra, mas depois, cinco minutos depois tá todo mundo bem de novo. A gente sabe separar bem dentro da quadra com o fora da quadra. Até hoje minha relação com outros jogadores foi boa. Tenho muitos amigos. Na verdade, a maioria dos meus amigos são atletas... [Risos]

Já para B1, o relacionamento com os colegas é um problema aparentemente resolvido, mas devido a uma clara distinção que este faz:

> É bom, mas... eu mantenho como colegas. [...] Amigo não. Sabe, amizade é uma coisa que não é assim, que se pode falar naturalmente. É amigo porque conversa, tem mais afinidade e tal, sabe. Geralmente é uma coisa que se constrói com um bom tempo. [Pausa]
> E ali sabe como que é, uma hora ou outra sempre acaba fazendo alguma bobeira, sempre acaba te traindo então... eu confio no meu irmão, mais uma ou duas pessoas e acabou aí, entendeu?

Para B1, não parece tão fácil esquecer o que acontece em quadra. A maioria dos atletas fala que "sabe separar a vida dentro das quadras (ou campo) da vida fora dela", mas não parece o caso, aqui. De novo, a única relação que lhes parece sólida e confiável é com a família e poucos amigos, não necessariamente do meio esportivo. Ficam mágoas por críticas feitas veladamente na equipe. E como com a família e os amigos de fora do meio esportivo o contato é escasso, resta pouco espaço para o atleta elaborar suas experiências e tentar ressignificar suas angústias. Como Birman (2003) afirma, é uma dor e não um sofrimento, porque não tem a quem se dirigir, é uma dor que inicia e acaba em si mesma, por carecer de interlocutor.

Num ambiente onde a imagem coesa e sem contradições, muitas vezes substitui a pessoa de verdade e suas intoleráveis inconsistências, não é de estranhar que os conflitos sejam "resolvidos" numa atitude de remeter à imagem e sufocar o perigoso diálogo, que poderia abrir uma indesejável caixa de Pandora que está ali, mas todos fingem não ver. B2 nos fala de seu relacionamento com os colegas da seguinte maneira:

> Bom; por aí. Posso dizer que... seis anos jogando aí, não ganhei nenhum inimigo. Claro, tem uns jogadores que a gente sabe que jogam mais sujo, mas que jogam sujo pra ganhar, aí a gente não concorda, eu por exemplo, não concordo. Mas daí a ter raiva, ter ódio mortal, não, não, longe disso.
> Já briguei com... já quase saí na mão com um companheiro de quarto meu, num treino e... meu irmão acabou no meio, a gente saiu no... por incrível que pareça é o meu treinador hoje aqui em [XX], botaram a gente pra fora do treino. Aí cruzei o caminho com ele no corredor e no vestiário, ele falou: "*Ah, tá tranqüilo. Chega em casa, a gente joga um videogame e tá tudo certo*." E é assim, acho melhor falar assim mesmo, acho que não tem porque brigar, a gente tem que ficar junto como uma grande família mesmo.

Uma das características mais fortes da família, enquanto grupo de convivência, consiste em ter o tempo para brigar e continuar por perto. Com qualquer outra pessoa que se brigue, pode-se simplesmente afastar dela. Talvez no trabalho também aconteça esse tempo, mas sempre há a possibilidade de deixar aquele trabalho, quando os conflitos incomodam muito. Mas em família, após uma briga muitas vezes dolorida, no dia seguinte, nos vemos às voltas com nosso desafeto e temos que nos haver com ele, porque é família e você ainda o verá por muitos anos.

Esse convívio não será rompido de uma hora para outra por causa da briga, não sem causar uma mágoa muito maior e muitas vezes, intransponível. Na maioria das vezes esse cotidiano conflituoso nos obriga a desenvolver nossos mecanismos de defesa e mediação, que usaremos por toda a vida. Quando se é criança (e muitas vezes mais tarde, também), a criança pode "emburrar" e ficar sem falar com a outra pessoa até passar a raiva, ou alguém se desculpar, e continua-se dali, com restos de conflitos não resolvidos, mas num acordo

implícito de trégua até a próxima discussão – talvez por isso o conhecido temor do feriados em família, ou casamentos, onde se sabe que vai rever aquelas pessoas, tios, primos a quem a pessoa apenas *aturou* enquanto era obrigado a isso, e onde se terá a oportunidade ímpar de revisitar a origem de muitas inseguranças e traumas pessoais, assim como (justiça seja feita) algumas cálidas lembranças. Para esses jogadores, a família é o time, porque só com eles há o tempo da convivência após o conflito. Mas os conflitos não são resolvidos, são remetidos à circularidade das imagens, "jogar videogame" é o terreno comum onde eles podem se reencontrar, já que no jogo deles é a imagem que prevalece. Se o time é a "grande família", resta à família de origem o papel de pequena família, pois nos ensina a primeira lei da perspectiva que tudo que é visto à distância parece menor.

Foi-lhes proposto que descrevessem o pior e o melhor momento que já viveram em suas carreiras. Nesse caso, a pergunta refere-se a um momento ao longo da carreira esportiva como um todo, e não exatamente um momento preciso em que algo ocorreu. O pior momento que os jogadores de futebol descreveram tiveram razões diferentes:

> F1: Ah, foi quando eu tive que ouvir assim: você não vai servir pra mim, você não vai ser utilizado, a sua etapa aqui no clube já deu. O pior é quando te põem pra baixo assim, e também a diretoria que quando sabe que você está por baixo, pisa mais ainda, não te atende, entendeu? Essas coisas que chateiam, que magoam, que como se diz na gíria do futebol, "quebram" o atleta, entendeu? O que mais me chateia são essas coisas.

> F2: Quando eu tinha 13, 14 anos... não, 12, 13 anos, eu jogava num clube chamado [XX], em São Paulo, de onde já saiu muitos jogadores, até da seleção brasileira. Então todo ano eles faziam uma excursão pela Europa, [...]. E naquele ano, oitenta e poucos, 89... é... surgiu essa oportunidade de ir pra Europa também. Mas só que os pais dos jogadores tinham que arcar com a passagem. Era tipo um intercâmbio, sabe, um brasileiro ia pra Dinamarca, participava de alguns jogos, ia pra Suécia, e assim vai...E... naquele ano, não lembro o ano direito, é... o presidente chamou meu pai, e falou: "Ó, tão querendo levar seu filho", e meu pai falou: "Não, tudo bem", só que a gente era uma família humilde e aquilo mexeu muito comigo. Telefone, naquela época era um horror de caro e a gente tinha

> telefone em casa... e telefone naquela época era muito valorizado, meu pai ficou disposto até a vender o telefone pra eu poder ir. Mas minha mãe... não quis deixar vender. Eu até... hoje, a gente foi crescendo, até entendi o que minha mãe quis fazer também , né... mas também não ir, foi uma frustração tão grande na minha vida. Também, era adolescente, né, uma criança, e eu vendo meus amigos indo pra Europa, e eu tendo que ficar, isso foi uma frustração muito grande na minha vida.

Na fala de F1 há a mágoa de não sentir que o clube o apóia, mas ao contrário, aumenta ainda mais a sensação de inadequação, fazendo com que o atleta sinta-se com o espírito "quebrado" pelo desamparo emocional.

Com F2, sua origem humilde e o desejo da mãe de tê-lo sob seus cuidados por mais tempo não lhe permitiu realizar um sonho de viajar com seus amigos para a Europa. É importante ressaltarmos que em todos os casos, os jogadores só se referem aos colegas como amigos, sem restrição de espécie alguma, quando se referem ao período do início da adolescência, quando a competitividade do esporte de rendimento ainda não havia se instalado dentro do grupo. A mãe de F2, sabendo que estavam literalmente querendo "levar seu filho", procurou adiar isso o quanto pôde, mas assim procedendo, causou neste uma frustração indelével. O pai queria vender o telefone, que na época era muito valorizado, para financiar a viagem; o que não deixa de ser curioso, pois o telefone, como um meio de comunicação que é, viria a ser por muito tempo e até os dias atuais, a única fonte de comunicação entre ele e os pais. Era só o que restaria da convivência e do calor da família, num fiapo de comunicação.

Já o jogador F3 teve um problema de outra ordem, um problema insuspeitado pela maioria do público em geral, que acompanha a Copa do Mundo:

> F3: Foi quando eu fiquei desempregado quatro meses, cinco meses. Foi no ano passado, 2006. Foi ano de Copa do Mundo, então eu joguei até Abril. O clube não tinha calendário pro segundo semestre.

> E depois, como era copa do mundo, os clubes que achavam que estavam bem, não precisavam contratar, e os que estavam mal achavam que iam ter o período da copa do mundo pra treinar e achavam que iam melhorar. Então, acabou que eu fiquei sem trabalho de Abril até Agosto, por aí, parado. Então é muita pressão porque você tem família, e ficando em casa a pressão só aumenta porque você fica quieto, não treina... E eu morava em frente ao clube de futebol, em [XX], então via o pessoal chegar de manhã pra treinar, à tarde... e por eu morar lá há algum tempo, eles me deixavam treinar lá, mesmo não estando mais no time, pra não ficar parado eu treinava junto, mas não é a mesma coisa que estar contratado, né? Então acho que esse foi o pior momento da minha carreira; graças a Deus eu nunca tive lesão.

O evento da Copa do Mundo congelou o calendário futebolístico, de certa forma; fazendo com que jogadores que estavam na mesma situação que ele, ficassem numa espécie de limbo profissional, em angustiante suspensão, aguardando que a Copa acabasse para que pudessem voltar a ter concretas esperanças de contratação. A mais básica preocupação com o sustento da família já seria difícil o suficiente, mas com F3 seu sofrimento tinha um requinte de masoquismo, digamos assim. Ele morava defronte o clube em que jogava antes, e eles o deixavam treinar com eles para não perder o condicionamento físico, no entanto sem fazer mais parte do time. Nada pior para o desejo do que a proximidade de sua interdição e seu objeto de satisfação. O que o desejo humano almeja é fusão e não proximidade. A proximidade só aumenta a tortura do desejo.

Fábio Herrmann, fala da importância de não se confundir desejar com querer, em "Andaimes do real: Psicanálise do Quotidiano". Uma paciente recebera uma restrição de seu médico, de que não poderia entrar no mar porque sua perna inchava em contato com a água salgada, mas poderia ficar na areia, tomar sol e vento; só não podia entrar na água. Ela morava num apartamento perto da praia e quando a convidaram, numa circunstância significativa para a moça, para irem à praia e se divertirem, recusou o convite e pediu que fossem sem ela.

> Digamos, por fim, que desejar não é querer. Se ela quisesse ir ao mar, chegaria à praia pelo menos; o problema é que ela *deseja* o mar. Para o desejo em geral, e muito especialmente para este, não existe a noção de proximidade, pois estar perto acirra ainda mais o apetite de fusão: paradoxalmente, é possível dizer que o local mais dolorosamente distante do mar é a beira-mar. (HERRMANN, 2001, p. 220, c).

Dentre os jogadores de basquete, B1 foi o único a apontar um fracasso num jogo como seu pior momento, mas também fala de decepcionar as expectativas que tinham em relação a ele.

> B1: A gente pode dizer que quando eu perdi. É um jogo, a gente teve jogo já que entrou de corpo e alma e perdemos por um ponto e que eu, tava tão nervoso que eu quebrei todo o vestiário já, sabe, me aconteceu isso, já. Mas acho que os piores são as decepções. Acreditavam em mim e não correspondi. E foram duas: uma do [XX], que acreditava que eu podia ser o melhor aqui no Brasil e não sou, tô longe de ser; e o outro que.. o [YY], que acreditava que eu podia ser um jogador a nível de... top, né, dos melhores jogadores que... que são da Europa, né? E não, eu não correspondi a isso também. Então minhas frustrações são essas. Não tô bem certo de que o que viram em mim, eu vou conseguir corresponder.

A realidade, enquanto representação do real, mostra uma faceta que o atleta de início recusa-se violentamente a aceitar que lhe pertença. Sua resistência inicial, no entanto, parece estar sendo vencida, pois sua identidade começa a se ajustar a essa realidade difícil que se lhe afigura, não sem um certo amargor. É um ajuste que lhe pesa, mas pior seria que esse descompasso não fosse assimilado. Fábio (2001) nos explica melhor sobre a crise que se avizinha quando estas duas representações (identidade e realidade) não coincidem.

> Ainda assim a posição prática da representação psicanalítica é algo instável, pois a realidade nem sempre espelha pacificamente a identidade do sujeito. Existem despersonalizações, desrealizações, a loucura é o vizinho silencioso de cada ato humano. Algo deve manter solidárias as duas superfícies virtuais, de maneira a que o sujeito se possa reconhecer ao longo do tempo, em condições normais; embora ocorra igualmente perder-se de si próprio, quando transpõe um misterioso limiar. (HERRMANN, 2001, p. 198, d).

Os jogadores B2 e B3 mencionaram como o pior momento de suas carreiras, situações em que o técnico não agiu de forma leal com eles e com a equipe com que trabalhavam.

> B2: Foi em 2003, no paulistano. Nosso time não tava encaixando bem, não tava bem, é, aconteceram coisas, é... *trairagem*, que chama no esporte, né... não digo de jogadores, o técnico, não foi nem jogador, mas o técnico fazia... é... picuinhas, pra livrar o dele. [Pausa] Mas hoje, que nem eu falei, não tenho mágoa, não tenho ressentimento, mas com certeza esse foi um momento assim que foi mais difícil assim, superar, porque uma coisa que eu não admito é isso, é sujeira, sacanagem; então aí a pessoa tem que confiar no nosso treinador, no nosso técnico, acreditar no que ele faz pra gente e aí complicou, aí não deu mais pra recuperar.

> B3: Não foi só um momento, foi a temporada inteira. Eu... em poucas semanas eu percebi que eu tinha feito a escolha errada. [...] Aconteceu foi que o técnico não era quem eu pensei que fosse, ou quem eu tinha esperança que fosse. E os jogadores, eles.... não sei se era por medo de contestar alguma coisa, mas eles também ficavam retraídos e o time começou a cair, cair muito, cair... de forma muito feia, foi horrível, eu acho. E a pressão era sempre nos jogadores que deveriam estar se destacando, mas como eu não estava conseguindo jogar, o técnico colocou a pressão, o peso, em cima de mim mas jogador é jogador e a gente não conseguiu. Eu me isolei mesmo, porque você não pode falar nada, porque se fala alguma bobeira, isso pode te prejudicar ou lá dentro ou em outro lugar. Então eu tive que esperar mesmo. Mas foi o pior momento que eu já vivi na minha vida. Nunca mais eu quero voltar pra lá, e foi a partir daí que eu decidi que eu quero escolher as pessoas com quem eu vou trabalhar, independente do salário que eu tiver que receber. Eu acho que qualidade de vida como atleta, também é muito importante.

A *trairagem* do técnico é sentida como um pouco pior do que a de um outro jogador, pois o treinador deveria representar ou uma figura paterna zelosa ou no mínimo, uma figura de autoridade, respeitável. De qualquer modo, a função superegóica do técnico não lhe permite deslizes morais, sob pena de negar sua própria razão de ser, já que o técnico deve incorporar em si a norma a que deseja que eles se submetam. Até um superego muito rigoroso é melhor tolerado do que um que carece de coerência e autoridade moral. Sua função é unir o grupo em torno de um objetivo comum, e não dividí-lo, de maneira persecutória.

Quanto aos melhores momentos de suas carreiras, as respostas também variaram bastante. Para F1, foi o prazer de fazer um gol importante, e o respeito que isso lhe conferiu junto à diretoria do clube.

> F1: O melhor momento foi quando eu fiz um gol contra o Flamengo no Maracanã, que o [clube em que jogava] estava perdendo por um a zero e se eu perdesse aquele gol, [idem] caía pra segunda divisão. Eu tinha dezenove anos. Então foi muito bom. Profissionalmente foi muito bom, mudou porque eles vêem que você tem personalidade, pra fazer isso, então a atitude dos diretores muda com você.

Para F2, foi a concretização de seu primeiro contrato de trabalho:

> Pra mim o melhor momento é quando você assina um contrato profissional, pela primeira vez. Assinei meu primeiro contrato profissional com 16, 17 anos, numa equipe assim mediana, mas com uma estrutura imensa e hoje não tem mais essa equipe, era comandada por um empresário de São Paulo, eu ainda tinha dois anos de júnior e era um salário até bom. Eu ganhava três salários mínimos, naquela época a gente ganhava por salário, e em 94, 95, eu ganhava isso, na época da Ufir, essas coisas. Então foi um momento marcante pra mim.

Para F3, foi a facilidade com que atingiu um ponto considerado difícil para muitos jogadores:

> O melhor momento da minha carreira, eu tava muito novo ainda, não era casado, mas foi quando eu fui jogar fora do país. Uma coisa que eu nunca esperava, eu tava jogando futebol e em um ano tava fora do país. Eu fiquei assim: "Puxa, tantos jogadores que já estão parando de jogar e que nunca jogaram fora de São Paulo, eu, com um ano já estou indo pra fora do país..." Eu, que estava acostumado a andar de ônibus, não tinha nada, de repente tinha um vôo marcado, dez horas de vôo pra outro país. Conhecer outra língua, outra cultura...

Dos atletas do basquete, B1 e B2 referiram-se ao clima agradável de se trabalhar com as equipes com as quais jogaram ainda no juvenil, fazendo uma breve menção aos títulos.

> B1: Ah, o melhor momento são os títulos, não tem como negar, né? A gente treina, trabalha pra isso e quando vê conseqüências com vitórias e com títulos então é a melhor coisa. [...] Ah, o que sempre me volta na memória puxa, esse aí tem muito tempo, esse aí não foi nem jogando como adulto, foi jogando na categoria de base, juvenil. Pô meu, aquele time... era um time gostoso de estar sabe, sempre um bom ambiente, amor...teve umas coisas que eu vivi ali, que dificilmente eu poderia ver... que dificilmente eu vou viver em outro clube. [...] Ah, os valores, apesar da idade a gente vivia bem uns com os outros, sabe, com diversão com alegria entre todos. Sem nenhum problema, sem nenhum xingar o outro, sempre apoiando um ao outro, sabe? Isso que era legal. A gente ganhou o ano todo assim, não perdemos um jogo, dali acabou saindo jogador. Em termos de alegrias assim de títulos, foi esse.

Além do clima de amizade e afeto desse grupo do qual ele se lembra com muito carinho e um tom de voz nostálgico, outro grupo que o marcou foi um time europeu, onde conheceu dois jogadores de renome internacional, que lhe servem de modelo até hoje.

> B1: Em termos de alegria também que eu tive, independente de ganhar ou não, foi no time [clube europeu] do [XX], aí que eu vi o que são realmente, o que é realmente o caráter de um jogador. Eu vi ali, naquele time, com dois jogadores que serviram de inspiração, que servem de inspiração, né, que vai ser pra toda vida, que se chamam [XX] e [YY], que realmente me mostrou o que é um jogador de basquete. Com o caráter que eles têm, dentro de quadra e fora dela.

B2 também lembra com muita afeição do time em que iniciou sua carreira. Primeiro ele fez uma confusão considerável com o ano em que isso teria acontecido, disse o mesmo ano em que o pior momento de que falara pouco antes, também acontecera; como se ambos tivessem ocorrido no mesmo ano, mas tratou de desfazer o engano.

> B2: Quando eu fui pra [estado do sul], era um time assim que... que as pessoas cotavam pra ficar em penúltimo no campeonato, é... e o nosso time era um time de... de moleque, de gente que tava querendo... firmar o nome no mercado, querendo aparecer. No bom sentido, todo mundo com o mesmo objetivo, aparecer todo mundo junto, a gente conseguiu é... entender que... que todo mundo ia se dar bem junto, do que um ou dois se destacando. E assim a gente ficou em quinto, no nacional. E com certeza foi um time que a gente... a gente era uma família ali, isso eu posso falar, a gente era uma família ali, porque a gente acabava tirando umas oito horas, sete e meia, até sair do ginásio

> às nove horas da noite. Muita gente não queria ir pra casa, pra passar mais tempo juntos. Brincando, se divertindo, então... quando acabou o campeonato a gente teve uma festa, e foi bacana porque... o privilégio, o assédio, todo mundo, os jornalistas, todo mundo, a cidade se mobilizou pra aquilo, então, acabou o campeonato, a gente perdeu em casa o jogo e a torcida inteira batendo palma pra gente, assim de pé, apoiando a gente, foi sem dúvida o melhor momento da minha vi... carreira. Nem sendo campeão... mas não foi nem pelo campeonato, foi... na derrota, sabe, as pessoas reconhecendo a gente. A gente comenta entre nossos amigos, que a gente nunca mais vai jogar num time igual àquele. Nunca mais vai jogar num time igual àquele...

Tanto B2, quanto B1, parecem felizes e se iluminam quando falam dessas experiências, até sua postura na cadeira fica mais relaxada e aberta. Quando chegam ao final desse relato, ambos estão curvados para a frente, costas arqueadas e ombros caídos. A alegria de praticar o esporte com pessoas amigas, num clima de gostosa camaradagem, parece um idílio fadado a acabar, à medida em que avançam para o esporte mais competitivo de grandes clubes e altos investimentos. O esporte lúdico cede lugar ao desporto e à competição, tanto com outros clubes quanto dentro da própria equipe. B3 fala mais da conquista de títulos como o melhor momento que já viveu, e da sede de performance que não se satisfaz, mas se retro-alimenta, a cada pequena conquista, ou recrudesce a cada pequena derrota.

> B3: Quando a gente ganha um campeonato, ganha um jogo importante é sempre um melhor momento. [...] Eu não acho que tenha definido um momento especial assim porque cada vez a gente tá querendo mais. Eu estava conversando com a minha noiva esses dias e ela estava falando... [Risos].... que a gente deve ter uma doença, porque a gente [atletas] não consegue deixar de competir em nada... Se a gente estiver jogando dados, quem perder vai ficar nervoso... [Risos]... A gente vai apelar, vai ficar nervoso, vai chutar as coisas... Porque a gente não aceita perder, então isso é ruim, mas é bom também porque você está sempre querendo mais, a gente tá sempre buscando um objetivo na frente.

Esta insatisfação perene está bem de acordo com a subjetividade contemporânea, em que experiências medianas, desempenhos medianos são vistos como quase nada, onde o que

se busca é o gozo máximo, a máxima velocidade e o êxtase. Além da cobrança dos clubes para alcançar e manter níveis excelentes de performance, o próprio jogador internalizou isso e é muitas vezes seu próprio e melhor treinador, pois este não tem como se evitar ouvir.

"Todas as famílias felizes são parecidas entre si. As infelizes são infelizes cada uma à sua maneira." A primeira linha do famoso romance de Tolstoi, Ana Karênina, nos parece apenas metade verdadeira. Talvez nem isso, porque ninguém que se dedique a perscrutar a alma humana, como os psicólogos e psicanalistas, acredita realmente em famílias plenamente felizes.

Entretanto, concedendo uma licença poética ao escritor e deixando passar esse detalhe, podemos dizer que nossos atletas nos mostram que nem na felicidade eles se parecem: realização do primeiro contrato, gol feito contra time consagrado aos 19 anos, primeira viagem à Europa ainda neófito na profissão, amizade e calor humano nas equipes juvenis... Pensando bem, todos os eventos relatados aconteceram quando eles eram ainda bem jovens. Nenhum evento feliz foi relatado em tempos mais recentes, o que nos leva a perguntar: será que Tolstoi estava certo? As famílias felizes se parecem, pelo menos no idílio da juventude? Ou é o pensamento saudoso que as faz parecer assim?

E Tostão? Para ele, sua carreira foi um crescendo de experiências em que não percebe nenhum momento isoladamente ruim para relatar. Mas ele relata o momento mais feliz de sua carreira esportiva como sendo também traumático:

> O melhor momento foi a copa de 70 né, que o Brasil ganhou a Copa. Ali foi o momento da glória maior. E essa Copa teve para mim mais motivo de alegria do que pros outros. Porque meu problema no olho foi anterior à Copa. Eu tinha sido operado, fiquei uns sete meses sem saber se eu ia jogar a Copa, por causa do problema de saúde. Tanto que eu não fui nos treinos, fui me apresentar depois... o técnico na época esperou até o último momento, quer dizer... só quando chegou próximo da Copa é que me liberaram pra jogar. Eu joguei, pra mim foi uma vitória. Então, voltando aí à sua pergunta realmente foi o momento mais marcante na minha carreira, foram os seis meses assim mais traumáticos. Seis meses antes da copa de 70. Porque houve uma

> grande dúvida. Primeiro, havia a questão: eu vou poder jogar a Copa? Aí o médico disse: "Não, pode jogar". Mas aí veio a segunda dúvida: Vai dar tempo de eu jogar a Copa? Porque era na última hora.

Ultrapassada a dúvida acerca de sua participação na Copa do Mundo, outras dúvidas rondavam seu espírito e caíam no gosto do público da época:

> Eu tinha que superar meu trauma psicológico, porque o médico me liberou pra eu jogar, mas as pessoas falavam o tempo todo: "E se ele levar alguma bolada, ele vai ter algum problema? Ele vai ter coragem de botar a cabeça numa jogada mais dura, arriscar levar uma bolada no olho? Ou um chute no olho?" Então as pessoas ficavam discutindo isso nos bares, na imprensa... o meu problema virou problema público, nacional, e isso me incomodava, porque era pessoal. E emocionalmente eu também tive que cair na real. Será que numa jogada decisiva eu vou, instintivamente eu vou ter medo de enfrentar isso aí? Então foi muito tenso pra mim, aí eu joguei, joguei bem; o Brasil ganhou. Um tempo depois o problema voltou, dois anos depois os problemas voltaram, tive que operar de novo, aí que eu parei de jogar. Então eu passei aí um certo tempo com um problema... além de um problema médico, era uma coisa que me incomodava muito, né, um conflito, uma coisa que eu tinha que vencer aquela dificuldade emocional de jogar com toda... entrei em campo pra jogar com toda leveza que eu jogava antes. Sem nenhum receio de nada.

Um problema físico tornou-se uma questão desafiadora para ele, até que ponto ele ia se arriscar e jogar sem medo de acontecer outra lesão, que desta vez poderia ser bem pior? Mais do que uma questão pessoal, tornou-se questão debatida pelo povo em geral e imprensa. Para uma pessoa reservada, ver suas inseguranças serem assunto de conversas de estranhos não era nada confortável. Como sua carreira estava chegando ao ápice, uma retirada naquele momento (antes da Copa de 1970) não seria interessante. Uma vez realizado o sonho de participar de uma Copa do Mundo e principalmente, numa em que seu país saiu vencedor e na qual contribuiu grandemente para esse sucesso, a saída de campo não parecia tão traumática, uma vez que Tostão já achava que a carreira futebolística não podia durar muito: "Durante esses dez anos que eu joguei, eu tinha consciência de que era uma coisa passageira, então eu continuava me preparando para a vida depois do jogo." Por isso, no seu caso, a lesão

não foi um grande temor que se concretizou, mas apenas o fator que por acaso determinou o tempo de duração de sua carreira no esporte, apenas abreviou o que já não era visto como duradouro.

Voltando às questões levantadas, a pergunta seguinte foi a respeito da mídia esportiva e torcida, como eles se relacionam com ambos e se já tiveram algum momento difícil com algum deles. As respostas de B1 não serão analisadas nas questões seguintes, porque o gravador utilizado apresentou problemas que só foram detectados depois, perdendo-se essas informações.

No basquete, parece que a relação com a imprensa é mais tranqüila e sem incidentes, do que com o torcedor.

> B2: Não. Difícil assim, não. Nenhum. A gente comenta né... "Pô, tá pegando pesado". Troca uma idéia, aquele particular, mas nem tanto assim porque aqui em [XX] eles tratam a gente de uma forma muito boa. Sempre tem um ou outro que critica, mas... enfim, é normal, vivem disso... faz parte.

> B3: Em [cidade paulista] tinha problema, por causa daquele negócio que eu te falei. Não só comigo, mas com todos os outros jogadores. A torcida lá... muitas pessoas não iam pra torcer. Às vezes, a gente estava ganhando e eles continuavam xingando. Mas cada um faz o que quer, não me afetou muito também, não. Agora com a mídia sempre tive uma relação boa, porque os jornalistas do basquete geralmente acompanham a equipe, eles viajam junto com a gente, eles ficam no hotel junto com a gente... não que eles vão sempre falar bem da gente no jornal, mas eles também nunca falaram mal assim num sentido de ser leviano, isso nunca. Bem profissionais, sempre falam a verdade, mesmo quando a equipe não está bem, eles explicam, entendeu? Eu acho que a mídia do basquete em geral é assim, entendeu? Muito difícil um repórter que tem uma relação ruim com os jogadores, mesmo porque, se ele tem um relacionamento ruim com os jogadores, não vai conseguir entrevistas, matérias. O próprio técnico, que é quem mais costuma dar entrevista, costuma afastar esse tipo de pessoa.

No futebol, como era de se esperar, dada a maior popularidade desse esporte no Brasil, os ânimos são consideravelmente mais exaltados. No caso de F1, um problema entre ele e o clube foi apresentado pela imprensa de maneira inteiramente desfavorável para ele.

> F1: Quando voltei do [clube equatoriano] fui emprestado pro [XX], do [estado do nordeste brasileiro] e aí eu fiquei dois meses e meio lá, faltava um mês pra acabar o ano e aí eu briguei com o presidente por causa do salário atrasado. Aí saiu na imprensa: "[F1] é dispensado por indisciplina". Nossa, isso mexeu comigo, porque pega mal. Quando eu cheguei aqui, foram logo me perguntando o que aconteceu lá, porque pega mal. Aí tive que explicar. Porque a imagem quando constrói é difícil desfazer.

Quanto à torcida, F1 reconhece que é difícil quando está contra, mas que isso só pesa se eles estiverem mal no jogo. Normalmente, ele se concentra na partida e não se deixa influenciar pela torcida, mas admite que quando está a favor, serve de estímulo.

> F1: Quando é a favor, ajuda. E quando é contra... assim, um exemplo, estávamos em 2005, contra o [clube paulistano], 70 mil no Morumbi contra, 70 mil pessoas contra. Só que a gente tava bem no jogo, então tava bom. Porque quando você entra no jogo, sua mente fica só ali, no meu modo de ver. É só no jogo, não fica fora. Ela [a torcida] não me abate, mas quando é a favor influencia muito. Dá aquela vontade de correr, gana, entusiasma mais.

Com o jogador F2 a situação ficou ainda mais dramática:

> Ano passado, né. Eu jogava no [clube do interior goiano]... e o time não foi bem, e o [XX] é um time de massa, é um pessoal mais classe média, pobre, um pessoal assim que gosta da equipe, então... a equipe não tava bem, e vinha cobrança de todo lado, torcedores, diretores, eu não andava na rua sossegado, passei seis meses assim, você chegava no clube tinha que esconder seu carro... Então foi tipo uma perseguição, sabe? Porque a equipe não tava bem na competição, então quem paga é o jogador. A mídia também alimentava isso. Eu acho que a mídia pode erguer uma pessoa e pode derrubar também. E era uma equipe maravilhosa, um grupo maravilhoso. Mas era uma coisa tão doida, era uma pressão tão grande pra você sair bem, pra ter uma boa semana, que era difícil, que exigia um psicológico, uma

> concentração tão grande pra você poder fazer dentro de campo alguma coisa boa, pra você não ter uma retaliação lá fora.

A mídia muitas vezes cria ou aumenta os problemas de um jogador ou sua equipe, para depois cobrir notícias de violência e agressão de torcedores fanáticos contra os atletas. Entretanto, os episódios de violência e agressão podem ser ainda mais numerosos do que os que os meios de comunicação conseguem cobrir. Num documentário da TV Cultura, sobre as torcidas organizadas, pude ver um líder de uma famosa – pela violência de seus integrantes - torcida organizada do futebol paulista, dizendo abertamente às câmeras, sem distorção na voz ou no rosto (recurso em geral usado para proteger a identidade de vítimas ou de criminosos), que exigiam a demissão de um determinado jogador de "seu" clube. Ele dizia: "Ah, mas os dirigentes não levam a gente a sério, então a gente tem que tomar uma providência né. A gente espera o jogador sair do treino e quebra as pernas dele, porque aí não vai ter jeito, né. Já fizemos esse tipo de coisa e muitas vezes nem sai na imprensa".

É bem da ordem do real a angústia que sentem de ir mal no time, não apenas seu emprego está em perigo, mas sua própria integridade física. Com F3, a reação da torcida não chegou a esse ponto, mas tampouco é uma convivência pacífica.

> F3: Olha, esse tipo de coisa... existe sempre, porque você não tem como agradar todo mundo. Mas assim, de ser agredido, esse tipo de coisa, não. Mesmo porque, eu não admito. Por exemplo, eu tô treinando, no meu dia-a-dia, a pessoa vai lá assistir o treino, não paga ingresso, e fica querendo maltratar, xingar, esse tipo de coisa, eu tiro satisfação. Porque aquela pessoa não pagou ingresso, você tá fazendo o seu serviço, é lógico que você sabe que você é uma pessoa pública, mas isso não dá o direito da pessoa ir lá e te maltratar. Agora, se é um jogo, a gente sabe que o torcedor age com o emocional, com paixão, e às vezes muitas pessoas da mídia agem nesse sentido também. [...] Mas aí, devido à nossa profissão, você vai aprendendo a conviver com isso. Porque você sabe que a mesma pessoa que te critica hoje, é a que te aplaude amanhã. Eu falo isso pra minha mãe e pra minha esposa, quando elas vão ver nosso jogo, "Olha, vocês vão preparadas pra ouvir todo tipo de coisa e não respondam não, porque pode chegar um momento que vocês vão ter raiva de todo mundo". A gente que é profissional, quando vê a seleção jogando e vê uma jogada ruim, na

> hora a gente fala alguma coisa e critica, imagina quem não é jogador...

Quanto a se a torcida o influencia ou não, F3 diz que já o influenciou, mas que hoje não mais. A experiência faz com que crie uma espécie de couraça às críticas mais ferozes, mas não quando estas vêem de onde não se espera.

> F3: Mas acho que pior do que a torcida contra, é a torcida do seu time te criticando. Porque a contra é contra mesmo, vão falar de todo jeito, mas a sua torcida te criticando... quando eu era mais novo, me abatia muito com isso, hoje não, depois de uma certa idade você vai aprendendo a administrar essa situação. [...] Agora a torcida a favor, quando tá a favor, ela com certeza te ajuda. Passa um filme pela cabeça: "Cara, tem vinte mil pessoas aqui..." e aí te dá uma energia a mais, com toda certeza., porque aí você fala: "Pô, vou correr só uma hora e meia e eu treinei pra isso, então vou dar o sangue aqui."

O fato de não poderem confiar no afeto nem de seus torcedores mais ardorosos, dada sua volubilidade segundo as circunstâncias, só faz aumentar o isolamento afetivo em que vivem. Nos poucos momentos em que sentem a torcida a favor e apoiando, isso lhes dá um ânimo extra, inusitado, que poderíamos supor venha de uma experiência de quase contágio, onde a voz do estádio os conduz a correr mais e os embala no prazer da vitória.

Na pergunta: "*Qual sua principal preocupação hoje em dia?*", os jogadores de basquete não tiveram muito a declarar. B2 apenas se preocupa com o atraso nos pagamentos, o que lhe causa alguns aborrecimentos financeiros, mas ele mesmo considera que está bem o suficiente para passar até uns três meses sem receber. B3 afirma que não tem nenhuma dificuldade especificamente, mas "a gente está sempre querendo mais, eu preciso ficar mais forte, preciso ganhar mais massa, preciso levantar mais bola". Um se declara já auto-suficiente o bastante para agüentar um período sem retorno, enquanto outro acha que nunca estará tão bem quanto acredita ser capaz.

Já no futebol, a resposta foi um tanto diferente.

> F1: É... que eu vou casar. [...] Uma atitude que eu tomar agora, só eu vou sofrer e depois não, a minha esposa vai sofrer também. E futuramente os filhos também. Então aumenta a responsabilidade, fica muito maior. E a pressão interna, que você mesmo exerce sobre si, é maior. Pelo menos no meu caso, é maior. Vou te contar um caso que aconteceu com um colega meu: a gente tava no [clube paulista], tava numa fase ruim, ia jogar no Morumbi, estádio lotado, esse colega meu sempre animava a gente no túnel, antes de entrar em campo, falava: "Vamo lá, vamo com tudo!" Mas nesse dia ele tava numa tristeza, perguntei pra ele o que foi e ele me disse que ele tinha acabado de falar com o filho dele lá na Bahia, e que o menino tava chorando, porque os colegas dele ficaram zoando na escola, falando que o pai dele não jogava nada, que era um timinho de m..., então é duro, porque o menino tem só seis anos e com vergonha do pai... é duro.

> F2: O que mais preocupa é o calendário brasileiro, me preocupa bastante, acho que não só eu como todo jogador de time pequeno, sabe? Porque nos campeonatos hoje, só se trabalha cinco meses. E o jogador que não tem uma passagem por um time grande, ele fica sete meses desempregado. Os contratos são pra no máximo cinco meses, nem são seis meses. Por isso você acaba mudando de time três vezes por ano. Então é onde a preocupação é muito grande. Então o jogador que não tem uma condição financeira boa, chega a passar necessidade, chega a mudar de profissão.

F1 preocupa-se com a questão inarredável do sustento da família, mas também com a conseqüência dessa imagem que se produz, por vezes em cima de circunstâncias fortuitas, mas que se apega a ele, pois "pega mal" e que a partir do casamento não pesará apenas sobre ele, mas também sobre seus filhos ainda não nascidos, mas já anelados. Para F2 a preocupação é também declaradamente financeira, mas diz respeito ao medo do futuro, o que será dele daqui a cinco meses? Para F3 o desconhecido que assusta está ainda mais próximo e afeta diretamente a chegada de seu filho já concretizado, e prestes a nascer.

> F3: Hoje, minha preocupação maior? É a gente ter que classificar. Porque você classificando você já aumenta um mês de serviço, um mês a mais que a família pode ficar aqui...o time classificando, existe a possibilidade do time disputar o segundo semestre, então aí você fica o ano todo. E minha outra preocupação é minha filha que vai nascer... no final desse mês. Então, o time classificando, a minha esposa vai ter o filho no dia 02, o resultado sai no dia primeiro, aí ela pode passar o resguardo aqui, tranqüila, ou não sei... Então minha

> principal preocupação passa a ser a classificação, porque muita coisa depende disso. O jogo de amanhã é decisivo.

Quanto a seus planos para o futuro, perguntamos: "*O que você pensa em fazer depois que parar de jogar profissionalmente?*".

> F1: Penso em fazer faculdade, fazer Administração, eu ia fazer agora, passei, mas não deu certo... em [cidade do interior paulista]. Larguei, e... a princípio, hoje, não quero trabalhar com nada relativo a esporte, hoje. A não ser que seja na parte administrativa, administrar financeiramente um clube, atuar como empresário, talvez. Os contatos que a gente tem como jogador são muitos. Mas a princípio, como técnico, auxiliar técnico, dentro de campo... nada!

> F2: Eu tenho uma empresa, né, uma empresa de carro, um autocenter. Meu sogro me obrigou a abrir, e eu até gosto, porque é uma coisa pro futuro, né. Então se eu parar hoje eu tenho alguma coisa pra mexer, sabe? Mas não sei, ainda não pensei nisso.

> F3: Então eu acho que você... conquistando essa independência no futebol, eu tenho casa, tenho carro... já é uma grande coisa. Hoje no Brasil, você ter casa própria, já é uma grande coisa. Hoje minha vida tá estabilizada, ainda não conquistei a independência total, mas dá pra ficar uns dois meses sem trabalhar, até fechar um bom contrato com um clube.
> Assim, quando eu parar de jogar, eu quero continuar no futebol, quero ser treinador de futebol, e eu já me preparo pra isso, por exemplo, alguns trabalhos de campo que algum treinador fez com a gente, eu já tô guardando... às vezes na preleção eu presto atenção, no jogo eu já não vou mais só jogar, eu fico estudando o adversário, como que ele joga. Mas ainda quero sair do país, se aparecer alguma oportunidade de ficar três, quatro anos fora do país, eu quero ir.

Dos três, apenas F2 não planeja continuar no universo desportivo. Foi forçado pelo sogro a abrir um negócio e acha que foi uma decisão, ainda que não dele, sensata; pois terá algo para "mexer" quando largar o futebol. Mas admite que não pensou muito nisso ainda. F1 começa falando que não quer nada ligado ao esporte, para depois se corrigir e dizer que pelo menos não "dentro do campo", pode até trabalhar na parte administrativa, mas não na

comissão técnica. É enfático ao dizer que deseja sair desse campo que tanto o desgasta atualmente.

Dos jogadores de basquete, nenhum deles demonstrou aversão a continuar no ramo.

> B2: Olha só... eu planejo assim, eu não faço planejamento, é a médio prazo. Eu tenho... eu quero jogar, e quando eu tiver... com meus trinta anos, eu quero já estar com alguma coisa, com algum negócio. Qualquer coisa, que não seja só basquete. [...] Eu penso em abrir alguma coisa e... paralelo a jogar. Eu acho que... se não der certo o negócio, eu vou ter o suporte do basquete ainda. Porque... é muita dor de cabeça você parar de jogar, montar um negócio e... der um azar, quebrar. [...] Vou correr pra Administração, vou fazer alguma coisa relacionada, um curso especializante, alguma coisa... que vá me ajudar no futuro. No meu trabalho, no futuro. É, dirigindo uma escolinha, alguma coisa relacionada a isso. Eu acho que a vida ainda vai, vai me encaminhar. Eu gosto de Administração, gosto de Educação Física, de esporte, gosto da área de Fisioterapia, então eu tenho várias opções. Eu acho que agora é cedo mas, mais pra frente vou parar realmente, pensar nisso, aí tem que por em prática, né.

> B3: Penso em abrir um comércio relativo ao esporte, e também penso em futuramente trabalhar no terceiro setor, não necessariamente numa ONG, não sei ainda ao certo.

Talvez o fato de saberem que ainda vão continuar no ramo esportivo lhes dê certa tranqüilidade de não precisar planejar muito, já que conhecem muito bem esse meio e então apenas pequenos ajustes sejam necessários para a nova vida.

Antes de falarmos da última pergunta da entrevista, daremos espaço para o retorno de B1, à guisa de despedida, onde ele fala da medalha de ouro que ganhou ainda jovem, e o alívio que foi para ele.

> Eu me cansei de ganhar medalha de prata já naquela época [13 anos], nunca ouro, ouro! Puxa, passei seis anos ganhando medalha de prata, segundo lugar, né, então uma medalha de ouro daquela... por fim, né?! [Risos] Ô louco...
> *- Mas da medalha de prata você não gostava?*
> Não. Claro que não. Pô, segundo lugar? O bom é ser primeiro! Segundo lugar... tem uns que falam assim: no final só um ri, o resto chora, né? [Risos] Pra mim o que importa é o resultado. Pô, foi muito bom essa medalha... pelo esforço e pelo ambiente.

A última pergunta que foi lhes foi feita foi: "*Tem alguma coisa que eu não perguntei, mas que você gostaria de dizer sobre você?*" B3 disse que não tinha nada a acrescentar, e B2 respondeu, um tanto hesitante:

> Não, acho que... [Pausa] É difícil essa pergunta... [Risos] Eu acho que foi legal, acho que... consegui botar tudo pra você mesmo, do quê que eu sou, profissionalmente, acho que... um pouco fora de quadra... apesar de o convívio é que diz outras coisas que a gente vê como que são, mas acho que... basicamente isso, esse é o [B2]... [Risos]

Dos jogadores de futebol, F2 não teve também nada a dizer. F3 demonstrou um certo espanto quando ouviu a pergunta: "Sobre mim?! Eu... eu nem sei o que dizer... acho que quem quer jogar futebol tem que tentar aliar o estudo ao futebol. Eu sou realista, eu sei que tenho mais uns quatro ou cinco anos de profissão, eu me cuidando bem. Acho que é isso, falei tudo mesmo."

Ao ficar perdido com a pergunta, aferrou-se a um fragmento de discurso que provavelmente já pronunciou ou ouviu em alguma escolinha de futebol; para em seguida vaticinar o fim de sua carreira para daqui a no máximo cinco anos. Não deixa de ser engraçado esse espanto expresso no "Sobre mim?!" A respeito de que ou de quem ele pensava estar falando todo esse tempo? Sobre futebol, poderíamos arriscar. Ao contrário de Tostão, será que ele acredita que dá para separar o futebol da vida dele? A título de curiosidade, permita o leitor trazer a lembrança de um filme, uma comédia da qual não lembro agora o nome, em que um inglês acordava de um ferimento grave que sofrera, na enfermaria de um alojamento africano. Ao acordar, perguntou o que lhe acontecera que viera parar ali em tão lastimável estado. Disseram-lhe que havia sido atacado por um leão, escapando por um milagre. Ele indagou, muito surpreso: "Leão?! Na África?!" Nosso atleta parece não perceber que não deixou de falar de si quando falava de futebol, e que nesta África não há como não encontrar leões.

F1 foi o que encerrou sua entrevista de maneira mais eloqüente e com um apelo pungente à uma característica do atleta, muitas vezes subestimada ou esquecida:

> Nossa, foi muito bacana... foi um modo muito legal de fazer essa entrevista, eu gosto muito. Eu gosto de conversar sobre isso, sempre que estiver à disposição, são oportunidades únicas porque eu vejo assim como... pessoas que estão lá fora.... eu acho legal da sua parte procurar saber como que é a nossa vida, porque às vezes as pessoas acham que nossa vida é fácil, entendeu, não tem muito problema, "ah, treina duas, três horas por dia e pronto" e... só vê o lado bom, e só vê quem tá no São Paulo, no Corinthians, não vê aqueles que estão batalhando, com certeza aqueles que estão lá em cima, eles passaram por isso, de alguma forma ou de outra. Então, eu acho legal, acho importante e... mostra bem o atleta ser humano, que a gente não é uma máquina... não é uma máquina. É um ser humano, que tem problemas com o pai, tem problemas com os amigos, tem problemas... tudo, tem problemas. Não é uma máquina, um robô, que você pega e tem que ir todo dia, toda hora, do mesmo jeito.

4. 2. Um Tostão por seu pensamento

Achamos necessário fazer um tópico à parte para tratar dos assuntos dos quais apenas Tostão falou, assuntos que não foram discutidos pelos atletas de basquete ou futebol, mas que interessam ao nosso estudo.

A começar pela questão deixada pendente na Introdução, sobre o psicólogo João Carvalhaes, que supostamente teria vetado Garrincha e dito que ele não servia para jogar, de acordo com o dito corrente no meio esportivo.

> É, isso é uma lenda, ele nunca disse isso.
> *- Então ele não falou isso mesmo?*
> Não, não. Era o Dr. Carvalhaes, foi em 58, foi a primeira vez que teve o episódio do Garrincha. Eu nessa época ainda não jogava não, era menino ainda. Quer dizer, então isso ficou na história, a imprensa inventa, cria, então criou... O Carvalhaes achava o Garrincha uma pessoa diferente, ele era muito simplório, muito direto, pra ele o

> mundo do futebol... era aquela coisa, pro Garrincha, o mundo do futebol era como o mundo de uma criança brincando com a bola, pra ele não havia nenhuma diferença em jogar uma final de Copa do Mundo como em jogar um futebol, pra ele, ele entrava no campo pra jogar bola, ele não tinha esse impacto profissional, que era comum na época; hoje os jogadores são mais preparados. Então criou-se esse mito, né. Tem uma história engraçada com o Garrincha, que eu cheguei a jogar com o Garrincha, em 66, que foi assim: tinha os testes lá do psicólogo e todo mundo tinha que fazer, então tinha que desenhar uma figura humana, e o Garrincha desenhou uma pessoa com o corpo pequenininho e com a cabeça "desse" tamanho. Então aquilo foi... [Rindo] acho que depois que ele chamou o Garrincha lá pra uma conversa, então a imprensa ficou sabendo que ele chamou o Garrincha pra conversa, aí ele queria saber porque que o Garrincha tinha feito aquele desenho. Aí o Garrincha fala assim: "Não, porque na hora eu lembrei do Quarentinha", o Quarentinha era um companheiro dele, que jogava futebol com ele na pelada, ele falou "eu lembrei do Quarentinha..." [Risos] Então eles inventaram que o psicólogo estava fazendo deduções, diagnósticos psicológicos... Aí teve um lance que o Garrincha dibrou antes da copa, dibrou todo mundo, e entrou com a bola, esperou o goleiro vir e dibrou pra trás do goleiro, pra depois fazer o gol. Daí que nasceu a história e como o Garrincha machucou depois e não jogou, ficou sem jogar o primeiro e o segundo jogo da Copa, nasceu a história de que quem barrou ele foi o psicólogo, porque disse que ele não tinha condição de jogar, tudo invenção. Então até hoje isso é contado, né, e pro jogador de futebol, psicólogo não tem nada a ver com futebol.

Apesar de não estar jogando com Garrincha quando se deu o acontecido, Tostão teve a oportunidade de fazê-lo pouco depois, e de conhecer o psicólogo Carvalhaes. Pôde saber dos fatos ocorridos diretamente dos envolvidos e assim seu testemunho nos confirma a natureza enviesada e superficial do boato, que seria apenas uma bobagem, não fosse um boato capaz de quase arranhar a reputação de um profissional digno de respeito, como Carvalhaes. Esse boato infelizmente não viria a fazer apenas isso, mas também tornou-se referência do que é a psicologia para a maioria dos profissionais do futebol por um bom tempo.

Se nos detivermos na função que este boato, enquanto uma representação, exerceu no imaginário coletivo, poderíamos supor que ele evidencia o quão perigoso é mexer com a cabeça, pois a cabeça é "grande demais para o corpo", e o corpo deve vir à frente. Por isso não é de estranhar que sejam valorizados os aspectos funcionais do comportamento esportivo

e não as emoções e sentimentos, o que também explicaria a melhor aceitação dos psicólogos cognitivos, pelo menos no passado recente da psicologia do esporte.

Um outro evento bastante conhecido da imprensa e dos brasileiros em geral é o mal-estar que Ronaldinho - chamado de "Fenômeno" por um tempo e ultimamente apenas de Ronaldo, para diferenciar-se de Ronaldinho Gaúcho, outro grande jogador brasileiro – teria sentido no jogo da final da Copa do Mundo na França, em 1998, com o Brasil enfrentando a seleção anfitriã. Pouco antes do início do jogo, ele teria tido uma convulsão e não tendo conseguido se recuperar inteiramente, retirou-se do jogo, desfalcando a seleção brasileira de seu maior trunfo para a final. Sua ausência, mais a insegurança gerada na equipe pela sua inesperada saída num momento tão importante, foram consideradas as causas da derrota para a França, por três a zero.

Esse evento foi extensamente explorado e debatido por todos os meios de comunicação, jornais, programas de televisão, revistas especializadas em esportes ou em fofocas sobre celebridades. Profissionais foram convocados a opinar se o mal-estar teria sido verdadeiro ou forjado. Se verdadeiro, o que o teria levado a esse extremo, excesso de pressão, descuido com a saúde? Se forjado, com que objetivo? Covardia diante de uma final de Copa do Mundo onde grande parte da esperança de vitória pesava sobre ele? Interesses financeiros, politicagem nos bastidores? Perguntei a Tostão o que ele achava dessa estória, já que além de ter sido jogador da seleção, também é médico.

> O Ronaldinho, até hoje não ficou esclarecido, 100% esclarecido. Eu conversei com o médico da seleção, tanto por curiosidade médica, quanto pra saber também, né... Até hoje o médico da seleção não sabe se o Ronaldinho teve uma convulsão, uma coisa... convulsão mesmo, neurológica ou se ele teve um emocional, simulando um quadro aí... o sujeito chama de piti, o certo seria conversão psicomotora, né, tem um termo...

Eu comentei que se a convulsão tivesse uma causa emocional isso não era a mesma coisa que fingir. Que a conversão psicomotora apenas indica que a causa não poderia ser atribuída a causas orgânicas, mas que por ser de origem emocional não era menos verdadeira que a fisiológica e que isso era bem diferente de fingir, deliberadamente, passar mal.

> Seria uma conversão psicomotora... quer dizer, não foi uma coisa premeditada, propositada, então, se foi isso... foi uma coisa que ele ficou tão emocionalmente abalado, que teve essa conversão psicomotora. Eu que tive muitos pacientes que tinham essa dúvida diagnóstica, sei que é difícil o médico, mesmo um grande neurologista apreciar, mas há dados clínicos que permitem que o médico da seleção... mas ele também não viu. Porque quando ele chegou já tinha acontecido, quem viu foi [*sic*] os jogadores, então, até hoje não sabe se foi uma coisa ou outra. Eu acho que não foi convulsão, porque se fosse convulsão ele... primeiro ele teria de usar medicamentos por um tempo. Ele não usa, nunca usou. Segundo porque foram feitos todos os exames neurológicos, os mais sofisticados, não encontraram nada, ele nunca tinha tido isso, quer dizer... se fosse uma convulsão e ele não usasse remédio provavelmente teria outras vezes. Então tudo indica que foi uma... um quadro de conversão psicomotora e que... causada pela pressão que ele tava submetido, né? Há outras hipóteses, né, medicamento... há uma hipótese muito interessante que é a... que ele gostava muito de videogame né, a luz é muito intensa, tem pesquisa que mostra que criança que brinca com isso muito tempo costuma ter... aí ele teria tido uma convulsão mesmo, neurológica, né? Aí aventaram isso, que ele estava mexendo com o videogame. Então é uma série de... não ficou esclarecido. É, se partir do princípio que foi uma conversão psicomotora também não seria uma coisa... muito pouco freqüente e raro, né. Quem trabalha em pronto-socorro vê isso toda hora, por quê que o Ronaldinho não pode ter? [Risos] Ainda mais com a pressão que ele tava, né?

Apesar de não acreditar ter sido uma convulsão motivada por um quadro orgânico, já que não houve um tratamento medicamentoso depois disso, o que seria de se esperar, Tostão acredita que é possível que o jogador tenha mesmo tido algum mal-estar causado pela grande pressão que sofria, pela responsabilidade de conduzir a seleção à vitória. “Quem trabalha em pronto-socorro vê isso toda hora, por quê o Ronaldinho não pode ter?” Com esta frase ele lembra que por mais que o atleta de elite tenha experiência e esteja habituado às pressões de

todo tipo, é um ser humano que também pode padecer das fraquezas comuns às outras pessoas.

Poderíamos questionar que fragmento do real se expressou neste episódio? A necessidade de controle emocional e o suposto anestesiamento devido ao vídeo-game faz pensar que -ironicamente – o jogo virtual o prejudicou. Houve uma falha na crença e a construção de uma imagem foi por terra. O videogame funciona tendo como base a posse de um controle remoto. Talvez não seja apenas um mau trocadilho dizer que nesse caso, o Fenômeno sentiu seu controle ficar de fato muito remoto.

Por outro lado, ele fala da situação em que os jogadores realmente fingem sentir dor para escapar a algum constrangimento.

> Agora o que acontece muito é o jogador... é o jogador... não muito, aí já é diferente, às vezes simular contusão, pra fugir da responsabilidade... às vezes ele nem tem consciência disso, ele tem uma dor, e sem perceber, sem racionalizar, ele amplifica a dor e acaba forçando uma decisão do médico sem às vezes ter uma coisa consciente. Pra ele não jogar, né? Isso acontece com freqüência, jogadores terem esse tipo de comportamento em jogos difíceis, né. Tem outros que usam muito falar que vai jogar, mas está sempre sentindo dor diante da responsabilidade, que aí já fica justificando o fracasso, né. Então como diz, se ele fracassar, ele já tem uma desculpa. Já prepara pra derrota. E prepara inclusive pra sair. Tem uma desculpa, inclusive usar isso, como se ele tivesse feito um sacrifício pra jogar, numa atitude heróica né, quer dizer, mesmo machucado ele jogou. Na verdade ele está forçando uma situação né, e está arrumando uma desculpa pro fracasso dele. Então esse comportamento diante da responsabilidade, eu acho que é um dos grandes trabalhos pro psicólogo dentro de um time de futebol. Isso acontece muito né, assim subliminarmente, em densidades variadas. Na época que eu jogava, não tinha noção nenhuma de psicologia, mas percebia muito isso.

Realmente, quem acompanha esporte, mesmo desde o esporte praticado na escola, já notou ou desconfiou de que algum jogador exagerava a dor que sentia para sair de um jogo particularmente difícil. No circuito profissional não é raro ver jogadores, às vezes com a anuência do próprio técnico, fazerem uma encenação de uma contusão para “cavar um

pênalti" ou provocar o adversário, para que este seja penalizado. Isso já é até uma característica vista por europeus como "típica" de alguns estilos de jogo latino-americano, onde o futebol se valeria de artimanhas, quase sempre ilegítimas, para se obter uma vantagem sobre o adversário. No Brasil, quem incorpora perfeitamente essa atitude é a figura do malandro, figura emblemática no imaginário nacional, nascida no Rio de Janeiro, mas considerada epítome do espírito brasileiro.

Essa imagem de malandro, antítese jocosa do espírito do *fair-play*, vista por alguns como ofensiva, por outros como lisonjeadora, gera uma desconfiança em relação a essas situações de contusão ou mal-estar.

Mas o que importa-nos é que é justamente o fato do atleta sentir que precisa fingir para conseguir ser atendido, que é significativo. Se o jogador sente que não está bem, seja física, emocionalmente, ou mesmo taticamente naquele dia, por quê ele não poderia conversar sobre isso com a comissão técnica e avaliarem juntos – para falar numa linguagem institucional – a relação custo/benefício dele entrar em campo? Por saber que não será sequer ouvido, sua queixa não se faz no discurso, mas migra para o corpo, região onde a fragilidade aparente é incontestável. Porém, nem tão incontestável assim, pelo que vimos até aqui. O corpo passa a ser o lugar da mentira e do engodo também, torna-se tão pouco confiável quanto o terreno estranho e misterioso, que é a mente humana. Já o embuste que visa a prejudicar o adversário, é questão ética que foge ao nosso propósito.

Ainda sobre Ronaldo, Tostão fala da imagem de herói projetada nele.

> Então é... negócio do Ronaldinho, você fica com a imagem de que um grande jogador, o grande atleta, o grande vencedor... é o que está acima disso tudo né, fortaleza inabalável. Isso inclusive é considerado, não só pelos leigos, mas pela psicologia, como uma das razões do sucesso dele, o sujeito que enfrenta dificuldades. Então você imagina acontecer isso com o Ronaldinho, quer dizer, melhor jogador do mundo, diante do acontecimento mais importante da carreira dele, ele saber que ia ter esse tipo de comportamento... que é um comportamento humano, natural, mas não é esperado do maior

> jogador do mundo, que seria teoricamente o mais forte de todos, né. Porque o sujeito tem a idéia de que o vitorioso é um herói. E ele é mais forte que os outros, ele não é melhor só tecnicamente, ele é mais forte emocionalmente. Os vencedores são mais fortes e o Ronaldinho, ninguém foi mais forte do que ele, né. Hoje dos jogadores que estão aí, foi o jogador que mais ganhou de todos, que mais ganhou títulos em partidas decisivas, então é estranho que possa ter acontecido isso com ele, por isso essa dúvida. Mas que é possível, não tem dúvida, não é nada tão estranho, extraordinário, ainda mais pro médico que vê tanta gente chegar no pronto-socorro.

Vê-se que a cobrança por resultados não é um fenômeno isolado que ocorre no esporte de alto nível. É uma expressão do sistema político-econômico que vivemos na atualidade e do qual o desporto não é exceção, mas também uma manifestação das fantasias de poder que se tem projetadas nas figuras que se destacam. Dos heróis, espera-se que partilhem dos problemas humanos, mas sem por eles se deixar abater ou fraquejar, mas sim que provem sua força superando-os com coragem e determinação. Mas até Aquiles foi pego, seu ponto de contato com o humano o fragilizava, e se até nosso grande herói da civilização foi vencido por sua parcela de mortalidade, por que não Ronaldo?

Toda a pressão por resultados que é exercida sobre os atletas de alto nível e especialmente dos atletas que já atingiram um nível de competitividade e reconhecimento internacional, algumas vezes leva o atleta a flertar com as maneiras artificiais de melhorar seu desempenho, já que tais "acessos de humanidade" fazem com que o atleta não possa confiar em seus próprios recursos. Tostão acredita que a questão do doping é mais complicada do que a legislação faz parecer, e que seria necessário tratar esse assunto com mais discernimento.

Os escândalos envolvendo a amizade de jogadores famosos com traficantes aumentam a polêmica sobre esse assunto. Tostão afirma, sobre isso: "Bom, primeiro, essa ligação com traficante é uma ligação de fama, né, de poder. Os traficantes são pessoas ricas e que estão nas badalações, em todos os meios sociais." Perguntei-lhe se ele chegou a presenciar o uso de drogas, ou que experiências tivera com o doping.

> Não, quando eu jogava, primeiro não tinha exame anti-doping. Então não tinha jeito de saber se algum jogador usava droga ou não. Com o desenvolvimento do antidoping ficou impressionante como é comum atletas usando doping, exames que deram positivo. Tem que separar nessa turma toda, os que fizeram sem intenção e os que fizeram com... É, tem três tipos né: o que fez com intenção de se dopar e ter ganhos como atleta, os que usam drogas mas o problema dele é social, não é pra levar vantagem, que eu acho que são os mais comuns, que vão a festas, estão no meio da turma e... ainda mais eles, que são badalados, são convidados toda hora, são jovens, né... E tem os que não tem nada a ver com doping, que é o grande erro dos exames antidoping, que não consegue separar com exatidão as pessoas que fizeram uso de algum medicamento pra outras coisas e saiu no exame antidoping, eu acho isso uma injustiça muito grande. E além dele não saber, é uma coisa que foge à cultura dele, essas substâncias que foram encontradas lá não tiveram nenhum benefício no desempenho dele.

Alguns jogadores nem sequer têm conhecimento para saber se determinada droga é ou não estimulante, procuram tratamento para algum outro problema de saúde e confiam na prescrição do médico da equipe. Mas, em se tratando dos casos em que esse uso é proposital, considerando que Weineck (1991) afirma que houve experiências nas quais o uso de placebo ao invés de estimulantes, produziram resultados (melhora significativa no desempenho) bem semelhantes, é realmente lastimável que o atleta deposite sua confiança num recurso externo e que na verdade poderia ser encontrado dentro dele mesmo, desde que tivesse oportunidade para isso.

Mas voltemos ao que Tostão falava, sobre os que usam inadvertidamente substâncias consideradas proibidas, e o uso de drogas no ambiente que os atletas freqüentam.

> Ainda mais absurdo isso, você toma um... usa uma gotinha no nariz, como remédio, sai no exame antidoping. Esses remédios pra nariz têm um vasoconstritor que está na lista das substâncias consideradas estimulantes. Agora, a medicina ainda não consegue diferenciar com exatidão até onde que uma coisa é outra. Pelo menos em muitos casos, alguns casos já conseguem. Então agora há muitos jogadores que usam, como todo rapaz usa, socialmente, quer dizer, ainda tem esse... aí dividiu socialmente o que é viciado, que teoricamente é incompatível com a vida de atleta e aqueles que fizeram uso esporádico, que são os mais comuns, né. Foi numa festa, encontrou um amigo e tal... e usou, resolveu usar. E os que são viciados, né? Por

> exemplo, tem uma droga, que é a cocaína que é muito comum usar em atletas, em jogadores, a cocaína não é um bom estimulante pro atleta, é um uso esporádico, ou pode ser constante. Então o jogador de futebol vive num mundo de badalação, de agitação, de festas. É onde que aparece traficante ali no meio.

Segundo Feijó (1992), enquanto não modificarmos a filosofia do "o importante é vencer" a qualquer custo do esporte de rendimento, o doping será um problema cada vez mais constante e difícil de ser resolvido. Em tempos de altos investimentos financeiros e estratégias de marketing esportivo, já fica difícil achar espaço para o *fair-play*, que consistia não só num respeito leal às regras, mas também numa atitude generosa para com o adversário, da parte do árbitro uma disciplina absoluta, e de parte do atleta, "pressupondo a serenidade na vitória como na derrota, reconhecendo e conferindo ao esportista um caráter cavalheiresco". (BRUHNS, 1993, p. 79).

Podemos até nos resignar a que o *fair-play* esteja fora de moda, e que tenha sido o protótipo do esporte (ainda que nunca tenha sido totalmente utilizado) do início do século XX, mas que o doping venha a substituí-lo como promessa de um paraíso de heróis artificiais, constitui uma total perversão do ideal olímpico, e também nos instiga a perguntar-nos: que espécie de sociedade somos nós, que fabricamos heróis como esses?

Tostão conta que, quando abandonou o futebol, estava em dúvida se estudava Psicologia ou Medicina. Gostava muito de psicologia, tinha interesse por leituras relativas a esse assunto, gostava de observar as pessoas. Mas também tinha muita curiosidade de estudar o corpo, o funcionamento dele. Optou por medicina porque achava que estudaria ambos, pensou que na medicina teria oportunidade de estudar tanto o corpo quanto a mente humana.

> Em segundo, eu estava vivendo num ambiente que meu professor era médico, minha cunhada era médica, então eu vivia muito no meio de médico, tinha amigos médicos, então... e teve o problema do olho.
> Quando eu fui fazer inscrição no vestibular o pessoal achava duas coisas: ou eu ia ser ortopedista, pra trabalhar no futebol, ou ia ser oftalmologista por causa do meu problema no olho. Então aí eu

> escolhi ser médico, né. Então eu tive uma decepção com a medicina, não é decepção, eu vi na faculdade que medicina era só biológico. O médico, quando eu comecei a trabalhar como residente, o médico não gosta nem, via de regra, ele não gosta nem de... se o paciente fala pra ele qualquer coisa fora da área dele, que não seja física, não é com ele, vai pro psiquiatra ou pro psicólogo. Não gosta nem de conversar. Tanto que eu passei a ser, na faculdade, eu fiz o curso de psicologia, psicologia médica, psicossomática, fiz psicanálise, fiz tudo aí num período de, durante alguns anos em que eu fiz isso tudo. Então eu passei a ser dentro do ambiente da faculdade, o médico que gostava de psicologia [Risos]. Então eu ensinava aos alunos a ter uma abordagem humana, que eles não tinham com outros médicos, então os alunos que trabalhavam comigo eu insistia com eles pra ter uma abordagem mais humana com o paciente, a ver no paciente coisas que você vê que estavam por trás, né. Então teve um momento que eu quase larguei a medicina pra ser psicanalista. Fiz a minha análise pessoal, durante os últimos três, quatro anos, foi o período que eu estudei, foi três ou quatro anos que eu fiz curso de psicanálise aqui. Então quando terminou o curso, eu cheguei a trabalhar seis meses como psicanalista, com a supervisão que eles davam né... Eu cheguei a ficar seis meses, quase que eu larguei a... a...

Perguntei-lhe, nesse momento, por quê ele não quisera continuar.

> Coincidiram algumas coisas. Uma é aquilo que eu falei, dentro da medicina eu tava meio incomodado, meio desgastado, porque eu fiz a opção de trabalhar só em faculdade como médico e professor das ciências médicas, me dediquei totalmente a isso e... chegou um ponto que ficou... repetitivo, meu trabalho e também havia o médico, professor da faculdade e o funcionário público, então a gente tinha que ir lá atender um número tanto de pacientes junto com o aluno. Eu achava aquilo um absurdo, né, a qualidade.Então eu virava pro aluno e dizia assim: olha, esse paciente tem que fazer isso e isso, tomar essa medida, mas aqui nós só podemos fazer isso. Então eu tava achando que eu tava sendo conivente, achando que tava fazendo uma medicina porca, né, dentro da faculdade. Aquilo foi crescendo, então coincidiu daquilo eu estar num momento incomodado, insatisfeito com um monte de coisa, com... em 94 me convidaram pra Copa do Mundo, na televisão. Então, como eu tava doido pra ver uma Copa do Mundo como espectador e tudo pago, né... [Risos] mordomia, aí eu falei: "Ah, eu vou", aí tirei férias da faculdade. E meu filho era um menino apaixonado por futebol; então aquilo, por causa do meu filho, eu comecei a voltar ao estádio, voltei pro futebol, então estava havendo uma aproximação. Aí eu fui lá, comecei a falar de futebol lá, o pessoal gostou, insistiram pra mim continuar, aí eu falei: "Então eu vou de vez em quando, porque eu não vou largar a medicina". Então eu passei aí uns quatro, cinco anos que eu continuei trabalhando como médico e ia lá falar de futebol, aí as pessoas começaram cada vez mais insistindo pra essas coisas. E eu... começou a crescer, aí pediram pra eu escrever, escrever sobre futebol. Aí chegou um ponto que tava me atrapalhando.

Perguntei “atrapalhando em que sentido?” Foi aí que ele falou sobre não gostar de televisão e de seu modo introspectivo e discreto.

> Atrapalhando... meu trabalho médico. Então eu preferi tomar uma decisão, então uns anos atrás eu resolvi parar com a medicina. Comecei a gostar muito de escrever, aí eu larguei a televisão porque eu não gostava de televisão. Sou tímido, eu me sentia meio violentado ali, muito tenso né, botar a cara ali pra todo mundo... a televisão é muito show, né, imagem. Nada em televisão é 100% espontâneo. Então meu negócio era escrever, eu sou uma pessoa que tem uma tendência... não a ser solitário, mas de gostar, eu sou muito introspectivo, eu gosto do meu canto, fazer minhas coisas, sou meio individualista pra essas coisas... então eu escrevendo, eu sento sozinho e faço sozinho o meu trabalho. Não dependo de ninguém, só de mim. [Risos].

Ele de fato parece bem introvertido e reservado, embora não de uma maneira arrogante, e sim acolhedor. Sua postura durante o primeiro terço da entrevista é relativamente à vontade, mas em outras partes não parece muito confortável na situação. Talvez minha atrapalhação com a câmera o tenha tornado mais consciente da presença dela ali do que seria o desejável, ainda mais para alguém que acabara de declarar sua ojeriza por câmeras. Eu mesma, também não aprecio aparecer diante delas, tanto que não me enquadrei na imagem, posso ter contribuído involuntariamente para isso. Eu estava tensa e preocupada que tudo corresse bem e em não esquecer de nada, mas ao mesmo tempo, procurava não me preocupar e deixar que as coisas fluíssem como viessem. Meu ritmo oscilava entre essas duas atitudes conflitantes.

Ele falou também sobre sua breve passagem pela psicanálise:

> Você sabe que eu gostava de ler a psicanálise, de entender a psicanálise, a filosofia, o ser humano, mas o trabalho diário não me empolgou. Eu ainda adoro ler sobre o assunto, acredito nas coisas, mas como terapia, a terapia psicanalítica, eu tinha muita restrição.
> *- Pra você era mais interessante como método de investigação?*
> É, do ser humano, e não como trabalho.

Quanto à psicologia do esporte, perguntei-lhe qual contribuição ele achava que a psicologia ou a psicanálise poderiam dar ao esporte.

> Pela resistência que existe... eu acho que a psicologia tem que fazer parte da rotina do esporte, né, isso já acontece em vários povos, né. Inclusive ela só vai ser bem aceita no dia que ela passar despercebida, quer dizer, como se fosse um trabalho normal, como qualquer outra pessoa. Como já tem o preparador físico, o fisioterapeuta, então esse estágio ainda não chegou, há o preconceito. A dúvida eu acho que é... a psicologia, quais formas ela pode contribuir mais, ou de quais formas, não é? Pois é, eu não sou a pessoa mais... mais avalizada pra definir isso, né. Eu acho que, imagino que seja um pouco de cada coisa, viu? Quer dizer, existe a psicologia que é feita no campo como orientação, já ouvi um técnico me dizer que o time precisava mais era de uma assistente social do que de um psicólogo, e é verdade, porque no futebol é mais premente, mais urgente a formação do que a psicologia. Outro nível... Aí entra outro problema, né, a dificuldade do psicólogo no futebol, aí ele entra... Quer dizer, mais uma razão pra psicologia faltar, ainda estar muito defasado, por causa de falta de cooperação dos atletas.

Nesse caso, a psicologia é entendida pelos clubes e técnicos como uma espécie de serviço de luxo, que se prestaria a pessoas já supridas de bens mais básicos à subsistência, o que não seria inteiramente falso, pois não se pode estabelecer um diálogo significativo com uma pessoa em situações muito precárias de vida. Mas perguntamo-nos se esse é o caso dos jogadores de futebol, uma vez que, mesmo ganhando pouco, se o psicólogo vai trabalhar com eles, é porque estão contratados por algum clube e têm um meio de vida que lhes fornece – ou deveria, o sustento básico. Ou se não seria uma mal-disfarçada hostilidade dos técnicos, que insistem em situar a psicologia fora do campo esportivo, pelo receio que têm de perder a hegemonia sobre os atletas?

Por fim, perguntei-lhe se havia algo que eu não tinha perguntado, mas que ele gostaria de acrescentar. Ele hesitou um instante, antes de responder:

> O futebol é um esporte muito subjetivo. Dentro de campo, é o esporte mais subjetivo de todos, em que as coisas são menos programadas. Futebol é o esporte mais popular do mundo, mais emocionante, mais

bonito, mais visto. Muito porque ele é imprevisível, é subjetivo, né. É o único esporte em que, por exemplo, um time muito pior que o outro, pode ganhar. O próprio jogador de futebol, o grande jogador de futebol é aquele que cria jogadas, que você nunca sabe o que ele vai fazer. Ele surpreende, não é um jogo técnico, onde você sabe o que vai acontecer. Claro que a técnica é importante, mas devido à subjetividade, as coisas não se explicam claramente. Então o inconsciente se manifesta demais no jogo, seja na torcida, nos jogadores, é uma catarse permanente, as reações... você não sabe. As pessoas estão ali, botando tudo pra fora, o corpo também, fala muito né.

Há uma discussão se por exemplo o craque pensa, se ele consegue associar e pensar mais rápido que os outros. Ou seria uma coisa puramente medular, corporal. É a essência das coisas, tudo passa pelo corpo.

CAPÍTULO V

---

5. DRIBLANDO REPRESENTAÇÕES

Buscamos, com esse trabalho, efetuar uma exploração do universo desportivo com o intuito de compreender como a identidade do atleta se enlaça com a representação que a cultura moderna faz dele. Para isso, além da análise da experiência com os atletas, dois autores foram mais extensamente discutidos, com suas importantes contribuições circunscrevendo esse tema.

Rubio, que toma os mitos como forma de compreensão desse universo mítico na contemporaneidade, traçando uma cartografia do imaginário esportivo, em que o atleta seria o epítome moderno do herói arquetípico, muitas vezes seguindo o mesmo trajeto trágico do herói, pontuado por grandes desafios e grandes feitos. E Fábio Herrmann, que toma a lógica de produção dos mitos para compreender o lugar ocupado pela representação na constituição da realidade e da identidade.

Na análise dos resultados, juntamente com o diário de campo, pudemos perceber várias coisas que nos ajudam a trilhar nosso caminho. Com os atletas do basquete, o contato foi mais gradativo e a conduta do técnico, no seu breve papel de intermediar a apresentação da pesquisadora com os atletas, foi o que se poderia chamar de bastante profissional. Convocando todo o grupo em torno de nós, apresentou-me como pesquisadora e deixou que eu explicasse a razão de estar ali, em que eles poderiam ajudar a pesquisa e sobretudo – o mais importante, a nosso ver – ao fazer isso, permitiu que respeitássemos o atleta como um ser desejante e de posse de suas próprias decisões. Foi-lhes dado o tempo para pensar e apresentarem-se como voluntários, não foram simplesmente designados pelo técnico, como mais uma obrigação a cumprir e à maneira de marionetes, desprovidos de vontade própria.

Com os atletas do futebol, apesar do cuidado com o procedimento ter sido o mesmo, de minha parte, o mesmo não se deu com o técnico. O contato já não foi gradual, mas abrupto, não houve uma compreensão por parte do treinador de que um trabalho de pesquisa estava sendo realizado e o importante papel da contribuição dos atletas. O que o treinador viu foi alguém que, devido ao parentesco com o patrono do clube, precisava ser atendido, e ao que parece, contrariamente à sua vontade.

Houvesse uma acolhida mais receptiva e eu poderia ter tentado explicar melhor minha presença ali, pois não queria que fosse uma imposição nem para os atletas e nem para ele. No entanto, antes que eu pudesse explicar qualquer coisa – talvez porque também eu tivesse me deixado intimidar, e ele possa ter sentido isso no meu modo de falar, preocupada em não incomodar a rotina deles mais do que o absolutamente necessário - ele simplesmente interrompeu o que eu dizia e soprou o apito com toda a força. Os poucos instantes em que ele estivera a me ouvir, ele perscrutava o campo com o olhar, já pensando em quem chamar, de modo que quando soprou o apito, gritou três nomes e apontou para o centro do campo, onde estávamos, da mesma maneira que o árbitro aponta o centro do campo quando o jogo termina, e muito à maneira de um acampamento militar.

Os jogadores vieram imediatamente, ofegantes, e a primeira coisa que o técnico fez foi falar do meu equivocado parentesco com o patrono do time, não da pesquisa. Diante disso, achei até melhor que ele não fizesse questão de participar da conversa, pois ele introduzira de chofre e sem pedir licença, o poder da imagem e da hierarquia autoritária, numa relação que apenas começava. Não desejando complicar as coisas, ao ver os jogadores me olhando obedientemente e aguardando o que eu ia dizer, fui breve e expliquei a necessidade de entrevistá-los e que poderíamos marcar as entrevistas quando e onde fosse mais conveniente para eles. Já na entrevista propriamente dita, tratei de isentá-los do compromisso, explicando que minha presença ali não tinha nada a ver com o patrono do time

e que eles poderiam perfeitamente se recusar a participar, se assim o desejassem. A resposta de todos foi de que “não havia problema”, dois deles disseram que era bom ser ouvido por alguém que não fosse da mídia “para variar”, e um deles disse que gostava de conversar com psicólogos, falando do clube paulista ao qual “pertence”, e onde trabalha uma psicóloga. Essa mudança “para variar” e gostar de conversar com psicólogos, nos parece tão obviamente uma necessidade de se fazer ouvir num outro registro que não o de avaliação dos resultados, como em geral a mídia esportiva e os dirigentes dos clubes o fazem, que nem seria necessário ressaltar aqui. No basquete, esse desejo não foi assim tão singelamente manifestado. Tostão já nos alertara que no futebol em geral - mas lembrando que sempre há as exceções - o técnico não gosta da presença de psicólogos, por se sentir ameaçado na sua ascendência sobre os atletas. No futebol, portanto, parece que a atitude paternalista constituiria uma versão mais socialmente aceita de um pai que via de regra é centralizador, onipotente e intimidador. Nas próprias palavras de Tostão, um “pai agressivo”, mais afeito ao regime do atentado, de que fala Herrmann.

A relação com o técnico foi também o fator desencadeador de momentos de muita angústia para os jogadores, tanto de basquete quanto de futebol, segundo seus relatos nas entrevistas. Diante de atitudes antiéticas de treinadores com os quais já haviam trabalhado anteriormente, para com o grupo - em situações em que faziam intrigas sobre os jogadores, para se esquivar de críticas a seu trabalho; ou mesmo quando simplesmente a troca de treinador implicava em uma inversão de papéis exigidos do atleta: uma hora joga numa posição, oura hora noutra, num momento tem uma atribuição, noutro momento outra bem diferente, o atleta sente que não tem como formar um todo que faça sentido para si mesmo. Um jogador de futebol relatou sua briga com o técnico que insistia em pô-lo para jogar fora da posição com a qual se identifica, enquanto outro jogador, de basquete, fala expressivamente que, de tanto podarem seu estilo de jogo, agora não sabe mais quem é ele,

que não tem identidade mais: “Cada lugar que eu vou, me pedem coisas diferentes, fica difícil, né? Eu não tenho... eu não tenho identidade, não sei que jogador que eu sou. Não sei.”

É sabido que uma figura superegóica como o técnico, pode transitar desde o pai amoroso e amigo até o pai severo e punitivo, que esta variação é em geral bem tolerada. Mas quando o interesse do técnico se sobrepõe aos interesses da equipe e ele começa a disseminar a discórdia entre os jogadores, isto é sentido como uma traição difícil de assimilar, pois a função do líder seria, em última instância, unir o grupo e não causar uma cisão altamente persecutória. De um pai, seja severo, seja afetuoso, espera-se que cuide da prole e de seus interesses, e não que os coloque para brigar entre si. Esta ambigüidade da figura do pai parece expressar a fragilidade de uma sociedade sem ordem paterna.

Não poderia nos passar despercebida uma interessante incorporação que o time de futebol fez de um psicótico conhecido da cidade (relatado no diário de campo), que devido à sua paixão pelo time, de tanto freqüentar os treinos foi incorporado como parte da equipe, atuando como gandula mas também como uma espécie de *clown,* ou palhaço, em português. Esta assimilação nos faz pensar no papel do torcedor para o atleta. Segundo o que vimos com Cratty na introdução, para os americanos, os atletas não gostam dos torcedores.

Aqui no Brasil, mais particularmente nesse estudo, hesitamos em afirmar isso tão categoricamente. Mas de fato, os jogadores se referiram à torcida como algo instável, e em que não se pode confiar, que tanto os admira quanto os deprecia, de acordo com o desempenho nos campeonatos. A alegria exaltada dos fãs mais ardorosos é vista com um certo distanciamento por eles, pois sentem que aquela alegria não foi o fruto de um esforço, como a deles. Todos disseram que aprenderam a lidar com a torcida e que concentram-se mais no jogo. A ocorrência de ofensas de torcedores presentes nos treinos, é vista como uma falta de respeito, uma vez que não pagaram ingresso e estão ali a maltratar o jogador. Mas desde que estejam num jogo, e tendo pago o tal ingresso, o jogador tenta debitar a conta do

destempero do torcedor mais fanático na conta do "emocional". Sabem que na emoção do jogo, até eles que são profissionais, quando assistem um lance ruim de um colega em um jogo da seleção, por exemplo, criticam.

A vitória e o fracasso são elementos importantes demais nesse universo, para serem desprezados, mesmo por quem muitas vezes é o alvo de suas glórias e dissabores. A emoção do jogo é inexorável, açambarcando a todos, e acirrando esse contato conflituoso entre jogador e torcida. A torcida funcionaria como um acelerador dessa dinâmica entre vitória e derrota, a própria voz humana que, revestida desses significados excludentes e imperativos numa cultura na qual o vencer é o mais importante, muitas vezes é alvo de ressentimento por parte do atleta, bem como seu acolhimento quase contagiante na vitória. Neste momento é como se a torcida entrasse em campo, através da fusão e do contágio.

Por isso a presença do "doido da cidade" é tão significativa no caso desse grupo. O rapaz, funcionando como o *clown* que diverte a todos, representa a síntese desse conflito, visto que o humor do bobo da corte mostra a miséria da condição humana, sem no entanto levar-se a sério por isso, tal como afirma Dorneles (2004): "[...] o clown é o `perdedor feliz´. Ele ganha sua atuação explorando aquilo que a lógica do `sucesso´ tende a colocar como indesejável e grosseiro." (p. 207). Segundo essa autora, o palhaço, enquanto síntese ridícula do encontro das "verdades", muitas vezes faz rir de coisas que não são engraçadas (inveja, raiva, desprezo), ele brinca com esses sentimentos sem se indignar, pois traz consigo o desconhecido junto com o conhecido, e sem estabelecer julgamento de valor, nos coloca face à perplexidade do absurdo de alguns valores e certezas que temos.

> O palhaço, ser inacabado, não esconde sua desgraça. Sabe que a alegria e o riso do público muitas vezes provêm do seu fracasso. O fracasso, além de promover empatia, incita no palhaço a busca de outras soluções para a situação -, o imprevisto exige improviso e criação.
> .....

> Nesta mesma linha, Abrão Slavutzky (1994:24) diz que o humor "permite relativizar tudo e quebra toda a seriedade teórica e prática seja do que for. (...) O humor não reconhece heróis; diverte-se em decompor, mesmo quando não seja um divertimento agradável." (DORNELES, 2004, p. 195 – 198).

Assim, a acolhida desse grupo para com o "doido engraçado", parece indicar muito mais uma necessidade do grupo de ter por perto um agenciador das tensões que não podem ser expressas de outra forma, do que simplesmente dar-lhe uma ocupação. No ambiente do desporto, não há espaço para dúvidas e incertezas, para o desconhecido, a torcida e o clube pressionam por um posicionamento do atleta. Para Fábio, a opinião pública não é um pensamento, mas sim um ato, porque estabelece uma positividade ou negatividade em relação a tudo sobre o que se pronuncia. Onde não há espaço para se permitir vivenciar o vazio e o estranhamento inerentes ao ser humano, não há espaço para criação. É preciso aferrar-se então às imagens que proliferam em nossa cultura, à inesgotabilidade de imagens que substituam a mesmidade, na esperança de que nessa sobreposição de imagens talvez se encontre algum fragmento de identidade.

O nascimento do filho, os amigos que se terá, o "estilo de jogo", tudo depende da classificação ou não num campeonato, pois o tempo de que dispõem é curto, é o tempo dos contatos superficiais e efêmeros, tornando a necessidade da imagem, que pode ser trazida consigo, ainda maior. As representações de família, de identidade, tornam-se mais importantes que as próprias. Ronaldo, que antes era chamado de Fenômeno, teve seu nome mudado para não se confundir com Ronaldinho Gaúcho, ambos excelentes jogadores, ambos brasileiros, ambos oriundos de famílias humildes, ambos agora donos de verdadeiras fortunas, ambos extremamente visados pelo marketing esportivo, ambos "fenômenos" do futebol. Essas semelhanças são da ordem das imagens e do mundialmente conhecido, mas as diferenças não o são. O nome, enquanto marca registrada, precisa trazer uma diferenciação, não se pode fundi-los num só. Um fica sendo Ronaldinho, o outro, Ronaldo. Aos olhos do

público, quanto de discernimento foi conseguido, com essa tênue distinção? Difícil não lembrar que, na mitologia, o verdadeiro nome dos guerreiros era ocultado de seus inimigos, por receio de que estes desvendassem sua alma. Ou o nome dos jogadores seria *resultado*, *lucro*?

Sobre o mal-estar de Ronaldo na Copa da França, chegou-se a aventar, dentre tantas hipóteses, se não seria o excesso de videogame – que o jogador aprecia bastante - que causara a suposta convulsão. Tostão chega a citar uma pesquisa que indica que o abuso nos jogos de vídeo pode mesmo levar a convulsões. Não chega a surpreender, que no reinado das imagens, a orgia imagética possa resultar num colapso dos sentidos.

Para Fábio Herrmann, a representação é de suma importância na constituição do sujeito, porque oferece possibilidades de figuração. O desejo deseja o real, mas não pode fundir-se a ele, sob pena de cair na dissolução do contágio. Aquiles usou orgulhosamente seu escudo, sabendo que seu fim seria inevitável, ferido mortalmente no calcanhar por Paris, mas usou-o mesmo assim. Com que finalidade? O escudo não o protegeu da morte, fusão final com o real, mas assegurou a identidade do herói. A face externa do escudo contém as representações da realidade; a interna, ao invés de ornamentos simbólicos, contém o próprio corpo do herói. Fábio pergunta se manter a identidade seria mais importante do que a própria vida.

> Talvez sim, talvez não; mas a lição de Aquiles foi assimilada pelo mundo ocidental, que nasceu dos poemas de Homero, sob o primado da representação. O horror ao contágio, à fusão que aniquila a identidade, converte-se em apanágio de nosso homem. A morte não é boa ou má -, pois, ao morrer, tais valores perdem o sentido -, mas temos horror a ela, não é mesmo? Por isso, cada qual de nós cuida bem de seu escudo representacional. (HERRMANN, 2001, [a], p. 151).

Se formos comparar, ao longo da história das Olimpíadas, os recordes obtidos e quebrados pelos atletas nas mais diversas modalidades, perceberemos que há um aumento na

capacidade de desempenho, que parece indicar que o homem de hoje, possuidor de um corpo em tese igual biologicamente ao do homem de há cinqüenta anos atrás, ganharia fácil deste, caso fosse possível uma comparação direta. Entretanto, uma situação fantástica como essa, se fosse possível, apenas evidenciaria uma mudança que vem paulatinamente acontecendo. Pois essa mudança levou anos, décadas para acontecer. Mas o corpo só é igual em tese, porque na verdade seria impossível isolar o corpo do homem de hoje ou de outros tempos da sua vivência cultural, de sua alimentação, de seus hábitos, de suas demandas. O homem não é mesmo o mesmo.

Ele pensa diferente, anda diferente, conta o tempo diferente. Se pudéssemos isolar o corpo de sua história, seria como se o corpo tivesse uma escala evolutiva na qual nos situamos em vantagem em relação aos nossos predecessores. Estamos vivendo mais tempo, (na idade média chegar aos trinta anos já era uma vitória considerável), conseguir alimento já não é uma luta (ao contrário, a alimentação tem seus requintes de perversão típicos de nossa época, como os regimes e distúrbios alimentares). O que na subjetividade contemporânea se pretende conseguir em pouquíssimo tempo e por vezes apelando para a farsa de substâncias proibidas, o homem só ao longo de muito tempo e às custas de sua evolução cultural é que o conseguiu. É importante explicar que quando falamos evolução cultural não queremos implicar que houve necessariamente uma melhora em geral, mas tão-somente no sentido de uma linha de tempo, de sucessão dos fatos. É verdade que vivemos mais tempo, mas não temos mais tempo para dar a esse tempo, substância. Quanto mais rápidos são os meios de comunicação, mais informação pode ser passada e pouco aprofundada.

À exceção de apenas um, os demais atletas não mencionaram o cuidado com o corpo como um benefício de sua profissão. Será porque não conseguem distinguir o corpo que sentem do corpo que possuem, ou, como chamamos na Teoria dos Campos, a veste do corpo? Segundo Herrmann, o homem busca sempre fazer coincidir ambos, numa busca inútil: “[...] é

que nunca cesso de almejar uma impossível coincidência entre os dois, entre o que sou e o que sei, entre corpo e veste."

No futebol, percebe-se uma evolução, desta vez no sentido de melhora mesmo, no processo das contratações dos jogadores, em relação à década de 60 ou 70, quando, segundo Tostão, era um processo onde o jogador era quase completamente alienado. O jogador ficava sabendo, muitas vezes, que tinha sido vendido para tal ou qual clube. Hoje, os atletas podem ter ou não agentes que os representem nas negociações. Parece até mesmo haver uma tendência a que o próprio jogador realize suas negociações com o clube, ou pelo menos tenha uma participação interessada, na intermediação feita por seu agente.

Este fator, sem dúvida contribui para que o atleta estabeleça-se como seu próprio agente, como autor de seu discurso. Nos casos em que um agente é utilizado, ou uma empresa para representar seus interesses, ainda assim lhe é possível acompanhar e delimitar os rumos do contrato, dentro de suas possibilidades, enquanto um dos lados interessados na questão. Embora também ainda possa ocorrer que, em alguns desses casos, os jogadores possam delegar inteiramente essa função ao empresário, colocando-se assim à mercê do que este decidir que é melhor para ele. Nesses casos, o atleta funciona como o produtor, que cultiva, e o agente negocia.

Segundo Tostão, ainda é grande o número de jogadores de futebol que têm uma visão estreita sobre sua profissão, interessando-se apenas pelos aspectos técnicos e físicos do jogo, sem envolverem-se de verdade. Podemos imaginar que para atletas assim, entregar a negociação de seu contrato totalmente nas mãos do agente, é a atitude mais conveniente.

No entanto, essa liberdade de se fazer ouvir, recém-conquistada no futebol, não parece se estender muito além do contrato. O medo de represálias ou de criar uma imagem desfavorável, faz com que na maioria das vezes os atletas guardem para si seus problemas. A única opção que têm, já que tampouco podem confiar nos colegas, pois muitas vezes são com

eles que acontecem os conflitos, é contar com a família para esse desabafo, mas a família via de regra está distante.

Através do casamento, eles podem tentar recriar a família da qual se separaram precocemente, mas dessa união virão os filhos, que demandarão ainda outro desejo, e renovar-se-á a ausência, desta vez não mais como filho, mas como pai. Os parcos e muito valorizados encontros com a família tornam-se ilhas de afetividade espontânea num oceano de cuidado e tensão constantes. Entretanto, a família acaba sendo sobrecarregada com a função de servir de suporte emocional para tensões geradas no trabalho e pouco ou quase nada sobra de tempo e disponibilidade para se elaborar as tensões e os conflitos da própria família (esposa e filhos). A grande família, a que se vê de perto e na qual se vive a maior parte do tempo, é o time. Com o time tem-se o tempo da geração e da elaboração desses conflitos, embora essa elaboração na maioria das vezes não se dê através de um diálogo.

A família, a pequena família, porque diminuto é seu espaço e tempo na vida desses atletas, é abstraída nas fotos e filmagens que fazem para levar consigo, nas viagens. Assim, completa-se um círculo: perde-se a família de origem, o cuidado dos pais ainda cedo, o agente passa a cuidar de seus interesses profissionais, ou cuida o atleta de si mesmo, recria-se outra família, da qual também separar-se-á, não de uma vez, como fora com a primeira, mas a conta-gotas, no dia-a-dia. Poderíamos nos perguntar se algum dia vão inventar o agente que cuida de sua família, enquanto o atleta viaja pelo mundo, conhecendo tantas pessoas e lugares. Talvez o prazer que tiram desse conhecimento “estrangeiro” nasça do desconhecimento de seu próprio terreno. São estrangeiros em casa também; portanto, sentindo-se estrangeiros em outro país, como não sentir-se em casa? O estranho parece constituir-se num signo identitário que os liga tanto num território, ou num campo (o familiar) quanto noutro (o campo desportivo).

Com as relações efêmeras que estabelecem – com amigos e familiares, devido à ausência constante, com os colegas de equipe pela dificuldade de construir um vínculo confiável – tudo o que têm de mais sólido é o mundo das imagens: através das imagens que retêm do mundo, tanto nas fotos de família quanto nas viagens que fazem, resgatam esse mesmo mundo numa linguagem que lhes é familiar. A camisa do time é um forte selo identitário, ainda que provisório: "*Estou* no clube X emprestado, mas *sou* do clube Y", provavelmente porque o clube maior lhe dá mais segurança perante o futuro próximo. O jogador tem que posar para uma foto, que provará que o autógrafo na bola é autêntico. Para resolver um desentendimento com um colega, jogam videogame e "está tudo certo", gravam seu ídolo jogando e o assistem repetidas vezes em câmera lenta para aprender sua técnica, o agente de DVD leva seus melhores momentos para oferecê-lo a algum clube, carregam fotos e filmagens da família para matar as saudades e mostrar aos colegas que possuem um mundo onde são esperados, um mundo ao qual pertencem e onde crêem não ser estranhos. Uma imagem depois de criada é difícil de apagar, como o disse um dos jogadores.

Isso nos leva à desconfiança de que não é apenas uma realidade que estão a criar para si. Se as imagens são representações que sustentamos e as representações constroem nosso escudo – no côncavo fazendo-nos crer na identidade, e no convexo, crendo em nossa realidade, o que se poderia concluir disso?

Na Teoria dos Campos, tanto a família a que em geral chamaríamos de "concreta", quanto as imagens que dela são produzidas, são representações. Na concepção dessa teoria, não se nega a materialidade das coisas, ou melhor dizendo, o cerco das coisas, nas palavras de Fábio; sabemos que há a família. Mas a família de que o atleta fala, na qual pensa ou com a qual reage, já é representação. E para além desta, há uma outra representação, uma representação de segunda mão, digamos assim, que são as imagens da família.

Essas e as outras imagens que tornam-se não só parte de seu mundo, mas o ajudam a se constituir como sujeito, delineiam os contornos de sua subjetividade.

> O sujeito tenta identificar-se a sua imagem, tal como lhe é devolvida pelo meio, desde a infância, e de certa forma o consegue, porém um tanto fora de hora, fora de lugar e só por aproximação. A margem de erro necessário entre a concepção imaginária que tem de si e a realização também imaginária de seu ser, isto é, o descompasso entre imagem e imitação, é a verdade psicológica mais forte do sujeito humano, a que o impulsiona em direção a uma busca que, por si mesma, vem a ser a forma humana por excelência. (HERRMANN, 2001, p. 140, c).

Segundo Fábio, essa margem de erro entre imagem e imitação pode fazer com que o sujeito tente espelhar os protótipos mais veiculados na moralidade de seu ambiente, ascendendo a imagem à essência da subjetividade. As regras de constituição da subjetividade sendo as mesmas que regem a realidade, como Fábio afirma em Psicanálise do Quotidiano, fazem com que o conjunto homem e mundo pareçam em perfeita conformidade. Assim sendo, se considerarmos a representação como uma versão segunda das coisas – embora a versão original jamais venha a ser alcançada -, a imagem das coisas seria então uma versão terceira. Mas que é a identidade senão um jogo de máscaras e figurações?, pergunta-nos Fábio.

O atleta, ao fixar-se às imagens constitutivas de seu mundo, estabelece sua marca identitária. Ele sustenta essa marca perante si mesmo e perante a opinião pública. Sua identidade, assim constituída de um amálgama de imagens investidas de sentido afetivo, não permite que essa opinião pública penetre além do desejado. Protegido nesse mundo virtual, que devido à sua circularidade, torna-se familiar, o atleta segue ostentando seu escudo, que assim como com Aquiles e com todo nós, também não o protege das demandas do desejo e do real, mas lhe permite uma afirmação identitária que, ainda que frágil, é uma identidade possível, na dança vertiginosa e por vezes atordoante de imagens que o cercam.

O atleta parece oscilar entre o herói que supera dificuldades e o homem de visão unidirecional, entre Aquiles e o Ciclope. Aquiles, que mesmo em sua glória comportou-se como um "menininho mimado", nas palavras de Herrmann, ao lhe tirarem Criseida (p. 117), já sinalizava que heróis têm sua parcela de humanidade e cujo calcanhar herdamos; e o Ciclope, que na ordem das coisas é o míope, o disforme, a encarnação do negativo do herói mitológico.

Competindo com o grotesco da situação está nosso herói moderno, o atleta, lugar de presentificação do mito arquetípico, que de tanto render, por vezes fica míope e deixa de se chamar Aquiles para se chamar Ninguém. No doping, a farsa evidencia que não há sujeito, há máquina – que é o monstro de um olho só. De acordo com Herrmann, no universo homérico, como citado na página 121, um sinal de realidade já é suficiente para construir nova identidade, e no universo contemporâneo, onde a identidade tem se tornado um fenômeno virtual como nunca antes, esta lógica parece recrudescer. O autor alerta que o civilizado prudente deve saber que lida com representações potencialmente perigosas.

O atleta-homem não encontra facilmente, nesse universo onde o rendimento impera, lugar para colocar-se como sujeito. Talvez esta seja a grande superação que o atleta de rendimento ainda precise conquistar: tornar-se sujeito de sua própria história, habitar seu próprio corpo, de uma maneira que poucos de nós o fazemos hoje.

Tostão afirma que o jogador de futebol em geral, tem uma visão estreita do futebol. É irônico que justamente ele, que sempre possuiu uma visão mais larga e abrangente do esporte, tenha tido um acidente que lhe feriu o olho, mudando sua vida e sua visão para sempre. De fora do campo (de futebol ou do campo do rendimento?) parece ser o único lugar de onde se pode ter plena visão. Tostão, um Ciclope às avessas, enxergava e enxerga para além do que os olhos lhe mostravam, tendo consagrado seu tempo de Aquiles no imaginário brasileiro, manteve a todo custo seu jeito diferente e multidirecional de ver.

CAPÍTULO VI

6. SAINDO DE CAMPO

Nosso estudo começou a partir de uma perplexidade: intrigava-nos o impacto do esporte-espetáculo no imaginário contemporâneo, parecia-nos que o homem comum apreciava os espetáculos esportivos como uma espécie de nostalgia da origem, num processo saudoso dos tempos em que sua presença física e mental (tal separação já sendo sintomática de nossos tempos, como poderíamos separar isto, antes do evento da virtualidade?) era condição *sine qua non* para experiências de qualquer espécie. Assim, assistiríamos aos espetáculos esportivos para lembrar-nos que houve um tempo em que habitávamos nosso corpo; já que o atleta não pode apertar um botão para realizar sua tarefa, não tem como virtualizar o que faz, tudo acontece através de seu próprio corpo, imperativamente. Daí nasceu a questão que nos intrigava ainda mais que a primeira: será que o atleta está na contramão da subjetividade contemporânea? Como ele constitui-se como atleta? Como se deixa afetar por esta configuração subjetiva atual? Será mesmo que constitui um anátema desta contemporaneidade, ou ao contrário, seu símbolo mais reluzente?

De acordo com nossa pesquisa, percebemos que o atleta contrariamente ao que pensávamos de início, não constitui uma exceção, mas tampouco é o epítome de nossa subjetivação alienante. Situar-se-ia no meio, talvez, com sua identidade sendo sustentada pelo regime de imagens contemporâneo, mas que ainda guarda em si um pouco da subjetividade edípica, onde havia normas definidas a seguir e escolhas a serem feitas. A subjetividade contemporânea se furta a fazer escolhas, quer tudo. O atleta sente que não se pode ter tudo, ganha-se hoje, perde-se amanhã, não se pode ser campeão em tudo, o tempo todo. Talvez isto aumente ainda mais sua solidão, pois vive num mundo que segue regras nítidas e que os

obriga a escolher seguí-las ou não, mas este microcosmo insere-se num mundo mais amplo, onde as escolhas são ansiógenas e as regras mudam a cada momento. Talvez, também dessa brecha de lógicas tão diferentes, tenha nascido a necessidade do estabelecimento do regime da farsa no universo esportivo, através do doping, de maneira que uma lógica parece querer se transformar na outra.

Acreditamos que não conseguimos responder a todas as nossas inquietações, porque o caminho que foi trilhado trouxe-nos surpresas que tiraram-nos um pouco do rumo inicial, mas acabou por nos levar também a um conhecimento mais enriquecido do esporte como um fenômeno cultural peculiar. Outras perguntas podem brotar desse percurso, e talvez o leitor chegue a interpretações bem diversas daquelas a que chegamos aqui. Isto só faz enriquecer mais o caminho que trilhamos. Nas palavras de Fábio:

> Nossas hipóteses não são hipóteses, porque não pedem comprovação; vão sempre para a frente, navegam na produção de sentidos, esperando roçar o mitopoiético e fazê-lo produzir. Por causa disso, o psicanalista faz papel tão ridículo quando se desvia um pouquinho que seja do justo estatuto de sua escrita ou fala, e afirma, disputa, constata, garante. Principalmente quando usa um dos esquemas teóricos para explicar o comportamento humano e o mundo social. (HERRMANN, 2001, p. 157, d).

Esperamos ter contribuído para uma reflexão sobre esse assunto tão rico de possibilidades e ainda tão inexplorado pela psicologia ou psicanálise. Que o atleta possa ser visto, entendido e tratado como sujeito que é, e que apesar de ocupar uma categoria heróica em nosso imaginário social, nem sempre tem como destino final a Ilha dos Bem-aventurados e que carece de ser escutado num registro de produção de significados.

Também esperamos ter cumprido nossa parte, no sentido de despertar a atenção dos psicólogos não só para o desporto, mas também para o esporte, como um campo de atuação que nos desafia a uma maior aproximação e entendimento. Independentemente da

abordagem, é importante que a psicologia se dedique a este importante elemento da cultura moderna, que tanto influencia e ao mesmo tempo reflete o homem de seu tempo.

CAPÍTULO VII

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barrenechea, Miguel Angel de. (2002). Nietzsche e o Corpo: para além do materialismo e do idealismo. In: **O que pode um corpo?** (pp. 177-188). Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Becker Jr., Benno. (2006). Uma análise crítica sobre a evolução da Psicologia do Esporte no Brasil. In: **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte e do Exercício**, ULBRA, Brasil, Universidad de Córdoba, Espanha. Vol. 0, 107-141. Recuperado em 13 mar. 2007, em: www.eef.ufmg.br.

Birman, Joel. (2003). Dor e sofrimento num mundo sem mediação. **Estados Gerais da Psicanálise: II Encontro Mundial**, Rio de Janeiro. Recuperado em: 12 mar. 2007, em: www.estadosgerais.org.

Bruhns, Helena. T. (1993). **O corpo parceiro e o corpo adversário** (4ª ed.). Campinas, São Paulo: Papirus.

Chauí, M. (1995). Espinosa: a alma idéia do corpo. In Junqueira Filho, L. C. U (Org.). **Corpomente:** Uma fronteira móvel. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Comte-Sponville, André. (2002). **Apresentação da filosofia**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.

Cratty, B. J. (1991). **Psicologia no Esporte** (2ª ed.). Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil.

Da Matta, Roberto. (1997). **Carnavais, malandros e heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro (6ª ed). Rio de Janeiro: Rocco.

De Rose Jr., Dante. (2000). O esporte e a psicologia: enfoque do profissional do esporte. In Rubio, K. (Org.). **Psicologia do Esporte:** Interfaces, Pesquisa e Intervenção. (pp. 29 – 39). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Dickens, Charles. (2003). **Um conto de duas cidades**. Trad. Sandra Luzia Couto. São Paulo: Nova Cultural.

Dorneles, Juliana L. (2004). O clown e a arte de perder. In Fonseca, Tânia Mara Galli & Engelman, Selda (Orgs.). **Corpo, Arte e Clínica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Feijó, Olavo G. (1992). **Corpo e Movimento**: Uma psicologia para o esporte. Rio de Janeiro: Shape Ed. e Promoções.

Ferraro, Thomas. (2005). Why Athletes Resist Sport Psychology. In **Athletic Insight – The Online Journal of Sport Psycholog***y*, USA. Recuperado em 20 maio 2005, em: www.peaksports.com.

Ferreira, Aurélio Buarque H. (1984). **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. (10ª imp. da 1ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Figueiredo, Luís Cláudio. (2007). Modernidade, trauma e dissociação: a questão do sentido hoje. In **Estados Gerais da Psicanálise**. Recuperado em 03 fev. 2007 em: www.estadosgerais.org.

Freud, Sigmund. (1987). Os Arruinados pelo Êxito. In **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** (2ª ed.). Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Gide, André. (1982). **Os Frutos da Terra**. Trad. Sérgio Milliet, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Giulianotti, Richard. (2002). **Sociologia do Futebol**: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. Trad. Wanda Nogueira Caldeira e Marcelo de Oliveira Nunes, São Paulo: Nova Alexandria.

Gonçalves, Eduardo (1997). **Tostão:** lembranças, opiniões, reflexões sobre futebol. São Paulo: Dórea Books and Art (DBA).

Herrmann, Fábio. (2004). Apesar dos pesares: breve contribuição ao estudo da obesidade. In **Jornada Psicanalítica sobre Transtornos Alimentares**, 2, (p.1-6). Abril 2004. São Paulo: SBPSP.

_____. (2003). **Clínica Psicanalítica**: a arte da interpretação (3ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2001, a). **Introdução à teoria dos campos**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Herrmann, Fábio. (2001, b). **Andaimes do Real**: O método da psicanálise (3ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (20001, c). **Andaimes do Real**: Psicanálise do quotidiano. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2001, d). **O divã a passeio**: À procura da psicanálise onde não parece estar (2ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (1998). **Psicanálise da Crença**. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____ & Minerbo, Marion. (1994). Creme e Castigo: sobre a migração dos valores morais da sexualidade à comida. In **Congresso Latino-Americano de Psicanálise**, 20º, Lima, Peru. Apresentado como "Conferência Magistral" (p. 1-14). Publicado no livro "Psicanálise fim de século: ensaios críticos", Hacker Editores, Org. Iray Carone, 1998.

Herrmann, Leda. (2004). **Andaimes do Real:** A Construção de um Pensamento. Tese de doutoramento apresentada à PUCSP, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica.

Hugo, Victor. (2003). **Os trabalhadores do mar**. (p. 240 – 241). São Paulo: Nova Cultural.

Mlodinow, Leonard. (2004). **A Janela de Euclides**: a história da geometria, das linhas paralelas ao hiperespaço (2ª ed.). Trad. Enézio E. de Almeida Filho. São Paulo: Geração Editorial.

Pelegrini, Marta R.F. (2003). O abuso de medicamentos psicotrópicos na contemporaneidade. **Psicologia, Ciência e Profissão**. 21(3), 38-43.

Piza, Daniel. (2002). Um mapa múndi do futebol. In **Sociologia do Futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. (pp. 4 – 6). Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria.

Ramirez, F. A. (2003). O futebol que driblou o sujeito e emplacou o objeto. In Cozac, J.R.L. (Org). **Com a cabeça na ponta da chuteira**: ensaios sobre a psicologia do esporte. São Paulo: Annablume.

Roseguini, Guilherme. (2006, 22 de maio). “Já ganhou” faz Parreira usar psicóloga do penta: Regina Brandão alertará como time `imbatível´ pode perder foco. **Folha de São Paulo**, p.2D.

Rubio, Kátia. (2006). **Medalhistas Olímpicos Brasileiros**: memórias, histórias e imaginário. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP.

_____. (2004, a). **Heróis Olímpicos Brasileiros** (2ª ed.). São Paulo: Zouk.

_____. (2004, maio, b). As várias psicologias do Esporte. Recuperado em 31 jan. 2007, da **Pol** (Psicologia on line) em: www. pol.org.br.

_____. (2002, maio). Origens e Evolução da Psicologia do Esporte no Brasil. In **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales.** Barcelona, 7(373). Recuperado em 21 jun. 2005, da: http://www.ub.es/geocrit/b3w-373.htm.

_____. (2001). **O Atleta e o Mito do Herói**: O imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2000). O pontapé inicial. In Rubio, K. (Org.) **Psicologia do Esporte**: Interfaces, Pesquisa e Intervenção. (pp. 9 – 13). São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2000). O trajeto da Psicologia do Esporte e a formação de um campo profissional. In Rubio, K. (Org.) **Psicologia do Esporte**: Interfaces, Pesquisa e Intervenção (pp. 15 – 28). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Samulski, D. (1992). **Psicologia do esporte**: Teoria e aplicação prática. Belo Horizonte: Imprensa Universitária/UFMG.

Santos, Boaventura S. (2002). **Um discurso sobre as ciências** (13ª ed.). Porto: Afrontamento.

Scliar, Moacyr. (2007, março). O deus vilão. **Viver mente cérebro**. (98).Literatura. 15(170). Seixas, Fábio. (2006, 21 de abril). Três é demais. **Folha de São Paulo**, p. 3D.

Teixeira, Dourivaldo. (2001). **O corpo no esporte escolar, de lazer e de alto nível:** um diálogo na busca de significados. Maringá: Eduem.

Thomas, Alexander. (1983). **Esporte:** Introdução à psicologia. (Coleção Educação Física: Série Fundamentação, Vol. 2). Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A.

Tubino, Manoel José Gomes. (2001). **Dimensões sociais do esporte** (2ª ed.). São Paulo: Cortez.

Turato, Egberto R. (2003). **Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Vozes.

Victor, Fábio. (2006, 18 de maio). Leia trechos da autobiografia do Rei do futebol. In Livro sobre Pelé é vendido por R$ 16,5 mil. **Folha de São Paulo**, p. 4D.

Weineck, J. (1991). **Biologia do Esporte**. Trad. Anita Viviani, revisão científica Valdir Barbanti. São Paulo: Manole.